

MEU CAMISA 10

JOGOS INDECENTES - LIVRO 1

ALESSANDRA FERRER

MEU CAMISA 10

JOGOS INDECENTES - LIVRO 1

ALESSANDRA FERRER

Copyright © 2024 Alessandra Ferrer

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ATENÇÃO: Este livro não é recomendado para menores de dezoito anos.

Capa

L.A Design

Ilustração

Gah Ilustra

Revisão
Gláucia Padiar
(@glaucia_padiar)

Betagem

Daniela Godoy
(@leitorasenhoritad)

Para todas as mulheres que já se apaixonaram por um homem fictício.
Antes solteira por ter como referência de homens Aaron Warner, Atlas Corrigan e Pedro Brassard do que mal acompanhada.



Sumário
Playlist
Notas da autora
Grupo do Whatsapp
1 | A amizade é tudo
2 | Ursinhos alcoólicos
3 | Cinco minutinhos
4 | O escolhido
5 | Uma boa garota
6 | Amigos coloridos
7 | Em breve, minha
8 | Destruidor de calcinhas
9 | O Metflix
10 | Fanfiqueira
11 | Fics & Fatos
12 | Te fazer de óculos
13 | Um gol, um “J”

14 | O consolo
15 | Casa comigo
16 | Meia-noite
17 | É hoje
18 | Três palavrinhas
19 | O cara certo
20 | Adeus, ego!
21 | Eu preciso dele
22 | O vencedor
23 | Garantindo a vitória
24 | Louco por você
25 | Oficialmente juntos
26 | Conquistando tudo
27 | A fanfic é real


10



Acesse a playlist do livro pesquisando “Meu Camisa 10” no Spotify ou pelo QR code abaixo:



Foram oito meses.

Oito meses sem conseguir engatar em um livro.

Eu tive ótimas ideias durante esse período, ideias que pretendo retomar um dia, no entanto, nenhuma me despertou aquela sensação de orgulho do que eu estava fazendo. Porque não é apenas sobre o plot do livro, é sobre o que quero que as pessoas sintam ao lê-lo.

Antes de cativar vocês, leitores, o livro precisa me cativar para eu pensar em escrevê-lo. E depois de tanto tempo me decepcionando com enredos bons, mas que não me cativaram, eu me deparei com Pedro e Júlia, personagens que engavetei desde o livro “Um clichê para o médico” porque pensei que não eram promissores.

Mas eles passaram a sussurrar em meu ouvido e eu voltei a sentir aquela animação, aquela ansiedade gostosa e êxtase de iniciar um novo projeto.

Portanto, pode ser que ao final da leitura, esse livro não signifique nada para você, se torne apenas mais um. Porém, para mim, ele significa resiliência e esperança.

Ele simboliza o meu recomeço.

Apesar da premissa clichê e da comédia presente neste livro, ele pode conter gatilhos para algumas pessoas, pois faz menção a tentativa de abuso sexual. Caso seja sensível a esses tópicos, recomendo que não prossiga com a leitura, coloque a sua saúde mental em primeiro lugar.

Além disso, preciso avisar que este livro não contém um epílogo porque se trata de uma série, então vocês verão o futuro dos personagens dessa história nos próximos. Mas ao final da série, irei escrever um conto mostrando a vida deles dez anos depois, tá bom?

No mais, desejo uma ótima leitura e que Pedro e Júlia ganhem um espacinho no coração de vocês como ganharam no meu.

Com gratidão, Alessandra Ferrer.



TROPA DO ARRANCA DIU

Pedro
Pessoal, Júlia terminou o namoro.

Infelizmente não vou poder ir à festa, @Levi.

Estamos de luto.

Levi
Digitando…

Felipe
Digitando…

Enzo
Digitando…

Levi
Nem pensar, seu fdp. Você só falta a essa festa com um atestado de óbito.

E eu vou garantir que seja o seu.

Conta agora, o que você fez para arruinar o namoro da coitadinha dessa vez?

Pedro
Não sei do que está falando.

Estou apenas comunicando que essa noite vou abdicar de estar na presença de vocês para partilhar do sofrimento pós-término da minha melhor amiga.

Felipe
A cara do FDP nem treme, mané!

Enzo
Luisa Meeeeel, corre aqui! Leva essa naja de volta pro Pantanal.

Felipe
Nunca vi homem mais cínico.

Enzo
Solta logo o veneno, Brassard. Não tem a quem enganar aqui não.

Pedro
Será que vocês podem ser um pouco mais empáticos com a minha garota?

Pedro
Ela *tá* sofrendo.

Precisa do meu ombro para apoiar as pernas.

Enzo
HAHAHAHAHAHAHAHA

Felipe
KAKAKAKAKAKAKAKAKA

Levi
HAUSHAHASGUSDWGRDF

Pedro
Do que estão rindo?

Levi
Todo mundo aqui sabe que você não tem culhão pra se enfiar no meio das pernas dela.

Pedro
Eu já disse que é mais complicado do que parece.

E além do mais não é como se vocês soubessem o que é arriscar uma amizade como a minha e da Júlia.

Levi
Foda-se.

Felipe
Ainda acho que você é um banana quando se trata dela.

Enzo
Concordo.

Felipe
Nem parece que é atacante.

Levi
Vergonha da *profission*!!!!!

Pedro
Vão se foder!

Enzo
Aposto que você invadiu a casa do ex dela de noite e ameaçou cortar o pau dele fora se o cara não terminasse com a Jujuba!

Pedro

Dessa vez eu não fiz nada.

Felipe
Dessa vez você não fez nada, né?

Pedro
Eu nunca arruinei os namoros da minha melhor amiga!

Enzo
Eita! Como é sonso!

Levi
Ah, é? E aquele dia em que você ameaçou o antigo namorado dela dizendo que se ele não terminasse o namoro, você iria denunciá-lo para a polícia federal por sonegar impostos?

Enzo
Aliás, como você descobriu isso?

Felipe
Não duvido nada que ele tenha um detetive particular na folha de pagamento que encontre todo tipo de podres sobre qualquer namorado em potencial da Júlia.

Pedro
Meu Deus! O que vocês acham que eu sou?

Levi
Um *escravoceta* do caralho.

Enzo
Um bobo apaixonado.

Felipe
A vergonha da profissão.

Levi
Dez anos tentando, cara.
VAI VIVEEERRRR!

Enzo
Aproveita que você é *xoven* e desimpedido.
Vai sentir saudades disso um dia.

Felipe
Dá logo o papo nela, manda a real sem *kaô*: tô guardando a minha pica há dez anos *pra tu*, vai querer ou não?

Pedro
MEU DEUS!

Vocês são uns conselheiros de merda, sabem disso, né?

Se eu seguisse o conselho de vocês meu pau já teria caído podre.

E sim, eu tenho um detetive particular que faz esse tipo de coisa por mim, mas em minha defesa, estou apenas tentando proteger a minha garota.

Enzo
Aff.

Felipe
Faz o que eu tô te falando, prensa ela na parede e manda o papo.

Ou vai ou racha.

Levi
Tá bom, você quer um conselho para a garota se apaixonar por você e não sair do seu pé, bebê chorão? FAÇA ELA GOZAR!

Pedro
O que o cu tem a ver com as calças? @Levi

Levi
Tudo a ver.

Pelo menos funciona comigo.

Pedro

Isso não faz o menor sentido.

Levi
Então me explique o porquê das mulheres continuarem no meu pé, se declarando aos montes, quando tudo o que faço é dar alguns orgasmos e nada mais?

Quando digo nada mais, é nada mais mesmo.

Eu não abro a porta do carro, não ofereço nada, não faço carinho.

Quando elas entram comigo em um quarto, sabem que tudo o que vão ter de mim é pau e água se sentirem sede, nada mais nada menos.

Felipe
Talvez você tenha mel no lugar da porra.

Enzo
Também nunca entendi por que as mulheres correm atrás de você sendo que você nem faz o mínimo para agradá-las.

Levi
É aí que você se engana.

Eu não faço nada para conquistá-las, mas faço um agradinho sim! Nenhuma mulher sai da minha cama sem gozar pelo menos uma vez.

Pedro
E como tem certeza de que elas gozaram? Pelo que eu vi, não dá para saber se elas souberem fingir bem.

Levi
Isso é mentira, o homem SEMPRE sabe se a mulher chegou lá.

Enzo
É inconfundível a maneira como elas se contorcem quando estão gozando de verdade.

Felipe

Se as mulheres fingem e acham que esconderam, é porque existem homens que fingem que não percebem para não precisar suar a camisa e satisfazê-las de verdade.

Levi
Não seja um deles e você vai se destacar.

Pedro
Ainda acho que vocês são péssimos mentores.

Enzo
Na minha vez, ninguém me avisou.

Levi
É o que tem pra hoje.

Felipe
Deixa de ser fracote e parte logo para o ataque.

Pedro
Vou consolar a minha garota que eu ganho mais.
FUI!



PEDRO

— Eu posso matá-lo, se você quiser — proponho, com a testa contra a porta do banheiro do quarto de Júlia. — Me ouviu, Jú?

Se ela não tiver cortado os pulsos, possivelmente está me ouvindo.

Existe apenas um silêncio insistente entre nós desde que se trancou no banheiro há poucos minutos, depois de chegar de um encontro com o seu ex-namorado.

EX.

Consegue sentir a grandiosidade dessa palavra?

Porque eu consigo.

Ôh se consigo!

— Eu posso enfiar um cabo de madeira no rabo dele antes de fazê-lo sufocar com o próprio sangue. — Fecho os olhos, imaginando como seria prazeroso reproduzir cada coisa perversa que a minha mente criativa para o mal pode imaginar para fazer aquele pedaço de merda sentir como é ser desrespeitado. Minha melhor amiga, no entanto, permanece calada. — Isso é um sim?

Há mais um instante de silêncio e depois posso sentir a madeira da porta balançar quando Júlia se desencosta dela e a abre, dando de cara comigo.

Está destruída.

Olhos inchados de tanto chorar.

Ombros caídos de exaustão.

Lábios cortados e sangrando de tanto mordê-los.

Porra. *Odeio vê-la dessa maneira*.

Eu queria ser bom em confortar as pessoas. Acontece que sou mil vezes mais habilidoso em fazer estrago. Senão, bem que a puxaria para mim, envolveria meus braços ao redor do seu corpo e enfiaria meu rosto no vão entre o seu pescoço e ombro.

Não sei dizer se isso faria bem a ela, principalmente depois do que houve, mas tenho certeza de que faria muito bem a mim. No entanto, quando se trata de Júlia, eu sempre sou muito altruísta.

Hoje não seria diferente.

Me mantenho na soleira da porta, respeitando o espaço e o tempo dela.

— Você seria capaz de fazer isso por mim? — sua pergunta quase me faz rir de escárnio.

Ela está brincando comigo?

Eu seria capaz de muito mais por Júlia.

Seria capaz de fazer qualquer coisa sem medir as consequências se fosse para defendê-la.

Pela maneira como me olha, vulnerável, e aperta a barra da toalha de banho enrolada em seu corpo, ela não faz a menor ideia disso.

A verdade é que Júlia não é capaz de enxergar o quão longe eu iria se fosse por ela. E isso acontece simplesmente porque tenho dificuldade de me expressar, e ela, de interpretar.

— Eu queria ser capaz de ajudar você de alguma maneira — respondo, guardando para mim todo o resto.

Júlia me encara de um jeito diferente.

Um jeito que me revira por dentro e brinca com todos os sentimentos que guardo para mim há quinze anos.

— Eu preciso que faça algo por mim.

— Eu faço — respondo prontamente.

— Tem certeza? Você ainda nem sabe do que se trata…

— Eu faço qualquer coisa para te ajudar a esquecer o que aconteceu hoje, baixinha.

Os olhos dela ficam marejados e ela engole em seco.

— Você poderia me tocar? — seus dedos agarram a barra da toalha enquanto ela foge do meu olhar.

Fico estático, sem entender onde quer chegar.

Nós nunca fomos amigos do tipo que se abraçam ou coisa assim. Nosso contato físico se resume apenas a empurrões com os ombros quando eles se esbarram ao andarmos lado a lado, ou quando eu bagunço o cabelo dela com as minhas mãos e ela dispara soquinhos indolores no meu abdômen.

— Como assim? — minha voz vacilante ecoa dentro do banheiro espaçoso da suíte dela.

— Me tocar no sentido verdadeiro da palavra, Pedro.

Tão leve quanto uma pena, a toalha cai aos seus pés e o corpo nu da mulher dos meus sonhos toma forma diante dos meus olhos.

Seus lábios, vermelhos e inchados de tanto chorar, se entreabrem para dar passagem ao sussurro:

— Por favor.

Desvio o olhar das suas belas curvas para os seios que com certeza transbordariam entre os meus dedos se pressionados sobre a palma da minha mão, para depois encarar o azulejo branco do banheiro.

— Você quer que eu…?

A coragem me falta para terminar a frase e dizer em voz alta o que estou louco para fazer, mas não acredito que tenho a chance de cruzar a linha da amizade neste exato instante caindo de paraquedas bem na minha frente.

— É — assente, mordendo o lábio.

Um passo à frente é o suficiente para que seus mamilos protusos estejam a centímetros do meu peito, que sobe e desce em uma respiração descompensada.

Com as duas mãos, tiro as mechas de cabelos castanhos dos seus ombros e encaixo os dedos em volta do seu rosto, fazendo com que Júlia esteja olhando para mim quando pergunto:

— Como quer que eu te toque?

Ela não responde com palavras, pega as minhas mãos e eu deixo que as leve até seus seios.

Estremeço, sentindo o suor frio das minhas palmas em contato com a pele quente dela.

Peço permissão com o olhar para apertar a carne macia entre os meus dedos.

Júlia assente, engolindo em seco.

Posso estar louco, mas mesmo que não seja tão experiente, juro que vejo um lampejo de luxúria estampando as íris azuis gélidas da minha melhor amiga quando espremo seus mamilos endurecidos entre as minhas digitais.

No mesmo segundo, é como se um raio tivesse fisgado nós dois.

Ela pisca, atordoada.

Eu a solto, dando um passo para trás.

Tocá-la é fodidamente mil vezes melhor do que fantasiei em todas as vezes que me masturbei pensando nela.

Porque só existe ela na minha mente.

Eu tentei não imaginá-la dessa maneira, mas me tocar pensando em outra parece ainda mais errado.

É errado.

Pra caralho.

Se eu a amo e a quero como mais do que amiga, ela é a dona de todo o meu prazer. Mesmo sem fazer a menor ideia disso.

E vai continuar sendo assim.

Até quando?

Também me faço essa pergunta. Mas a resposta não depende de mim.

Depende dela.

— Por que eu não me sinto desconfortável quando você me toca, mas não consigo relaxar quando é o Davi? — indaga, chorosa.

Júlia abaixa a cabeça, provavelmente se sentindo culpada por algo que não tem culpa.

A dificuldade de se entregar sexualmente sempre foi o motivo do estremecimento de todos os seus relacionamentos. No entanto, dessa vez, foi o motivo do fim do namoro.

Eu estava falando a verdade quando disse que não tive nada a ver com *esse* término. Não precisei mover os meus pauzinhos para tirá-lo de cena.

Davi, o advogado babaquinha com quem Júlia namorou por seis meses, não soube esperar o tempo dela e fazê-la se sentir confortável. Só soube pensar no seu próprio prazer, como a maioria dos homens, e terminou com ela quando percebeu que minha melhor amiga não iria ceder só para agradá-lo.

— Por que ele não te passa segurança como eu. Ele não se importa com o seu conforto e o seu bem-estar.

Júlia assente, os olhos marejados.

Com as mãos em seus ombros, puxo seu corpo contra o meu. Ela se aninha em meu peito enquanto acaricio seus cabelos.

Esqueço completamente que ela está nua.

Ignoro o quanto meu pau está duro sob o tecido da calça jeans.

Afasto a vontade de perder o meu réu primário por matar o filho da puta do Davi.

Nada importa mais do que o choro dela.

Nada funciona bem quando ela está triste.

Nada me agonia mais do que vê-la magoada.

— Ei, não fica assim por causa daquele pedaço de merda. Ele não te merece. — Beijo o topo da sua cabeça.

A maneira como ela se encaixa perfeitamente entre os meus braços parece certa demais. Não entra na minha cabeça que essa mulher não nasceu para caber dentro da minha proteção.

E eu dentro dela, diga-se de passagem.

Júlia ergue o rosto e limpa as lágrimas.

— Não é por causa dele. É por mim. Por que eu não consigo seguir em frente, mesmo depois de todos esses anos de terapia?

A dor empregada em cada uma das suas palavras me dilacera.

Queria ser capaz de voltar no tempo, proteger a pequena Júlia do que a assombraria pelo resto da vida.

Mas não posso.

Infelizmente não posso.

Como eu queria, porra!

Como eu queria blindá-la de todo o mal!

— Você é perfeita. — Ergo o seu queixo, querendo que ela esteja olhando bem nos meus olhos quando repito pausadamente: — Per.fei.ta.

PerFEITA pra mim. — Guardo essa parte nos meus pensamentos.

— Então por que me sinto defeituosa toda vez que um homem me toca?

— Você se sentiu assim quando te toquei?

Eu posso jurar que não.

Posso jurar que Júlia sentiu a mesma química deliciosa que eu quando experimentei a maciez da sua pele.

Mas posso estar apenas me convencendo disso para não sofrer tanto na *Friendzone* também.

— Você não conta.

Ela desvia o olhar.

É como se tivesse me dado um tiro à queima-roupa.

— Por que a minha opinião não é válida?

— Porque você é meu melhor amigo.

— Que eu saiba, não deixei de ser homem.

— Entendeu o que eu quis dizer. Você tem uma percepção diferente dos outros.

Num ato impensado, pego a mão dela e levo até o ponto protuberante no meio das minhas pernas apenas por tempo suficiente para fazê-la arregalar os olhos.

— Eu realmente não sou igual aos outros, mas ainda sou um deles.

— Não — nega, dando um passo para trás.

Apoio as duas mãos no vidro do box do chuveiro ao lado da sua cabeça, encurralando-a como nunca tive coragem de fazer.

— Como se sentiu quando eu te toquei, baixinha? Seja sincera.

— Estranhamente bem. — Desvia a atenção dos meus olhos para a minha boca, perigosamente acima da sua.

Dou dois passos para trás, na intenção de admirar o seu corpo nu de longe.

Júlia Passos é perfeita em cada detalhe.

Seu corpo curvilíneo, considerado plus size, já era capaz de despertar as melhores fantasias em minha mente fértil quando vê-la nua era apenas um sonho.

Agora?

Bom, agora meus pensamentos estão presos em processar o máximo de informação possível sobre seu corpo, como se a minha vida dependesse disso.

Meu prazer depende disso.

Apesar de não gostar de considerar essa possibilidade, caso eu nunca tenha a oportunidade de realmente satisfazer os meus desejos na vida real com ela, ao menos poderei ter fantasias mais realistas.

Minha visão se prende em sua pele pálida arrepiada a poucos metros de mim.

É como ver as obras de Van Gogh em 4k.

Um corpo que exala arte em cada centímetro, esculpido com uma perfeição que não foi feita para agradar a todos, mas que se destaca aos olhos certos.

Eu sou o dono desses olhos.

Eu tenho os óculos 3D que me permitem enxergar tudo e mais um pouco. A nudez do corpo e, principalmente, da alma dela.

Uma mais esplêndida do que a outra.

Perfeita.

Nunca vou me cansar de dizer isso.

Desde as unhas dos pés pintadas de preto a raiz do cabelo naturalmente da mesma cor, ela é *perFEITA* pra mim.

Como um homem em sã consciência pode não ser capaz de fazer tudo para tê-la?

Isso não entra na minha cabeça.

Eu espero há quinze anos pelo momento certo, pelo momento dela, sem garantia de que esse dia irá chegar, mas vivendo por ele.

— Então onde acha que está o problema? — indago, quebrando o silêncio que se instaurou.

Volto a me aproximar.

Júlia respira pesadamente e cruza as pernas, ainda com as mãos estendidas ao lado do corpo.

— Não sei.

Parece que ela não consegue raciocinar enquanto eu como o seu corpo com meus olhos famintos.

Ótimo, porque eu não consigo pensar bem enquanto a observo nua.

— Está neles. O problema está nos babacas que você namora. Não em você. Se eles não se esforçam para te passar confiança, não merecem a sua boceta.

Só percebo que estou muito próximo de Júlia quando sinto suas unhas Stiletto arranhando meu peito conforme ela apoia as mãos em mim enquanto eu praticamente a espremo contra o vidro do box do chuveiro.

Arranho a garganta, me afastando.

Não sou um predador.

Pelo menos não um predador nato e selvagem.

Eu estou mais para um Leopardo que se esconde para observá-la, sempre à espera do melhor momento para capturá-la, mas recuando quando percebo que talvez possa estar tirando vantagem da sua fragilidade.

Júlia rapidamente aproveita a deixa para pegar a toalha do chão e se enrolar nela outra vez, me privando da visão do paraíso.

— Como pode ter tanta certeza disso, Pedro? É o primeiro homem que me vê nua desde…

O restante da frase paira no ar e eu cerro os punhos, puto de ódio com a lembrança do passado dela.

O passado que me corrói como se fosse meu.

— Você não é só um corpo.

— Mesmo assim. Sexo é importante. Não posso julgá-los por se cansarem de esperar.

Deus, como eu queria calar a boca dela com a minha para que pare de tentar justificar o injustificável!

Depois queria colocá-la sentada sobre a pia do banheiro com as pernas arreganhadas e chupar toda a sua boceta para que entendesse de uma vez por todas que o único homem certo para ela está bem aqui na sua frente.

E sou eu, caso ela não esteja vendo.

— Não é culpa sua. E ponto final.

Ela cruza os braços abaixo dos seios cobertos pela toalha e franze as sobrancelhas.

— Sua opinião não conta. Você é meu melhor amigo, está disposto a me defender até de uma acusação de homicídio se for preciso.

— E estou disposto a te provar que está errada também.

— Como? — estufa o peito, entrando no *mood* petulante que tanto me excita.

Indico seu corpo coberto pela toalha com o meu olhar.

— Se vista. Vou te esperar no sofá.

Então a deixo sozinha dentro do banheiro, usando todo o meu autocontrole para não me ajoelhar aos seus pés e implorar para beijar cada pedaço nu da sua pele.

Vamos por partes.

A meta é fazê-la se abrir para mim aos poucos.

Em todos os sentidos.

Quero que Júlia sinta o nosso potencial como casal, mas sei que não será do dia para a noite. Por enquanto, vamos começar com uma amizade

colorida.

É, eu posso convencê-la a ficar solteira com a desculpa de que estreitar a nossa intimidade vai fazer bem para que ela possa superar os seus traumas e voltar a se relacionar novamente.

Mas já nas entrelinhas… o caralho que eu permitirei que Júlia namore outro homem, nem que para isso eu precise anunciar os meus sentimentos através de vários *outdoors* espalhados pela cidade, para que mesmo que me rejeite, nenhum outro homem se aproxime dela outra vez pensando que pode ser páreo para mim.

Nenhum pode.

Além de um amigo incrível, eu sou rico, talentoso e sensível.

Isso porque estou deixando de fora o fato de ser gostoso pra caramba, pois considerando o nível físico de homens com quem ela se envolve, dá para perceber que minha melhor amiga não liga para beleza.

Talvez esteja pensando que eu deva acrescentar “egocêntrico” na lista, mas não se precipite. Veja o meu lado. Tem ideia de quão agonizante foram esses últimos anos tendo que vê-la namorando outros homens?

Homens que nunca fizeram o mínimo para merecer a atenção dela.

Davi não foi o primeiro com quem Júlia assumiu um relacionamento desde que veio morar comigo no Rio de Janeiro.

Foram *vários*.

Quatro no total.

Talvez não seja muita coisa, mas meu coração calejado discorda.

Meu coração nunca vai se acostumar com a ideia de que ela não nasceu para ser dona dele.

Nunca.

— E então, o que tem em mente? — Júlia quer saber depois de sair do banheiro vestida num macaquinho preto e me encontrar sentado no sofá da sala do seu apartamento.

O que eu tenho em mente?

Coisas sujas envolvendo eu, você e um lugar apertado.

— A princípio, você tem duas opções: ou me acompanha na festa do time… ouuuu… — Ela ergue as sobrancelhas em expectativa. — Nós podemos ficar por aqui mesmo, assistindo ao melhor anime do mundo. Não vou te deixar sozinha para chorar pelos cantos por causa daquele piroquinha.

— E que anime seria esse mesmo? — indaga, se fazendo de sonsa só para me irritar.

— *One Piece*, obviamente. Não existe anime melhor neste mundo.

Ela revira os olhos.

— Vamos de festinha mesmo.

Meus ombros caem em decepção.

A quem eu estou querendo enganar? Prefiro mil vezes estar sozinho com ela do que dividir a sua atenção com uma multidão.

— É sério? — faço um biquinho manhoso.

Ela assente.

— Preciso me distrair. — *Eu sei bem como te ajudar com isso.* — Você se importa, se só hoje eu preferir uma festa do que *One Piece*?

— Tá legal. Fica bem gostosa para a festa. Eu passo em uma hora para te buscar.

Júlia reprime um sorriso bobo, como aqueles que lhe escapam enquanto está distraída lendo alguma cena picante de um livro.

Estou de costas, a caminho da porta, quando sua voz me faz parar no lugar.

— Pedro?

A encaro por cima do ombro.

— Sim?

— Obrigada.

Agora seu olhar perdeu um pouco do brilho, sendo substituído pela vulnerabilidade que ela esconde bem no dia a dia, mas que permite demonstrar quando estamos juntos.

— Pelo quê, exatamente?

— Por ser tão bom quanto os meus mocinhos literários.

Sorrio.

E então, faço algo que arranca um sorriso encantador de Júlia.

Um sorriso que me tira do eixo.

Lhe dou uma piscadela sedutora que treinei muitas vezes para usar com ela.

— Mas eu sou real — me gabo.

E seu.

Só seu.



Minhas mãos estão suando frio quando toco a campainha de Júlia uma hora depois de concordar em sair.

Estou ansioso, eufórico mais propriamente dizendo.

Não posso suportar vê-la engatando um novo relacionamento. Não antes de ao menos tentar conquistá-la.

Aguardo que ela atenda, sem saber se devo manter as mãos nos bolsos da calça para esconder o nervosismo ou apoiar um dos braços no batente para soar casual. A dúvida morre quando Júlia surge no portal.

Ter a minha assessora e melhor amiga bem perto de mim foi a primeira coisa que exigi assim que me tornei titular de um dos maiores times de futebol da série A brasileira. Com o dinheiro, comprei os dois apartamentos vizinhos de um luxuoso prédio em Copacabana.

— Uau. — Ela se impressiona ao abrir a porta e dar de cara comigo bem trajado.

Uso calça jeans preta e uma blusa polo branca que deixa a maior parte dos meus braços tatuados à mostra. Embriaguei meu corpo com o aroma *Fucking*

Fabulous de Tom Ford e não dispensei meus acessórios porque sei que Júlia gosta da minha corrente de prata em volta do pescoço e do *Rolex* no meu pulso.

— "Uau" digo eu.

Seguro sua mão e a faço dar uma volta para que eu confira de perto o comprimento da saia de couro preta que está vestindo.

É muito pequena.

Acho que antes de vê-la pelada, nunca tinha presenciado Júlia vestir algo que mostrasse tanto as suas coxas pálidas.

— É curta, eu sei. Mas você disse para eu ficar gostosa e… — Ela estuda o meu olhar. — Acha que devo trocá-la?

Nego, ainda vidrado no pedaço de pele.

Então subo os olhos para a cintura à mostra e posteriormente para o tronco coberto por um cropped de couro que faz conjunto com a saia.

Eu já disse que preto é a cor favorita dela? E a minha também?

Ele está em tudo.

Na roupa.

Nas unhas das mãos.

No delineado gatinho perfeito que fez.

Júlia pensa que o preto a esconde, mas para mim ele só a ilumina.

A minha cor favorita está em cada parte da minha garota favorita e eu não poderia ser mais feliz.

— De jeito nenhum.

— Não sei não. Hoje eu só quero me divertir, talvez seja melhor não usar algo tão ousado. Não quero que ninguém tente nenhuma gracinha comigo.

Com o dedo indicador e médio, ergo o queixo de Júlia para que ela esteja olhando fixamente nos meus olhos quando indago:

— E quando foi que alguém tentou alguma gracinha com você quando eu estava por perto?

— Você vai ficar comigo a festa inteira?

Assinto.

Júlia quase nunca marca presença na tradicional "festa dourada", uma comemoração que rola sempre que o Prizza Futebol Clube[1], time em que jogo como atacante, vence o Campeonato Carioca e leva para casa a Taça Guanabara. Nos últimos anos, minha melhor amiga preferiu ficar em casa, no conforto da sua cama assistindo a algo na Netflix, do que me acompanhar neste evento.

Esse ano, entretanto, é diferente.

Esse ano eu não vou precisar me esquivar da atenção feminina e procurar um canto vazio do iate onde poderei passar a festa inteira trocando mensagens com Júlia, porque ela vai estar lá comigo.

E eu vou garantir que nenhum filho da puta pense que ela está solteira ou desacompanhada.

— Claro que sim.

— E os seus amigos? Não quero atrapalhar a sua noite.

— Você sabe que eu também não curto esse tipo de diversão, não é? Todas as festas que fui, passei o tempo inteiro conversando contigo por mensagem.

Ela assente, rindo.

— Por quê? — de repente, indaga.

Guardo as mãos nos bolsos da calça, dando de ombros.

— Por que o quê?

— Por que não aproveita a festa como um cara da sua idade?

— Eu não bebo, não danço e não socializo bem, você sabe.

— Mas você gosta de mulheres, não é? E essas festas costumam ter mulher de sobra.

Dou de ombros.

— Nenhuma que me interesse.

A que me interessa, costuma ficar em casa.

— Só não quero que se prive de alguma coisa para me proteger. Eu posso me virar sozinha.

— Não vou sair do seu lado, se é o que está tentando me pedir para fazer.

— Nem se eu quiser ficar com alguém?

Prendo a respiração imediatamente.

Mas que… porra?!

Júlia percebe a confusão na minha expressão e diz:

— Talvez eu queira testar os meus limites… Pensar menos e fazer mais…

Me fazer passar raiva por ter que vê-la com outro, você quer dizer, né?

Engulo em seco, assumindo a minha tradicional indiferença que nem tenho certeza se expressa tanta indiferença assim. Às vezes parece que Júlia apenas não quer enxergar o óbvio.

— Tá legal, eu vou te dar espaço, já que é isso que quer. Mas ainda assim vou estar por perto.

Resumindo: vou empatar qualquer possibilidade de você deixar essa festa sem ser comigo.

Júlia me lança um olhar que não consigo decifrar de imediato.

— Obrigada. — Um meio-sorriso desponta dos seus lábios pintados de *lip tint.* — Vou pegar a minha bolsa para irmos.

Forço um sorriso, mas assim que Júlia some dentro do corredor do apartamento em direção ao seu quarto, uma carranca assume a minha expressão e eu pego o celular dentro do bolso, abrindo o grupo do *Whatsapp.*

TROPA DO ARRANCA DIU

Pedro
Mudança de planos, cambada.

Eu vou pra comemoração.

E a Júlia vai comigo.

Preparem os jogos, porque eu não vou sair dessa festa no zero a zero.

É HOJE, CLÃ!!!!!



JÚLIA

Você sabe que venceu na vida quando tem um melhor amigo que não te deixa tocar em nenhuma maçaneta ou abrir nenhuma porta sequer.

Quando nos aproximamos do seu *Discovery Sport* brilhando na garagem do nosso condomínio, Pedro passa na minha frente e gentilmente abre a porta do carona para que eu me acomode.

Bonito, cheiroso e rico, muito rico.

Por que choras, Caio Castro?

— O que foi? — ele indaga ao tomar o assento do motorista e passar o cinto por sobre o seu tronco grande e ombros largos. Só então percebo que

estou encarando-o demais, dando muita corda.

Se controla, Júlia.

— Nada. — Balanço a cabeça para afastar as imagens pecaminosas que ora ou outra retornam para a minha mente.

Maldito dia em que eu resolvi conferir com os meus próprios olhos como tinha ficado a propaganda que Pedro fez para uma marca de cuecas famosa.

Normalmente, evito esse tipo de tortura, mas as imagens deram o que falar na internet, principalmente no Twitter, uma terra sem lei onde o *zoom* na foto em que meu melhor amigo vestia uma cueca branca rolou solto.

Digamos que ele tem atributos muito satisfatórios no meio das pernas. Nunca duvidei disso, ainda mais depois dessa sessão de fotos, entretanto, tocar aquela coisa enorme foi de outro mundo. Ainda posso sentir a mão que encostou no membro duro de Pedro por cima da calça formigando.

Pensa em um negócio longo e grosso!

Tão grosso que chega a ser pecado pensar que talvez essa *Coca* seja *Fanta*, se é que me entende.

O quê?

É o consenso geral.

A mídia acredita fielmente que o atacante mais cobiçado do país joga em outro time.

Isso se dá pelo fato de que meu melhor amigo foge da atenção feminina como o diabo foge da cruz.

E, veja bem, ele foi considerado o jogador mais atraente da Copa do Mundo no ano retrasado.

Ou seja, choveu calcinha no seu varal.

Mais precisamente no direct do seu Instagram.

Sei disso porque sobra para mim a função de apagar as mensagens de cunho duvidoso do seu perfil. Como assessora pessoal dele, eu faço todo tipo de coisa, incluindo ter que dar de cara com vários *nudes* de pessoas sem noção que enviam na intenção de serem notadas por ele.

Iludidas.

Esse camisa dez nunca se ouriçou por qualquer rabo de saia, pelo menos não que seja de conhecimento geral. E nem interno, por assim dizer. Pois nem mesmo eu consigo pensar em ter visto meu melhor amigo apaixonado ou na companhia de uma figura feminina além de mim.

Durante o trajeto até a Marina da Glória, local onde a festa acontecerá, me perco no tempo observando a maneira hábil com que Pedro manuseia o

volante do seu carro esportivo.

Ele dirige como um hétero top. Usando apenas uma mão e segurando com firmeza. Isso me faz lembrar a maneira como agarrou meu seio, do mesmo modo possessivo e ao mesmo tempo sutil que faz com o volante.

É de se imaginar que um homem desse tamanho tenha uma pegada sensacional, mas foi duas vezes melhor do que eu imaginava. Ainda posso sentir seus dedos grossos marcando a minha pele como brasa. Suas digitais queimando meu mamilo.

Aff.

Quando percebo, estou apertando as coxas uma na outra e sentindo o tecido da minha calcinha molhado.

Maldita seja a *friendzone*.

Nunca, em toda a minha vida, me senti tão responsiva a um homem dessa maneira. Na realidade, eu tenho dificuldade de me sentir confortável com toques masculinos desde… *sempre*, vamos dizer assim. Acabei de passar por um término trágico porque simplesmente surto toda vez que um cara insinua que quer transar comigo. Mesmo com a terapia, mesmo com o passar dos anos, mesmo com a minha força de vontade… eu travo.

Sempre me vejo sendo transportada de volta àquela noite, aquele quarto escuro, aquelas mãos…

— Baixinha? — pisco várias vezes, voltando a realidade com o chamado de Pedro.

O carro está estacionado na garagem do píer e as mãos do meu melhor amigo estão encaixadas em volta do meu rosto.

Elas são quentes, confortáveis.

Me fazem sentir que eu poderia morar no conforto delas pelo resto da vida.

Não é louco?

O único homem que me faz pensar que eu poderia suportar esse trauma, é também o único que não deveria querer.

— Chegamos? — indago, notando que o rosto dele está perto demais do meu.

Pedro me olha com preocupação e gentilmente retira suas mãos do contato com a minha pele.

— Sim. Você viajou o caminho inteiro. No que estava pensando?

Nego, balançando a cabeça e murmurando um:

— Deixa para lá.

Estou prestes a abrir a porta e sair quando ele toca a minha coxa, emitindo um raio de eletricidade involuntário que voa direto até o meu clitóris, para pedir que eu fique onde estou.

Permaneço imóvel, assistindo-o dar a volta no carro e abrir a porta do carona. Ele também me ajuda a descer com a mão que gentilmente estende para mim.

Ou seja, é humanamente impossível uma mulher não ter um tempo com Pedro Brassard e não desejar descer a calcinha para ele em qualquer oportunidade.

Até eu, que sou defeituosa, sinto.

O fato é que também sou privilegiada o suficiente para ser a única que esteve ao lado dele durante todos esses anos.

A que desfila ao lado dele até a entrada do iate e pega a mão que ele estende para me ajudar a subir os degraus.

Mas não posso dizer o mesmo sobre os machos que lhe rodeiam.

São alguns.

Falando neles…

Somos recepcionados pelo anfitrião assim que colocamos os pés na popa[2]. O loiro se aproxima de nós com uma *long neck* nas mãos e um sorriso atrevido no rosto.

— Olha só se não é o nosso menino de ouro e a sua primeira-dama.

Reviro os olhos diante do seu tom de escárnio.

Já ouviu falar no estereótipo “loiro sarcástico”? Não? Pois bem, lhe apresento agora.

Levi Toledo é simplesmente a personificação disso.

Seus cabelos dourados aparados em um corte bem feito próximo à raiz fazem conjunto com seu belo par de olhos azul-safira. Pegue isso e acrescente um corpo musculoso evidenciado pela pele bronzeada e quase dois metros de altura que possui um humor totalmente duvidoso: pronto, você tem um loiro sarcástico!

— Como vai, Levi? — me limito a cumprimentá-lo com um aperto de mão.

— Melhor agora em ver o meu *Flash*. — Me oferece um sorriso sem dentes por cima dos ombros de Pedro enquanto o abraça.

A verdade é que esse camisa oito nunca me engoliu. Não sei dizer exatamente o porquê de tanto desdém, afinal ele nunca teve coragem de me confrontar diretamente, apenas sobrevive de lançar frases irônicas para mim.

Agradeço internamente quando Levi larga do nosso pé para correr atrás de um rabo de saia loiro e podemos seguir para a parte interna do iate, onde encontramos o restante dos meninos.

Por algum motivo desconhecido, eles sorriem ao mesmo tempo ao nos verem chegar.

Ignoro o frio na barriga e finjo que não vejo nada quando Felipe sussurra algo no ouvido de Pedro que o faz olhar para mim ao se cumprimentarem.

— Ei, Jujuba. — Enzo estende os braços na minha direção e sou engolida por seus músculos quando me aproximo.

O goleiro do *Prizza* cheira muito bem. Seu pescoço exala um aroma amadeirado que combina com a sua estética de homem elegante.

O camisa um é tão alto quanto os outros, no entanto, é o mais esbelto deles. Possui uma beleza modelística, olhos verdes encantadores e cabelos castanhos-claros incríveis.

— E a Bibi? — pergunto, me referindo a sua filha de seis anos.

— Em casa com a babá. Ela mandou um beijo para você.

Sorrio.

A garotinha é um poço de fofura e personalidade, adoro passar um tempo com ela.

— Mande outro para ela.

— Já está bom de abraços — Pedro surge entre nós e toma o meu lugar para cumprimentar o amigo.

Sigo para o último que resta e que me encara com um olhar indecifrável, mas me abraça de modo firme e acolhedor ao mesmo tempo.

Felipe Prezzoti é dono de uma beleza rústica que arrebata as calcinhas de marias-chuteiras há quase duas décadas. Alto, de olhos azuis claros e cabelos castanhos, ele se destaca pela aura de homem maduro, macho alfa dominador. Aos trinta e quatro anos, ainda joga em alta performance e não pretende se aposentar.

Juntos eles são… Os *backyardigans*?

Não.

Basicamente a realeza do futebol nacional.

Estou cercada pelos mais talentosos jogadores do país que, cada um do seu jeito, me acolheu dentro do grupo e me tem como parte dele.

— E então, Jujuba, pronta para os jogos? — é FP quem pergunta quando todos nos sentamos no sofá acolchoado de couro que fica na sala de estar do enorme iate.

Olho de Prezzoti para o meu melhor amigo acomodado ao meu lado com uma expressão de espanto.

— Jogos?

Enzo ri maliciosamente.

— É. Jogos, coisa rica.

— Que tipo de jogos? — ouso perguntar, mesmo sabendo que se tratando deles, coisa tranquila não é.

— Todos os tipos de jogos.

Por que isso soa ainda mais assustador do que deveria?

Pedro permanece calado, fingindo observar o mar pela janela à nossa volta, o que me preocupa ainda mais. Daqui a pouco o iate irá zarpar e ficaremos todos à deriva, usufruindo de uma privacidade perigosa, mas agradável para os integrantes do time.

Nem todos estão aqui. Corrigindo, os jogadores casados não estão aqui. Pelo que Pepi me disse, eles costumam passar longe dessa tradicional comemoração pelo bem do matrimônio deles. Escolha sábia que a maioria dos homens aqui presentes jamais saberão fazer.

Conviver com jogadores de futebol me ensinou a nunca confiar em jogadores de futebol. Claro que meu melhor amigo é uma grande exceção, mas não posso dizer o mesmo sobre o seu grupinho. A luxúria os cerca todos os dias. Eles têm dinheiro, fama e poder, o que por sua vez atrai uma manada de mulheres.

— Preciso de uma bebida antes que o iate saia do píer. — Me levanto, abaixando o tecido da saia que subiu um pouco pelas minhas coxas.

— Eu vou com você. — Pedro faz menção a me acompanhar, mas eu nego.

— Não se preocupe, eu já volto.

Felipe aperta o ombro do colega de time, numa tentativa exagerada de tranquilizá-lo.

— É, Pepi, não se preocupe — frisa, olhando fundo nos olhos dele.

Deixo esses machos esquisitos de lado e vou até o bar, localizado na extremidade do centro do iate. Ao chegar no balcão, peço um Martini, mas acabo me distraindo com uma bandeja metálica na mesa de aperitivos enquanto o drink é preparado.

Isso é *Fini* de ursinhos?

Oh, eu preciso experimentar!

Enquanto aguardo a bebida ficar pronta, empurro vários deles para dentro do meu estômago vazio. Não estranhei a consistência ao pegá-los nos dedos, mas com certeza estranho o sabor ao mastigá-los. Eles estão… *azedos*.

E alcoólicos.

Muito alcoólicos.

Credo, que delícia!

É como se tivessem mergulhado os *Finis* numa banheira de vodka e os deixado marinando a noite toda.

É amargo e refrescante ao mesmo tempo.

Maria Mariah toca no interior do iate e eu não preciso de muito para começar a me mexer. Danço sozinha, sem me importar se tem alguém me olhando, pois fecho os meus olhos para apreciar melhor a melodia.

A batida é contagiante.

Normalmente, eu gosto de passar despercebida e ser sucinta, mas hoje… Hoje não quero agir normalmente.

Não quero me importar com as minhas limitações.

Quero dançar com os meus demônios, abraçá-los como nunca fiz antes.

Abro os olhos por instinto ao notar uma presença masculina por perto. Primeiro sinto o perfume, amadeirado misturado com cítrico. Depois, o calor que os homens emanam quando estão cercando uma presa.

E que predador é esse, meu Deus!

Como diria Paulo Gustavo; QUE IIIISSSOOOO!

Ao abrir os olhos, me deparo com uma espécie de hétero top de cabelos dourados, olhos tão verdinhos quanto a maconha que deve fumar e uma pele bronzeada caramelo. O típico surfista carioca. Com aquela carinha de que vai foder a nossa vida.

Nunca experimentei me aventurar com um desses. Geralmente sou do tipo que foge de problemas, mesmo que tenham um rostinho atraente assim.

Contudo, entretanto, todavia…

Hoje eu tô ousada!

— Oi. — Sorrio timidamente, segurando o balcão como se a minha vida dependesse disso.

Maldita labirintite!

Foi só ingerir alguns *Finis* e o iate parece girar ao meu redor.

O rapaz sorri para mim, um sorriso branco de dentes perfeitos.

Que coisinha linda!

Parece ter por volta dos vinte e dois anos, ou seja, mais novo do que eu.

— E aí — ele responde, dando dois passos na minha direção com uma caipirinha na mão.

Eu posso fazer isso, certo? Posso flertar como uma mulher normal e talvez até ir para um lugar mais reservado do iate e trocar uns beijos com esse gatinho. Não é nada demais. Eu posso ir com calma.

— E então…

A frase morre antes mesmo de deixar os meus lábios, pois Pedro surge atrás de mim com toda a sua glória e encara o rapaz à minha frente.

— Você quer um autógrafo?

O loiro franze o cenho.

— O quê?

— Estou perguntando se você quer um autógrafo — responde, deixando transparecer uma leve irritação.

Mas que porra ele está fazendo?

— Ham… não?! — o meu *affair* olha para os lados, como se buscasse uma saída.

Pedro estufa o peito, como um belíssimo cão de guarda. Se ele fosse um cachorro, seria um *Rottweiler* com a alma de *Golden Retriever.*

Reviro os olhos.

— Ah, pensei que estivesse falando com a minha assessora porque queria um autógrafo meu, foi mal. — Ele sorri.

ELE SORRI!

Sabe aquele sorrisinho condescendente?

Pois bem, aqui está!

O loiro coça a cabeça, constrangido, e então diz pra mim:

— A gente se vê por aí.

— Ou não — Pedro sussurra baixo o suficiente para que somente eu ouça quando o rapaz nos dá as costas.

O encaro.

O camisa dez está apoiado ao balcão com os braços cruzados sobre o peito, as tatuagens à mostra e um semblante falsamente inocente estampando seu rosto barbeado.

— O que foi isso? — faço questão de perguntar, cruzando os braços sobre o peito também.

Ele dá de ombros.

— Eu realmente pensei que ele queria um autógrafo.

Isso me deixa furiosa.

— Não parou para pensar que ele estivesse apenas flertando comigo? Ou não me acha digna de chamar a atenção de um *padrãozinho* como ele?

Pedro nega imediatamente, desencostando do balcão para tentar me tocar. Desvio da sua mão, realmente chateada pela sua arrogância repentina.

— Eu jamais diria isso. — Ele se aproxima, me encarando do alto dos seus um metro e oitenta. Perto dele eu pareço uma formiguinha. Meu melhor amigo é uma baita geladeira *Electrolux* de duas portas. — Ele estava atraído por você. E esse é o problema…

A última parte é dita como se fosse uma confissão, me deixando sem entender. De qualquer maneira, desisto de tentar, e me escoro ao balcão para aguardar o meu pedido.

Ficamos em silêncio.

Eu de frente para o bar e ele de costas, observando em volta com seu olhar de águia.

Quando o *barman* finaliza o meu Martini, não preciso mais dele. O iate já está em movimento, minha cabeça girando em câmera lenta.

Quase derrubo o drink no caminho de volta até o sofá. Por sorte, Pedro me segura com uma mão possessiva na minha cintura e toma a bebida de mim quando nos sentamos.

— Pode ficar — digo, me referindo ao drink. Penso que ele irá recusar, já que não tem o hábito de ingerir bebida alcoólica, mas sou surpreendida ao vê-lo levar o canudo aos lábios, prendendo meus olhos a essa cena que não deveria parecer tão erótica.

Mas é claro que Pedro Brassard sabe tornar tudo atraente. Desde a maneira como segura o copo com a mão onde possui uma pulseira de prata adornada ao pulso, a boca vermelhinha que suga o canudo, até o pomo de adão que sobe e desce conforme ingere a bebida.

— Você quer? — sua pergunta me tira parcialmente do transe. Só então percebo que estou de boca aberta, o encarando como uma faminta.

Não é pelo drink.

É por você.

Estou com vontade de você.

Nego, desviando o olhar.

Mas o que deu em mim hoje?

Só pode ter sido os ursinhos alcoólicos!

Sou salva pelo gongo para quebrar o clima constrangedor que se instaurou entre nós quando Levi surge e se senta ao meu lado.

— E se a gente brincasse de Sete Minutos no Paraíso?

— É, parece legal — afirmo, engolindo em seco, nervosa ao perceber que Pedro não desvia o olhar do meu rosto.

Não, pera.

Sete minutos no paraíso?

Penso melhor e talvez não seja bom, só que é tarde demais, pois Toledo chama as pessoas que estavam em volta para se sentarem conosco no sofá e rouba a *long neck* que Enzo acabou de terminar de beber para colocar em cima da mesa que há entre nós.

Minha coxa é pressionada contra a de Pedro quando sou forçada a chegar mais para o lado pela mulher loira que insiste em querer se sentar entre mim e Levi. Não preciso nem dizer que fico toda arrepiada com o contato, não é?

Levi gira a garrafa pela primeira vez, que aponta na direção da ruiva sentada do outro lado do sofá. Na segunda rodada, a pessoa definida para ser trancada com ela em um local privado é ninguém mais ninguém menos do que Felipe.

O astro do futebol se levanta contente e deixa a sala de mãos dadas com a mulher, descendo as escadas que levam para os quartos no andar inferior do iate.

Aparentemente, é simples. Pelo menos para a maioria das pessoas, o que não quer dizer que seja fácil para mim. É um baita salto na minha trajetória. Espero não regredir.

Ou surtar.

— Você já jogou isso? — pergunto para o meu melhor amigo, terminando o drink tranquilamente.

Ele me lança um olhar confiante.

— Não, mas não tem mistério.

Inspiro fundo.

Não tem mistério.

Não tem.

Então por que tudo parece ficar complicado quando na segunda rodada a garrafa para em mim?

Tento não me desestabilizar, mas prendo a respiração devido ao nervosismo.

Calma, Júlia. É só uma brincadeira casual. Você pode lidar com isso.

Posso? Posso me imaginar dentro de um quarto com um desconhecido?

São só sete minutos.

Isso deveria tornar as coisas menos piores?

Não é o que está parecendo, pois meu coração acelera e passa a martelar o meu peito com o simples pensamento.

Olho em volta. Há vários homens desconhecidos. Homens dos quais eu não conheço a índole e não faço a menor ideia do que pretendem ao se verem trancados comigo em um cômodo.

Eu não pude confiar no homem que cuidou de mim, por que deveria estar tranquila com a ideia de ficar a sós com um estranho?

Não consigo.

Não posso.

Não estou pronta.

Estou prestes a levantar do sofá e esquecer que um dia quis superar o meu maior pesadelo quando Levi gira a garrafa pela quarta vez.

Permaneço no lugar, voltando a interromper a minha respiração ao observar a trajetória do vidro, sem acreditar no que vejo.

Pedro disse que esse jogo não tinha mistério, entretanto, ninguém pode dizer que não é misteriosa a maneira com que de todas as direções que essa garrafa poderia ter tomado, ela escolheu parar justamente na dele.

A garrafa parou diante do meu melhor amigo.

Do único homem em quem confio de olhos fechados.

O único homem que não me faz sentir insegura.

Isso seria o destino me dizendo o que eu sempre soube? Dizendo que eu não poderia fazer isso com nenhum outro?

Porque essa é a verdade.

Por outro lado, não quero acreditar que ele me deseja dessa maneira.

Não depois do que houve no banheiro do meu apartamento.

Não depois de sentir a profundidade do seu toque e desejá-lo dentro de mim como nunca senti por nenhum homem.

Não depois de saber que nós temos química como casal.

Isso seria, no mínimo, esquisito, certo?

Considerando que nos conhecemos desde criança e, além de amigos, somos chefe e funcionária.

Me viro para Pedro na esperança de encontrá-lo constrangido, mas sou surpreendida quando ele se levanta e estende a mão para mim.

Fico em dúvida.

Confio no meu melhor amigo, iria para qualquer lugar a qualquer hora com ele sem precisar de explicações, entretanto, essa situação é diferente.

Nós dois, em um quarto escuro, por cinco minutos.

Solto o ar, me tranquilizando.

Isso não vai dar em nada, não é? Pedro foge de mulheres, lembra? Ele só está fazendo isso para provar algo aos seus amigos, certo?

Minha cabeça gira com todas as possibilidades enquanto encaro a mão dele estendida na minha direção.

Meu Deus, o que será que ele está pensando em fazer?



PEDRO

Estou pensando seriamente em arriscar o meu réu primário quando avisto um loiro aguado se aproximando da minha garota.

Puxar uns dois anos de cadeia por agressão, quem sabe.

Ou talvez jogá-lo no mar aberto e gelado que há em volta do iate.

Quem poderia me julgar?

Era só ele ter mantido distância do que é meu e estaria tudo resolvido.

Não é a primeira vez no dia que esse pensamento me ocorre, principalmente quando o assunto são homens rondando Júlia, mas porra,

hoje é o meu momento, sabe? Será que vou precisar exterminar todos os homens da face da terra para que eu tenha um pouco de espaço com ela?

Não é possível!

Me levanto do sofá, de onde a observo sorrir nervosamente para o rapaz. Antes de ir resolver esse problema, vou até Levi, conversando animadamente com duas mulheres perto da janela do iate, e bato no seu ombro, avisando:

— Quando eu voltar com a Júlia para o sofá, você vai iniciar o jogo, entendeu? E trate de fazer a garrafa apontar para nós dois.

Um sorriso malicioso desponta do seu rosto cínico.

— Pode deixar. Você que manda.

Ajeito o relógio em meu pulso e dou passos confiantes até o outro lado da sala, chegando por trás de Júlia para surpreender os dois.

Ela não percebe a minha presença, está prestes a terminar algo quando a interrompo:

— Você quer um autógrafo?

Vejo o momento em que a frase morre antes mesmo de deixar seus lábios gostosos.

Ela se vira para me contemplar, boquiaberta.

Continuo encarando o moleque, que me olha de volta, confusão estampada em seu rosto.

— O quê?

— Estou perguntando se você quer um autógrafo — respondo, não escondendo a minha irritação.

Dizem que para bom entendedor, meia palavra basta. Mas não é o caso aqui.

O cara olha de mim para Júlia, se fazendo de desentendido.

Ou talvez ele realmente seja apenas um idiota.

— Ham… não?!

Entende por que eu penso em arriscar a minha reputação e carreira toda vez que vejo um projetinho de homem desses pensando que merece a atenção dela?

Normalmente, os sábios se sentem ameaçados com a minha simples presença. Foi assim com praticamente todos os namorados dela. Às vezes um ou outro são egocêntricos demais para admitir que não são melhores do que eu.

Esse moleque é um desses.

Dos que não se intimidam.

Sorrio o meu melhor sorriso cínico.

— Ah, pensei que estivesse falando com a minha assessora porque queria um autógrafo meu, foi mal.

Uma rápida olhada em meu pulso e ele entende o recado estampado no *Rolex* que exibo por toda parte.

Eu sou bonito, gostoso e rico.

Não tem como competir.

E pensar que houve um tempo em que eu não tinha nada disso ao meu favor, apenas o azar jogando contra mim. Quem poderia imaginar, há dez anos, que um órfão que nunca gostou de estudar poderia um dia desfrutar da vida que eu vivo?

Talvez eu devesse ser mais humilde, mas outra hora penso nisso.

Não posso ser humilde com os homens que desejam a minha mulher. Não quando eles agem como se eu não fosse uma ameaça.

Eu sou uma puta de uma ameaça de um metro e oitenta, repleto de tatuagens, músculos definidos e um conhecimento inimaginável sobre a minha melhor amiga!

O desgraçado coça a cabeça de cogumelo repleta de fios loiros, pronto para sumir daqui com o rabinho entre as pernas. Mas antes tem a pachorra de ainda dizer para Júlia:

— A gente se vê por aí.

Não é um abusado?

— Ou não — murmuro de volta, mas ele não escuta, pois já nos deu as costas e se afastou em segundos.

Hum, acho bom mesmo.

Me escoro ao balcão do bar de braços cruzados e assisto minha melhor amiga se virar para mim com uma expressão de descontentamento fofa no seu rosto bem maquiado.

Cá entre nós, ela fica linda quando está putinha assim.

Às vezes eu a irrito apenas para ter um vislumbre do seu biquinho gostoso.

— O que foi isso? — cruza os braços abaixo dos seios, chamando a atenção dos meus olhos para a região.

Podemos falar sobre o quanto esses peitos são incríveis? Grandes, muito grandes, e com mamilos rosados suculentos.

É tudo o que eu mereço e mais um pouco.

Voltando ao foco…

Subo o olhar para seu rosto, em respeito à nossa amizade.

Quinze anos não são quinze dias, afinal. Tem muita coisa em jogo aqui.

— Eu realmente pensei que ele queria um autógrafo.

— Não parou para pensar que ele estivesse apenas flertando comigo? Ou não me acha digna de chamar a atenção de um *padrãozinho* como ele?

Dessa vez, a expressão que toma o semblante de Júlia me incomoda. Aquela antiga insegurança sobre o seu corpo dando as caras no olhar decepcionado que me direciona.

Isso me quebra.

Não era para ela interpretar dessa maneira.

Nego, fazendo menção a pegar na sua mão, mas Júlia desvia do meu toque, o que produz um efeito semelhante a ser perfurado por uma flecha em meu peito.

— Eu jamais diria isso, você sabe. — Me aproximo, encarando-a com toda a minha sinceridade. Júlia pode até não saber o quanto sou devoto ao seu corpo em segredo, mas sempre soube que nunca a enxerguei como sendo menos bonita por não ser uma mulher padrão. Ela baixa a guarda, ainda com o biquinho manhoso nos lábios e os braços cruzados. Tomo a liberdade de ir além e confessar: — Ele estava atraído por você. E esse é o problema…

Silêncio.

É o que recebo como resposta.

Não que eu esperasse outra confissão de volta…

Tá legal, eu esperei, não vou mentir, entretanto, não desanimo. Permaneço ao seu lado em silêncio enquanto ela aguarda a sua bebida ficar pronta e a guio pelo caminho de volta até o sofá com uma mão na sua cintura.

Ela está levemente alterada por conta dos ursinhos alcoólicos que a vi comer e quase derruba o drink ao tropeçar nos próprios pés. Por sorte, a amparo e tomo a taça da sua mão antes que o desastre aconteça.

— Pode ficar — Júlia me oferece a bebida.

Em outra ocasião eu recusaria o álcool, mas não posso recusá-lo agora. Não quando estou prestes a tomar uma atitude tão decisiva na minha vida.

Abocanho o canudo, tomando vários goles do Martini de uma vez só.

Pera aí…

Que olhar é esse aqui, baixinha?

Ela está me encarando como se eu fosse um sonho de padaria, as pupilas dilatadas se dividindo entre observar o movimento dos meus lábios e do meu

pomo de adão.

Opa, opa, opa…

Ela está atraída por mim? Me comendo com os olhos? É isso que eu estou vendo, Brasil?

É diferente de quando a encurralei no banheiro hoje mais cedo.

Naquele momento eu deduzi que parte das suas ações foram guiadas pelo nervosismo, mas isso daqui… é a boa e velha luxúria cintilando por seus olhos azuis cristalinos.

Tão transparentes quanto água.

Tão quente quanto uma chama.

Tão eletrizante quanto um curto-circuito.

Encaro o rosto maravilhado ao meu lado. Nossas bocas estão a poucos centímetros de distância, a dela entreaberta, um martírio delicioso.

Mas… E se eu a torturasse um pouquinho?

É o diabinho em meu ombro que está falando.

Decido ouvi-lo.

— Você quer? — ofereço o drink, mas ela capta a tensão no ar e pisca algumas vezes para cair em si.

Júlia engole sua vontade por mim a seco, provocando um arrepio que percorre todo o meu corpo e retorce o meu pau duro por ela dentro da cueca.

Infelizmente, minha melhor amiga nega a bebida e desvia o olhar.

Mas eu sei bem o que você quer. E eu vou te dar.

No segundo seguinte, Levi se joga ao lado dela no sofá, tendo a brilhante ideia:

— E se a gente brincasse de Sete Minutos no Paraíso?

Para a minha surpresa, Júlia diz:

— É, parece legal.

Parece legal?

Pode ser muito, muito legal.

Mas só se for comigo.

Tudo fica ainda melhor quando uma mulher surge e se senta ao lado de Levi, forçando Júlia a colar a lateral do seu corpo no meu.

Quando meu companheiro de time gira a garrafa na mesa pela primeira vez, posso sentir a tensão emanando dos músculos dela, bem como observar de perto seu peito subir e descer em uma respiração repleta de nervosismo.

Ela realmente pensa que existe alguma chance de sair daqui com outro cara?

Rio com o pensamento.

A garrafa aponta para uma modelo ruiva que olha para Felipe com desejo estampado na sua cara de safada. Em seguida, ele é o escolhido para passar um tempo a sós com ela.

Um dos funcionários do iate acompanha os dois até a cabine que os espera no andar inferior.

— Você já jogou isso? — minha melhor amiga sussurra para mim enquanto tomo outro gole da bebida.

A encaro, sem deixar transparecer o quão sonso estou sendo por lhe esconder a verdade.

— Não, mas não tem mistério.

Ela está nervosa demais para perceber o olhar cúmplice que troco com Levi antes que ele gire a garrafa na rodada seguinte.

Com toda certeza Júlia não parece animada com a ideia de ser trancada em um quarto com um desconhecido, principalmente quando a garrafa aponta na sua direção.

Ela inspira uma boa lufada de ar e olha ao redor, tentando não deixar transparecer o quão incomodada se sente. Claro que não passa despercebido por mim, acostumado a saber interpretar todos os seus mínimos gestos. O movimento repetido de respiração profunda indica que ela está prestes a largar os pontos e fugir. Tão perto de admitir que não tem coragem de arriscar.

Até que a garrafa pare justamente na minha direção.

Ela trava junto com o objeto, prendendo o ar de modo tão brusco que chega a produzir um ruído.

Eu menti quando disse que esse jogo não tinha mistério, porque o pé de Levi sempre esbarra misteriosamente na mesa quando queremos.

Todos aqui sabem que o acaso não existe dentro deste iate. É uma festa recheada de luxúria, onde pessoas com mais de vinte e cinco anos podem se sentir como quando eram adolescentes, jogando cheios de más intenções.

Para a minha sorte, Júlia está apreensiva o suficiente para não conseguir notar a pequena falcatrua.

Não dou margem para a rejeição, me levanto confiante e estendo uma mão para ela.

Júlia olha do meu rosto para os meus dedos, incrédula.

Eu daria tudo para saber o que se passa na sua cabecinha linda.

— Pedro? — sussurra, me encarando com os olhos arregalados.

— Só vem, tá legal? — sussurro de volta.

Sabendo que não tem o que temer quando está comigo, ela se levanta e aceita a minha ajuda.

Deixamos a sala de mãos dadas e ovacionados pelas pessoas presentes, principalmente o time do *Prizza* em peso.

Preciso me lembrar de dar uma joelhada no saco de cada um no treino da segunda-feira por terem deixado a minha melhor amiga constrangida dessa maneira. Não importa que o meu garoto interior esteja vibrando junto com eles, não posso comemorar, não quando Júlia abaixa a cabeça e desce as escadas apressadamente à minha frente, ainda sem soltar o enlace dos nossos dedos, totalmente envergonhada com a situação.

Amo quando ela se apossa do meu toque.

Amo ser o único que pode tocá-la sem despertar todos os sentimentos ruins que ela guarda dentro de si.

Isso deve significar algo, não?

Isso e o fato de ela se permitir demonstrar que está atraída por mim é o que me dá a confiança que preciso para fazê-la parar no meio do corredor e olhar para mim.

Estamos de frente para a porta do quarto dois, ainda de mãos dadas, e ela me encara, aflita.

— Nós realmente vamos…? — o restante da frase paira no ar.

Sorrio, coçando a nuca nervosamente.

— Se lembra quando eu disse que estava disposto a te ajudar?

Ela assente, suas íris azuis gélidas cintilando de apreensão.

— E como você pretende fazer isso?

Ham… como eu posso dizer…

— E se a gente se pegasse por cinco minutinhos sem perder a amizade?

Nem mesmo eu acredito que consegui dizer isso em voz alta, mas a ansiedade é tamanha que as palavras escapam da minha boca.

— Tipo, só por cinco minutinhos e depois tudo volta ao normal?

— Sabe, para testar se, com o cara certo, tudo flui. — Não posso deixar de fazer um pequeno *merchandising* da minha pessoa, obviamente.

— Você vai… me beijar? — a ideia não a assusta, a deixa ansiosa.

Deus, hoje é o meu dia de sorte!

— E outras coisas mais. — Dou de ombros, como se não fosse nada de mais, quando, por dentro, meu coração bate desenfreadamente nos meus ouvidos como uma escola de samba ensaiando a todo vapor para o carnaval.

Júlia me contempla por debaixo dos cílios pintados de rímel e do delineado gatinho que realça seus olhos azuis de princesa.

É tão sexy e intenso que me faz sentir que eu posso desmaiar de tesão se continuar preso nas suas íris por mais tempo.

— Me mostre.

Pisco algumas vezes para sair do transe.

— O quê?

— Me mostre que você é o cara certo.

Definitivamente ela não pode me olhar desse jeito e dizer esse tipo de coisa sem esperar que eu não me apaixone.

Se eu já não fosse perdidamente louco por ela desde o dia em que a conheci, teria me rendido agora.

Enrosco um pouco mais meus dedos entre os dela e aproximo nossos rostos até que meus lábios estejam roçando o lóbulo da sua orelha.

— Confia em mim?

Júlia assente, tão entregue ao meu toque que suspira.

— De olhos fechados.

Sorrio em resposta, abrindo a porta à nossa frente e guiando-a para dentro do cômodo com uma mão na sua cintura, sem conseguir esperar mais nenhum segundo sequer para tê-la.



JÚLIA

Depois de te fazer sentir que você pode colapsar de tanto tesão encubado, o período fértil te humilha.

Ele te faz considerar a ideia de fazer coisas que você não faria em seu estado normal.

Ele te faz enxergar o seu melhor amigo de infância que tem fama de ser gay com desejo.

Porque é tudo culpa do meu período fértil.

E dos ursinhos alcoólicos, não podemos esquecer.

Não que Pedro dê tantas pistas de ser homossexual além do seu desinteresse em conhecer outras mulheres. Ele tem a estética de um grande hétero top e exala feromônios, mas que homem no lugar dele não aproveitaria a sua fama com as mulheres como um louco?

Talvez ele seja apenas discreto.

Tanto para esconder a sua homossexualidade ou para esconder o seu apetite viril.

Acho que estou prestes a descobrir.

Estou prestes a testar se a minha atração por Pedro consegue me fazer ultrapassar os meus limites.

Quero saber se eles realmente existem ou se a questão é mais sobre a pessoa que me toca do que o toque em si.

Na penumbra do quarto iluminado apenas pela luz da lua que incide pela janela do iate, eu o encaro.

Ele é uma muralha tatuada com o cabelo preto aparado rente à raiz e a barba bem cortada em volta dos lábios macios e rosados.

Aqueles lábios de homem gostoso que sabe beijar, sabe chupar e sabe foder.

— Cinco minutos? — confirmo, começando a ficar nervosa com o seu silêncio.

— Cinco minutos.

Ele dá o primeiro passo na minha direção.

E depois outro.

E mais outro.

Então seu peito está colado ao meu e suas mãos estão no meu cabelo, uma delas agrupando todos os fios na palma, me deixando arrepiada com a pegada.

Seu perfume amadeirado intenso invade as minhas narinas, potencializando a volúpia crescente que se amontoa em meu ventre desde o episódio no banheiro mais cedo.

— Sem perder a nossa amizade? — estou respirando pesadamente sobre o olhar intenso das duas opalas cintilantes de desejo que Pedro tem no lugar dos olhos.

— Sem perder a amizade.

Um segundo depois que a resposta deixa os seus lábios, os mesmos se chocam contra os meus.

É como pular no oceano de peito aberto.

Um baque abrupto, mas aliviante, satisfatório.

E eu pulo com tudo, com os braços abertos que se enroscam em volta do pescoço dele e meus dedos que acariciam a sua nuca.

Pedro estremece sob o meu toque, soltando um grunhido de prazer entrecortado ao mesmo tempo em que envolve meu quadril com seus braços e me ergue do chão em um único movimento, sem perder o fôlego enquanto anda comigo pelo quarto.

— Você consegue me carregar — é uma constatação e não uma pergunta. Me deixa tão impressionada que interrompi o beijo para falar.

Por mais que eu sempre tivesse namorado homens que gostassem do meu corpo, nunca havia experimentado a sensação de ser pega no colo por um deles. Não sei se por acharem que não dariam conta ou simplesmente porque pensavam que uma mulher gorda não gostaria de experimentar ser carregada.

Pedro nota o encantamento na minha voz, entretanto, age como se não fosse nada de mais.

— Vai me dizer que *os* merdinhas dos seus exs não conseguiam te pegar no colo?

Nego.

Agora é a sua vez de ficar impressionado.

Ele para de andar, me analisando com um olhar que não consigo decifrar. Parece irritação misturada com mágoa transparecendo nas suas opalas. Elas são um livro aberto, pelo menos para mim, mas hoje estão enigmáticas como nunca.

— Mais um motivo para você deixar de namorar franguinhos. Onde já se viu, não conseguir carregar a própria mulher nos braços!

Rio com o pensamento.

Isso faz total sentido agora.

Nunca mais vou me contentar em namorar um cara que não possa me pegar desse jeito.

Minha risada o faz rir também e ele nos roda por alguns segundos, depois faz várias flexões comigo ainda em seus braços para provar que é forte.

Não que precise, mas não posso negar que é um belo espetáculo observar de perto seus bíceps tensionados e a veia calibrosa em seu pescoço sendo vascularizada.

— Ainda bem que eu tenho um melhor amigo ectomorfo para me fazer enxergar isso.

Algo nas minhas palavras faz Pedro entrar em uma espécie de mini transe.

A parte do “melhor amigo”, talvez?

Não tenho certeza.

Ele leva alguns segundos para voltar a agir e termina de nos levar até a cama, onde me joga bruscamente para logo depois cobrir meu corpo com o seu sobre o colchão macio forrado com um lençol de seda geladinho.

— Hoje eu não sou o seu melhor amigo.

— Quem é, então?

— O homem que vai te pegar do jeito que você merece.

Que isso.

Que. Que. Isso.

Ainda bem que não estou de pé, pois minhas pernas ficam bambas imediatamente, pois parecem feitas de gelatina, e não de carne e osso.

Como pode um homem desses economizar tanto esse *sex appeal*?

A população feminina deveria ter a oportunidade de ouvi-lo falar essas coisas no seu habitual tom rouco, bem pertinho do ouvido como eu tive.

Mas é claro que não estou reclamando da atenção exclusiva que estou recebendo, longe de mim. Inclusive, gosto do fato de Pedro não ser mulherengo.

Gosto do fato de que ele tinha tudo para se corromper por conta do quão acessível as coisas se tornaram na sua vida depois da fama e do prestígio, entretanto, ele continua o mesmo.

Ele se tornou exatamente o Pedro que eu imaginava.

Ele lidou com o reconhecimento e o dinheiro de uma maneira ainda melhor do que previ anos atrás, quando meu melhor amigo apenas sonhava em ser jogador profissional, no entanto, eu já manifestava várias conquistas na sua vida ao escrever uma *fanfic* onde ele era um grande atacante conhecido internacionalmente.

Mas isso é papo para outro momento.

O fato é que ele se tornou o camisa dez que sempre quis.

Solidário. Disciplinado. Habilidoso.

Põe habilidoso nisso.

Meu pescoço que o diga quando ele desce os lábios para a região, deixando um rastro de beijos pela minha pele, me queimando com a intensidade dos seus olhos enquanto não deixa de me contemplar por debaixo dos seus cílios grossos o tempo todo.

Ele está atento a cada resposta do meu corpo e do meu semblante, em busca de um sinal para parar, conforme a trilha de beijos desce para o meu colo exposto pelo cropped de alcinha.

Ele não encontra uma repreensão.

Sou pura ansiedade ao observá-lo descer as alças da minha blusa e afastar o tecido para expor um dos meus seios.

É surreal.

Não consigo acreditar que está acontecendo.

Eu estou confortável com o toque de um homem.

Eu estou ansiando pela boca dele em mim.

Eu estou apreciando cada centímetro do corpo dele pressionado contra o meu, inclusive o membro totalmente endurecido que está sendo esfregado na minha coxa à medida que Pedro inclina o rosto e captura o meu mamilo entre os seus lábios deliciosos.

— Oh — ofego, ondulando sobre o colchão.

Meu mamilo desliza pela carne molhada da sua boca quando ele suga com precisão para depois mordiscar com os dentes de leve.

Ele é *tão* bom nisso que chega a ser pecado as pessoas acharem que meu melhor amigo não tem afinidade com o sexo feminino. E eu me incluo aqui como sendo uma dessas pessoas.

Perdoe-me senhor, porque pequei.

Pequei em não dar ouvidos a minha intuição de que Pedro Brassard é o mais ardiloso tipo de hétero: o que come quieto e passa muito bem.

O surpreendo ao deslizar meus dedos sobre a sua nuca em uma carícia ao mesmo tempo em que ergo o corpo para me esfregar melhor no seu pau.

Quem é essa e o que você fez comigo, seu demônio do sexo?

Só posso ter sido possuída por algum espírito maligno, porque não é de Deus a maneira como a minha boceta está latejando em resposta a uma simples sucção de mamilo.

Se bem que com Pedro nada nunca foi simples. Ele é perfeccionista em tudo o que se propõe, no sexo não poderia ser diferente.

Suas mãos descem o tecido da minha blusa mais para baixo, expondo os dois seios totalmente.

Ele espreme um contra o outro e me leva ao céu quando enfia os dois mamilos na boca de uma só vez.

— Pedro — ofego mais, gemo mais, ondulo mais sobre o colchão.

Meu melhor amigo se acomoda no meio das minhas pernas e passa a esfregar o seu machado completamente pétreo na minha intimidade, atiçando o meu clitóris e espalhando raios de prazer para o restante das minhas células.

Nunca recebi tanta atenção de um homem em toda a minha vida e por mais que eu nunca tenha chegado a fazer qualquer tipo de sexo antes, sei que nenhum dos meus ex seriam dedicados e cuidadosos assim.

Simplesmente sei.

Porque os homens dão pistas o tempo todo sobre quem realmente são, e acho que no fundo eu nunca consegui me libertar porque Pedro tinha razão.

O problema está nos babacas que você namora. Não em você. Se eles não se esforçam para te passar confiança, não merecem a sua boceta.

— Posso? — ele indica a minha saia com os olhos.

Assinto, lhe dando permissão para subi-la e expor a minha calcinha vermelha de renda.

Meu coração passa a bater descompassado no peito quando vejo Pedro lamber os lábios ao contemplar a minha boceta pela frente transparente da calcinha.

Eu havia comprado essa peça para usar na noite em que iria decidir perder a virgindade com Davi, mas acabou que ele se mostrou um babaca e não merecia uma lingerie como essa.

Pedro, por outro lado, se sente totalmente lisonjeado por ser quem está tendo a honra de tirá-la.

Ele engata os dedos nas laterais do tecido e desce pelas minhas coxas, satisfeito com o que vê. Depois, leva até o nariz e aspira o aroma da minha excitação, sem deixar de me encarar.

— Ainda bem que eu fui o escolhido — afirma, aspirando mais.

Rio com o pensamento.

Ainda é uma incógnita como a garrafa parou logo na direção dele.

Mas ainda bem, não é?

A noite nem acabou, entretanto, sei que ela terminará melhor com Pedro do que com qualquer outro.

— Tem razão. Ainda bem que foi você.

Um lampejo de irritação cruza o seu olhar repentinamente quando joga a calcinha para o lado e volta a deitar sobre mim, seu rosto pairando acima do meu.

— De qualquer maneira, nenhum outro naquela sala te faria ficar assim — dois dos seus dedos deslizam por entre as minhas dobras e encontram meu clitóris inchado, além da lubrificação escorrendo aos montes pela minha fenda.

Ele tem razão, nenhum outro me deixou tão responsiva assim, mas essa é uma confissão que não farei em voz alta. Não posso comprometer a nossa amizade dessa maneira. Quero que as coisas fiquem o menos esquisitas possíveis quando isso acabar, então quanto menos nós falarmos, melhor.

É pensando nisso que tomo a boca de Pedro em um assalto, trazendo seu rosto de encontro ao meu com uma mão na sua nuca.

Ele, por outro lado, toma a permissão para friccionar seus dedos médio e indicador sobre o meu botãozinho latejante em movimentos circulares muito satisfatórios.

Sinto a calça dele úmida na parte do meio das suas pernas conforme volta a se esfregar em minha coxa.

Pedro está tão cheio de tesão quanto eu, o que não deixa de me surpreender. Por um momento, pensei que estivesse fazendo isso apenas por mim, para me provar algo, no entanto, parece dedicado demais para ser unicamente por solidariedade.

Ele está tão responsivo a mim quanto eu estou a ele, constatando o meu maior medo: nós temos química como casal.

Deixo os pensamentos de lado quando os movimentos dos dedos dele se intensificam à medida que percebe que estou ficando cada vez mais excitada.

Não sei onde isso vai nos levar, mas espero gozar. Espero sentir aquela liberdade que as mocinhas dos romances *hots* que leio relatam.

Espero me sentir viva, normal, poderosa.

Espero tantas coisas que quando sinto algo intenso se aproximar, como alguém que está observando o mar ficar revolto e sente que um tsunami está a caminho, me permito deixar em segundo plano tudo o que já me fez mal um dia e me concentrar no aqui e no agora, coisa que nunca fiz.

É tanto prazer que não cabe em mim. Ao ponto de parecer que vou explodir em segundos, que meu corpo simplesmente não vai aguentar tanto estímulo, tanto êxtase, e vai se partir ao meio.

Espero a minha morte tranquila, de olhos fechados, me concentrando em apreciar o ápice do deleite se apossando dos meus sentidos, até que sou dominada por uma onda forte de espasmos que me faz estremecer

violentamente sobre o colchão, realmente me fazendo acreditar que fui possuída.

Dura alguns segundos.

Os melhores segundos da minha vida.

Quando abro os olhos depois dos movimentos involuntários cessarem, encontro Pedro sorrindo com os braços estendidos ao lado da minha cabeça e seu rosto centímetros acima do meu.

Eu gozei.

Ele sabe que gozei.

Eu sei que gozei.

É um bom momento, um que vou guardar para sempre na memória. Isso se eu realmente tiver sobrevivido, pois logo em seguida meu corpo parece estar sendo varrido para longe.

A escuridão se apossa da minha visão e meus sentidos me deixam.

É uma boa maneira de morrer, preciso admitir.



PEDRO

Ela gozou.

Ela gozou nos meus dedos!

A mulher da minha vida gozou bem diante dos meus olhos.

E… *dormiu*.

Júlia capotou logo após o êxtase, há alguns segundos, mas continuo deitado sobre ela, os braços esticados ao lado da sua cabeça, sustentando meu corpo para não a sufocar com o meu peso.

Não consigo deixar de admirar seu rosto adormecido, as pálpebras marcadas com o delineado gatinho fechadas e os lábios um pouco

entreabertos conforme desfruta de um sono tranquilo.

Ela parece relaxada como nunca, mas pode ser apenas uma impressão. Nunca a vi dormindo, então tenho o direito de estar fascinado por seu semblante angelical enquanto dorme.

Mal posso acreditar que minutos atrás esse rosto se contorcia de prazer e seu corpo ondulava sobre o colchão debaixo do meu durante o seu orgasmo poderoso.

Um orgasmo que eu lhe proporcionei.

Dá para acreditar?

Eu, que nunca havia estado diante de uma boceta de verdade, não só a toquei nos pontos certos, como a levei ao céu.

Sorrio como um garotinho bobo e então saio de cima dela, me deitando ao seu lado na cama de casal depois de subir as alças da sua blusa, escondendo os seios que ficaram de fora, e descendo a barra da sua saia para cobrir a sua intimidade nua.

Seja lá qual for a reação dela na manhã seguinte, pelo menos sei que ela não irá gostar de estar completamente despida.

Meu membro ainda continua duro feito uma pedra dentro da calça, mas não pretendo me aliviar, apenas abro o zíper para diminuir a pressão sobre ele, e cruzo os braços por debaixo da cabeça, encarando o teto do quarto do iate ainda com um sorriso bobinho no rosto.

Estou feliz pra caramba.

Poucas vezes me lembro de ter estado tão bem assim. Acho que a última vez foi há dois anos, quando ganhei o título de artilheiro do brasileirão.

No entanto, não se compara.

É um tipo de satisfação diferente. Uma pela qual eu procurei pela minha vida inteira e sabia que somente encontraria no dia em que Júlia me enxergasse como mais do que apenas um amigo.

Hoje isso finalmente aconteceu.

Eu finalmente tive a oportunidade de ouro de cruzar a linha da amizade e mostrar o meu potencial. Foi mais difícil do que driblar três zagueiros e fazer um gol de bicicleta, mas consegui. Estou orgulhoso de mim.

Espero não regredir.

Espero que amanhã, quando Júlia acordar e recapitular o que houve entre nós, as coisas fiquem ainda melhores.

Espero, acima de tudo, ter uma chance de mostrar que sou o que ela realmente precisa em um homem.

E que estou disposto a melhorar todos os dias para ser o homem que ela merece.



TROPA DO ARRANCA DIU

Levi
Bom dia só pra quem furunfou a noite toda!

Felipe
Pepi que o diga! Bom dia, tropa.

Enzo
Bom dia.

Eu não ouvi nada do quarto deles.

Ou talvez eu só estivesse muito concentrado nos barulhos aqui do meu, sei lá.

Levi
Vocês realmente acham que com aquele olhar cheio de má intenção e aquela mãozinha na cintura dela, ele deixou essa oportunidade passar?

Felipe
Eu prefiro acreditar que não.

Enzo
Eu prefiro não imaginar a Jujuba entrando naquele quarto com más intenções.

Levi
Eu aposto cincão que o Pepi amassou.

Felipe
@Levi Sabe que ele vai te encher de porrada quando ler isso, né?

Enzo
Aposto oitão que a Jujuba se comportou.

Felipe
Vocês não tem jeito, hein, caralho!

Prefiro me abster de ser socado, não tenho mais idade para isso.

A vibração do celular em meu bolso compete com a claridade do sol incidindo pela janela para ver quem vai me fazer acordar primeiro. Sou vencido pelo barulho das notificações, sabendo exatamente de onde vem tanto furdunço e o motivo.

Com os olhos ainda se acostumando com a claridade e a vista um pouco embaçada, desbloqueio a tela, indo direto para o aplicativo do *Whatsapp.* Abro o *chat* do grupo, me deparando com as especulações dos meus colegas de time e até uma aposta.

Leio mensagem por mensagem, revirando os olhos a cada palavra escrita por Levi.

Por que eu sou amigo dele mesmo?

Às vezes me esqueço.

Levi
@Pedro Cadê você, seu puto?

Estamos te esperando para tomar café.

Pedro
Acabei de acordar, estou moído.

Levi
A noite foi boa, né? SABIAAAAA!

Chupa @Enzo!!!

Pedro
Cala a boca, eu vou acabar com a sua raça quando a minha cabeça parar de doer.

Inclusive, alguém tem um analgésico?

Levi
Eu não ligo, desde que vc me confirme que deu um tapa na pantera da sua BFF.

Pedro
Já mandei calar a boca.

Levi
Eu estou calado, apenas digitando fatos.

Pedro
CALA. A. PORRA. DA. BOCA.

Levi
Vem calar.

Vem me deixar sem palavras igual *vc* fez com ela, estou te esperando.

Pedro
Tô indo.

Levi
DALE MORENO, DALEEEEEEE!

Me levanto da cama a contragosto depois de checar que Júlia está dormindo feito uma pedra e diferente de mim, não está incomodada com a claridade. Cubro seu corpo com o lençol até os ombros e não controlo o impulso de depositar um beijo suave em sua testa antes de sair.

O vento soprando forte ao redor beija minha pele quando saio do interior do iate, caminhando até a proa, onde uma mesa redonda enorme está posta com o café da manhã e meus amigos estão sentados em volta, conversando animadamente até me verem chegar.

— Como foi dormir depois de realizar o seu maior sonho? E aqui eu nem estou me referindo ao Cariocão que ganhamos anteontem, *tá*? — Já chego dando um "pescotapa" na nuca de Levi para ele deixar de ser otário. É uma missão muito difícil para ele, mas espero que um dia consiga. — Ai!

Enzo se esquiva quando me aproximo e disparo um peteleco na sua orelha vermelha de tanto pegar sol.

— Ei, eu não disse nada demais! — choraminga, esfregando o local que machuquei.

— Você apostou.

Me sento ao lado de Felipe depois de cumprimentá-lo com um aperto de mão.

Ele sabe que não pode brincar comigo quando o assunto é a minha melhor amiga.

Pelo menos com o senso de um deles eu posso contar.

— E então, não vai dizer nada? — Levi insiste.

O encaro com o meu melhor olhar afiado.

— O que te faz pensar que vou compartilhar detalhes da minha intimidade? Ainda mais com a Júlia?

Recebo um revirar de olhos da parte dele.

Nunca participei da conversa sobre relatos da vida sexual que meus amigos costumam ter. Me mantenho calado não apenas porque antes de hoje não tinha o que contar, mas porque acho uma atitude de mau gosto compartilhar detalhes da nossa intimidade com uma mulher, mesmo que seja entre amigos.

— Então realmente rolou alguma coisa?

Deus, como pode ser tão insistente?

Disparo um pedaço de pão na direção dele, que pega e morde sem se afetar.

Infelizmente, o sorriso que me escapa quando penso na noite anterior me trai, dando munição para Levi continuar a sua investigação incessante.

— Não preciso dos detalhes, só quero saber se você mandou ver mesmo ou ficou de corpo mole.

É a minha vez de revirar os olhos.

— Rolou algo.

— Algo tipo…

— EU JÁ FALEI QUE NÃO VOU DAR DETALHES! — bato com o punho na mesa, arrancando risadas de Enzo e Felipe.

Levi ergue as mãos em redenção.

— Tá legal! Mas eu ganhei, hein, Enzo.

O camisa um nega, bebendo um gole do seu café preto sem açúcar. Estremeço só de imaginar o sabor disso. Particularmente acho que quem gosta de beber café sem adoçar não está vivo de verdade. Já eu, desfruto do sabor do meu bom leite com achocolatado de todo dia. Não importa que eu tenha vinte e seis anos, sempre irei tomar um chocolate quente e comer um bolinho pela manhã, mesmo tendo que aturar Júlia me zoando pelo restante das nossas vidas por causa disso. Porque aparentemente esse é o café da manhã de uma criança e não condiz com o meu *shape* de jogador de futebol.

— Nem pensar — Enzo rebate. — Eu apostei que Júlia se comportou e não que não rolou nada.

— Trapaceiro de merda! — Toledo joga uma uva na direção do nosso goleiro pai de família. — Duvido que ela tenha se comportado, já pegou na mão dele e levantou toda trabalhada na má intenção!

Não posso deixar de rir da maneira como Levi enxerga a minha melhor amiga. Na cabeça dele, Júlia é uma grande *femme fatale* que há muitos anos coloca alguma coisa na minha água para eu me manter tão apaixonado assim.

Ele não considera, nem por um momento, a ideia de que eu simplesmente a amo por quem ela é.

Não há feitiço nenhum.

Na verdade, ela nem mesmo imagina que eu a vejo dessa maneira, o que comprova que suas atitudes não são intencionadas para me arrebatar, mas

produzem este efeito mesmo assim.

Inconformado, Levi se vira para mim e insiste:

— Pelo menos nos diga para desempatar: ela se *comportou*?

Solto uma risada divertida ao tentar formular uma resposta e imagens da noite anterior surgem em minha mente com uma quantidade tão absurda de detalhes quanto um documentário. O que me impressiona, pois pela dor de cabeça que estou sentindo por conta de apenas um Martini que bebi, pensei que esqueceria a maior parte dos pormenores.

— Ela foi uma boa garota. — Esbanjo um sorriso largo, que deixa Levi furioso e Enzo rindo à toa.

Felipe permanece calado, totalmente entediado com a nossa discussão digna de uma turma de quinta série.

Esse é o preço de andar com caras dez anos mais novos que ele paga todos os dias.

Apesar de eu e Levi termos quase a mesma idade, vinte e seis e vinte e sete anos, o meu lateral direito tem a maturidade de alguém com quinze.

Enzo comemora o empate, sem fazer a menor ideia do duplo sentido das minhas palavras.

Júlia foi uma garota boazinha ao praticamente empurrar os peitos por minha goela abaixo e se esfregar em mim em busca do próprio prazer.

Ah, e não posso me esquecer que ela foi uma *excelente garota* ao me presentear com a visão daquela calcinha sexy do caralho e pelo privilégio de tocar a sua boceta gostosa.

E que boceta!

Carnuda, depiladinha e toda rosada por dentro.

Digna de ser a dona de todas as minhas punhetas como ela já é.

— Ei, por que você está salivando feito um cachorrinho faminto? Nós estamos discutindo uma coisa séria aqui! — Levi chama a minha atenção para a realidade.

Eu estou babando?

Não importa.

É por um bom motivo.

Já estou com saudades do corpo dela e não tenho a menor previsão de quando voltarei a tocá-la como fiz ontem.

— O que quer dizer com “ela foi uma boa garota”? — é Enzo quem pergunta.

— Você não quer saber.

Ele entende exatamente ao que me refiro agora e se cala.

— É, pelo visto ela não se comportou.

A constatação do goleiro dá permissão para Levi cantar vitória.

Quem vê até pensa que esse camisa oito está passando aperto.

Oito mil reais é o que ele gasta em cinco minutos na *rave* com seus champanhes caros e os drinks que distribui para todas as mulheres presentes na intenção de convencê-las a participar das orgias que promove durante a curtição.

— Faz o pixxxxxx, gatinho — ele aponta para o telefone de Enzo, que cumpre com o combinado e em segundos ouvimos a notificação no celular de Levi e um sorriso de orelha a orelha surge em seu rosto.

— Pronto, já dei a sua esmola, agora me deixa em paz.

— Vai tomar no seu cu!

— Vai você, seu arrombado!

Em segundos os dois se perdem do assunto, trocando xingamentos.

Aproveitando a deixa, Felipe se escora ao meu lado no sofá e pergunta baixo o suficiente para não interromper a discussão dos dois:

— Mas e agora? Como vai ficar a relação de vocês?

Boa pergunta.

Uma que estou evitando de me fazer.

Entretanto, a realidade é que não tenho para onde fugir.

Quero a resposta dela.

Necessito dessa resposta.

Não posso deixar que a chance de fazer Júlia me enxergar como mais do que um amigo escape de mim, não depois de tê-la em meus braços e confirmar que o meu lugar no mundo é como seu homem.

O único que vai satisfazê-la.

O único que a fará feliz ou morrerá tentando.

O único que nunca a decepcionaria de propósito.

— Sinceramente? Não faço a menor ideia. Não tenho noção de qual será a reação dela quando acordar, só sei que não vou deixar essa chance passar, não depois de ter chegado tão longe.

— Você acha que pode fazê-la se apaixonar mesmo com tantos anos de amizade?

Fujo do olhar determinado do meu amigo, que sempre foi muito bom em extrair o melhor de todos.

Não é à toa que Felipe é o capitão do time há anos.

Encaro o mar à minha frente.

Tão azul. Tão imenso. Tão arrebatador.

— Eu acho que não posso continuar vivendo sem pelo menos tentar.

— Que papinho de escravoceta é esse? — Levi me ouve e fica horrorizado, parando de judiar do vocabulário português ao inventar palavrões, para cuidar da minha vida. — Você pode, literalmente, ter a boceta que quiser, por que é tão obcecado por aquela garota?

— Você não entenderia mesmo se eu conseguisse colocar em palavras o que sinto por ela. Você nasceu sem essa capacidade, Levi.

— Graças a Deus que nenhuma mulher me põe no laço desse jeito.

Enzo ri, se engasgando com o seu café amargo.

— A gente sabe que isso não é verdade, Lele. Melinda sabe exatamente como te colocar no eixo.

— Nisso eu tenho que concordar — Felipe pontua.

Pensando bem, Enzo tem razão.

A governanta de Levi tem a vida dele na palma da mão e o mantém sob controle na maior parte do tempo.

— Melinda cuida da minha casa e eu cuido da minha vida, ponto final.

É a minha vez de refutá-lo.

— Ah, conta outra. Todo mundo sabe que ela te ajuda a escolher até as suas cuecas, cara.

O loiro revira os olhos.

— Ela deixa algumas opções de roupas prontas para eu não perder tempo escolhendo, é só isso!

— Só isso? Você praticamente escraviza a mulher.

— Ela ganha mais do que um médico! — rebate. — E a Memel adora trabalhar pra mim.

— Eu duvido um pouco disso. Você é um baita de um folgado, um dia ela vai se cansar.

Sinto vontade de cair na gargalhada por conta da expressão de amedrontamento que toma o seu rosto com a simples possibilidade de perder a sua funcionária.

— Melinda tem um pivete para sustentar, não vai se demitir assim do nada. A menos que ela arranje um emprego melhor… — ele pensa consigo mesmo, considerando a hipótese com uma pontada de receio, no entanto logo afasta a ideia. — Mas não existe emprego ou salário melhor do que esse.

— A menos que eu me case com ela, aí ela nunca mais vai precisar trabalhar porque eu a darei uma vida de rainha. — Enzo pisca para o nosso loirinho raivoso, que o fulmina com o olhar.

O goleiro sempre teve uma quedinha por Melinda. Ela é uma bela morena de trinta anos, mãe solteira e dedicada. Sem falar que é doce e super educada. Entretanto, nunca retribuiu as investidas do nosso camisa um.

— O que eu já falei sobre dar em cima da minha governanta?

— Não enche, a gente combina.

— Nos seus sonhos, só se for! — Levi bufa, irritado demais para quem diz não se deixar afetar por nenhuma mulher.

— Ela é mãe solteira e eu sou pai solteiro, nossos filhos têm quase a mesma idade…

— Ah, cala a boca — interrompe, comprando a briga pra valer. — Você nem a conhece, só a acha gostosa e dedicada o suficiente para ser a esposa troféu que você quer exibir como mãe da sua filha para a mídia. Melinda tem uma história, tá legal? Ela merece um cara que queira compromisso de verdade e seja um bom pai para o pivete dela.

Eu e Felipe nos entreolhamos imediatamente.

É sério isso?

Estamos mesmo ouvindo Levi Toledo falar dessa maneira sobre uma mulher?

A gente sabe que ele respeita Melinda, mas nunca o vimos protegê-la assim, com unhas e dentes, quase que literalmente.

— E por que eu não poderia ser esse cara?

O rosto de Levi fica vermelho de ódio com a insistência do goleiro.

— Só… fica longe dela, entendeu? Ou eu vou ser obrigado a viajar até o Paraná para comer a sua irmã.

Enzo semicerra os olhos.

— Você não teria coragem.

— Experimenta para ver. E se encher meu saco com essa história de novo, espero sua filha completar dezoito anos e me vingo outra vez.

Depois disso, as coisas desandam.

Em um segundo, o corpo esguio de Enzo voa sobre a mesa e suas mãos se enroscam em volta do pescoço de Levi, que grita de desespero e belisca os braços do oponente, mas o goleiro está tão dominado pelo ódio que não se importa com a dor da fisgada, se mantendo firme na missão de sufocar o

amigo. Porque pasmem, eles são amigos, apesar de viverem implicando um com o outro.

Levi sabe que não pode falar sobre Bianca, a filha de seis anos de Enzo. Ele tocou na ferida de propósito porque de alguma maneira se sentiu ameaçado.

Esse é o Levi Toledo, senhoras e senhores!

Eu e Felipe nos levantamos imediatamente para apartar.

Seguro Enzo pelos ombros e tento puxá-lo para trás, entretanto o homem está irredutível e preciso de muito mais força do que pensei para arrastá-lo.

Felipe, do outro lado da mesa, puxa Levi na direção contrária, e em algum momento depois de quase um minuto inteiro de uso de força extrema, consigo fazer o camisa um soltar o loiro insolente.

Ufa.

Essa foi por muito pouco.

— Ele falou da minha filha, porra! — continuo segurando-o e me coloco à sua frente para que não ceda ao impulso de atravessar a mesa para acabar com a raça de Levi de uma vez por todas.

— Se acalma, você não é assim.

— Eu sou muito pior quando mexem com a minha garotinha.

Do outro lado da proa, Levi se recompõe, ainda respirando com dificuldade.

— Pede desculpa, moleque — Felipe ordena. — Agora.

Prezzoti encara Enzo, seu rosto vermelho agora menos raivoso.

— Não fala da Melinda que eu não falo da sua filha.

Não satisfeito com as palavras do camisa oito, Prezzoti aperta o pescoço dele.

— Isso não é pedir desculpas.

— Me desculpa! — finalmente pede, se soltando do aperto de Felipe.

— Não fique sozinho comigo se quiser continuar vivo — Enzo diz, ríspido.

E pronto, situação resolvida, ou parcialmente, sem sangue no chão e dentes voando.

Com as coisas mais calmas, me sinto pronto para sair de cena.

Monto um café da manhã bem servido para Júlia em uma bandeja que a funcionária da cozinha me deu, e parto para o interior do iate, descendo até a ala dos quartos com o coração martelando forte no peito e uma ansiedade remexendo o meu estômago.

O que será que ela vai pensar sobre ontem quando acordar?



JÚLIA

A primeira coisa que penso quando abro os olhos é como a minha cabeça dói.

Depois, *flashes* da noite anterior surgem em minha mente, me recordando do quão intensas foram as últimas horas do meu dia de ontem.

E tão boas.

Porque não posso negar para mim mesma, apreciei cada segundo da sensação de ter o meu melhor amigo me dando prazer.

Agora me resta lidar com as consequências.

Quais?

Acho que estou prestes a descobrir, pois ele abre a porta do quarto com uma bandeja em mãos, fechando-a com o pé para não derrubar o meu café da manhã.

Como se não bastasse o que fez por mim ontem, ele está me trazendo café da manhã na cama.

Como se não bastasse saber exatamente como me tocar e me extrair o máximo de prazer, ele também sabe como me agradar.

É disso que eu preciso.

De um homem que me conheça nos pequenos detalhes, um homem que me pegue do jeito que eu mereço na cama, mas que me trate ainda melhor fora dela.

Por enquanto, está difícil de encontrar, viu?!

— Bom dia — Pepi deposita a bandeja na frente das pernas que eu cruzei ao me sentar no colchão, ainda coberta pelo lençol.

Lhe ofereço um sorriso meio sem jeito.

Provavelmente minha aparência está uma bagunça, já que dormi maquiada e nem tive a oportunidade de me olhar no espelho antes de ter que encontrar com Pedro.

— Bom dia e, obrigada.

Ele sorri também, igualmente sem saber como lidar com o impacto da noite anterior na nossa relação.

— Como está se sentindo?

Experimento um gole do café puro antes de responder.

— Parece que tem alguém tentando espremer a minha cabeça de tanto que ela dói. Fora isso, estou bem.

Meu coração dispara um pouco ao vê-lo coçar a nuca daquele jeito envergonhado como fez na noite anterior, antes de revelar como poderia me ajudar.

— Se sente… *confortável*? — soa indeciso na hora de escolher as palavras.

Assinto, bebendo mais um pouco do café e usando estes preciosos segundos de silêncio para pensar no que dizer a seguir. Resolvo responder com uma pergunta:

— Com o que aconteceu ontem? — Pedro confirma, agora mexendo no cadarço do tênis, mas me encarando com um semblante que indica que a espera pela resposta o deixa visivelmente apreensivo. — Acho que sim, ainda não sei.

— Se você não está chorando em posição fetal ou querendo arrancar a pele do próprio corpo, acho que é um bom sinal, não?

Não deveria, mas dou risada disso.

O que Pedro fez foi descrever as reações que tive das últimas vezes que tentei ter algum tipo de relação sexual com um homem. No entanto, por algum motivo que desconheço, sinto o impulso de dar uma leve risadinha, debochando das minhas inseguranças, rindo na cara do que eu pensava ser uma limitação.

Tudo isso parece tão distante agora.

Não que eu me sinta pronta para sair daqui direto para a cama de outro homem, entretanto, pela primeira vez em muitos anos, vejo uma luz no fim do túnel.

Vejo um futuro para mim.

Vejo uma evolução.

Passo a finalmente acreditar que não fui totalmente danificada, que há um jeito de me consertar, de seguir em frente sem remorso, culpa e nojo de mim mesma. Basta que eu trabalhe as minhas questões cada dia mais.

— Acho que sim — respondo, por fim, encarando a xícara com café fumegante.

— O que foi?

Todas as minhas células estremecem quando Pedro cobre a mão que uso para segurar a xícara com a sua, que é duas vezes maior que a minha e muito mais quente que o café.

Engulo em seco, respirando fundo para acalmar meu corpo, que se arrepia com o toque repentino.

— Eu só… não imaginava que você pudesse me ajudar daquela maneira. — Continuo fugindo do seu olhar, mas ele me faz encará-lo pela mão que ergue o meu queixo.

Esse toque é tão poderoso.

O que Pedro tem que o restante dos outros homens estão perdendo?

— Por que não?

Então chegou o momento, o dia que sempre soube que chegaria, mas que relutei para que não chegasse. A hora que sou obrigada a confrontar meu melhor amigo sobre a sua sexualidade.

— É que eu… pensei… sabe…

Seu dedo indicador é pressionado sobre meus lábios, me impedindo de formular o restante da frase mesmo que eu fosse capaz disso.

— Júlia, sem rodeios, o que pensou?

— Pensei que você fosse… *gay*.

A primeira reação dele é rir da minha cara.

— Como a maior parte das pessoas da internet.

Encolho os ombros, chateada comigo mesma, e desvio o rosto do seu olhar impressionado. Não sei se no sentido bom ou ruim.

— É.

Novamente, seus dedos se encaixam em meu queixo e trazem meus olhos de volta para ele.

— Não me incomoda as pessoas acharem que sou gay. É até melhor, na verdade.

— Por que seria melhor? Se existindo o boato de que você é gay, já chove mulheres querendo você, imagina se soubessem que está bem longe disso?

Pedro faz menção a dizer algo, mas seus lábios se fecham e ele desiste, balançando a cabeça em uma negativa que me deixa confusa.

— É justamente isso que não quero, essa atenção toda.

— Por que não?

— Porque eu não estou em busca de um relacionamento ou até algo casual. Quero focar exclusivamente na minha carreira, ampliar meus negócios, aumentar a minha performance nos jogos e fazer história. Esse é o meu sonho, lembra?

Assinto.

Isso foi o que ele respondeu em uma das várias entrevistas que já concedeu para revistas e emissoras, entretanto, não imaginava que era a verdade.

Como um homem tão atencioso, gentil e com habilidades com as mulheres poderia ser avesso a relacionamentos?

Já que aparentemente descartamos a hipótese do meu melhor amigo ser gay, me resta apenas acreditar que ele seja assexual, alguém que não gosta ou sente necessidade de fazer sexo. O que, por sua vez, vai totalmente contra o que testemunhei na noite anterior.

Pedro estava muito excitado e parecia sentir prazer em me satisfazer.

Não posso acreditar que esse homem tenha fingido aquilo tudo.

Ele não teria como simular uma ereção, entretanto, homens jovens ficam de pau duro com muita facilidade e involuntariamente às vezes, talvez ele…

— No que tanto está pensando, baixinha?

Guardo cada um desses pensamentos para mim.

Eu e Pepi não somos o tipo de melhores amigos que compartilham certos detalhes da sua intimidade. Existe um contrato silencioso de que devemos manter essas coisas em segredo para preservar a integridade da nossa amizade e pretendo que continue assim, mesmo depois de ele ter me feito gozar.

— Então você é só celibatário mesmo?

O canto dos seus lábios esticam em um meio-sorriso.

— Tipo isso. — Meus ombros caem, revelando o quanto a notícia me deixa decepcionada, alertando Pedro. — O que foi?

Nego.

— Não é nada.

— Diz logo, baixinha, ou não vou te deixar em paz até que diga. E você sabe como sou insistente quando quero.

É, eu sei.

Uma vez ele escondeu a chave do meu apartamento dentro da cueca e só me devolveu quando lhe contei o que tinha acontecido para que ele me flagrasse chorando no sofá.

Tive que explicar que meu ex-namorado havia me magoado ao dizer algumas coisas hostis para mim depois de eu ter me negado a fazer sexo com ele pela décima vez em seis meses de relacionamento. Depois disso, Marcelo apareceu com um olho roxo me pedindo desculpas de joelhos.

Não sou idiota, sei que Pedro tem dedo nisso.

Meu melhor amigo sempre está pronto para lutar pela minha honra e tomar as minhas dores.

Isso é incrível, mas me faz sentir culpada às vezes.

Odeio me sentir tão frágil perto dele em todos os sentidos, no entanto, ele não tira vantagem disso ou me faz sentir em dívida por necessitar tanto assim de proteção.

Porque esse é Pedro Brassard.

Ou ele faz algo com todo o seu coração sem esperar nada em troca ou ele não faz.

Mais uma coisa que o coloca em um pedestal muito acima dos homens da atualidade.

Uma virtude que o torna um combo perfeito.

Bonito, íntegro e talentoso.

— Eu pensei que… talvez… só talvez… — enfim começo a dizer, mas as palavras se perdem antes que eu consiga formular uma frase e expressar o

que preciso.

— *Júlia* — chama a minha atenção de modo gentil, não impaciente como outros homens já foram diante dessa minha mania de enrolar tanto para dizer algo quando estou com vergonha.

Droga, preciso parar de comparar outros homens com Pedro, sempre será uma equiparação injusta!

— Eu só… não quero regredir, sabe?

Um sorriso sacana toma conta dos seus lábios, me deixando com um constrangimento que revira o meu estômago.

— Você quer continuar de onde paramos?

A pergunta me deixa sem palavras.

Abro e fecho a boca, alternando entre lhe encarar e desviar o olhar, sem saber como prosseguir. Até enfim resolver que não preciso ter tanta vergonha assim, afinal, ele me viu gozar.

E sim, eu não paro de pensar nisso, porque foi incrível e desconcertante ao mesmo tempo.

Ele me viu enquanto eu me contorcia inteira, caramba!

Espero que não tenha sido uma visão tão ruim quanto parece na minha cabeça.

— Tipo, eu pensei em… Pensei que você pudesse me ajudar ainda mais, sabe… sem perder a amizade, mas como você disse que não quer ter nem mesmo algo casual para não atrapalhar a sua carreira, eu…

— Eu topo — diz, de prontidão, sem nem mesmo saber o que tenho em mente.

Meus olhos se arregalam.

— Mas você não disse…

— Não quero nada com mulheres que só querem sugar a minha fama e a minha concentração, você não está incluída nisso.

Algo em meu âmago é balançado pelas suas palavras.

Uma parte minha que nunca antes havia sido tocada positivamente.

O fundo da minha alma sempre foi consumido pelo meu passado. É estranho alguma coisa além dos gatilhos que me lembram do pior dia da minha vida atingir essa parte de mim.

Faz de novo, mexe desse jeito comigo de novo.

E ele faz, remexe ainda mais o meu interior com uma expectativa muito boa ao prosseguir:

— Eu quero te ajudar. Só me diz o que você precisa de mim que eu faço.

Como não me sentir a mulher mais sortuda do mundo por ter um melhor amigo assim?

É impossível.

Desde o dia em que conheci Pedro Brassard, quando era apenas uma menina assustada me perguntando porque aquela coisa horrível havia acontecido comigo, descobri que precisava passar por tudo isso para que a sorte sorrisse para mim.

Porque se eu não tivesse sido tirada da minha mãe e ido parar naquele lar adotivo, nunca teria tido sorte na vida.

A sorte de ter um garotinho que me acolheu de braços abertos, que desde então tomou todas as minhas dores e me mostrou que viver ainda poderia valer a pena se a gente pudesse sonhar com dias melhores e batalhar por eles.

Ele tomou as minhas dores e eu fiz dos seus sonhos os meus também.

Fui uma das pessoas que o apoiaram quando a possibilidade de se tornar jogador profissional parecia distante. E hoje sou quem vive essa realidade ao lado dele.

Uma parceria que existe há muitos anos e que tudo indica ser sólida o suficiente para se manter firme diante do que estou prestes a propor.

— Eu preciso que você tire a minha virgindade.

Ao contrário do que imaginei, Pedro reage de modo contido, apenas assentindo em silêncio, como se estivesse assimilando as minhas palavras com calma.

— Por quê?

Não preciso pensar ou me embananar toda para responder.

Essa resposta está na ponta da minha língua e marcada a ferro por todas as partes do meu corpo que foram tocadas por ele.

— Porque confio em você como em nenhum outro.

Ele me contempla por longos segundos a fio, suas opalas capturando cada detalhe do meu semblante apreensivo até que diz:

— Só isso? Você só quer que eu tire a sua virgindade?

Pepi fala como se fosse simples, mas nós dois sabemos que não será.

É um processo, sempre soube disso.

Só não consegui colocá-lo em prática com meus ex-namorados, no entanto, espero chegar lá com a ajuda do meu melhor amigo.

— Eu pensei em irmos aos poucos… — bebo outro gole do café, que a essa altura está morno. — Com preliminares… até chegar o momento que eu

me sentir pronta. O que acha?

— Estou dentro.

— Pedro… tem certeza mesmo? Não acha que…

— Não — me interrompe, empolgado demais para quem diz estar focado na carreira.

Engulo em seco, preocupada, mas no fundo gostando de vê-lo tão seguro da decisão de estreitar a nossa intimidade.

Aparentemente ele não tem medo das possíveis consequências disso. Então por que eu deveria ter?

Pedro sabe o que é seguro para mim, posso confiar que as coisas continuarão as mesmas depois que eu não for mais virgem.

— Então nós somos oficialmente *amigos coloridos*?

Aquele sorriso está de volta, o de canto dos lábios, que deixa meu melhor amigo com a estética de um hétero top sacana.

Bem diferente da realidade, entretanto, não deixa de ser excitante.

— Com toda certeza.



PEDRO

É por volta do meio-dia quando chegamos ao meu apartamento depois de deixarmos o iate e passarmos no nosso restaurante preferido para comprar *Pokes* para o almoço.

Temos uma tradição, aos domingos almoçamos na companhia da nossa eterna mãe adotiva. Hoje não seria diferente, apesar das circunstâncias da noite anterior.

Assim que chegamos ao apartamento de Júlia — porque sim, eu passo mais tempo aqui do que no meu — ela corre para o banheiro na esperança de retirar a maquiagem do dia anterior rápido o suficiente para não nos

atrasarmos ainda mais. Enquanto isso, me mantenho ocupado arrumando a mesa com o jogo americano cinza, copos, talheres e guardanapos.

Ao abrir a geladeira, pego meu suco de uva preferido que eu mesmo não deixo faltar na casa da minha melhor amiga, e volto para a mesa redonda de vidro localizada na lateral da ampla sala de estar.

Antes de me sentar, abro as cortinas do imenso janelão de vidro com vista para a praia de Copacabana e o sol irrompe pelo cômodo.

Estou posicionando meu celular na mesa, apoiado pelo coelhinho de porcelana que Júlia colocou para compor a decoração de páscoa quando ela surge e se senta ao meu lado, próxima o suficiente para que seu perfume doce de baunilha atice o meu olfato.

— Como estou? — quer saber.

Dou uma boa olhada na sua aparência, que me arranca um suspiro.

Ela veste seu tradicional pijama de seda com camiseta de botões brancos e aquele maldito shortinho que deixa boa parte das suas coxas e polpa da bunda à mostra.

— Um tesão, eu diria.

Minha resposta a faz dar um sorriso sem graça.

Júlia não sabe lidar com elogios.

— Estou falando sobre o meu rosto. Tá muito evidente que o delineado manchou meus olhos nessa luz?

Assinto.

— Está parecendo uma pandinha fofa.

Ela revira os olhos, ainda com um sorriso de canto nos lábios.

Apesar de negar, Júlia aprecia a minha sinceridade.

— Vai, liga logo pra ela.

Abro o *Whatsapp* e ligo para Cida, que nos atende logo no primeiro toque.

Assim que a chamada é iniciada, observamos que da mesma forma como nós, ela está sentada à mesa com um prato de *strogonoff* a sua frente e um sorriso enorme no rosto ao nos contemplar do outro lado da tela.

Cida ainda continua a mesma, com os cabelos quase inteiramente brancos, o sorriso falso — que nada mais é que uma dentadura — amarelo, e a pele pálida enrugada por conta da idade.

Aos sessenta e quatro anos, ela encerrou as suas atividades como dona de um lar adotivo e vive apenas com um filho postiço que lhe restou. Todos os outros a abandonaram para viverem as suas vidas, incluindo eu e Júlia. Entretanto, somos um dos poucos que ainda mantém contato e a ajudam

financeiramente, já que a sua aposentadoria não cobre nem mesmo o custo do seu plano de saúde.

Por mais que me convença de que não tinha outra escolha e precisei me afastar para buscar uma vida melhor, ainda me sinto culpado por não conseguir me fazer presente devido a rotina de treinos e viagens para participar de campeonatos.

Queria tê-la por perto, mas Cida se recusa a deixar a sua cidade natal e desamparar Gabriel, o único filho que lhe restou e está cursando medicina na USP. Então o que está ao meu alcance é proporcioná-la uma excelente qualidade de vida e matar a saudade por videochamada na maior parte do tempo.

— *Meus amores!* — ela vibra do outro lado da linha, sorridente. — *Como estão?*

Eu e Júlia nos entreolhamos, como se essa pergunta inocente trouxesse à tona o nosso acordo *nada inocente*.

Arqueio a sobrancelha, lhe desafiando a tomar a frente da resposta.

Ela não arrega, se vira para Cida com uma expressão ingênua:

— Estamos *muito* bem, Cidinha. — Me olha de canto.

Quero rir da maneira como enfatizou a palavra “muito”.

Se Cida já não tivesse perdido as esperanças de que um dia eu me declararia para Júlia, ela teria sacado o duplo sentido empregado na resposta da minha melhor amiga.

— Estamos *ótimos* — acrescento, olhando firme para Júlia, que faz uma mini carranca para mim, indicando que isso foi desnecessário e que posso estar dando bandeira.

Somos atraídos a olhar de volta para o celular quando Cida pigarreia, estreitando os olhos.

— *Aconteceu alguma coisa?*

— Não! — dizemos em uníssono, o que só torna tudo ainda mais suspeito.

Ela assente, não acreditando nenhum pouco. No entanto, Cida não é do tipo insistente. Nos criou de maneira que pudéssemos conversar quando estivéssemos prontos para falar. Ela nunca insistia e de alguma maneira isso sempre nos fez sentir muito mais confortáveis para compartilhar assuntos delicados. Não seria agora que ela agiria de modo diferente.

— *Tá legal. Me contem as novidades. Júlia, como vai o Davi?*

Contenho meu instinto de bufar e revirar os olhos com a menção a esse merdinha. Felizmente, consigo, mas quem disse que Cida não capta o meu

ranço no ar?

É um alívio não precisar mais fingir que engulo aquele cara.

O semblante da minha melhor amiga muda, expressando constrangimento ao revelar:

— Nós não estamos mais juntos.

Não pergunta o porquê, não pergunta o porquê, não pergunta…

— Por que, filha?

Por debaixo da mesa, longe do olhar de Cida, alcanço a mão trêmula de Júlia e a englobo com a minha, apertando-a de modo que possa tranquilizá-la.

— Ele foi estúpido comigo quando eu pedi que parasse de tocar o meu corpo para me convencer a fazer sexo com ele.

Diferente do que imaginei, Júlia parece melhor depois da revelação, diferente de quando me ligou chorando na noite passada, mal conseguindo formular as palavras, mas me pedindo que eu a buscasse na porta do motel que o babaca a havia levado sem o seu consentimento.

Ao chegarmos aqui, ela se trancou no banheiro, muito afetada, e quando resolveu sair, decidiu que queria colocar um fim nesse círculo vicioso, ação da qual me rendeu coragem para tomar as atitudes que tomei na noite anterior, que por sua vez, mudaram o rumo da nossa relação.

— *Sinto muito, filha* — Cida lamenta, seu semblante demonstrando empatia.

Apesar de Júlia nunca ter conversado abertamente sobre o que lhe aconteceu quando criança, nossa mãe adotiva sempre soube, pois recebeu uma ficha do conselho tutelar com uma descrição minuciosa sobre o ocorrido e os impactos psicológicos que haviam gerados na menina de apenas oito anos.

— Tudo bem, foi bom para abrir os meus olhos. — Ela engole em seco, resiliente.

Resiliência a define.

Não é à toa que Júlia tem a palavra tatuada no seu pulso esquerdo, bem ao alcance dos seus olhos, para que se um dia aquela ideia estúpida de deixar esse mundo a assolar novamente, ela se lembre de que é mais forte do que isso.

Ainda me recordo do dia em que chegou ao lar adotivo e me confessou que não sentia mais vontade de viver.

Ouvir aquilo foi uma das coisas mais agonizantes que já senti em toda a minha vida, até mesmo tão agonizante quanto descobrir que meus pais haviam morrido em um acidente de carro e presenciar minha irmã de dezesseis anos desmoronar de tanto chorar no corredor do hospital.

Porque eu era ainda mais novo quando a morte assolou a vida das pessoas que eu mais amava pela primeira vez.

E pensar em reviver esse sentimento devastador da perda novamente me causa aflição.

Não pude deixar de me sentir tocado pela dor daquela garotinha de oito anos. Ainda não sabia dos detalhes sobre o que havia acontecido com ela, mas pelo que Cida me contou, soube que ela tinha motivos o bastante para não querer viver.

Mas, naquele dia, eu decidi que lhe daria muitos outros motivos pelos quais *viver.*

Acho que consegui.

Nós conseguimos.

Depois disso ela nunca chegou nem perto de se ferir ou pensar que não valia a pena estar viva.

Minha melhor amiga passou a enxergar o passado como eu, com tristeza pelos acontecimentos que nos feriram, no entanto, com a certeza de que tudo ocorreu em prol de um bem maior.

Nós nos encontramos, tivemos uma mãe adotiva maravilhosa e hoje somos o que somos graças ao curso natural da vida.

E eu não mudaria nada se isso fizesse com que eu nunca a conhecesse.

— *Mudando de assunto…* — Cida, sempre com a sua sensibilidade aguçada, resolve não insistir em falar sobre Davi, voltando a sorrir ao perguntar: — *Sabe quem eu encontrei, Pepi?*

Nego.

— Quem?

— *Ana Eliza e Nikki. Ele está uma fofurinha, você precisa vê-lo pessoalmente. Está fazendo aulas de karatê e tudo!* — conta, animada.

Nikki, meu sobrinho de dez anos, é como o neto que Cida não teve. Ela o mima e fala sobre ele como se fosse realmente seu netinho de sangue. Sem falar que a minha irmã a considera como uma segunda mãe e incentiva Nikki a chamá-la de *halmeon*, avó em coreano.

Desde que completou a maioridade e teve que deixar o antigo lar adotivo em que viveu após a morte dos nossos pais, Ana Eliza contou com a ajuda de

Cida para se reerguer e entrar para a faculdade. Depois disso, conseguiu alugar um quarto num prédio de freiras que ficava mais perto da universidade e do emprego que arranjou como garçonete de uma cafeteria. Lugar onde conheceu o grande amor da sua vida, um obstetra coreano, cliente assíduo do lugar, que a conquistou depois de uma longa história de amor digna dos livros de romance que Júlia gosta de ler. Juntos, eles tiveram o pequeno Nikki, mais uma pessoa que precisei deixar em São Paulo.

Quando saí de lá, aos dezesseis anos, para jogar nas categorias de base do Prizza aqui no Rio, Liz havia acabado de descobrir a gravidez. Não pude acompanhar o pré-natal e o crescimento da barriga, mas consegui estar presente no dia do parto.

Ainda hoje, dez anos depois, não sou tão presente quanto gostaria na vida deles, no entanto, continuo compensando, ou tentando compensar a minha ausência, com presentes e demonstrações de carinho via videochamada.

— Não sei se consigo ir para São Paulo por agora, vencemos o Campeonato Carioca, mas vamos começar a nos preparar para a Copa do Brasil e ao mesmo tempo o Brasileirão. Espero que Liz consiga vir nas férias dela e do Heitor.

— *Não se culpe por isso, filho. Liz sabe que você sente muito pela saudade que a distância causa.*

— Eu queria tanto tê-la aqui, perto de mim.

— *Eu sei, mas você também sabe que Heitor não quer sair de perto dos pais, a mãe dele ainda está se recuperando de uma depressão profunda e o pai está em final de vida por conta do câncer inoperável.*

— É verdade.

Dessa vez, sou consolado pelo aperto de Júlia, que não soltou a minha mão e resolve mudar de assunto:

— Mas… e Gabriel? Por que não está almoçando com a gente hoje?

Um sorriso animado surge no rosto de Cida, que conta a novidade toda alegre:

— *Ele está namorando! Foi almoçar na casa da namorada!*

Eu e Júlia nos entreolhamos, ambos felizes e impressionados com a notícia, pois Gabriel possui o Transtorno do Espectro Autista e apesar de ao longo dos anos ter melhorado a sua capacidade de comunicação e expressão, não demonstrou interesse em ter um relacionamento na adolescência.

Não esperávamos que aos vinte anos, agora que está atolado com as coisas da faculdade, surgisse um interesse amoroso na sua vida, mas nos próximos

minutos Cida nos explica que a namorada também cursa medicina e é da sua turma, o que faz todo sentido, já que o garoto não sai de casa para mais nada.

Ouvimos os detalhes, rindo e comentando o quanto parece inacreditável saber que o nosso garotinho cresceu e está lidando superbem com a vida adulta. Depois de longas horas de conversa e risadas a fio, Cida se despede e desliga a chamada para poder assistir *Titanic* na HBO.

— Nós precisamos contar para ela? — Júlia pergunta enquanto desfazemos a arrumação da mesa.

Dou de ombros, sem saber ao certo.

— Não sei. Acho que agora não.

Só quando você se apaixonar por mim e eu puder te pedir em namoro. — Penso, guardando para mim, obviamente.

Minha melhor amiga permanece em silêncio, assim como eu, que aproveito o momento em que a lava-louças está trabalhando para me sentar no banco da ilha de mármore da cozinha e pensar um pouco sozinho enquanto Júlia vai escovar os dentes.

Mal pude acreditar quando ela me disse que precisava que eu tirasse a sua virgindade com todas as letras. E justificou dizendo o que eu sempre soube, mas que adorei ouvir dos seus lábios: porque sou o homem em quem mais confia.

Sabe o que isso significa?

A sorte sorriu para mim.

Ela finalmente lembrou que eu existo.

Não poderia ser em hora melhor.

Júlia está solteira e desimpedida, o que significa que posso agir na surdina sem me preocupar em estar sendo babaca com outro cara.

Não que os ex dela merecessem a minha compaixão, mas meio que existe, ou deveria existir, um código de honra em que nós homens devemos desconsiderar as mulheres comprometidas quando temos a informação de que elas são comprometidas, claro.

Talvez as coisas ficassem mais simples se eu simplesmente fosse capaz de falar abertamente sobre o que sinto, sobre o que a mera existência de Júlia faz com a minha cabeça e o meu coração, com o meu corpo todo, na verdade.

Porque ela revira muitas partes de mim que nem mesmo eu tenho acesso.

É mágico. Intenso. Único.

Sei que nunca encontrarei isso em nenhuma outra, e às vezes penso que há uma chance de ser isso que me trava quando a ideia de assumir meus sentimentos me vem à cabeça.

Não quero ter que seguir em frente sem ela, caso me rejeite, mas também não quero que ela me olhe com pena por não conseguir me amar da mesma maneira como a amo.

Na verdade, acho bem improvável que Júlia seja capaz de me amar assim, pois o que sinto transcende qualquer limite ou explicação racional.

No entanto, se ela me amasse como homem, nem que fosse um pouquinho, eu já seria feliz.

É por isso que a proposta de amizade colorida me deixa tão esperançoso. É uma forma de fazê-la me enxergar cada vez mais como homem e menos como seu melhor amigo de infância, entretanto, ainda como aquele cara gentil, respeitoso e carinhoso que sempre fui.

Tomara que não seja tão difícil quanto parece.

Tomara que eu não estrague tudo.

Tomara que ela seja capaz de me amar.

— Pepi? — sua voz melodiosa me traz de volta a realidade ao mesmo tempo em que me tira do eixo.

Ela está muito perto.

Entre as minhas pernas abertas, mais precisamente falando.

Ela está de pé, as mãos em meus ombros, seu cheiro doce se infiltrando em minhas narinas e seus lábios brilhando, devido ao hidratante labial, a centímetros dos meus.

É muita tentação para um homem só.

Meu coração dispara.

Meu membro ameaça endurecer.

Meu corpo estremece com o toque.

Júlia apenas me lança um olhar cálido, seus olhos azuis cintilando sobre a luz branda da cozinha, a pele de porcelana reluzindo depois de hidratada.

Ela leva a sério a sua rotina de *skincare* e vive tentando me convencer a me tornar adepto também. Estou pensando em aceitar se for para tê-la tão perto assim, me tocando com seus dedos macios.

Nunca tinha parado para pensar nessa vantagem.

— Sim? — respondo, hipnotizado demais para raciocinar uma resposta melhor.

— Tudo bem? Você parece exausto?

Assinto, ainda vidrado no seu rosto, dividindo a atenção entre suas íris e sua boca sedutora.

— Estou um pouco, não devia ter entrado na onda dos caras e curtido a festa, amanhã voltam os treinos e…

A frase morre no ar.

Foda-se o que eu tinha para dizer, só quero admirá-la.

Meus neurônios que lutem para fazerem sinapse outra hora.

— Então você se arrepende de ter ido à festa? — ela pergunta como quem não quer nada, mas trato de negar imediatamente.

— É claro que não.

Também como quem não quer nada, tomo a liberdade de envolver a cintura dela com meus braços e puxá-la para mim.

No entanto, eu quero tudo.

E Júlia percebe a minha intenção de beijá-la e recua um pouco, indagando:

— Não acha que podemos… sei lá… cair no hábito e depois não conseguirmos mais evitar?

Seria ótimo poder me acostumar a beijar você.

— Quer dizer, a gente se acostumar ao ponto de quando as coisas voltarem ao normal nós continuarmos querendo nos beijar?

Ela assente, me encarando nos olhos, vulnerabilidade transparecendo nas suas orbes.

— Isso seria ruim para você?

— Eu… não sei — Júlia soa indecisa.

— Acha que seria melhor não nos beijarmos?

Diz que não. Diz que não. Diz que não!

Um pouco apreensiva, ela encolhe os ombros, a palavra deixando seus lábios quase que num sussurro:

— Talvez.

Tá legal, a sorte não pode sorrir para mim o tempo todo, já entendi.

Como estou acostumado a fazer, visto a minha máscara de indiferença, lhe dando um pequeno sorriso ao dizer:

— Tudo bem, então. — Dói fingir que abrir mão da sua boca não me afeta, entretanto me convenço de que não posso desanimar. Não agora que estou muito mais perto do que já estive um dia. — Preciso ir, amanhã tenho que acordar cedo.

— Tem razão.

Ela está prestes a se desvencilhar de mim, mas com as mãos que ainda mantenho em sua cintura, a detenho. Somente a libero depois de depositar um beijo lento na sua testa.

Quando Júlia reabre os olhos e eles encontram os meus, me sinto com as energias recarregadas para persistir.

Me lembro do porquê preciso ser resiliente.

É para ser quem recebe essa devoção que suas orbes são incapazes de esconder.

Para ser o motivo do seu sorriso.

Todos os dias. Pelo resto da minha existência.

Eu só quero isso.

Só quero mais essa conquista.

Será que é pedir demais?

Será que seja lá quem está no comando pensa que eu não posso ter tudo que quero? Que eu já tenho o suficiente?

Espero que não.

Porque somente vou me sentir completo quando ela for minha de verdade. É uma certeza que carrego comigo.

Espero que quem estiver lá em cima, olhando por nós, saiba disso.

Espero que saiba que a minha felicidade tem nome e sobrenome.



Destranco a porta do apê de Júlia com a minha digital na tarde do dia seguinte, após um dia de treino exaustivo pela manhã, não encontrando-a na sala.

Ao caminhar pelo corredor, escuto sua voz cálida vindo de uma porta fechada à direita.

Ela está na terapia online, tinha me esquecido que hoje é segunda-feira. Ainda estou preso no final de semana e em como foi incrível.

Talvez devesse voltar para a sala e lhe dar privacidade, mas eu e meu subconsciente sabemos que não é isso que queremos fazer.

Nós queremos ficar, principalmente quando a ouço dizer:

— Doutora, eu preciso te contar que tive uma experiência com o meu melhor amigo nesse final de semana.

Dou meia-volta imediatamente, me escorando na parede ao lado da porta para ouvir melhor.

Há um segundo de pausa, que penso ser o tempo que a especialista leva para pedir que Júlia prossiga. Como costuma fazer a teleconsulta usando

fones de ouvido, sou incapaz de saber o que a médica diz, mas presto atenção na resposta da minha melhor amiga atentamente.

— Nós… meio que ficamos — afirma, indecisa sobre como tratar o assunto. — Nos beijamos e ele me fez gozar.

Há outra pausa, dessa vez um pouco mais longa, e então Júlia prossegue:

— Ainda não consigo acreditar que isso realmente aconteceu, que consegui me abrir para um homem, literalmente.

Sorrio comigo mesmo, escorando a cabeça na parede, sentindo meu coração disparar.

Não só porque ela está falando de mim, como também porque as suas conquistas são as minhas.

Isso tudo não é só sobre eu fazê-la se apaixonar, mas sobre mostrá-la que não precisa de nada além de si mesma para superar os obstáculos. Eu apenas estou lhe dando uma forcinha, o verdadeiro poder está dentro dela.

Espero que ao final desta jornada, seja lá como terminar, ela se torne capaz de enxergar isso.

— Foi tão incrível, Marly. Ele foi tão carinhoso, e habilidoso…

Há mais uma pausa e dessa vez a sua resposta me faz rir:

— Sim! É aquele amigo que eu disse que era gay. Ele não é gay, mas é complicado de explicar…

Ela ri.

Uma risada fofa que preenche meu coração.

Não consigo explicar como é bom vê-la tendo esperança outra vez, acreditando em dias melhores.

É para isso que eu vivo.

Para vê-la e fazê-la feliz.

— Acha que estou fazendo certo? Às vezes tenho medo de estar arriscando a nossa amizade, mas, cá entre nós, cada vez que permito que ele me toque, parece certo demais, como se… esse fosse o rumo certo das coisas.

Como se já não bastasse ter o controle do meu coração e fazê-lo errar as batidas com facilidade, descubro que Júlia também é capaz de revirar o meu estômago, como se houvessem borboletas voando dentro dele, causando uma ansiedade bem-vinda, uma apreensão que me faz sentir vontade de sorrir ao ouvir sua confissão.

Também quero saber o que a médica acha disso. Não quero fazer nada que a prejudique, no entanto, não posso negar que estou nervoso com a

possibilidade de ela recomendar que Júlia não siga por esse caminho comigo.

— Então acha que talvez seja bom para mim? — mais uma pausa. — E se ao final disso tudo, eu superar as minhas questões, mas… acabar confundindo outras coisas?

Sou surpreendido pela opinião favorável da especialista e também pelo medo empregado no tom de voz de Júlia.

Ela tem receio de se apaixonar por mim.

Qual será o outro pré-conceito que tem sobre a minha pessoa?

Descobrir que minha melhor amiga imaginava que eu fosse homossexual me mostrou que a maneira como ajo não demonstra tudo o que eu queria demonstrar com as minhas atitudes, já que não consigo dizer com palavras o que sinto.

Talvez ela pense que sou um babaca *workaholic* que pretende dedicar toda a sua vida ao trabalho e não está disposto a levar um relacionamento a sério. Provavelmente a justificativa que lhe dei ontem sobre o porquê de não me relacionar tenha contribuído para isso.

Merda!

Eu só faço merda!

O barulho de passos se aproximando da porta me tira do devaneio, só então me fazendo perceber que a consulta chegou ao fim. Por sorte, ou devido a minha habilidade como atacante de correr como ninguém, me desloco do corredor até a sala em segundos.

Segundos preciosos, pois logo em seguida, ela sai pela porta e arregala os olhos ao me encontrar parado casualmente, ou não tanto, no meio da sua sala de estar.

Não estou nenhum pouco ofegante, o que a faz acreditar facilmente que estive aqui esperando-a ao invés de ferir a sua privacidade.

— Está aí há muito tempo? — pergunta, se aproximando com a bolsa em uma mão e o celular na outra.

Nego, dando de ombros.

— Não muito. Tinha me esquecido que hoje você tinha consulta, então fiquei te aguardando aqui. Tá pronta?

— Só um instantinho — pede, indo até a parede de espelhos que há em volta da sala de jantar e tira um *gloss d*a bolsa.

Minha atenção se perde nos detalhes dela.

Meus olhos iniciam a varredura pelos saltos *Louboutin*, as pernas pálidas e coxas carnudas cobertas por um vestido preto de alça única no ombro esquerdo, subindo para o pescoço contornado por um cordão de prata da *Vivara* que combina com o *Apple Watch* e a pulseira da *Pandora* que mantém no pulso direito.

Por fim, mas de maneira alguma menos importante, contemplo seu cabelo chanel escovado para trás e preso em um pequeno rabo de cavalo fixado com gel que na parte da frente contorna sua testa de modo delicado.

Me lembro de já ter ficado uma hora inteira assistindo-a fazer esse penteado minucioso e elegante, como ela diz.

É a minha terapia.

Bem como vê-la aplicar uma camada generosa de *gloss* incolor por seus lábios naturalmente rosados e cheios como faço agora, admirando-a se embelezar à frente do espelho.

Tão linda.

Tão delicada.

E em breve, será oficialmente minha.



JÚLIA

Ser assessora pessoal de um atleta requer ter experiência de tudo um pouco e também acompanhá-lo nas reuniões importantes com a sua equipe, pois tenho sua vida na palma das mãos — ou no *Ipad* que carrego dentro da bolsa, mais precisamente falando — e sou responsável por agendar seus compromissos.

É por volta das quatro da tarde quando chegamos ao luxuoso edifício comercial na Barra da Tijuca para nos reunirmos com o empresário de Pedro e a equipe da Millenial, a agência de *marketing* e imagem pessoal que cuida desses aspectos da carreira dele.

Pedro abre a porta da sala para mim, como sempre, e passo na sua frente, cumprimentando Edgar e os outros presentes: duas publicitárias e o diretor da empresa, Ricardo Novak, que está presente via videochamada, pois o CEO se divide entre as sedes do Rio e de São Paulo.

— E aí, Rick, como vai? — indago para o monitor posicionado à frente de uma longa mesa com oito cadeiras.

Recebo um sorriso galanteador de Ricardo e sorrio de volta.

Se ele não fosse mulherengo, com toda certeza eu já teria retribuído uma de suas várias investidas.

O empresário é alto, possui cabelos castanhos-claros e olhos um pouco mais escuros. Sem falar que tem um gosto para moda apurado, o que é difícil de se encontrar em um homem. Não que meu melhor amigo e seus parceiros de time se vestem mal, pelo contrário, mas não possuem um gosto refinado para marcas, coloração pessoal e tecidos como quem entende de moda.

— Estou muito melhor agora. — O sorriso charmoso não deixa seus lábios.

Pedro bufa sentado ao meu lado, os braços cruzados e um bico enorme formado em seus lábios.

— Sempre tão simpático, não é, Rick?

O homem ri da nítida irritação do atacante, implicando de volta:

— E você sempre muito receptivo, graças a Deus.

Com todos devidamente acomodados em volta da mesa, a reunião é iniciada.

Mensalmente nos reunimos para discutir propostas de contratos, publicidades e definir o cronograma de postagens do *Instagram* de Pedro. Na primeira hora, o empresário dele toma a frente e apresenta o reajuste de salário que o Prizza Futebol Clube ofereceu para o camisa dez esse ano. Um valor que excede a casa do milhão, claro. Não é à toa que Pedro Brassard esteja liderando a lista dos jogadores mais bem pagos do país, seguido de Levi, Felipe e Enzo.

O Prizza, por sua vez, é um dos times mais ricos do Brasil e aposta alto para manter seus jogadores de ouro, que estão sempre recebendo propostas de outros clubes, mas se mantém fiéis à nação vermelha e branca.

Pedro é um deles.

Não tem a intenção de deixar o time, a menos que não esteja mais sendo valorizado.

Com “valorizado” queremos dizer bem pago.

Se fosse apenas por ele e pela família, Pepi não seria tão ambicioso, mas não se trata só disso. Existem outras pessoas que dependem dele. Além dos vários funcionários que trabalham para o meu melhor amigo, daqui há alguns meses ele será responsável por manter uma organização beneficente que ajudará pessoas em situação de vulnerabilidade através de atividades esportivas, educativas e sociais. A expectativa é de que o Instituto Brassard atenda por volta de noventa mil crianças e adolescentes do estado de São Paulo. E, se tudo der certo, ele pretende ampliar o projeto para outras cidades.

O financiamento principal virá do bolso de Pedro, no entanto, em algum momento da reunião, a equipe o convence de que o Instituto precisa de um evento luxuoso para atrair convidados influentes do meio social com o intuito de fazê-los participar de um leilão beneficente para arrecadar ainda mais fundos.

Inicialmente, Pepi não gosta da ideia, mas então Edgar aponta que seria um desserviço não aproveitar a ajuda de seus amigos também milionários, o fazendo enxergar que o dinheiro arrecadado fará com que eles consigam ampliar os feitos do Instituto e ajudar mais jovens.

Pela expressão de descontentamento em seu rosto, a mandíbula cerrada e as sobrancelhas franzidas, vejo que ele não foi totalmente convencido, no entanto, se sente coagido a aceitar.

Essa é a parte que meu melhor amigo menos gosta da sua carreira: ter que concordar em tornar público todas as suas ações, agora até mesmo as benevolentes. Sei que por dentro ele está se sentindo mal com a ideia de exibir por aí que está investindo para melhorar a vida de jovens em situação vulnerável. Uma coisa é, ao final da reforma e início do funcionamento do Instituto, a mídia veicular a informação, outra bem diferente é ele promover um evento para voltar a atenção do público para isso.

Porque para Edgar e a Millenial, tudo é sobre *marketing* e *status* social.

— Não me olha assim, Brassard, você já sabe como as coisas funcionam. Pense no bem maior que fará — o empresário diz, sentado do outro lado da mesa, bem à frente de Pedro, que o encara com uma expressão de poucos amigos.

— Você sabe que não sou exibicionista.

— É um leilão *beneficente!*

— Devia se chamar leilão de *marketing*, pela maneira como você e Rick estão querendo fazer.

— Tá legal, tá legal… — Ricardo se intromete na discussão, tomando a palavra: — Nós podemos conversar mais sobre isso depois, quando os ânimos estiverem mais calmos, afinal, ainda temos três meses até a inauguração. Vamos falar sobre o *Tik Tok!* Annabelle, a palavra é sua.

Do outro lado da mesa, a publicitária arranha a garganta, depois fiscaliza algo na tela do seu *tablet* antes de começar a dizer:

— Que o *Tik Tok* é a onda do momento, todo mundo aqui já sabe, mas agora eles resolveram monetizar os vídeos.

— E vocês resolveram que querem lucrar em cima da monetização, acertei? — Pedro indaga, cético.

Hoje ele está particularmente sem paciência demais.

— Você também ganha com isso, senhor.

Não contenho a pequena risadinha que dou ao ver a expressão de descontentamento crescer em seu semblante com o uso da palavra “senhor”.

— Eu tenho vinte e seis anos, não me chame de senhor. — A publicitária encolhe os ombros, se desculpando com o olhar. Pedro segue afirmando: — Não vou fazer dancinhas de maneira alguma.

— Não se preocupe, não vai precisar dançar. As dancinhas não monetizam, apenas vídeos com mais de um minuto com áudio autoral. Nós pensamos em usar esse espaço para mostrar um pouco mais da sua rotina fora do clube. Nada que coloque a sua segurança em risco, claro — é Rick quem explica.

A ideia até que não perturba tanto o meu melhor amigo, que relaxa os ombros e descruza os braços, se mostrando interessado em ouvir mais.

Os próximos minutos se desenrolam em volta do cronograma de postagens apresentado por Annabelle em uma apresentação de *PowerPoint* na tela dividida com a imagem de Ricardo. Ao final, Pedro decide que a proposta não é de todo ruim e que eles podem testar por um mês, além de que, se as gravações e a exposição não afetarem a sua rotina, pode se tornar uma estratégia permanente.

Estava tudo indo bem, até a ideia que veio a seguir, sugerida por Ricardo, *me* perturbar.

— Sabe, Pedro, seria interessante se você tornasse público algum *affair,* só para a gente saber se…

— Não — meu melhor amigo responde, ríspido.

— As suas fãs vivem fanficando um relacionamento entre você e várias influenciadoras que são agenciadas pela Millennial. Nós tínhamos pensado

se você não queria…

— Não quero — mais uma vez, nega rispidamente.

Solto o ar que nem percebi que estava prendendo.

Sim, a ideia de Pedro assumir um relacionamento me incomoda.

Sempre me incomodou, mas guardei para mim mesma, afinal, nunca passou de um medo que esteve longe de se tornar realidade nos últimos anos. Talvez seja egoísta da minha parte, no entanto, não gosto de pensar em ver meu melhor amigo namorando ou até casado.

Isso mudaria tudo.

É diferente de quando eu estou em um relacionamento, porque sei colocar limites nos meus parceiros e jamais deixei que nenhum deles se colocasse entre mim e Pedro. Não que eu ache que ele fará o contrário quando for a sua vez, no entanto, sei que existem poucas mulheres no mundo que aceitariam essa situação numa boa.

Além de melhor amiga, sou a assessora pessoal dele, nós temos um convívio íntimo demais para não causar ciúmes e desconfiança para a maioria das pessoas, por que seria diferente para a parceira dele?

Eu mesma não me imagino aceitando tranquilamente que o meu namorado de quase dois metros de altura, corpo escultural repleto de tatuagens e um sorriso tão bonito passasse tanto tempo assim ao lado de uma mulher que o conhece mais do que eu.

— Por que não? — é o empresário dele quem pergunta. — Isso ajudaria a acabar com os boatos de que você é gay.

— Eu não ligo para os boatos de que sou gay.

Edgar bufa, irritado com a maneira como Pedro pode ser irredutível quando quer.

— Isso não afeta a sua vida pessoal nenhum pouco?

Ele nega veementemente.

Decido que é o meu momento de entrar na jogada.

— Um relacionamento midiático não seria o melhor para Pedro neste momento. Ele está no auge da carreira, o público feminino que o acompanha é majoritário porque tem um amor platônico por ele, que será totalmente quebrado quando assumir um relacionamento público. Vocês sabem como os fã-clubes do *Tik Tok* são possessivos, não queremos colocar tudo a perder justo agora que vamos testar o poder da monetização. Em time que está ganhando não se mexe.

— E, além do mais… — quase dou um sobressalto da cadeira ao sentir a mão grande de Pedro cobrir a minha por debaixo da mesa, longe dos olhares de todos, mas firme e calorosa o suficiente para me fazer estremecer por completo com o contato repentino. — Eu estou em um relacionamento, mas ela não gosta de exposição. Pretendo respeitar isso.

Provavelmente minha expressão denuncia o meu choque com as suas palavras. Estou de lábios entreabertos, olhos arregalados e coração martelando meu peito.

Ele está falando sobre mim? Sobre nós?

Não pode ser.

Não. Pode. Ser.

— Por que não me disse isso antes? — Edgar quer saber, autoritário.

— Porque não te diz respeito.

— Eu preciso saber desse tipo de coisa, para lidar com possíveis danos…

— Está sabendo agora. — Meu melhor amigo esboça um sorriso cínico, depois se vira para Ricardo, ou mais precisamente para a tela do computador: — Tem mais alguma coisa que precisamos tratar ou estamos livres?

— A princípio, é só isso. Espero que mais para frente esteja disposto a aceitar propostas sobre o seu namoro. Pense em como seria interessante poder atingir novas marcas com um *marketing* de relacionamento e depois conversamos.

— Já pensei e não quero. — Ele se levanta, imponente como a muralha da China. Então estende a mão para mim, que me ergo atordoada, recusando a oferta para não dar bandeira. — Tenham uma boa noite.

Deixamos a sala em meio a um silêncio sepulcral, resultado do choque de todos com a notícia.

É fim de tarde quando saímos do edifício no carro de Pedro. O sol está se pondo acima de nós. Aproveito para fazer *stories* da praia da Barra com a vista do céu de fundo por meio do para-choque do automóvel.

Por mais que eu ame São Paulo, a cidade onde nasci e cresci, o Rio de Janeiro, apesar da violência, tem uma *vibe* surreal.

Sou apaixonada por esse lugar.

Pelas praias. Pela comida. Pelas pessoas.

Quando Pedro me convidou para morar aqui, aceitei de prontidão, mas não por esse motivo. Eu pensei que mudar de estado poderia me fazer esquecer o que vivi de ruim. Pensei que seria um grande passo no meu

processo de cura. Talvez tenha sido importante para me desvencilhar um pouco das lembranças, entretanto, não como imaginei.

Salvo o *storie* para postar mais tarde, pois de forma alguma posso divulgar a minha localização quando estou na companhia de Pedro. Mesmo sendo no meu perfil pessoal, preciso prezar pela segurança dele, pois muitos fãs me seguem na esperança de saberem mais sobre a vida do jogador, e podem haver pessoas mal-intencionadas à espreita. Esse é um cuidado que tivemos que aprender a tomar desde que se tornou uma pessoa pública.

— Está tudo bem com você? — sua pergunta me deixa surpresa.

— Por que não estaria? — devolvo o questionamento, ainda com o celular em mãos, fazendo outro *storie*. Dessa vez, da praia do Leblon.

— Você parecia incomodada quando Rick sugeriu que eu assumisse um relacionamento falso com alguma famosa.

Bloqueio o celular, guardando-o na bolsa, meu humor vacilando um pouco ao pensar no ocorrido.

— Nada a ver. — Encaro a janela do meu lado, fingindo apreciar a orla da praia, quando tudo o que queria era apreciar as mãos dele no volante. É impossível, pois Pedro está dividindo a atenção entre a estrada e o meu rosto.

Posso sentir suas opalas me investigando.

— Então por que tentou convencê-los do contrário?

— Por que falou que estava em um relacionamento?

De canto de olho, vejo um sorriso bobo espreitar por seus lábios.

— Responde a minha pergunta que eu respondo a sua.

Cruzo os braços, não contendo um bico de se formar no lugar da minha boca.

— Eu vi que ficou incomodado com a ideia e tentei te ajudar, foi só isso.

Ele assente, apesar de ainda parecer desconfiar da minha resposta. Entretanto, cumpre com o combinado.

— Eu não menti quando disse que estava em um relacionamento. Se eu vou te tocar e te fazer gozar, estou com você e com mais ninguém.

É normal sentir tanta satisfação ao ouvir isso?

Eu poderia gozar agora mesmo só com as suas palavras.

Mas não são apenas as palavras.

É esse tom rouco que me tira do sério, junto do perfume másculo e o olhar desconcertante.

É a prova de que Pedro me toca sem usar as mãos.

Sem nem mesmo querer, remexe partes minhas antes intocáveis, consideradas inalcançáveis por alguns homens, o que os fez desistir de mim.

Para ele, não.

Para Pedro Brassard eu sou um piano recheado de possibilidades de acordes que ele pode tocar, basta usar os dedos, ouvir os sons que produzo e *voilà*, ele me tem na palma da mão, literalmente.

Sou um livro aberto para ele.

Isso me assusta na mesma medida em que me empolga.

Para mascarar o silêncio sufocante que dominou o interior do carro, Pedro liga o som, conectando sua *playlist* duvidosa ao aparelho. *Barcelona*, do L7NNON com participação do PK e Mun Ra, passa a ecoar.

Eu faço o que for preciso pra te ver sorrindo
Preciso do teu sorriso pra viver sorrindo
Mas eu sou tão confuso com o que sinto
Quase sempre sem sentimento, eu sei entendo
Que acreditar em mim dá medo
Mas deixa eu te contar mais um segredo
Desvendar o amor é amar sem medo
O começo é doce o final azedo

Por um instante, me permito olhar na sua direção. Um grande erro, eu diria. Pois o sinal fechou e Pedro agora presta atenção totalmente em mim, me flagrando.

— É… — engulo em seco, afetada pelos olhos escuros me contemplando sem cerimônia. Quando foi que a beleza do meu melhor amigo passou a me intimidar tanto? — Você quer assistir um filme na minha casa mais tarde?

Ele assente prontamente.

Meus olhos se perdem no seu braço esticado e a mão mantendo o volante na direção certa. São tantas tatuagens que já me perdi na contagem, todas bem trabalhadas, esfumadas.

Mas a mais bonita fica localizada sobre o músculo deltóide, ocupando o espaço até quase chegar ao ombro.

Meu olhar.

Ele tem um dos meus olhos tatuados.

Foi há dois anos que Pedro surgiu na porta do meu apartamento com essa surpresa. Nunca me explicou o porquê exatamente dessa loucura, entretanto, me senti lisonjeada mesmo assim. Poucas das suas tatuagens possuem um

significado, pelo menos que eu saiba. Então apenas fiquei feliz em ser eternizada na sua pele.

Novamente, Pedro Brassard elevou o meu padrão para homens. Daqui a pouco, não vai sobrar nenhum na terra que o supere. Porque igual a ele é muito difícil de encontrar.

Melhor?

Estou quase desistindo de procurar.

E eu, já vejo o Natal em família
Você vai conhecer minha tia
Que vai te contar uma história minha
De quando a gente só ria
E você achava feio o meu tênis Oakley preto
Quando era tudo tão sem jeito
E a minha moto velha
Brotava na favela era querendo te ver

— Você nunca me disse qual tatuagem quer que eu faça em sua homenagem — trago o assunto à tona.

Assim que vi o que ele tinha feito, disse que iria retribuir o gesto, tatuaria o que quisesse, mas Pedro deixou o assunto em aberto.

Meu melhor amigo segue o restante do caminho até o nosso condomínio prestando atenção ao trânsito, me dando oportunidade para secá-lo.

— Eu não sei se quero que faça.

— Por que não?

Ele dá de ombros.

— Seus futuros namorados poderiam não gostar.

— Eu não ligo. Quero fazer e ponto.

A firmeza na minha resposta o surpreende e o faz sorrir de canto, como quem canta vitória.

— Vou pensar em alguma coisa.

Depois disso, fazemos o restante do trajeto em silêncio. Na realidade, ao som da música que ele escolheu.

Venci, vem ver
Eu ainda sou o mermo Pedro
Mas no Ford Fusion, filmado, ar gelado com os 4 vidros todo preto
Soltão pelo mundo, mó jeitão vagabundo

E gestão inteligente, se fala no ouvido, sequestra tua mente

Ironicamente, ou não, a canção me faz pensar nele. Mais especificamente nas atitudes dele há dois dias.

Quem poderia imaginar que meu melhor amigo seria tão bom de lábia?

E muito bom com a língua, não posso esquecer.

Nem se eu quisesse me esqueceria, para falar a verdade. As imagens dele beijando meu corpo e a sensação dos seus dedos me dando prazer nunca vão se dissipar da minha mente.

Quando chegamos ao condomínio, permaneço sentada no meu assento e espero que dê a volta no carro e abra a porta para mim. Ele nunca perde o hábito, é impressionante.

— Te vejo às oito? — pergunta, chamando o elevador.

Assinto.

— Sem animes hoje, vamos assistir um filminho.

— Como quiser. — Sua piscadinha desestabiliza minhas pernas no mesmo segundo. Levo mais alguns para me recompor.

É o tempo em que o elevador chega e Pedro segura a porta com a mão no sensor para que eu passe na sua frente.

Uma vez *gentleman*, sempre um *gentleman*.

Isso sim é ser um destruidor de calcinhas.

Aprendam homens, aprendam.



Meu coração não consegue ficar quieto dentro do peito, está batendo descompassadamente em ansiedade por algo que já aconteceu várias vezes.

Não é a primeira vez que Pedro virá ao meu apartamento assistir um filme comigo, mas a bomba em meu peito está agindo como se fosse.

Como se eu fosse adolescente e estivesse à espera do meu *crush* para um encontro.

Isso não é um encontro.

As borboletas em meu estômago discordam, mas e daí?

E daí que eu me preocupei em arrumar o sofá com almofadas aconchegantes e até acendi velas?

Em minha defesa, são velas aromáticas. Pedro não vai estranhar. Eu amo velas aromáticas e as acendo quase todos os dias, principalmente quando preciso relaxar, como agora.

Ando de um lado para o outro pela minha sala, tentando pensar se não esqueci de alguma coisa.

O aplicativo da *Netflix* já está aberto na televisão, o suco natural de uva já está pronto e os doces já estão separados em potinhos que coloquei na mesa de centro junto com as velas. Há *Finis* de todos os tipos, pois são o único tipo de guloseima que meu melhor amigo gosta. Não sei se ele vai de fato comê-los, devido a dieta restrita que continua seguindo para manter os treinos. Foi pensando nisso que fiz a pipoca fit que Pepi tanto adora.

O pensamento me faz voltar à cozinha e pegar os dois baldes de pipoca salgados e levá-los para a mesa. Estou terminando de ajeitá-los em meio a decoração que fiz quando a campainha toca.

As borboletas em meu estômago são reviradas como se as minhas vísceras tivessem capotado dentro do meu corpo.

Inspiro fundo, na tentativa de me recompor. É em vão, pois assim que abro a porta e dou de cara com ele, me sinto remexida da cabeça aos pés.

Ele é exuberante demais para o próprio bem até mesmo quando está vestindo uma bermuda bege e uma regata preta com a sua corrente de prata para fora.

Como se não bastasse a sua mera presença, Pedro carrega dois pacotes de *Pringles* e uma *Coca-Cola* em mãos, me fazendo suspirar.

Surgir na minha porta, todo perfumado e trazendo a minha batatinha preferida e a bebida mais refrescante do século é golpe baixo, sério!

Me esqueci que meu melhor amigo me conhece o suficiente para saber que só como pipoca para acompanhá-lo, mas que não sou muito fã.

— Como vou viver sem você quando tudo o que faz é me acostumar mal desse jeito? — indago, fazendo um biquinho.

Pedro abre um sorriso e deposita um beijo cálido em minha testa ao passar por mim.

— Você não vai viver sem mim, é simples.

Tomara.

— Fiz pipoca fit — afirmo, fechando a porta atrás de mim, mas Pedro confirma com a própria boca ao provar um punhado dela de um dos potes.

Enquanto isso, vou até a cozinha para buscar a jarra de suco de uva que meu melhor amigo vai devorar em menos de uma hora. Estou com a cabeça dentro da geladeira quando pergunto:

— O que vamos assistir?

— Ham… *Metflix*? — ele diz baixo o suficiente para que eu não possa ter certeza do que realmente ouvi.

— O quê?

— Eu quis dizer, você escolhe.

Fecho a geladeira e me ergo a tempo de encontrar Pedro admirando a minha bunda, parado há alguns metros de distância. Congelo com a jarra em mãos, piscando várias vezes para constatar que não estou ficando louca, ele está mesmo tomando a liberdade de me secar na cara dura.

— O que significa "*Metflix*"?

— Significa que eu vou meter em você até te assistir gozar.

Sem fazer a menor ideia do rebuliço que a frase causou em mim, Pedro toma a jarra das minhas mãos e marcha até a sala, se sentando no sofá para servir Coca para mim e suco para ele.

Quando percebe que ainda estou petrificada no mesmo lugar, olha na minha direção, como se não tivesse feito nada demais.

— Você não vem?

— Vou, claro que eu… vou — minha resposta embaraçosa o faz exibir um sorriso charmoso de canto que umedece um pouco mais a minha calcinha. Por Deus, talvez eu precise trocá-la antes de me sentar no sofá. — Só me dá um instante, tá legal?

Ele assente, seu semblante expressando desconfiança.

Lhe dou as costas apressadamente, marchando pelo corredor até chegar ao meu quarto. Não encosto a porta, me preocupo em correr até o *closet* e abrir a gaveta de lingeries. Escolho uma calcinha verde-água, a primeira que vejo pela frente. Me apresso em descer o tecido molhado por debaixo do vestido que uso e estou prestes a vestir a outra quando a voz de Pedro me faz congelar no lugar, com a calcinha nova a caminho dos joelhos.

— O que está fazendo?

Engulo em seco.

Puta. Merda.

O que ele está fazendo aqui?

Ou melhor, o que eu digo?

— Estou trocando de calcinha.

De alguma maneira, ser verdadeira pareceu uma boa opção na minha cabeça.

Meu melhor amigo enfia as mãos nos bolsos da bermuda, umedecendo os lábios de um jeito muito sensual. Tão excitante que sinto a lubrificação escorrer um pouco pelas minhas coxas.

— Por quê?

Seu olhar firme me desafia a ser sincera.

Me endireito, deixando a calcinha limpa cair aos meus pés.

Você consegue, Júlia.

Você é empoderada, principalmente quando está com ele.

— Por que você me deixou molhada.

A resposta soa tão satisfatória para Pedro que meu melhor amigo se torna incapaz de esconder, suspirando pesadamente ao encarar minhas pernas.

Quando caminha até mim, seus pés gigantes dando passos abafados pelo carpete que reveste o piso do *closet*, sinto que posso desmaiar de tanta tensão, ou tesão, antes que consiga chegar perto.

Mas, felizmente, estou viva para ver meu melhor amigo se ajoelhar à minha frente, passando o tecido da calcinha aos meus pés para tirá-la de cena.

Meu corpo estremece ao sentir os dedos dele serpenteando minhas pernas até encontrar a barra do vestido e subi-la para exibir minhas coxas.

— O que está fazendo, Pedro? — quero saber, mesmo que não tenha a menor intenção de fazê-lo parar.

Um sorriso sacana cruza seu rosto, fazendo mais lubrificação escorrer de mim.

— Vou secar você. *Com a língua*.



PEDRO

Assisto, vidrado, o exato segundo em que minha melhor amiga engole em seco, seu peito arfando de surpresa e excitação.

É uma bela visão.

A segunda maravilha do meu mundo, porque a primeira é a visão do seu rosto se contorcendo enquanto goza.

Espero poder assistir a esse espetáculo novamente hoje.

Sem perder mais tempo, aproximo meu rosto da pele macia de Júlia, não interrompendo a troca de olhares. Suas orbes reluzem à luxúria quando minha língua toca o interior da sua coxa direita.

Ela estremece de leve sobre o movimento contínuo que faço para absorver a lubrificação pelo caminho até a sua intimidade. Lambo toda a extensão de pele, partindo para o outro lado e refazendo o mesmo processo.

As pernas de Júlia bambeiam e uso isso como pretexto para firmar minhas mãos na sua bunda, sem deixar de segurar o tecido do vestido no alto da sua barriga para que não caia sobre os meus olhos e me prive da visão das suas íris transmitindo tudo o que sente.

Vejo medo, ansiedade e euforia cintilando nelas, o que só torna tudo mais intenso e prazeroso para mim.

Ela está beirando o limite.

Do jeito que eu gosto.

Lentamente, faço o caminho da sua virilha com a língua, raspando de leve a sua fenda escorregadia. A simples menção de me infiltrar pela abertura faz Júlia desabar, se escorando no armário enquanto seus músculos se flexionam quando a mantenho de pé pelo aperto em sua bunda.

Chegamos onde eu queria.

Recuo, me erguendo a sua frente, ou melhor, me agigantando, pois Júlia encolhe seu corpo de um metro e sessenta, cruzando as pernas até que seus joelhos toquem um ao outro, e segura a barra da sua saia para baixo, me privando da visão da sua boceta depilada toda molhadinha.

Seus olhos me encaram, ainda exibindo aquela pontada de medo, mas sei identificar que o seu temor não é de mim, e sim da profundidade do desejo que sente pela minha pessoa e que estou escavando toda vez que a toco.

Ela não esperava me desejar tanto.

Eu sempre quis ser o alvo da sua cobiça.

É ainda melhor do que imaginei.

— Vem. — Estendo uma mão na sua direção para ajudá-la a ficar de pé de verdade. — Vamos assistir um filme para relaxar.

Ou para eu te fazer gozar. — Guardo essa parte para mim.

— Tá legal.

Júlia entrelaça nossos dedos e eu lidero o caminho até a sala, sem desgrudar as nossas mãos quando nos sentamos no sofá. Uso a mão esquerda para mexer no controle, tentando encontrar um filme que não a deixe tão entretida.

O entretenimento aqui será outro.

— Pets: a vida secreta dos bichos? — questiona ao me ver dar *play* no filme.

— Sim.

Ela revira os olhos, aos poucos sua respiração voltando ao normal.

Estou perto o suficiente para conseguir destrinchar todas as respostas do seu corpo. Estamos grudados, para falar a verdade. Coxa com coxa, ombro com ombro e ainda troco a mão que segurava a sua pela esquerda e passo o braço direito por trás da sua nuca, fingindo apoiá-lo no encosto do sofá, mas posicionando-o em contato com a sua pele.

Júlia não desconfia em nada das minhas intenções num primeiro momento. Sou simplesmente fissurado por filmes de animação e durante todo o nosso tempo de amizade ela teve que aprender a gostar também, portanto, não estranha a escolha do filme e até se concentra na tela da TV, mesmo sabendo que meus olhos não deixam o rosto dela em paz por um segundo sequer.

Espero mais alguns minutos de filme, agora fingindo prestar atenção na tela, quando sutilmente minha mão antes apoiada na sua nuca escorrega ao lado do seu corpo.

Minha melhor amiga não enxerga malícia nisso, continua entretida. No entanto, isso muda ao sentir meus dedos descendo até a barra do seu vestido e se infiltrando delicadamente por dentro do tecido até encontrar o alvo: um seio macio e enorme que aperto com delicadeza, fazendo Júlia cruzar as pernas com força.

Logo minha mão gelada é aquecida pela quentura da pele dela, o que por sua vez, causa um arrepio direto na cabeça do meu pau, totalmente endurecido dentro da cueca.

O movimento da respiração dela se torna mais apressado, posso sentir seu coração batendo sobre dois dos meus dedos que estão posicionados perto do lado esquerdo do seu peito.

A bomba protegida pela minha caixa torácica passa a bater no mesmo ritmo que a dela.

A terra parece girar mais devagar no momento em que pressiono seu mamilo entre as minhas digitais e a vejo fechar os olhos de prazer, tombando a cabeça no encosto do sofá.

Me aproximo, varrendo com a língua toda a extensão de pele do caminho até o lóbulo da sua orelha, onde mordisco antes de perguntar, como quem não quer nada:

— O que acha de abrir as pernas para o seu melhor amigo te mostrar uma coisa?

Júlia engole em seco, meu hálito quente soprando na sua pele e a fazendo se esquivar um pouco para fugir do arrepio que provoquei.

— Acho perigoso — responde, nitidamente excitada pela simples ideia de gozar novamente nos meus dedos.

— Vai ser bom, prometo.

De canto de olho, ela me contempla, suas orbes azuis escurecidas pela volúpia crescente.

— Quão bom?

— Você vai querer de novo, mas não vai precisar implorar, porque estou ao seu dispor para repetir quantas vezes quiser.

É o suficiente para fazê-la desmoronar no sofá, abrindo as pernas completamente para mim.

Me mantenho friccionando seu mamilo enquanto deslizo a outra mão pelas suas coxas, fazendo-a ter outro arrepio intenso. Passo uma das suas pernas por cima da minha, deixando sua intimidade ainda mais exposta.

Ao chegar diante da sua boceta, me demoro em acariciar o monte pubiano lisinho ao mesmo tempo em que abocanho um pedaço de sua pele, chupando até ter certeza de que deixará uma marca no alto do pescoço.

— Oh! — tenta se esquivar, mas aumento a pressão nos meus lábios, sugando a região, e a desestabilizo novamente ao circular seu clitóris inchado com o polegar. Júlia arfa, chamando o meu nome como quem implora por piedade: — *Pedro.*

Tomo isso como uma resposta favorável para ultrapassar mais um nível. Continuo atiçando seu clitóris ao mesmo tempo em que desço o dedo do meio pela sua fenda escorregadia. A reação de Júlia é simplesmente abrir ainda mais as pernas, apertando os olhos e ronronando meu nome diversas vezes como se estivesse delirando.

A sensação de penetrá-la me apresenta uma outra dimensão de prazer. O interior da boceta dela é apertado, as paredes são quentes e há lubrificação por toda parte.

Introduzo meu dedo inteiro, fazendo movimentos de vai e vem sutis para testar a resposta do corpo dela. Seus lábios dizem o que a palpitação da sua vagina em volta da minha pele confirma: ela quer mais.

— Não para — a ordem é ronronada, dessa vez produzindo um arrepio profundo em mim que percorre toda a minha coluna.

Orgulhoso de mim mesmo, aumento progressivamente a intensidade das investidas até que Júlia passa a cavalgar na direção da minha mão, em busca

de mais. Apresso a fricção do polegar no clitóris, pois ela não vai aguentar outro dedo, mesmo que quisesse, não teria espaço. Estou custando a acreditar que será possível caber o meu pau aqui dentro.

Volto a espremer seus mamilos com a mão que não está trabalhando na sua intimidade, totalmente empenhado em fazê-la explodir de tanto prazer. No entanto, descubro que não sou o único a querer extrair satisfação aqui, pois Júlia serpenteia minha bermuda com os dedos até encontrar o zíper e abri-lo com uma mão só.

Solto uma longa respiração de alívio quando suas digitais encontram meu pau dolorido dentro da cueca, estremecendo com o toque gélido em contato com o membro quente.

— *Júlia* — sou eu quem sussurro, tentando ao máximo me concentrar em buscar o êxtase dela e não o meu ao senti-la movimentar sua mão em torno de mim, apertando bem a carne entre os dedos como se eu estivesse penetrando uma boceta tão estreita quanto a dela.

É tão delicioso.

— Você também merece relaxar — ela explica.

É usando todo o meu autocontrole que a faço cessar o toque, justificando:

— Primeiro você.

Assim, retornamos ao ritmo de antes. Eu me ocupo em satisfazê-la de todas as maneiras possíveis ao mesmo tempo, ela se preocupa apenas em se concentrar para gozar.

Júlia está à beira do abismo, sei pela maneira como passa a palpitar em volta do meu dedo, suas pernas tremendo de modo constante.

Aproximo meus lábios da sua orelha, me sentindo um rei com o poder que tenho, literalmente, em minha mão.

Posso levá-la ao céu nos próximos instantes ou deixá-la frustrada por mantê-la na superfície.

A escolha é minha.

Claro que sempre optarei por servi-la bem, mas isso não muda o fato de ser quem está no comando que me proporciona um tipo de satisfação viciante. Sinto que estou obcecado em fazê-la gozar, porque minha melhor amiga me leva ao topo quando se contorce chamando o meu nome no mesmo ritmo dos meus dedos que a controlam como se ela não passasse de uma marionete.

— Diga — sussurro, sentindo uma pontada na cabeça do meu pau ao vê-la revirar os olhos de prazer quando enterro meu dedo o mais fundo que

consigo. — Continue chamando por mim e eu vou continuar te dando mais disso, baixinha.

— Oh, Pedro.

Isso renova as minhas forças.

Essa vozinha doce se tornando melodiosa devido ao tesão acumulado. Sem falar na boceta estrangulando meu dedo mais e mais a cada segundo.

Mal posso esperar para me colocar inteiro dentro dela.

Mal posso me conter com a expectativa de ver seu rosto ser tomado pelo prazer ao me receber de verdade. Porque mesmo que eu não seja experiente, sei que isso aqui é apenas um por cento do que posso oferecer a ela.

Sei que quando se trata de Júlia Passos e de seu corpo feito para mim, eu me torno um mestre experiente.

Sei que não quero entender como outras mulheres funcionam, porque tenho a única que me interessa gozando sob o meu comando agora mesmo.

Seu corpo é remexido por completo pelo tremor desenfreado que suga suas forças e o domínio dos seus sentidos. Durante alguns segundos, ela é apenas uma massa maleável sendo controlada por um raio de êxtase que percorre da sua boceta e irradia pelo restante das suas células até a pontinha dos seus dedos delicados dos pés, que vibram diante dos meus olhos.

Assisto a tudo atentamente, vidrado, extasiado, impressionado demais para piscar, com medo de perder um momento sequer desse espetáculo.

Quando se trata de um orgasmo, cada segundo é precioso. Tanto para quem sente quanto para quem gosta de apreciar.

A primeira coisa que ela faz ao se recuperar é procurar meu membro dentro da cueca, colocando-o para fora e despertando um sorriso em mim. As duas safiras cintilantes que Júlia possui no lugar dos olhos buscam as minhas orbes, em busca da satisfação de poder testemunhar o domínio que possui sobre mim quando me toca dessa maneira.

Acho que estou prestes a ficar diante dos portões do paraíso.

É a sensação que tenho conforme ela retorna de onde parou, aprisionando meu pau entre os seus dedos pequenos e quentes.

É quase tão perfeito quanto a sua boceta, mas talvez seja injusto comparar os dois.

Não preciso ter estado dentro de outra mulher para saber que nunca será igual a penetrar a minha melhor amiga. Talvez isso me torne um maníaco obcecado, no entanto, é a única verdade que tenho a oferecer para quem espiar dentro da minha mente.

Simplesmente sou incapaz de contrariar a certeza que carrego comigo de que é ela ou nada.

É Júlia se tornando a minha mulher oficialmente ou nenhuma ocupando este cargo pelo resto da minha existência. Mesmo que isso me custe calos nos dedos de tanto me masturbar pensando nela.

— *Júlia* — seguro seu pulso delicadamente, impulsionando sua mão a se movimentar mais rápido em torno de mim.

Não parece suficiente, mesmo que ela esteja praticamente esfolando seus dedos à minha volta.

Preciso de mais.

Movido pelo desejo irracional, passo a movimentar meu quadril, impulsionando-o para cima, na direção da sua mão.

— Tudo bem? — apesar de sentir cada músculo do corpo retesando perante as vésperas do orgasmo mais potente da minha vida, arranjo um tempo para saber como ela se sente.

Não posso chegar lá sem saber que ela está bem com tudo isso. O meu prazer não está acima dos limites dela. Não há êxtase se ela não estiver entusiasmada tanto quanto eu.

Sua expressão maravilhada enquanto observa, com as pupilas dilatadas, o líquido pré-sêmem escorrer pela ponta do meu membro responde antes dos seus lábios.

— Você vai gozar para mim? — expectativa transborda das suas orbes quando ergue as duas na minha direção, batendo os cílios como quem implora silenciosamente.

Os movimentos não param, suas falanges roçando meu prepúcio, me levando ao limite.

Firmo as mãos no sofá ao lado do meu corpo para me manter sentado, pois a sensação que tenho é de que posso levitar a qualquer momento de tanta energia sexual acumulada.

Pela maneira como as minhas bolas estão inchadas e pesadas, parece que o jato do meu gozo sairá com a mesma pressão da água vazando de um hidrante quebrado: forte e precisa, direto no teto.

É com muito esforço que coloco as consequências na frente do meu desejo:

— Vai sujar a sua sala.

— Não se eu engolir.

Oi?

Por essa eu não esperava.

Acho que isso fica explícito na maneira como meus olhos se arregalam e congelo no sofá, precisando usar toda gota de controle que ainda tenho sobre o meu corpo para não gozar antes que a boca de Júlia alcance a minha glande.

Porque é isso que ela faz.

Sem cerimônia nenhuma.

Ela. Abocanha. O. Meu. Pau.

Não dá tempo nem mesmo de a minha melhor amiga fazer qualquer movimento com os lábios, o primeiro jato escapa sem a minha permissão no mesmo segundo.

Ótimo, agora ela vai pensar que tenho ejaculação precoce!

Não perco tempo lamentando o ocorrido, sei que não posso perder esses segundos preciosos dessa maneira. Agarro os cabelos curtos e sedosos dela entre os meus dedos para facilitar o seu trabalho quando passa a engolir a metade do meu pau, indo e voltando com a cabeça para massagear minha pele, protegendo os dentes com os lábios para não me machucar.

Deixo de lado o pensamento repentino de que ela já fez isso antes e não foi comigo. Posso me martirizar depois. Agora preciso apreciar cada segundo disso, da sua língua se revezando com a boca para me lamber e sugar.

Reviro os olhos, não contendo o instinto de impulsionar meu quadril na direção da sua garganta. Paro quando percebo que talvez possa estar indo rápido demais, entretanto, Júlia me encara por cima dos cílios volumosos, me pedindo para continuar com os olhos.

Assim você me quebra, mulher.

Sem exagero, parece que meu corpo está prestes a se rachar ao meio conforme estabeleço um ritmo enlouquecedor de estocadas na sua boca molhada. Um pouco de saliva escorre pelo lado direito dela, só tornando a visão periférica que tenho desse boquete mais perfeita ainda.

Esporro várias vezes, fazendo com que Júlia quase engasgue ao engolir o líquido e eu precise diminuir o ritmo.

Em algum momento, meu reservatório de porra acumulada parece ter um fim, as forças se esvaindo do meu corpo e restando apenas o relaxamento proporcionado pelo pós-orgasmo.

Minha melhor amiga também teve sua energia esvaída e tomba a cabeça em meu peito, ameaçando fazer meu pau ressuscitar do mundo dos mortos e

cansados quando assisto o momento em que lambe os dedos sujos com os meus fluidos como se fossem os respingos de uma sobremesa deliciosa.

Ficamos assim, exauridos, calados, apenas nossas respirações ofegantes sendo parcialmente abafadas pelo áudio do filme que ainda passa na televisão, por longos minutos. Até penso que Júlia poderia ter dormido, mas descubro que não ao ouvir sua voz sonolenta perguntar:

— Quer dormir aqui comigo?

Acho que a maneira como meu coração dispara sobre a sua cabeça ainda apoiada em meu peito denuncia o quanto a ideia mexe comigo. Tanto que Júlia se desencosta, me encarando impressionada, os cabelos um pouco bagunçados e os lábios inchados.

— Você quer que eu durma aqui? — devolvo a pergunta, porque essa é a melhor forma que encontrei de lidar com esse olhar que parece revirar todos os meus sentimentos e remexer meu estômago, me deixando com vontade de vomitar, tamanho nervosismo que sinto ao pensar na simples ideia de me declarar.

Me declarar com todas as letras nunca foi uma opção.

Não consigo.

Não sai nada.

Fico parecendo um idiota abrindo e fechando a boca. A voz me falta, o ar também. Sem falar que da última vez que tentei, há cinco anos, tive uma diarreia e precisei sair correndo na frente dela rumo ao banheiro.

Não gosto de lembrar.

— Quero testar uma coisa — revela, ainda me encarando daquele jeito desconcertante.

— Então eu durmo.

Um sorriso de canto cansado espreita seus lábios. É a permissão que preciso para pegá-la no colo depois de desligar a TV e caminhar com ela em meus braços até o seu quarto, onde a coloco sobre a cama.

— Preciso vestir o pijama — diz, se levantando, até que algo a faz dar meia-volta. — Não vai em casa pegar uma roupa de dormir?

Nego, ainda de pé.

Sob o seu escrutínio atento, tiro a blusa que estava vestindo e logo em seguida arranco a bermuda pelas minhas pernas, me deitando no seu colchão *King Size* usando apenas uma cueca boxer azul-marinho.

— Agora sim estou prontinho para dormir contigo.

Ela sorri aquele sorriso envergonhado de quando eu a deixo sem graça.

Antes de sumir do meu campo de visão em direção ao *closet*, a ouço murmurar:

— Vai ser uma longa noite.

Dessa vez, não a sigo até lá, apenas cruzo os braços sob a cabeça, tentando imaginar qual cor de calcinha ela vai escolher para usar enquanto dorme ao meu lado.

E *se* realmente vai usar uma.



JÚLIA

Não costumo dormir usando calcinha, então me ocupo apenas em escolher a cor do meu conjunto de pijama favorito de cetim.

Resolvo usar o rosa, em seguida realizando os meus cuidados de *skincare* noturna antes de retornar ao quarto e encontrar meu melhor amigo de olhos fechados, braços cruzados abaixo da cabeça, e o corpo gigante estendido sobre o meu colchão.

O membro que há pouco esteve dentro da minha boca, descansa por debaixo da cueca boxer que ele está usando, atraindo o meu olhar para o tamanho e a protuberância.

Eu tinha uma dimensão do comprimento, devido às fotos da propaganda de cuecas e tal, mas essa coisa se agiganta em altura e espessura quando está excitado, me fazendo repensar um pouco a decisão de perder a virgindade com o meu melhor amigo.

O receio não demora a passar.

Sei que não poderia fazer isso com nenhum outro e preciso me acalmar perante a ideia de ter todos os seus centímetros dentro de mim. Tenho certeza de que Pedro fará caber de uma forma deliciosa para nós dois.

Me aproximo da cama, tomando o lugar ao lado direito. A movimentação o faz abrir os olhos, suas orbes escuras sendo iluminadas pela luz do abajur que mantive acesa após apagar a lâmpada do cômodo.

— O que quer testar? — indaga, se referindo ao motivo pelo qual pedi que dormisse comigo.

— Quero saber se sou capaz de dormir ao lado de um homem sem…

— Sem se lembrar daquele dia?

Assinto, desviando o olhar.

Desde *aquele* fatídico dia, nunca mais dormi totalmente no escuro.

Nunca mais consegui pegar no sono sem a ajuda de comprimidos.

Nunca mais tive um sono pleno e pesado.

Nunca mais fui a mesma.

Esse sempre foi outro ponto que incomodou os homens com quem me relacionei, o fato de eu não gostar da ideia de dormir na companhia deles. Ao final dos nossos encontros, não os convidava para compartilhar a cama e nem aceitava os convites para passar a noite na deles.

Vai além das limitações sobre o sexo.

Um homem no meu quarto é um gatilho enorme.

Tão intenso quanto um toque indesejado.

Pedro sempre esteve fora desta equação, óbvio. Sua presença no meu quarto é tranquilizante. Tão revigorante que desligo o abajur sem sentir receio.

Pela primeira vez em muito tempo, vou dormir no completo escuro. Porque o calor do seu corpo me faz sentir protegida, não ameaçada.

Quando coloca um travesseiro na frente do seu quadril e se aproxima das minhas costas viradas para ele, não sinto nada além de alívio.

— Posso? — pergunta, querendo saber se permito que passe o braço por debaixo da minha cabeça.

— Sim.

Solto um suspiro ao também sentir seu outro braço se acomodar abaixo dos meus seios e sua boca ficar a centímetros do lóbulo da minha orelha.

— Como se sente?

Cada vez que Pedro demonstra se importar com o meu bem-estar, meu coração parece derreter um pouquinho.

Por que os homens que passam pela minha vida não podem ser assim?

Nunca deixo de me impressionar com a sua sensibilidade que não condiz com a estética de homem rústico e bruto que meu melhor amigo possui.

— Nunca me senti tão bem com a ideia de dormir no escuro.

— Por que apagou as luzes? Pode deixar acesa, não me importo. Sei que é mais confortável assim para você.

Nego, meus cabelos roçando na sua barba tão bem aparada que não me pinica.

— Porque sinto que não preciso dela quando tenho você aqui comigo — confesso, meus ombros caindo quando o cansaço se apossa do meu corpo, cobrando o preço da energia exorbitante que gastei com aquele orgasmo.

— Posso testar uma coisa, então? — sussurra, ao pé do meu ouvido, fazendo minha boceta vibrar nua debaixo do *short* que estou usando.

— Sinta-se em casa.

Não pensei no que minhas palavras pudessem acarretar, mas sou positivamente surpreendida quando sua mão sobe para desabotoar a minha camisa e se infiltra dentro dela, apertando um dos meus seios entre os dedos grandes, totalmente a vontade.

— Seu corpo é uma ótima casa. Em breve estarei mais dentro do que nunca. — Minha frequência cardíaca se eleva sob o toque da mão experiente dele, posicionada exatamente acima do meu coração. Como se já não bastasse isso, estou ficando molhada. Posso sentir a lubrificação umedecendo o interior das minhas coxas grudadas uma na outra. — Se sente bem assim?

Engulo a excitação a seco, me esforçando para não demonstrar que estou tão afetada assim com a sua atitude.

— Sim.

— Confortável? Sente que pode pegar no sono assim tranquilamente? — soa um pouco preocupado, entretanto, mantém a mão onde está.

Sei que ao menor sinal de desconforto da minha parte, ele não hesitaria em se afastar.

No entanto, nenhum de nós quer isso.

Nenhum de nós quer quebrar esse contato inebriante, muito pelo contrário. Chego mais para trás, colando definitivamente minha bunda ao seu quadril quando tiro o travesseiro que Pedro colocou entre nós e o jogo no chão, ao longe.

— Agora sim está perfeitamente confortável.

— Júlia… se estiver mentindo para mim só para provar algo a si mesma…

— Pela primeira vez em muito tempo, me sinto segura para pregar os olhos, Pedro. — Um bocejo escapa da minha boca antes que eu diga: — Sabe o que isso significa?

— Não. O que significa? — ele passa a me acariciar, roçando sua barba na minha raiz em um tipo de cafuné muito satisfatório.

Meus olhos se fecham contra a minha vontade, mas ainda consigo dizer antes de ser completamente varrida para um sono profundo:

— Que eu não vou mais querer dormir sem você.



O teste foi positivo.

Não só passei a noite sem ter nenhum pesadelo como tive o melhor sono da minha vida ao lado de Pedro.

Faz duas semanas agora.

Duas semanas que durmo bem como nunca.

Me sinto revigorada ao acordar dentro do abraço dele de manhã, sua mão aquecendo um dos meus seios. Ele reveza para não deixar nenhum com ciúmes, como diz. Talvez seja apenas uma desculpa para me tocar, mas o fato é que não ligo.

Eu gosto.

Adoro sentir sua presença com cada parte do seu corpo pressionado ao meu.

Especialmente a parte protuberante pressionada contra a minha bunda todas as manhãs.

Hoje não é diferente.

Desperto do sono por volta das oito, sentindo seu pau ser esmagado atrás de mim conforme Pedro mantém seus braços musculosos a minha volta, ainda desacordado.

Já me acostumei com a sensação de estar presa em meio à ferragens devido ao peso dos seus bíceps, que me aprisionam de modo possessivo e não desgrudam por nada.

Como ontem ocorreu o primeiro jogo do Campeonato Brasileiro, que por acaso o Prizza venceu de 3x0, sendo dois desses gols marcados pelo meu melhor amigo, hoje ele tem o dia de folga, portanto, não o acordo. Pepi precisa descansar.

Levo bons minutos para conseguir me livrar do seu aperto, pois em várias tentativas de me soltar, Pedro enroscava ainda mais seus braços sobre mim.

Na ponta dos pés, vou até o banheiro, realizo meus cuidados matinais e escolho um *look* para curtir o meu dia de folga.

Pois é, a assessora aqui também tem regalia no dia seguinte à competição para compensar o trabalho dobrado que a semana dos jogos exige.

Antes de sair, deixo uma mesa de café da manhã posta para ele na sala e um *post-it* grudado no pote de manteiga avisando para se alimentar bem e usar o restante do dia para descansar.

Pego a minha bolsa depois de dar uma última conferida no meu melhor amigo para me certificar de que está dormindo bem. Tenho a impressão de que ele também parece mais disposto depois que começamos a passar a noite juntos.

Desço até o estacionamento do condomínio. Porque, pasmem, eu dirijo e até tenho um carro, apesar de preferir mil vezes andar de carona com Pedro.

Posso jurar que meu *Mini Cooper* vermelho me lança um olhar enviesado quando o destravo. O cheirinho de lavanda ainda predomina no interior dele — mesmo fazendo um mês que não o dirijo — quando adentro o automóvel, partindo animada para o meu lugar preferido no mundo inteiro.

Toda semana, religiosamente, tenho um encontro marcado comigo mesma na minha livraria preferida que fica dentro de um shopping da zona sul do Rio de Janeiro.

Como de costume, sou uma das poucas pessoas que transitam pelo lugar às nove da manhã, horário em que o lugar é aberto. Passo por entre as infinitas prateleiras de madeira com livros e subo as escadas para o segundo andar, acomodando a bolsa na mesa que já decretei como minha, que fica perto da varanda e ao mesmo tempo da cafeteria.

Assim que me vê andando na direção do balcão, a garçonete sorri.

— *Croissant* de peito de peru com requeijão e um *cappuccino*? — ela recita o meu pedido de sempre.

Concordo com a cabeça, sorrindo também.

Pedido feito, caminho pelo segundo andar da livraria, na direção exata da minha velha conhecida: a sessão de romances contemporâneos.

De uma semana para cá, novos livros foram adicionados. Passo bons minutos lendo as sinopses dos que chamaram a minha atenção até voltar para a mesa na companhia de três deles e encontrar meu café da manhã à minha espera.

Experimento a bebida depois de morder um pedaço do salgado, constatando que a combinação continua perfeita. Enquanto faço a primeira refeição do dia, abro o livro “Táticas do Amor” da autora Sarah Adams. Estava louca para adquirir este depois de ver milhares de indicações no *Tik Tok*.

Pois é, nem só de *edits* de vídeos do fã-clube de Pedro vive a minha *“For You”* dessa rede social.

Apesar de não conseguir ler tanto quanto gostaria devido às várias responsabilidades e tarefas da vida de assessora de uma celebridade, tento manter os livros por perto. Eles são uma parte essencial da minha existência.

Os livros me salvaram quando tudo o que eu queria era deixar de existir.

Eles me transportaram para outros mundos quando eu não suportava mais viver no mundo real.

Comecei lendo o exemplar de “O Pequeno Príncipe” que Cida me apresentou e se tornou o ponto de partida da minha jornada com a literatura. Ela foi a responsável por me introduzir ao hábito da leitura.

Ao me ver definhar todos os dias, chorando pelos cantos, a mente revivendo aquele acontecimento terrível, presa em uma lembrança da qual parecia não conseguir me livrar, Cida me mostrou que um bom livro não teria o poder de apagar as minhas memórias ruins, mas poderia me ajudar a criar outras muito melhores.

Assim que dei ouvidos a ela e resolvi tentar me distrair, devorei a história em poucas horas. Logo em seguida, perguntei se possuía mais como aquele e daí em diante encontrei uma válvula de escape.

Um refúgio, mais precisamente falando.

Um lugar onde eu podia relaxar, podia me desvencilhar do que me corroía, mas ainda me sentir viva pelos sentimentos que as histórias me despertavam.

De tanto ler, em algum momento passei a dividir o espaço da minha mente com os enredos que começaram a surgir e tomar meus pensamentos sem pedir licença. Quando percebi, não havia mais espaço para as lembranças ruins, elas haviam sido empurradas para o fundo da minha cabeça.

Foi como emergir para a superfície depois de um longo tempo submerso e sem ar. Passei a ter um motivo pelo qual acordar todos os dias. Passei a ansiar o amanhã. Pude enxergar um futuro para mim. Tanto que passei a dar vida a essas histórias, escrevendo sem expectativas em um aplicativo de leituras gratuitas.

Mais do que apenas dar ouvidos às vozes que sussurravam enredos na minha cabeça, eu escrevia para mim. Escrevia o que mais gostava de ler: romances clichês com comédia e mocinhos esportistas, que sempre foram o meu ponto fraco, preciso confessar. *Elle Kennedy* foi uma grande influência para que eu sentisse que encontrei o meu estilo de narrativa preferido.

De trágica já basta a vida, então nos meus livros não havia espaço para a tristeza ou depreciação.

Finais felizes eram obrigatórios.

Me pego sorrindo ao lembrar daquela época, da empolgação que me envolvia durante o processo criativo.

Quando foi a última vez que me senti tão envolvida com um projeto pessoal?

Não consigo me lembrar.

A verdade é que não tenho tempo ou energia para projetos pessoais desde que entrei na vida adulta.

Em meio ao frenesi provocado pela nostalgia, deixo o livro de lado, pegando meu celular dentro da bolsa e fazendo uma coisa que há anos deixei de fazer: abro o aplicativo de leituras gratuitas em busca de reviver as histórias escritas por mim.

É como remexer um baú de memórias, só que digital. Os livros ainda estão aqui, nunca os tirei da plataforma. Fico impressionada ao constatar que eles continuam sendo lidos, a maioria contando com mais de um milhão de leituras.

Na aba do meu perfil, verifico uma porção de comentários, vários deles recentes, deste ano, de leitoras implorando por *spin-offs* e o final de uma certa história que nunca terminei.

Quando percebo, estou sorrindo para a tela do celular, sentindo meu coração aquecido como se eu tivesse acabado de reencontrar uma pessoa querida que não via há muito tempo.

Talvez seja isso mesmo.

Sinto que estou de frente para a Júlia de dezesseis anos, que permaneceu imaculada e eternizada nas páginas que escrevia.

A constatação faz meus olhos transbordarem de lágrimas, mas não me sinto triste. Sinto alívio e uma pontinha de ansiedade para devorar esses livros, me reconectar com a minha melhor versão: a minha eu escritora.

Enxugo algumas gotas que caíram, fazendo o exercício de respiração que a terapeuta me ensinou para controlar as minhas emoções afloradas. Fecho o aplicativo, chegando à conclusão de que será melhor reviver essas lembranças no conforto da minha casa, onde poderei surtar, chorar e gargalhar longe dos olhares de todos.

Estou finalizando o meu café da manhã quando Pedro me liga.

Largo a xícara de *cappuccino* que estava a caminho da minha boca na mesa e o atendo.

— Oi, Pepi.

Sua voz rouca e deliberadamente máscula soa do outro lado da linha e me faz suspirar ao imaginá-lo acordando na minha cama, usando apenas uma cueca, os olhos inchados do sono e o sorriso que sempre esboça ao me encontrar ao seu lado.

— *Onde você está?*

— Bom dia para você também. Dormiu bem?

— *Acordei sozinho!* — resmunga, fazendo birra.

Sorrio mesmo que ele não possa me ver.

— Tem um café da manhã te esperando na mesa.

— *Não quero.* — Por mais que não esteja lhe vendo, posso apostar que há um biquinho formado em seus lábios suculentos. — *Onde você está?*

— Aproveitando a minha folga.

— *Onde, mulher?*

Solto uma risada abafada.

— Eita como é possessivo! Estou na livraria tomando café.

— *E não pensou em me levar junto?* — mais birra.

— Você é meu chaveiro, por acaso?

— *Sou grande demais para isso. Estou mais para o seu ursinho de pelúcia gigante.*

Rio outra vez.

— Daqui a pouco estou indo para casa.

— *Nada disso, me espera aí para a gente almoçar.*

— Pedro, você precisa descansar…

— *Eu me sinto ótimo e quero aproveitar o seu dia de folga com você. A menos que me diga que quer um tempo sozinha.*

Mordo o lábio.

Desde que me tornei vizinha e assessora do meu melhor amigo, ter um tempo a sós se tornou um artigo de luxo. Mas, pensando bem, isso não me incomoda nenhum pouco.

Pedro é uma parte de mim.

Meu alicerce.

Uma rocha quando precisa me proteger e uma almofada ultra confortável quando preciso de apoio.

Sua presença nunca será indesejada. Eu preciso dela. Preciso dele na minha vida tanto quanto de oxigênio para respirar, o que seria uma dependência emocional altamente perigosa se o meu melhor amigo não partilhasse dessa mesma necessidade e fosse incapaz de usar o poder que possui sobre mim para algo negativo.

É por isso que confio nele de olhos fechados.

É o único homem no mundo que colocaria o meu bem-estar na frente de si mesmo.

Quando me lembro disso, sinto vontade de ficar solteira para sempre, porque sei que é isso que preciso em um homem, mas só encontrei esse tipo

de lealdade no meu melhor amigo.

— *Você quer um tempo longe de mim?* — ele questiona, me trazendo de volta à realidade.

Pisco algumas vezes para afastar esses pensamentos negativos.

— Não. Claro que não. Vou te esperar aqui na livraria, me avise quando chegar.

— *Jaé* — comemora, animado, usando a gíria que aprendeu com o tempo morando no Rio de Janeiro, e desliga.

Fico sorrindo para o celular, meu coração palpitando no peito e a sensação de borboletas sobrevoando meu estômago devido à expectativa de encontrá-lo. O que não faz o menor sentido, já que o vi ontem e amanheci ao lado dele hoje.

É uma emoção irracional, porém, bem-vinda.



Pedro não demorou nem trinta minutos após o término da ligação para me encontrar. Ainda sentada à mesa do segundo andar, o vejo transitar no térreo

entre as prateleiras que são praticamente do seu tamanho, até encontrar a escada e subi-la.

Finjo estar entretida no exemplar de “Táticas do Amor” que ergo na altura do rosto para disfarçar que estive secando o meu melhor amigo na caradura esse tempo todo. Quando para diante da minha mesa, fecho o livro, encarando-o da forma mais casual que consigo.

Ele está um pecado com a calça jeans de estampa camuflada e uma camiseta regata preta que exibe não só seus músculos como também as tatuagens que quase contornam completamente seus braços.

Desde que viemos morar no Rio, regatas se tornaram as peças preferidas de Pedro devido ao calor. O que, por sua vez, se tornou um presente divino para a comunidade que gosta de piroca, aqui estão inclusos os homens homoafetivos, pois meu melhor amigo atrai os olhares deles quando passa também.

— Bom dia, madame. — Sorri, exibindo os dentes perfeitamente brancos.

— Bom dia. — Me levanto, colocando a cadeira no lugar e pegando a bandeja com a louça do café da manhã. — Só vou entregar isso aqui e já volto para irmos.

Ele assente, assistindo enquanto me afasto até o balcão e recebo um sorriso de agradecimento da atendente por ter trazido a bandeja. Me despeço dela, encontrando Pedro com os três livros que deixei na mesa em mãos ao retornar.

— Vai querer esses? — indaga, folheando o exemplar de “Quebrando o Gelo”.

Tento pegar o livro das suas mãos antes que ele se depare com alguma cena de putaria pesada da qual fui avisada, ouvi dizer que há muitas nesta história, mas meu melhor amigo ergue os livros acima da minha cabeça, o que é um golpe baixo, *ou alto*, pois fica impossível de resgatá-los.

— Eu vou pagar e podemos ir.

— Vamos. — Ele indica o caminho com a mão que não está ocupada mantendo os livros fora do meu alcance.

— Me dá os livros, eu preciso pagar.

— Quando chegarmos ao caixa, te dou.

Cruzo os braços, fingindo estar irritada.

— Sei que não vai me deixar pagar.

— Eu vou. — O sorriso de canto que ameaça expandir em seus lábios diz o contrário.

— Não vai, eu sei que não vai!

— Anda logo, baixinha. Estamos perdendo tempo do seu dia de folga.

Ainda com uma expressão descontente no rosto, passo na sua frente e desço as escadas. A fila do caixa está um pouco congestionada então espero esvaziar enquanto dou uma volta pelo primeiro andar da livraria, folheando alguns exemplares de romances de época com Pedro bem atrás de mim.

O ignoro, mantendo a farsa de estar chateada com o seu comportamento, quando na verdade meu coração está dando cambalhotas dentro do peito.

Ele não pode me acostumar desse jeito, pois quando eu retornar para a realidade, nenhum outro homem será suficiente.

Mas Pedro não liga para isso.

Definitivamente não se importa em ser ainda mais perfeito.

A prova?

Quando olho para trás, o vejo carregando todos os livros que folheei.

E não são poucos.

Devo ter aberto uns dez exemplares diferentes para olhar.

— Deixa eu adivinhar, estamos brincando de “tudo que eu tocar, você vai comprar”?

Ele sorri, um sorriso inteiro e exuberante que faz minhas pernas bambearem.

— Exatamente. Vou levar todos os livros que você tocar.

Reviro os olhos.

— Pedro! Os livros custam uma fortuna aqui! — murmuro. E pela maneira como ri, sei que estou parecendo um *Pinscher* raivoso.

— Se você pode comprar, eu também posso — afirma, emendando uma risada.

Cruzo os braços, agora fingindo estar ofendida.

— Está me chamando de pobre? É isso que estou entendendo aqui?

Ele ri mais, seus ombros balançando e remexendo os livros em seus braços.

— Você não aceitou o aumento que ofereci esse ano.

Fico boquiaberta com a sua audácia e pego os cinco exemplares de capa dura da série Acotar, que devem custar uma grande facada, e os despejo na pilha de livros que ele carrega.

— Só por causa da sua gracinha.

Pedro franze o cenho ao encarar os livros que adicionei.

— Mas você já tem essa série de pornô de fada e já leu de trás para frente várias vezes.

Sinto vontade de cavar um buraco e me enfiar dentro quando o berro do meu melhor amigo chama a atenção do primeiro andar da livraria inteira, incluindo a senhora claramente conservadora a poucos metros de distância de nós, que nos lança um olhar enviesado para depois voltar a vasculhar a prateleira de livros de receitas.

— Você me paga — brado para Pedro, o arrastando em direção ao caixa pelo braço.

— Quer um exemplar de *Cinquenta Tons de Cinza* como pagamento, é isso que eu estou entendendo? — ele fala alto de propósito, parando diante da fileira de romances eróticos.

Abaixo a cabeça com vergonha, rosnando para ele:

— Melhor você calar a boca e ir pagar logo.

Depois de me dar uma piscadela sedutora, Pedro atende ao meu pedido e caminha até a fila do caixa, segurando a pilha de livros como se não pesasse nada. Ele paga com o cartão de crédito sem expressar um pingo de remorso e então deixamos a loja, caminhando pelo shopping lado a lado rumo ao estacionamento.

Em pouco tempo temos câmeras de celulares apontadas na nossa direção de pessoas querendo registrar o camisa 10 do Prizza em um dia de lazer. Outras se aproximam e pedem uma foto. Até que surge um homem usando a camisa do time e pedindo que ele dê um autógrafo nela.

Após longos minutos, as pessoas dispersam e pegamos a primeira saída para o estacionamento depois de Pedro decidir que seria melhor almoçarmos fora daqui, em um restaurante privativo.

Poucas pessoas sabem, mas o *Delicié* pertence ao meu melhor amigo, sendo um dos vários empreendimentos que Pepi investiu o seu dinheiro.

Por mais que seja muito bem remunerada, a carreira como jogador profissional é imprevisível. Nunca se sabe quando uma lesão pode ser permanente o suficiente para decretar o fim da carreira de um esportista. Por isso, eles são aconselhados a construir um patrimônio imobiliário e empreender.

Durante o trajeto até Ipanema, onde o restaurante é localizado, aviso ao gerente que estamos a caminho, portanto, ao chegarmos somos recepcionados pela entrada lateral construída estrategicamente para receber pessoas que querem privacidade e discrição.

O restaurante foi totalmente pensado para atender a alta classe carioca e aos requisitos das celebridades que o frequentam. Oferece o requinte, a comida de qualidade e a bela vista da praia de Ipanema, como também salas privativas para quem prefere ficar longe da atenção alheia.

O gerente nos encaminha até uma dessas salas, decorada com a mesma estética do restante do restaurante: paredes com revestimento de granito rústico, piso de madeira e uma extensa janela de vidro fumê para que possamos apreciar a vista da orla sem que ninguém nos veja pelo lado de fora.

Uma mesa de madeira maciça redonda com toalha dourada nos aguarda, posta com um conjunto de louça de porcelana caríssimo que deixaria Cida apaixonada. Roberto, o funcionário, faz menção a puxar a cadeira para que eu me sente, mas com um aceno, Pedro o dispensa do serviço e faz ele mesmo.

Me acomodo, agradecendo meu melhor amigo com um olhar doce. Ele toma a liberdade de pedir nossos pratos porque sabe que sou completamente viciada no risoto de camarão daqui.

Depois que o gerente nos deixa a sós, Pedro caminha até o aparador no canto do cômodo e nos serve duas taças de champanhe.

— Existe vida mais barata, mas não é melhor que essa — brinca, ao me entregar a taça.

Antes de bebermos, decido propor um brinde:

— Que seu desempenho nunca caia e seus músculos aguentem até ter idade para se aposentar.

Ele ri, erguendo a sua taça e a encostando na minha.

— Um brinde a isso.

Nossos olhares não se desgrudam enquanto experimentamos o líquido caro e refrescante.

Em duas semanas as coisas parecem ter mudado entre nós como nunca haviam mudado em quinze anos. É como se somente agora nós nos enxergássemos como homem e mulher, não mais como crianças.

E isso é estranhamente interessante.

Gosto dessa nossa nova forma de conexão. Aprecio cada momento que estreitamos a nossa intimidade. Sinto que talvez, ao final disso tudo, não vou querer retornar ao que éramos antes.

Isso me amedronta, mas empurro o medo para um lugar escuro da minha cabeça e permaneço focada no aqui e no agora.

— Você não sente falta de escrever? — a pergunta repentina me pega desprevenida, com a taça a caminho dos lábios.

Nunca escondi de Pedro e Cida que escrevia algumas bobagens na internet sem pretensão alguma de ser uma escritora um dia, no entanto, os proibi de ter acesso a esse conteúdo e os fiz prometer que nunca leriam nada que eu tivesse escrito. Ambos concordaram em respeitar a minha privacidade se isso significasse que eu continuaria me distraindo com a escrita. Eles sabiam o quanto esse *hobby* fazia a diferença na minha vida.

— Por que essa pergunta do nada?

— Te ver em meio aos livros me fez lembrar da nossa adolescência, em que vivia enfiada entre eles e encontrou a felicidade quando passou a escrever.

Evito olhar nos olhos dele, depositando a taça na mesa e contemplando a vista da orla.

Espero que a resposta não tenha ficado tão óbvia em meu semblante, pois a verdade é que desde que me tornei sua assessora, sinto falta de ter tempo para muitas coisas. O trabalho exige que eu equilibre muitas partes da vida de Pedro e as mantenha sob controle para que ele apenas se concentre nos jogos. Por mais que goste de estar ao seu lado exercendo essa função, não posso negar para mim mesma que cada vez mais tenho me perguntado se realmente quero fazer isso por longos anos até a aposentadoria dele.

Nunca soube o que gostaria de estudar, por isso não fiz faculdade. A oportunidade de trabalhar com Pedro caiu como uma luva para mim, pois precisei apenas fazer alguns cursos *online* e *workshops* sobre assessoria, além de contar com a ajuda do empresário dele, para conseguir me encaixar no serviço. A princípio, seria por pouco tempo, afinal, a assistente dele estava de licença maternidade, mas acabou que ela decidiu não voltar ao trabalho e eu me tornei uma funcionária permanente, me deixando acomodar.

Arranho a garganta, me lembrando que devo uma resposta a Pedro.

— Eu só… não tenho mais cabeça para escrever.

— É por causa do trabalho?

Continuo fugindo do seu escrutínio até que os dedos dele se fixam em meu queixo, delicadamente me obrigando a lhe encarar.

— Pode falar, sabe que eu jamais te recriminaria por se sentir cansada desse emprego. Vejo de perto o quanto não é fácil.

— É só o cansaço normal do dia a dia.

Não o convenço muito bem, pois Pedro estreita os olhos para mim.

— Promete que se um dia ficar demais para você, vai pedir demissão?

— Não é demais para mim.

— Se não tem tempo ou saúde mental para fazer o que ama, não é um bom emprego, mesmo que seja trabalhando para mim. Promete, Júlia?

— Eu nem sei no que mais trabalharia se não como sua assessora, Pedro. Não se preocupe, não pretendo me demitir.

— Promete que quando finalmente encontrar com o que gostaria de trabalhar, não vai hesitar em pedir demissão?

É como se ele estivesse me colocando contra a parede sem me colocar, de fato, contra a parede.

Me sinto pressionada, o ar se torna escasso e meu coração palpita dentro do peito sem explicação, pois tudo o que Pedro faz é segurar meu queixo com gentileza e me contemplar com compadecimento transbordando das suas orbes.

Não deveria me sentir tão culpada por saber que trabalhar como assessora não é a minha verdadeira vocação. Pensando nisso, meus ombros caem, a tensão esvaindo do meu corpo aos poucos.

— Prometo. — Lhe ofereço um sorriso em agradecimento, acariciando a mão que mantém em meu rosto com a minha.

Ficamos assim por alguns segundos até Pedro romper o toque e se endireitar na cadeira quando o garçom retorna com os nossos pratos.

— Mas responde a minha pergunta: por que parou de escrever?

Dou de ombros, separando uma porção de risoto para levar a boca quando resolvo ser sincera:

— Porque você foi embora.

Enquanto mastigo a refeição divina, vejo uma expressão confusa tomar o rosto do meu melhor amigo.

— O que tem a ver?

— Eu estava naquela fase de adolescente emocionada e ao contrário da maioria das meninas que escreviam fanfics com celebridades inatingíveis, eu fanficava com você.

Agora seu semblante exibe puro e nítido espanto.

— O que quer dizer com “fanficava”?

Rio, dando de ombros, como se não fosse nada demais.

Por que não é nada demais, certo?

Considerando o patamar de intimidade em que chegamos, confessar que já nutri sentimentos nada amigáveis a respeito de Pedro não deveria ser grande coisa.

— Criei uma história onde éramos muito mais do que amigos, se é que me entende.

Controlo a vontade de rir para não me engasgar com o risoto ao ver o rosto do meu melhor amigo perder totalmente a cor.

Apesar de ser branco, Pedro Brassard pega bastante sol devido aos treinos, então possui um tom bronzeado que todos os dias é retocado, mas juro que agora ele parece pálido feito uma folha de papel.

— Então você já foi apaixonada por mim?

— Foi um *crush* de adolescência, mas passou quando você me deixou para vir pro Rio jogar. Só restou a saudade do meu melhor amigo.

Por algum motivo desconhecido, as palavras não soam tão convictas para mim mesma depois que deixam os meus lábios, no entanto, ignoro a sensação.

É só uma impressão.

Não acho que a proximidade com Pedro esteja revivendo sentimentos adormecidos dentro de mim.

Não acho nenhum pouco.

— Eu preciso ler esse livro — afirma, sacando o celular do bolso. — Qual o nome? Ainda está disponível?

Nego imediatamente, bebendo um gole do champanhe.

— Você *nunca* vai ler esse livro.

— Ah, mas eu vou sim ou não me chamo Pedro!

— Pode mudar seu nome para Kaique. Eu gosto de Kaique.

— Qual o nome, Júlia? Eu vou precisar invadir o seu computador, é isso? — insiste, dividindo a atenção entre mim e o celular, onde digita freneticamente, em busca de algo que o leve até o paradeiro da *fanfic*.

— Pode tentar, mas nem eu tenho mais acesso a essas fanfics, se quer saber — minto, na tentativa de acabar com a sua obstinação.

Apesar de estar achando graça, sinto um frio no estômago só de pensar em Pedro tendo acesso ao que a mente fértil da Júlia de dezesseis anos produziu. Nada de bom pode surgir disso.

Depois de vários minutos de insistência e risadas da minha parte devido a curiosidade dele, constato que não há com o que me preocupar.

Meu melhor amigo não encontrou nada nas pesquisas que fez na minha frente, bem como não facilitei para lhe dar pistas sobre o paradeiro dessa história. Não tem como ele descobrir se eu não disser nada. Pedro precisaria saber meu pseudônimo de autora para encontrar o perfil. O que, obviamente, não confessarei nem mesmo sob tortura.

Ele vai se cansar de procurar, e com a rotina exaustiva, vai se esquecer dessa conversa.

Relaxo, confiante de que não há o que temer.

As cenas eróticas cabulosas, fruto da minha imaginação fértil de muitos anos atrás, estão seguras.

Ou pelo menos eu me convenço disso.



PEDRO

“Seu corpo suado do treino se agigantou sobre o meu, acelerando as batidas do meu coração, me fazendo soltar um suspiro. Suas mãos grandes tomaram meu rosto e seus lábios se aproximaram até estarem a milímetros de distância.

Ansiando desesperadamente por isso, ergui o queixo estreitando ainda mais o espaço entre nossas bocas magnéticas, que pareciam imã e ferro, atraídas por uma força física que ia além da nossa compreensão.

Senti minhas pernas bambearam quando Pietro pressionou sua ereção na minha barriga, seu olhar cravado no meu e sua respiração soprando em

minha pele quente de desejo.

Querendo acabar logo com isso, firmei o aperto em seu pescoço e fiz com que se abaixasse, tomando seus lábios em um assalto delicioso que fez seus olhos reluzirem luxúria antes de fechá-los para aproveitar o beijo…”

— Brassard! — um rosnado me tira a concentração.

Ergo o rosto do celular e encontro Levi lançando um olhar irritado na minha direção enquanto realiza uma série de agachamentos na Smith[3], do outro lado da academia do clube.

Estamos fazendo uma ativação antes do treino em grupo.

— O que é, inferno? — resmungo, frustrado por ser interrompido bem na melhor parte.

Estou acordado desde a noite anterior, devorando cada página para chegar ao momento em que Pietro dará a primeira aula sobre preliminares para Giulia.

— Estamos tendo uma conversa importante aqui sobre o próximo jogo e você não tira os olhos desse celular desde que chegou. A menos que esteja assistindo um pornôzão daqueles no mudo, sua ausência é injustificável.

Frustrado, pedalo mais rápido na bicicleta ergométrica, odiando o fato de ter que trabalhar, quando tudo o que queria era estar no conforto da minha cama, lendo. Pelo menos nem senti o tempo passar enquanto pedalava e lia.

— Ele não está assistindo pornô, está lendo alguma coisa — Felipe afirma, pedalando ao meu lado com os olhos bem atentos ao meu aparelho.

Guardo o celular, não querendo que nenhum deles tenha qualquer tipo de acesso ao ouro que estou mantendo nele desde a noite anterior.

Ricardo levou uma semana inteira para encontrar o livro que a minha melhor amiga escreveu pensando em mim. Precisei ficar lhe devendo um favor em troca, o que é extremamente preocupante porque sei que não sairá barato, mas situações de desespero necessitam de medidas desesperadas.

Não encontrei essa *fanfic* de maneira alguma por conta própria, e olha que foi tudo o que fiz durante os meus momentos de folga, entretanto, consegui apenas quinhentos tipos de traumas diferentes lendo as sinopses de outras *fanfics* claramente escritas por adolescentes com uma mente pervertida me usando como personagem principal das suas fantasias eróticas.

Não que a minha melhor amiga esteja longe disso.

Não está.

Definitivamente não está!

— Desde quando você lê, Pepi? — é Enzo quem questiona, correndo na esteira.

Desde que descobri que sou o muso inspirador da Júlia.

— É um artigo sobre… — arranho a garganta, na tentativa de ganhar tempo para bolar uma desculpa. Mas é claro que acabo não soando convincente — o uso da cafeína no desempenho de atletas.

Os três se entreolham, totalmente desconfiados.

Em sincronia, Enzo e Levi deixam seus respectivos aparelhos e se aproximam de mim, o lateral direito me encarando como se houvesse uma aranha armadeira caminhando sobre a minha cabeça, sério como quase nunca o vejo.

— Você não está pensando em usar o suco[4], né?

Aperto a ponte do nariz, impressionado com a idiotice desses caras.

— O que uma coisa tem a ver com a outra, porra?

Levi estreita os olhos na minha direção.

— Então o que está acontecendo? Por que está tão distante e irritadinho?

— É por causa da pressão? — Enzo indaga, apertando meu ombro em compadecimento. — Você já passou por coisa pior na Copa e se saiu muito bem.

Nego.

Apesar de existir uma expectativa enorme da torcida, dos patrocinadores, da diretoria do *Prizza* e do nosso treinador para esse ano e todos os campeonatos que vamos enfrentar, esses não são os motivos responsáveis pela minha ansiedade. Estou correndo muito bem e meu desempenho tem se mantido em progresso. A meta é finalizar o ano como artilheiro do brasileirão e trazer o título da Copa do Brasil para casa também.

A pressão não me tira o sono, ela é o ônus da carreira. Quando sou pressionado ao limite, o que muitas vezes acontece por ser o atacante e ter a maior parte da responsabilidade de marcar gols nas minhas costas, apenas paro e respiro, olhando para o que está bem à minha frente e me concentro nisso, lidando com uma coisa de cada vez.

Não sei como me tornei tão bom nessa tarefa, talvez porque vivenciar a perda dos meus pais muito jovem me ensinou que encarar um desafio por vez faz parecer que superar certos obstáculos pode se tornar mais fácil do que realmente é. Controle emocional é a chave para sobreviver nessa carreira e foi o que fez a minha alavancar meteoricamente. Me destaquei por ser um

jovem que aos dezoito anos se tornou titular e desde então não demonstrou nenhuma desestabilidade dentro de campo.

A questão é que respirar fundo e manter o foco no que realmente deveria importar não está funcionando.

Não quando tudo o que sempre sonhei está bem diante de mim.

Não quando descobri que a mulher dos meus sonhos já fantasiou comigo.

Não quando um baú de fragmentos da mente da minha melhor amiga está bem ao meu alcance, mas simplesmente não posso devorar todas as palavras por dois motivos:

1- Eu preciso trabalhar.

2- São setenta capítulos.

SETENTA CAPÍTULOS!

Com diversas páginas.

Eu comi, fui ao banheiro e treinei, tudo isso enquanto lia, mas simplesmente não acaba.

E quanto mais leio, mais quero ler.

Além de que, quando por algum motivo sou forçado a me desvencilhar da leitura, sempre acontece justamente quando estou diante de uma cena muito boa, é impressionante!

Isso e o fato de eu não ter dormido são a razão do meu estresse e ansiedade, não porque estou pensando em me drogar, esquecendo que existe o *antidoping*, para superar a expectativa do mundo do futebol.

Mas, com toda certeza, há um tipo de droga nessas páginas, não é possível algo me manter tão vidrado assim, sentindo o coração na garganta, as emoções à flor da pele, querendo cada vez mais.

— Não. Não é por causa da pressão — garanto, fazendo meus amigos relaxarem, em parte, pois Levi continua encabulado.

— Então por que está estranho? Tem algo para nos contar?

Penso um pouco, considerando a hipótese de revelar o que Júlia me confessou. Estamos afastados de outros jogadores, que treinam ao nosso redor, concentrados demais no próprio desempenho para notar que estamos entrosados fofocando.

— E se eu dissesse que a Júlia confessou já ter sido apaixonada por mim na adolescência?

— Eu vou rir — Levi pontua, já soltando uma risadinha.

Ao meu lado, Felipe soa curioso.

— É sério isso?

Assinto.

— Do nada ela resolveu te dizer isso? — o goleiro do Prizza quer saber.

— O assunto surgiu, por assim dizer. Por que estão duvidando tanto?

Toledo, babaca como é, trata de responder:

— Porque do jeito que você é emocionado, não dá para confiar. É capaz de ela só ter dito que te achava gatinho na adolescência e você já ter criado toda uma *fanfic* que só existiu na sua cabeça.

Aproveitando para usar a ironia das suas palavras contra ele mesmo, resolvo contar:

— Quem criou uma *fanfic* sobre nós foi ela, *literalmente.*

Eles se entreolham, o mesmo semblante confuso estampado nos rostos de cada um.

Levi é o primeiro a abrir a boca:

— Como assim ela criou uma *fanfic*?

Felipe vai logo em seguida:

— Que porra é *fanfic*?

Mas, felizmente, Enzo poupa o meu trabalho ao explicar:

— É uma história que *as* fãs criam com pessoas famosas, descrevendo um romance fictício baseado na realidade.

— No caso, ela escreveu antes de eu me tornar conhecido — acrescento.

— Tem seu nome na *fanfic*? — o loiro me lança um olhar cheio de desdém.

— Ela usou um nome… similar.

— Que nome?

— Pietro.

Levi prende o riso.

— Então não é para você.

— Claro que é para mim, ela admitiu — não me demoro em explicar quando percebo que tudo não passa de uma implicância da parte dele para me tirar do sério.

Enquanto isso, Felipe digita freneticamente no seu celular, sem deixar de pedalar na bicicleta.

— As pessoas escrevem essas coisas sobre mim também?

— Ôh se sim! — Enzo dá a volta para ficar ao lado do camisa seis e acompanhar a pesquisa. — Afinal, você é da velha guarda do futebol, foi o motivo de muitas siriricas adolescentes por aí.

O semblante de Felipe mostra o quanto a ideia o deixa horrorizado.

— Eu só tenho trinta e quatro anos, não fala merda. Como faço para denunciar todas essas histórias?

— Deixa de ser ranzinza, as meninas só querem sonhar.

— Aposto que você bate uma lendo as que fazem para você, né?

— Eu prefiro usar uma foto da sua mãe. Inclusive, viu que ela refez o silicone?

Enzo leva um chute no joelho pela sua ousadia, depois Felipe volta a pedalar sem tirar os olhos do celular, fazendo caras e bocas conforme vai descendo a página e se deparando com fotos suas estampadas nas capas de vários livros até decidir clicar em um.

— Não leia a sinopse, muito provavelmente vai se arrepender — aconselho, mas não adianta em nada, pois ele faz exatamente isso.

— Que porra é *age gap?*

— É diferença de idade, seu burraldinho — Levi intervém, tirando sarro, que é só o que ele sabe fazer.

— Não usa o nome do bruxo como um xingamento, é tipo criar um palavrão derivado da palavra “Deus”.

Levi revira os olhos. Está pronto para retrucar quando Gouvêa, nosso técnico, surge na academia, nos chamando para iniciar o treino em grupo.

Lá fora, no gramado ao ar livre do Centro de Treinamento, realizamos alguns exercícios de mobilidade, para então trocarmos passes de bola e treinarmos melhor o chute.

Por serem laterais, Levi e Felipe também aprimoram seus cruzamentos. Depois, iniciamos a partida, testando o plano de jogo que o treinador pretende usar contra o La Viera, principal time adversário, também natural do Rio de Janeiro.

Além do embate dentro de campo, também iremos enfrentar novamente este ano a evidente rixa entre os times que se perpetua há várias gerações. O lado bom é que sabemos o que esperar, afinal, viemos liderando o *ranking* de time com mais títulos no Brasil graças as muitas vitórias de finais que ganhamos em cima do time verde e branco.

Assim, entre o treino técnico e o tático, a hora se vai — não tão rápido quanto eu gostaria — mas logo me despeço do campo pingando de suor, me dirigindo ao banheiro junto com todos os jogadores, onde tomamos banho e partimos para a sessão de fisioterapia obrigatória pós-treino.

Após receber a massagem nas pernas para recuperação muscular e repor proteínas com um almoço bem servido, eu e meu grupinho dividimos uma hidromassagem de água gelada para relaxar ainda mais os músculos. A água com gelo faz com que nossos vasos sanguíneos se contraiam, diminuindo a circulação e gerando o efeito analgésico.

— E agora, qual o seu plano para fazer sua melhor amiga se lembrar que te ama? — é Enzo quem levanta o assunto.

Abro os olhos que mantive fechados enquanto imaginava que estava reproduzindo a cena do beijo que li essa manhã com Júlia.

Apesar de não ter afinidade com a literatura, estou impressionado com a maneira como minha melhor amiga é boa com as palavras. Suas descrições minuciosas dos sentimentos, que englobam até os sentidos dos personagens como olfato, tato, e visão perfeitamente, me transportam com maestria para dentro do universo mágico que criou.

Mas voltando a realidade não tão mágica assim…

— Nunca houve um plano exato. Acho que pensei que avançar o limite da intimidade física faria com que ela repentinamente se apaixonasse, mas percebi que não é assim que funciona. Júlia está sabendo separar muito bem as coisas, não parece confusa com seus sentimentos como pensei que ficaria.

— E o que pretende fazer para mudar isso?

— Preciso fazê-la se lembrar dos sentimentos não fraternais que já sentia por mim antes.

Um sorriso maquiavélico toma meu rosto sem que eu possa ter controle, porque o que tenho em mente é para lá de diabólico, principalmente algo envolvendo uma certa hidromassagem…

— Como vai fazer isso? Desembucha de uma vez, homem!

— Anda logo, tem criança latindo e cachorro chorando de tanta curiosidade — Levi diz, ironizando.

Não é novidade nenhuma ele estar zero por cento empolgado com a minha felicidade.

Felipe, por outro lado, parece bastante curioso. Ele não demora a notar a má intenção estampada em meu rosto.

— Não me diga que você vai…

Meu sorriso fica mais largo, um frio na barriga devido a expectativa me atingindo.

— Vou recriar as cenas que ela escreveu.



JÚLIA

Já passam das sete da noite quando acompanho Verônica, a cozinheira particular de Pedro, até a porta do apartamento dele e nos despedimos.

Todas as segundas ela vem para preparar as refeições que ele consumirá durante a semana, visto que precisam ter a quantidade de proteínas, carboidratos e nutrientes que o nutricionista esportivo recomendou seguidas à risca para que meu melhor amigo mantenha a sua massa muscular.

O serviço de receber a chef e supervisioná-la fica ao meu encargo. Foram longas horas até tudo ficar pronto e ser devidamente armazenado na geladeira. Como Pedro está lá embaixo fazendo o treino de musculação com

seu personal particular, fico sozinha no apartamento, aproveitando para anotar alguns compromissos da semana no pequeno quadro que ele mantém na geladeira.

Feito isso, dou uma última olhada para ver se tudo está em ordem e atravesso o corredor até o meu apartamento, acendo uma vela aromática, tomo um banho caprichado e retorno para a sala na companhia do meu notebook, me sentando à mesa.

Passei o dia inteiro ansiosa para esse momento, para a hora em que poderia revisitar o passado e sentir aquela adrenalina gostosa de todas as noites.

Ler sobre as coisas que eu imaginava viver com Pedro agora que tenho vinte e quatro anos tem um gostinho de nostalgia delicioso.

É excitante.

A Júlia de quatorze estaria surtando se soubesse o que rolou nessas últimas semanas, se soubesse que já experimentei seus lábios, assim como o sabor da sua excitação.

Abro a página do site de leituras, rindo comigo mesma, como todas as vezes que me deparo com a capa improvisada que fiz há muitos anos e com o título do livro: Meu Camisa 10.

A vergonha alheia me atinge sempre que vejo a sinopse, porque mesmo que eu esteja fazendo a releitura da história há uma semana, revejo a descrição religiosamente antes de ler para dar boas gargalhadas comigo mesma.

"*Ele é o atacante do Strix Futebol Clube.*
Eu sou uma estudante de publicidade.
Ele tem vinte e um anos.
Eu, dezoito.
Ele tem experiência na arte da conquista.
Eu sou uma boa estrategista de marketing.
Ele se meteu em um escândalo.
Eu sou a saída.
Ele vai me ensinar a ser atraente.
Eu vou ajudá-lo a se livrar de uma polêmica.
Aonde isso vai dar? Mal posso esperar para descobrir.
Só espero não me apaixonar…"

Após rir bastante, enfim me permito continuar a leitura de onde parei: no capítulo quarenta e dois. Só pelo título, já posso prever que será puro entretenimento: “Tá calor, tá quentinho”.

Basicamente o que acontece é que Giulia, nossa pobre universitária sonhadora que só quer um pauzinho para sentar, vai até a casa do promissor jogador de futebol para que ele cumpra com o combinado.

Depois de tê-la ensinado sobre como dar o melhor beijo da vida de um homem, Pietro resolve elevar o nível e apimentar as coisas.

É hora de ensinar Giulia a tocar um cara de um jeito inesquecível.

Ao chegar à cobertura do atacante, ela se surpreende ao ser recebida pela funcionária dele, que a leva até o seu quarto, onde Pietro lhe aguarda dentro de uma hidromassagem.

Quando descobre que a aula se trata de “preliminares” Giulia sente vontade de sair correndo, mas o jogador se levanta da hidromassagem para impedi-la e a sua atração pelo corpo esculpido por músculos totalmente nu à sua frente fala mais alto.

Gargalho ao ler a descrição do membro de Pietro: “*o mastro duro, com veias proeminentes e cabeça rosada emergiu da água junto com seu corpo imponente, atraindo meus olhos para o tamanho sobre-humano.”*

Então a danadinha ficou.

Não só ficou como aceitou o convite para entrar na hidromassagem de calcinha e sutiã e sentiu o pau dele com as mãos, aprendendo sobre a anatomia do sistema reprodutor masculino, se é que me entendem.

Sério, eu era muito promíscua. Culpo os hormônios. Menstruei naquela fase e senti que nunca mais fui a mesma depois disso. Apesar de me considerar sensível ao tópico “sexo” desde aquela época, podia me imaginar dando amassos com o meu melhor amigo e irmão adotivo sem me sentir enojada.

Oh se podia!

Durante toda a minha adolescência era só o que eu imaginava.

Menti para Pedro quando disse que a distância fez esses sentimentos se dissiparem. Não é verdade. Eles sempre existiram. A prova disso foi o episódio no meu banheiro há três semanas, quando me tocou e reacendeu uma chama que me forcei a apagar. Porque desde quando ele se foi, soube que não poderia haver um futuro entre nós dois.

A sua carreira sempre esteve em primeiro lugar.

E sempre vai estar.

É assim que deve ser.

Meu melhor amigo possui um propósito desde muito jovem e amadureceu cedo demais para aprender a lidar com os compromissos dos seus sonhos. Acho que se casar e formar uma família não está nos seus planos. Pedro se culpa todos os dias por não conseguir estar presente na vida da irmã e do sobrinho, sei que não submeteria a sua esposa e filhos a isso por puro egoísmo.

Já eu, por outro lado, sonho com isso. Sonho em ter para quem voltar para casa todos os dias. Sonho em ver brinquedos espalhados por todo lado. Sonho em proporcionar um lar saudável para os meus futuros filhos, o lar que eu não tive.

E, acima de tudo, sonho em ser a mãe que eu precisava ter tido.

Ainda não me sinto pronta para isso, há muita terapia e autoconhecimento até lá, mas sei que quero esse futuro com todas as partes de mim e me esforço todos os dias para ser capaz de realizar tal feito.

Quando percebo, estou mais pensando do que lendo. O que, definitivamente, não deveria estar fazendo. Ainda mais pensar em mim e Pedro juntos dessa maneira.

Se relacionar é complexo, mas se relacionar comigo é duas vezes mais. O homem precisa estar muito apaixonado e comprometido para não se irritar com tantas limitações que possuo. É preciso dedicação, quero um parceiro que tenha tempo para mim e uma vida tranquila para lidar com o caos da minha cabeça.

Duas coisas que Pedro não tem.

Depois de finalizar o capítulo, resolvo dar uma olhada nos comentários que as pessoas deixaram no meu perfil. Tem um da semana passada.

“Por favor, Jujubaaaaa, você precisa escrever o final de MCD, EU IMPLORO.”

Rolo mais para baixo, encontrando outros:

“*É sério, eu vou encontrar o endereço dessa autora e obrigar essa cachorra a escrever o final deste livro. É SIMPLESMENTE O MELHOR QUE JÁ LI.”*

“Já se passaram anos, mas sempre volto aqui para reler essa história que marcou a minha adolescência. Só queria um final feliz para Pietro e Giulia.

É pedir demais, autora?”

“Por favor, @jujubacolorida, escreva o final de MCD!!! Tem criança latindo e cachorro chorando.”

“Quem concorda em fazermos uma petição para ela voltar a escrever?”

“O que será que aconteceu com a Jujuba? Minha autora favorita está morta? NÃO PODE SER!!!!!!”

Passo horas lendo os comentários, um por um, até chegar à conclusão de que são infinitos, pois até agora consegui ler somente os publicados no ano passado. Abaixo há muitos outros de anos anteriores.

Mediante as mensagens de preocupação e carinho, resolvo me pronunciar. Ansiedade corroendo meu estômago quando abro a aba de publicações do perfil e começo a digitar.

“Não, eu não estou morta. É que virei adulta e como vocês bem sabem, a vida adulta não é nenhum morango. Mas ouvi o clamor de vocês e estou aqui para avisar que estou sobrevivendo durante todos esses anos (mesmo tendo que declarar imposto de renda, aaaaa, odeio!) e estou pensando em dar um final digno a história de Pietro e Giulia devido ao valor emocional que ela tem para todas nós. O que acham? Andei relendo o livro e as engrenagens da minha mente fértil voltaram a trabalhar. Sinto que devo isso a vocês por se manterem tão fiéis por todos esses anos mesmo com a minha ausência. Tenho os meus motivos para não ter finalizado essa história na época, mas agora sinto que estou pronta para revisitar o passado e terminar MCD com chave de ouro.
Muito obrigada pelo carinho e mensagens de apoio. Amo vocês!
E, NÃO, ISSO NÃO É UM TREINAMENTO.
É REAL.
#PIULIA ESTÁ DE VOLTA!”

Termino de escrever o comunicado com lágrimas nos olhos e fecho o notebook. É inexplicável a sensação que domina meu peito depois de revisitar o que durante muito tempo foi a minha válvula de escape e perceber que a história que eu escrevi fez a diferença na vida de outras pessoas assim como mudou o rumo da minha.

O ruído de notificação vindo do meu celular me tira do devaneio e me levanto da mesa para pegá-lo no sofá. É uma mensagem de Pedro.

Pedro: Vem ficar aqui comigo. Está quase na hora de dormir.

Sorrio para a tela, digitando uma resposta rápida.

Eu: Estou indo.

Vestindo um pijama azul-marinho, deixo o meu apartamento levando apenas o telefone. Não toco a campainha, pois tenho acesso usando a minha digital na fechadura tecnológica.

— Pepi? — minha voz ecoa pela sala.

Ele não está aqui.

Caminho pelo corredor, observando um facho de luz vindo da porta aberta do quarto dele. Ao adentrar o cômodo, descubro que a iluminação vem do banheiro.

Encabulada, deixo meu celular na mesa de cabeceira do meu lado da cama e dou alguns passos na direção da porta aberta do banheiro.

— Pedro? — chamo mais uma vez, começando a ficar preocupada.

— Estou aqui — responde, sua voz ecoando pelo cômodo imenso. Não passo do limite da porta, não conseguindo vê-lo do ângulo em que estou, apenas ouvindo sua voz rouca dizer: — Vem cá.

Engulo em seco, sentindo uma certa tensão no ar. Ou talvez seja apenas a expectativa crescente em meu âmago para descobrir seja lá o que ele está tramando.

— O que está fazendo? — pergunto um pouco tarde demais, pois descubro com meus próprios olhos.

Tenho certeza de que minhas pupilas dilatam diante da visão do corpo do meu melhor amigo parcialmente submerso na hidromassagem, assim como sinto minhas bochechas esquentarem e um tremor atingir as minhas pernas.

Pedro está coberto de água com espuma. Brincando com uma porção dela, ele me lança um olhar cheio de malícia que termina de me deixar fraca.

— Estou só tomando um banho. — Sem deixar de me contemplar, espalha uma parte do sabão pelo peito livre de pelos e depois o restante pela extensão de um dos seus braços repletos de tatuagens.

É um pouco vergonhoso e ao mesmo tempo sexy.

Não sei se rio dele ou se abaixo o *short* para ele.

Dúvida cruel.

— Vou te esperar na cama. — Desvio o olhar, fazendo menção a sair pela porta, mas suas palavras me fazem congelar no lugar, meus pés esquentando sobre o piso gelado de mármore.

— E se você me esperasse aqui dentro?

Finjo observar a arquitetura do banheiro para não cair na tentação.

É um belo banheiro. Enorme. Chão e paredes de mármore branco. Uma hidromassagem no centro do cômodo, de frente para um grande espelho posicionado sobre a pia com os lavabos. E ainda conta com um box de vidro no canto direito para um banho no chuveiro e uma privada moderna do outro lado.

— Ham… eu quero ler um pouco antes de dormir. Prefiro te esperar na cama.

Me viro, dessa vez realmente disposta a fugir daqui o mais rápido possível, pois sinto que posso estar prestes a pular muitas etapas para simplesmente ter o pau do meu melhor amigo entre as minhas pernas agora mesmo.

No entanto, novamente sou impedida.

— Venha aqui. Está na hora da aula de preliminares.

Minha primeira reação é ceder ao choque, que paralisa todas as partes do meu corpo. Em seguida, explodo em uma crise de risos que ecoa fortemente pelo ambiente.

— Do que está rindo? — ele indaga, confuso.

Quando volto a me virar na sua direção, encontro-o conferindo algo no celular com a mão que não está molhada.

É então que a compreensão me atinge.

E a minha terceira reação é prender o ar.

Sabia que já tinha ouvido isso em algum lugar, ou melhor, lido!

— Você leu? — meu tom é firme e incriminatório. Pedro apenas me encara, amedrontado, ainda em posse do celular. Dou um passo à frente, incrédula. — Não pode ser! Como você leu?

Seu pomo de adão me tira momentaneamente do eixo quando meu melhor amigo engole em seco, sem saber o que dizer. Ele não se esquiva quando me aproximo da hidromassagem e roubo o celular da sua mão, constatando com meus próprios olhos o que a minha mente estava custando a aceitar.

Ele leu.

ELE LEU!

— Você prometeu que nunca leria! — Disparo um soco no seu ombro que parece feito de aço, pois Pedro nem sai do lugar, muito menos expressa dor em seu semblante.

Ele apenas coça a nuca, me encarando meio sem jeito.

— Eu prometi anos atrás. E isso foi antes de saber que fui a sua inspiração. Tenho o direito de saber o que escreveu pensando em mim. — Gentilmente, toma o celular das minhas mãos.

Estou tão perplexa com toda a situação que permito, piscando sem parar, ainda custando a acreditar que isso realmente está acontecendo.

— Vou apagar tudo! — em questão de milésimos de segundos, Pedro usa seu reflexo digno de uma águia para me impedir de correr para fora daqui com os braços que agilmente envolveu em torno da minha cintura, em um aperto que me põe sentada sobre a beirada da hidromassagem e faz um pouco de água respingar no piso com o movimento brusco.

— Nem pensar. Esse daqui vai ser o próximo *best seller* nacional. Você precisa publicar esse livro, sério.

A parte de trás da minha camisa fica úmida quando Pedro pressiona seu peito contra as minhas costas, sua boca ficando a centímetros do lóbulo da minha orelha.

— Para de me zoar! — brado, tentando me soltar do seu aperto, só tentando mesmo, pois os braços dele não se movem nenhum milímetro. — E me solta!

— Só se você me prometer que não vai apagar a história.

— Você quebrou a promessa que me fez, não te devo nada.

— Isso foi há muitos anos, não vale!

— Promessa é promessa!

— Eu nem jurei de dedinho, então não conta.

— NÃO IMPORTA! — por mais que grite e tente me desvencilhar, não consigo. — Será que dá para me soltar?

— Não! — ele me aperta mais, aconchegando o queixo no topo da minha cabeça. — Se serve de consolo, eu já estou no capítulo setenta e seis, faltam apenas quatorze para o final.

Arregalo os olhos, o encarando pelo espelho do banheiro que reflete a imagem de Pedro sorrindo atrás de mim.

Maldita foi a hora em que resolvi confessar sobre essa *fanfic*, sério! Por que eu tinha que abrir a minha boca?

Setenta e seis.

Ele já leu até o capítulo setenta e seis, caramba!

Quer dizer que meu melhor amigo já passou pela cena da hidromassagem, da piscina, do banheiro da lanchonete, da escada de incêndio, do elevador, da lareira, do estacionamento… Ou seja, ele já leu todos os *hots*.

A constatação faz com que eu volte a me debater, querendo de todo jeito fugir para bem longe daqui e dele.

— É sério que depois de tudo o que já fizemos está com vergonha por causa de um livro? — sua voz soprando rente ao meu pescoço arrepia os pelinhos da minha nuca e um botãozinho sensível no meio das minhas pernas. — Não devia. Estou me divertindo muito lendo.

— Já mandei parar de tirar sarro de mim! — ameaço, me esquivando da sua boca que se aproxima para capturar o lóbulo da minha orelha.

Fiquei uma semana inteira tendo que sair de casa usando maquiagem sobre o pescoço no calor de quarenta graus do Rio de Janeiro para cobrir o último chupão que ele me deu, não quero passar por isso de novo.

Depois de livrar minha pele dos seus dentes, ele ri da minha irritação, brincando com o fogo, pois no estado de descontrole em que me encontro, não respondo por mim.

— Estou falando sério. Gostei mesmo da história. É divertida, quente e muito interessante. Mal estou me aguentando para chegar ao final e descobrir se o Pietro vai mesmo ter coragem de aceitar a proposta do time e se mudar para outro país sem a Giulia. Tomara que não. Você não faria isso, certo? — ele me encara pelo espelho, genuinamente preocupado com a possibilidade.

Então Pedro está mesmo falando sério? Realmente gostou do livro e continuou a ler por diversão, não apenas para tirar uma com a minha cara?

Baixo a guarda, percebendo que talvez esteja sendo dura demais com ele apenas como mecanismo de proteção, afinal ficaria muito decepcionada se o meu melhor amigo achasse essa história péssima e questionasse a minha índole por tê-la escrito.

É o que sempre pensei que as pessoas que me conheciam imaginariam caso lessem. Mas é claro que Pedro Brassard nunca faria algo assim, nunca seria insensível dessa maneira, eu é quem me autossaboto para pensar que sim, porque não sei lidar com elogios.

Principalmente com os elogios dele.

— Você realmente achou legal? — a pergunta não passa de um sussurro quando deixa os meus lábios.

Ele assente, seu queixo pressionando o topo de minha cabeça e seus braços ainda a minha volta, mas agora em um aperto menos possessivo.

— Não imaginei que fosse gostar tanto, mas fiquei super envolvido. Inclusive, pretendo chegar ao final da história hoje, se você não se incomodar de eu ler ao seu lado na nossa cama.

Nossa cama.

Por que meu coração erra algumas batidas quando ouço isso?

Estranho.

Não deveria significar tanto. É só uma cama que estamos partilhando há três semanas. Tudo pelo meu desenvolvimento pessoal. Nada além disso.

— Não tem um final — solto a bomba, observando a sua reação pelo espelho.

Pedro pisca várias vezes, incrédulo.

— Você só pode estar brincando comigo! — parece realmente não acreditar.

— Não é brincadeira. Não escrevi até o final. Você não viu os milhares de comentários implorando pela finalização?

Nega.

— Não sabia que você era cruel desse jeito, baixinha! — Solto uma gargalhada que o faz fechar a cara. — Não tem graça. A partir de amanhã a senhorita está de férias forçadas e só vai sair de casa quando escrever um final para Pietro e Giulia.

Deixo outra risada escapar, não acreditando que possa estar falando sério.

— E quem vai cuidar da sua agenda? Supervisionar as pessoas que prestam serviços para você? Agendar suas consultas? Hã?

— Ricardo vai providenciar alguém provisoriamente para cuidar disso, sua prioridade é outra. Se preocupe apenas em aguçar a sua criatividade.

— Não pode estar falando sério, Pedro!

Para provar que sim, ele me vira sobre a beirada da banheira, me encarando com seriedade quando diz:

— É uma ordem. Você não tira férias desde o ano retrasado.

— Você não gosta de ter que abrir a sua vida para alguém que acabou de conhecer — pontuo.

Meu melhor amigo é reservado demais para se sentir confortável com uma pessoa totalmente desconhecida lidando com aspectos tão pessoais da sua vida. Foi assim com Edgar, seu empresário. Ele passou um sufoco danado

até conquistar a confiança de Pedro. A pessoa que ocupar o meu lugar passará pelo mesmo ou talvez até pior.

— Posso lidar com isso se significar que Pietro e Giulia terão um final feliz. — De repente, me lança um olhar assustado que não entendo de imediato. — Você pretende dar um final feliz para eles, não é?

Seu tom exala preocupação, me fazendo rir.

— É. Acho que sim — minto, só para ver o nível de aflição dele com a mera probabilidade de os dois não terminarem a história juntos.

Acho que sou incapaz de escrever um romance com final trágico. *A Culpa é das Estrelas* me traumatizou completamente.

— Não brinca com isso, baixinha. Não vejo porque eles não teriam um final feliz. Pietro recebeu uma proposta para jogar na Espanha e tenho certeza de que Giulia o acompanharia se ele pedisse.

— Mas e a vida dela? A faculdade, os amigos, a família…

— Acha errado que a personagem abdique disso tudo para estar ao lado do homem que ama? Isso seria hipócrita da sua parte, já que largou tudo em São Paulo sem pensar duas vezes para estar comigo.

— É diferente.

— Não é. Giulia pode prosseguir com seus sonhos na Espanha enquanto apoia o do amor da vida dela. É simples. Você quem colocou meus objetivos na frente da sua realização. E está na hora de mudarmos isso.

Ele aperta meus ombros, tirando o peso que durante muito tempo carreguei neles por pensar que seria egoísta da minha parte abandoná-lo durante essa fase da sua vida para perseguir minhas próprias ambições.

Quando Pedro me puxa para um abraço, me agarro ao seu corpo, afundando o rosto em seu peito e aspirando o aroma da sua loção amadeirada misturada com o resquício de suor do treino.

Se o sentimento de segurança tivesse um odor, seria o dele.

E se eu pudesse resumir a palavra conforto a algo, seria ao seu abraço.

— E o que estava pensando quando usou a frase de Pietro comigo? — ergo o rosto para olhar bem nos seus olhos enquanto responde.

Um lampejo de receio cruza o seu olhar e sinto o exato momento em que prende a respiração.

— Eu estava… Eu estava querendo… — engole em seco, sem saber ao certo como terminar a frase — te mostrar uma coisa. É isso. Eu estava querendo criar um clima entre a gente, recriando a cena para te mostrar uma coisa.

Franzo o cenho, não comprando a sua explicação, mas mesmo assim decido aceitar a sua desculpa.

— Pode me mostrar agora.

Basta um segundo ou menos para que um sorriso diabólico apareça nos lábios dele, provocando um arrepio que percorre toda a minha espinha.

— Tira o pijama. E a calcinha — ordena, ficando de joelhos na hidromassagem.

Engulo meu nervosismo a seco, me levantando para cumprir a sua ordem prontamente.

Não sei como chegamos ao ponto de eu me sentir completamente confiante para me despir com tanta facilidade na frente de um homem, só sei que não quero outra vida.

Abro os botões da camiseta um a um, lentamente, apreciando a expectativa que transborda no olhar dele e me contagia a continuar lhe provocando.

Meus mamilos estão entumecidos quando jogo o tecido no chão e fico com o tronco nu. Assisto, excitada, Pedro umedecer os lábios ao admirar meus seios. Demoro um pouco para tirar o *short*, engatando os dedos no cós e descendo a peça demoradamente pelas minhas pernas até tirá-la pelos pés, a jogando no chão perto de onde a camiseta caiu.

— Não estou usando calcinha — a afirmação não é necessária, visto que Pedro constata isso com os próprios olhos, suas pupilas dilatadas de desejo ao contemplar meu sexo com tanto afinco.

— Melhor ainda. Vem cá.

Ele estende a mão para que eu entre na banheira, mas me coloca sentada na beirada a sua frente, abrindo as minhas pernas bem diante do seu rosto.

É então que me dou conta do que pretende fazer.

Meu clitóris fica protuberante com a ideia de sentir seus lábios nele, mas uma pontada de receio me atinge. Pedro percebe, me acalmando com o olhar enquanto percorre meu tronco com os dedos, apalpando meus seios.

Um pouco de água respinga nas minhas coxas quando ergue seu corpo o suficiente para que sua boca alcance meu pescoço, distribuindo beijos que provocam um longo arrepio por todas as minhas terminações nervosas.

Me apoio à beirada da banheira com os braços esticados à medida que os lábios de Pedro encontram um dos meus seios sensíveis.

Ele o abocanha, engolindo toda a aréola, que desliza por entre os seus dentes em uma carícia dolorosamente excitante. Meu melhor amigo repete o

processo várias vezes, me fazendo revirar os olhos a cada segundo de prazer. O deleite se intensifica quando espreme meus seios um contra o outro e chupa os dois mamilos ao mesmo tempo.

— Pedro… — ofego mais, me abro mais, roçando minha boceta úmida sobre o seu peito em busca de alívio.

Sinto seus olhos atentos ao meu rosto o tempo todo, mas estou perdida demais no meu próprio deleite para contemplar a luxúria nas suas orbes.

Quando desliza dois dedos sobre as minhas dobras, solto um longo suspiro de satisfação, no entanto, Pedro não se preocupa em me aliviar de imediato, suas digitais investigam o quanto estou lubrificada, o quanto o quero dentro de mim. Com a confirmação, ele desce mais a boca, demorando um pouco em beijar a minha barriga. O prazer fica em segundo plano quando observo a devoção cintilando nas suas íris.

Durante muito tempo, minha barriga e as minhas celulites foram as minhas maiores inseguranças, o que me levava a pensar que quando fosse ter uma relação sexual, iria querer que fosse no escuro total, para não ser capaz de enxergar a decepção nos olhos de um homem ao me ver nua. Agora, diante do olhar faminto de Pedro, percebo como isso é uma grande bobagem.

Se um homem não estiver satisfeito com o meu corpo, eu tenho que mudar de homem e não mudar o meu corpo.

Sou uma mulher gorda e saudável, meu corpo é o meu templo, o meu lar. Eu me olho no espelho com carinho e satisfação. Não posso tolerar nada menos do que isso de um homem.

A maneira como me sinto enquanto sou agraciada pela visão do meu melhor amigo me contemplando com tanta adoração e respeito só confirma isso.

— Pedro, eu… — arqueio as costas quando sinto sua barba aparada roçar o meu monte pubiano, me fazendo perder o raciocínio. Antes que ele desça mais, o impeço, segurando gentilmente a sua cabeça para que olhe para mim. — Nenhum homem nunca me… você sabe.

— Imaginei que não. — Sorri de canto. — Mas ainda bem que serei o seu primeiro.

— Por quê?

— Para eu te ensinar a não aceitar menos do que vou te oferecer hoje.

— O que quer dizer com isso?

— Se um homem não gosta de te fazer de óculos, ele não te merece.

— Me fazer de óculos?

— Você sabe, o rosto dele entre as suas pernas e as suas pernas em volta do rosto dele.

É a minha vez de sorrir para ele.

A cada dia que passa, me pergunto se realmente serei capaz de superar o acontecimento que está sendo ter Pedro como meu primeiro em vários quesitos. O pensamento é varrido para longe quando seu rosto se aproxima da minha intimidade.

Minha frequência cardíaca se eleva ao assisti-lo varrer minha boceta molhada com a língua em uma carícia que termina com ele lambendo os lábios para apreciar o meu sabor.

Tudo isso sem tirar os olhos dos meus.

Abro mais as pernas, gemendo de prazer ao sentir sua boca me beijar no meio delas, a língua gelada se concentrando em vasculhar a minha fenda enquanto o lábio superior acaricia meu clitóris.

Sou agraciada pela visão dos músculos dos seus ombros se contraindo à medida que traz o meu quadril mais para a beirada da banheira, me mantendo refém da sua boca pelo aperto que firma em minha bunda.

Cedo a necessidade de acariciar o cabelo curto de Pedro aparado rente a cabeça com meus dedos, massageando a raiz enquanto aperto os olhos, totalmente entregue às sensações que me consomem nesse momento.

— Oh! — minhas costas arqueiam sobre o mármore, o gemido ecoando pelo interior do banheiro quando sinto os lábios dele sugando meu clitóris pela primeira vez.

É enervante, totalmente diferente de tudo o que já tinha me feito experimentar. Sou transportada para um lugar muito distante pelas carícias que Pedro me proporciona. É como ser lançada para o ar por alguém que impulsiona forte o balanço.

Meu melhor amigo me suga com firmeza, seus dedos espremendo meus mamilos, fazendo com que eu passe a gritar de tanto deleite.

— Pedro — chamo, sentindo que estou quase lá. Estou quase chegando ao topo, só preciso de mais uma coisinha.

Aperto seu pulso direito, fazendo com que ele largue meu seio e aceite o meu comando. Levo sua mão até o meio das minhas pernas, indicando que quero que coloque um dedo dentro de mim enquanto me chupa.

Luxúria transborda das suas íris com o pedido silencioso, que ele atende prontamente, deslizando o indicador pela minha fenda escorregadia. Como se não bastasse isso, Pedro dobra o dedo, roçando a sua digital em uma parte

muito sensível dentro da minha vagina que nem mesmo eu conhecia. Cada vez que toca ali, sinto um raio de excitação atingir o meu corpo inteiro.

Estremeço violentamente, a essa altura gritando feito uma louca. Aposto que sou a própria definição de bagunça nesse momento.

— Meu Deus! — ofego, apertando os olhos ao sentir o êxtase chegando.

Suor escorre pelo meu corpo, a garganta seca de tanto gritar, os pulmões em chamas de tanto ofegar e o coração batendo a mil.

Seu dedo e lábios trabalham em sincronia para me oferecer o melhor, e apesar de ser a primeira vez que alguém me faz gozar com a boca, sei que ficará marcada para sempre.

Simplesmente sei.

É aqui que Pedro se consolida como um homem inesquecível.

Quando me faz tocar as estrelas ao me lançar no balanço o mais alto que pode, o orgasmo me atingindo violentamente.

Meu melhor amigo mantém seu rosto pressionado no meio das minhas pernas pelas mãos que comprimem minha bunda em um aperto dolorosamente excitante enquanto me contorço sobre o mármore, cavalgando na direção da sua boca, em busca de mais, como se ele já não estivesse me dando prazer suficiente para eu saber que nunca me esquecerei dessa sensação.

Dessa vez, o orgasmo dura um pouco mais. Quando se vai, deixa meu corpo lânguido, esvaindo as forças dele, minha respiração voltando ao normal aos poucos.

A barba de Pedro está toda suja com a minha lubrificação quando ergue o rosto para me encarar, querendo ter certeza de que entregou tudo o que prometeu.

E mais um pouco, Pepi.

Você entregou tudo e mais um pouco.

— Obrigada — arranjo forças para dizer, mas não tenho nenhuma para manter os olhos abertos depois que digo isso, apenas sinto os braços dele envolvendo o meu quadril e se enfiando por debaixo das minhas axilas para me erguer.

Alguns instantes depois, sinto a textura do colchão macio sob as minhas costas e não contenho um sorriso.

Aposto que ele molhou o quarto todo pelo caminho, mas não importa.

Nem para mim, nem para Pedro.

— De nada. É sempre um prazer.

E assim, deposita um beijo casto na minha testa, posteriormente me cobrindo com o cobertor. Pouco tempo depois, sinto seu corpo agora seco e vestido com uma cueca se aconchegar atrás do meu.

Adormeço em seguida, me sentindo segura, agradecida e satisfeita por tê-lo ao meu lado em todos os sentidos da palavra.



JÚLIA

Na manhã seguinte, rolo para o lado na cama e não encontro o corpo de quase dois metros de altura com o qual já me acostumei a dormir, o que me faz abrir os olhos rapidamente.

O que encontro é um *post-it* amarelo grudado sobre o meu notebook, esse que descansa em cima da mesinha de cabeceira.

Me estico para pegar o papel, reconhecendo a letra do meu melhor amigo.

> *"Não tive coragem de te acordar, você ficou exausta depois de… sabe o quê, precisa descansar. E escrever. Quando estiver disposta, trate de*

começar a escrever! E não esqueça de comer. Você tem mania de esquecer de se alimentar quando está atarefada. Não faça isso. Coma as minhas marmitas, vou fazer todas as refeições no CT por causa da concentração.
É isso.
Te vejo no jogo.
Beijos na boca.”

Sorrio para as palavras escritas em uma letra cursiva desleixada, mas que alteram as batidas do meu coração para uma frequência elevada.

Com toda a loucura do dia anterior, esqueci que hoje é dia de jogo contra o La Viera, principal rival nacional. É um clássico carioca. Ninguém vai perder. A atenção do país inteiro vai estar voltada para essa disputa.

Hoje o Prizza joga em casa, no entanto, Mário Gouvêa não abre mão do ritual de concentração antes do jogo, que consiste em uma espécie de quarentena para os jogadores, que se reúnem no Centro de Treinamento, ou no hotel caso estejam em outra cidade, para se preparem bem para a disputa.

Eles precisam se apresentar no clube bem cedo pela manhã e permanecem lá até o horário de entrarem em campo. Fazem refeições balanceadas e pensadas para esse tipo de competição, bem como realizam um último treino em grupo, repassam a estratégia de jogo e descansam antes do grande momento.

Sento na cama, sentindo um bem-vindo friozinho na barriga quando pego o notebook para entrar no site de livros gratuitos e checar se alguém respondeu ao recado que deixei ontem. Simplesmente fico de queixo caído ao ver que mais de mil pessoas comentaram na publicação e que a mesma possui mais de dez mil curtidas. Rolo a tela, lendo o máximo de comentários que consigo.

“NÃO ACREDITOOO. Ela está de volta! The queen is back!!!!”

“Aaaaaaa, esperei tanto por isso.”

“Finalmente Deus ouviu o nosso choro.”

“Seja bem-vinda de volta, rainha Jujuba.”

“Quando vem o próximo capítulo?”

Rio com a última mensagem, meu coração transbordando de alegria.

Quem diria que a história que escrevi sem expectativa alguma conquistaria tantas pessoas?

A Júlia de dezesseis anos estaria incrédula com todo esse carinho. Ela jamais imaginou que a história que escreveu para sobreviver se tornaria uma fonte ainda maior de perseverança na sua vida devido às leitoras que cativou pelo caminho.

É com esse sentimento de gratidão explodindo dentro de mim que abro um arquivo em branco no Word, onde escrevo o título: “capítulo setenta e sete”.

Confesso que depois de iniciar a releitura da história, choveram ideias novas para a continuação dela. Anotei todas, fazendo um pequeno mapa mental de temas que deveriam ser abordados até o final do enredo. Não tinha certeza se, de fato, chegaria a finalizar esse livro, mas agora não me faltam motivos para encerrar esse ciclo e, quem sabe, iniciar outras histórias autorais.

Antes de pensar em retomar a escrita, gasto as primeiras horas lendo os últimos capítulos escritos, na intenção de pegar o fio da meada e entender exatamente onde parei. Feito um roteiro dos capítulos finais baseado nas minhas anotações para não deixar nenhuma ponta solta, agora sim posso colocar a mão na massa.

Assim que visualizo tudo o que deve acontecer neste capítulo, meus dedos passam a trabalhar com fluidez sobre o teclado. É como se eu nunca tivesse parado de escrever. É como abraçar a antiga Júlia. Sou transportada para um ambiente nostálgico e acolhedor, exatamente a mesma sensação que tinha ao escrever para mim mesma, dando asas à minha imaginação, fugindo do lado obscuro da minha mente.

É como voltar para casa depois de uma longa viagem. Você se dá conta de que ama conhecer lugares novos, mas é sempre bom ter para onde retornar.

Constato que escrever é mais do que uma válvula de escape, é o meu lar, é quem eu sou, a melhor parte do meu ser. Me arrependo tanto de tê-lo colocado em segundo plano.

Como pude viver por todos esses anos sem isso? Sem essa satisfação transbordando pelo meu âmago, essa certeza de que não posso mudar completamente o mundo, mas posso escrever e sonhar com um mundo melhor, um mundo mágico onde a justiça prevalece e o amor verdadeiro não é um artigo de luxo?

“*Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele*”.

Tenho a frase de Monteiro Lobato marcada na pele, tatuada no alto das minhas costelas, de tanto que ela significa para mim e resume tudo o que penso sobre o papel da literatura na vida das pessoas.

Poder voltar a impactar o dia a dia de alguém com as minhas palavras é uma dádiva. Voltei a sentir o mesmo de quando tinha dezesseis anos, mas não dei ouvidos àquela voz me dizendo: *quero fazer isso pelo resto da minha existência.*

Enquanto eu viver, quero escrever.

As próximas horas passam sem que eu me dê conta, de tão concentrada na escrita que fico. Quando percebo, já são quatro da tarde e preciso desligar o notebook para me arrumar se quiser chegar ao estádio a tempo de ver Pedro jogar.

Como ele mesmo previu, não comi nada por horas. Para não desmaiar no caminho, faço uma refeição rápida, comendo uma de suas marmitas proteicas de batata-doce com frango ao molho de mostarda. Depois, tomo um banho na velocidade da luz, vestindo uma saia de couro preta e por cima a camisa do Prizza com o número do meu melhor amigo. Nos pés, calço uma papete *Birken* preta, prezando pelo conforto.

Antes de sair, me certifico de pegar o celular do Pedro, visto que uma das exigências do treinador é que aparelhos eletrônicos são proibidos durante a concentração. Lá embaixo, um dos motoristas particulares do time me aguarda para me levar em segurança até o estádio. A viagem dura cerca de uma hora de Copacabana até à Gávea, devido ao engarrafamento previsível em dia de jogo, ainda mais um clássico Prizza versus La Viera.

Ao chegar, sou encaminhada pela equipe do time até a parte da área VIP do estádio destinada aos familiares e convidados dos jogadores para que assistam a partida.

Assim que me vê, a garotinha de seis anos corre em minha direção, pulando no meu colo. Sou rápida em amparar seu corpo, apreciando cada segundo do abraço apertado que recebo.

— Tia Jubaaaaa!

— Que saudades de você, garota! — balanço a garotinha em meu colo, ainda abraçadas.

Bianca tem cheiro de algodão doce e um sorriso lindo. É tão parecida com Enzo que não tem quem não brinque que ela nasceu “cuspida e escarrada” o goleiro.

— Saudades também. — Bibi desce dos meus braços, mas entrelaça as nossas mãos enquanto avalia a minha vestimenta. — Olha, tia, estamos combinando!

Ela veste a versão infantil da camiseta do time com o número do seu pai e assim como eu, uma saia preta e rasteirinha.

— Estamos mesmo! — sorrio, compartilhando da animação dela.

— Ah, olha só a minha sainha e a minha blusinha, blá blá blá, como eu sou chatinha… — a voz debochada de Theo surge atrás de mim.

Ao me virar, encontro o menino de oito anos carregando um balde de pipoca gigante e um refrigerante tão exagerado quanto. Logo em seguida, Melinda surge ao lado dele, pronta para recriminá-lo.

— Eu já disse para você ser mais gentil com a Bibi, Theo. Peça desculpas agora.

Com um revirar dos seus olhos verdes, o menino obedece, nitidamente a contragosto.

— Me desculpe pela minha ignorância. Vou ser mais sutil da próxima vez.

Prendo o riso ao olhar para Melinda e encontrá-la também contendo a risada. Como um garoto tão novo pode usar um vocabulário tão rebuscado e transformá-lo em uma arma carregada de ironia?

Isso só pode ser coisa do Levi. Aposto que o camisa oito corrompe a índole do filho da sua governanta sempre que tem a oportunidade.

— Vamos nos sentar — Melinda propõe, me cumprimentando como consegue enquanto segura dois copos de refrigerante.

Ao olhar ao redor, encontro um par de olhos azuis me contemplando. Trata-se de Fernando Prezzoti, o irmão mais velho e empresário de Felipe. Um quarentão de respeito, eu diria. Seus cabelos escuros já ostentam algumas mechas brancas que só aumentam o seu charme.

Aceno para ele, sentado na última fileira do espaço vip ao lado de outros empresários do time, que retribui o gesto com um lindo sorriso capaz de destruir calcinhas. Após o breve cumprimento, sigo Melinda para me sentar com ela. Tomamos os lugares na mesma fileira onde a babá de Bianca permanece sentada.

Camila cuida da garotinha praticamente desde que a menina nasceu. Agora grávida de quatro meses, ela vai precisar se ausentar durante o período de licença-maternidade. Enquanto esperamos o jogo começar, conversamos sobre o assunto.

— Estou muito preocupada sobre como a Bibi vai lidar com a minha falta — Cami confessa, falando baixo para que a criança não ouça enquanto rouba algumas pipocas do balde de Theo e os dois discutem.

— Enzo já sabe quem ficará no seu lugar? — é Melinda quem pergunta.

A babá nega.

— Ele está evitando pensar nisso para não se desconcentrar, porque sabe que será estressante o processo de encontrar uma substituta.

Eu e Melinda assentimos, compadecidas com a situação. Pelo fato de a mãe de Bianca ser totalmente ausente e devido a rotina de Enzo ser atarefada, uma babá para atender as necessidades da garotinha se faz necessária. Durante todos esses anos, o goleiro pôde contar com Camila para não só cuidar de sua filha como também para compensar a falta que uma figura feminina faz ao crescimento dela. Mais do que uma funcionária, ela é alguém por quem Bianca possui muito apego. As duas nunca ficaram tão longe uma da outra. Será um processo doloroso, mas necessário.

— Pode contar comigo para o que precisar. Vou avisar ao Enzo que estou à disposição para ajudá-lo com Bianca nessa fase — afirmo, apertando a mão de Camila em solidariedade, que sorri para mim, agradecida.

— Conta comigo também — Melinda diz, também se solidarizando. — Apesar de Levi não me dar um minuto de paz, com certeza posso dar um jeito para ajudar.

— Obrigada, meninas. Esse apoio será de grande ajuda.

Nossa atenção é atraída para o campo quando os times formam uma fila, um de cada lado, com as bandeiras estendidas atrás deles para o início das solenidades. Após o canto dos hinos, Felipe, o capitão do Prizza, se reúne com Gael Figueiredo, capitão do La Viera, para o tradicional “cara ou coroa” que o árbitro fiscaliza. O ganhador escolhe o campo que quer jogar e o outro fica com o poder de dar o tiro inicial para o começo da partida.

Nesse caso, o Prizza vence e resolve ficar com o campo da direita.

Com os jogadores devidamente em suas posições, o árbitro dá o primeiro apito e o estádio lotado com mais de cinquenta mil pessoas fica praticamente em silêncio. O centroavante do time adversário se aproxima da bola posicionada no centro do campo e dá o primeiro passe para o lateral direito. É então que o Prizza entra em ação.

Levi parte para a marcação do lateral que está com a bola, levando algumas rasteiras, mas depois de interceptar uma tentativa de jogada conhecida como “chapéu” — que consiste em driblar o oponente passando a

bola por cima da cabeça dele — para a bola com o seu peito e chuta para Pedro, que já esperava o passe e não perde a oportunidade, correndo em direção ao campo do *La Viera* a todo vapor com a bola sob o comando da sua chuteira.

Invadindo a área defensiva do oponente, Felipe aguarda o atacante, que agilmente lhe passa a bola antes que o zagueiro lhe impeça.

Tudo acontece em menos de um minuto.

Prezzoti recebe a bola, mantendo-a em sua posse com habilidade enquanto é fortemente marcado por outro zagueiro, que se movimenta na mesma velocidade do lateral esquerdo quando o mesmo ameaça partir.

De alguma maneira, que eu, quase uma leiga quando o assunto é futebol, considero sobrenatural, Felipe avança, dando uma “caneta” no outro jogador, e seguindo adiante.

À essa altura, Pedro está posicionado na área permitida próxima ao gol, sendo marcado por praticamente todos os oponentes da defesa. Mas é claro que isso não o impede de mandar a bola para dentro do gol com a cabeça quando Prezzoti a lança para o alto, em um cálculo exato para que ela esteja na altura certa para meu melhor amigo finalizar a jogada que o faz marcar o primeiro ponto da partida, em menos de cinco minutos de jogo.

A parte do estádio repleta de torcedores vestindo o manto vermelho e branco vibra, a maioria levantando dos seus assentos para comemorar. É um barulho ensurdecedor que me faz rir. Todos na área dos familiares se levantam, incluindo eu, que grito a plenos pulmões, ao observar Pedro e seus dois companheiros correndo em direção aos outros do time para comemorarem.

Pepi, assim como outros jogadores, possui um modo único de comemorar seus gols. É a razão para o meu coração acelerar ao vê-lo correr até estar na minha direção da arquibancada.

Como se não bastasse olhar para mim como se pudesse enxergar o fundo da minha alma, quando na verdade deve estar me vendo com o mesmo tamanho de uma formiga, ele balança meu mundo ao fazer a letra “J” com os dedos.

No telão, a imagem do gesto de Pedro é reproduzida em 4k, mas logo em seguida é substituída pelo meu rosto corado e meus olhos brilhando de orgulho e um quê a mais que não sei distinguir no momento.

Sorrio, evitando encarar a câmera que foca em mim, e faço um coração com as mãos para Pedro, que contempla o telão com um sorriso de orelha a

orelha no rosto.

Infelizmente, o momento é interrompido quando o árbitro volta a apitar e os jogadores precisam estar em posição para o próximo tiro da bola, que dessa vez está em posse do *Prizza*.

Pedro respira fundo com as mãos na cintura. Pelo telão, que volta a perseguir meu melhor amigo, vejo o suor começando a cintilar por sua pele bronzeada, iluminando as tatuagens dos braços que ficam todas à mostra pela camisa vermelha. Com o novo apito do árbitro, ele tem permissão para iniciar a jogada, lançando a bola em um toque preciso para Felipe, agora testando uma nova abordagem.

É aqui que as coisas começam a ficar acirradas.

A jogada é interceptada antes que a bola chegue em Prezzoti pelo centroavante do La Viera, que corre em disparada pelo meio campo, avançando no território do *Prizza* em segundos. A atenção da defesa do time vermelho e branco é toda voltada para este jogador, que recebe apoio do lateral direito do seu time, que também cruzou o campo ao seu alcance e recebe a bola prontamente quando o mesmo a chuta na sua direção.

Juliano, o zagueiro do *Prizza*, marca o lateral, prendendo a bola agilmente entre os seus tornozelos quando o mesmo falha em lhe dar uma caneta. Infelizmente, o passe que tenta dar para o outro zagueiro é impedido pelo lateral esquerdo do La Viera, que corre para dar suporte aos companheiros. Com a bola em posse da sua chuteira, o lateral se esquiva da marcação e toca para o seu atacante.

É então que a tensão domina o estádio.

Os torcedores do La Viera se levantam com a expectativa de um gol.

Enzo encara os pés do atacante com afinco, se movimentando sobre a linha da trave para aumentar as chances de interceptar essa jogada.

Os zagueiros do Prizza se mantêm na marcação dos adversários que estão espalhados pela sua linha de defesa.

Prendo a respiração, apertando as mãos uma contra a outra, desejando que esse atacante erre o passe. No entanto, isso não acontece, pois o desgraçado avança um pouco mais e toca para o lateral direito, que mesmo sendo marcado por Juliano, em questão de segundos, repassa a bola para ele, que marca o primeiro gol do La Viera quando a bola passa por entre as pernas de Enzo.

Não preciso nem dizer que a parte verde e branca do estádio vibra em comemoração, né? Eles passam a cantar o hino do time em coro, irritando os

torcedores do Prizza, que iniciam uma vaia tão estridente quanto.

— Mas seu pai é um banana mesmo! — Theo ralha para Bianca, que empurra seu ombro, não deixando barato a ofensa.

— Ele é melhor do que o seu que nem te dá atenção! — e assim, a garotinha sai de perto dele, se sentando ao lado de Camila na outra extremidade dos assentos.

Choque se apodera do semblante de Theo, que pisca para esconder as lágrimas e engole em seco para fingir que aquilo não lhe afetou em nada. No entanto, Melinda percebe e não passa a mão na cabeça dele pela sua atitude hostil.

— É o que eu sempre te digo: quem fala o que quer, ouve o que não quer, filho — murmura as palavras baixo, mas sou capaz de ouvir por estar ao lado dela.

Imagino o quanto deve ser duro para Melinda ter um filho tão genioso. Às vezes ela se vê em um conflito enorme sobre como educá-lo, mas muitas delas parece que nada vai funcionar. Vejo o esgotamento estampado na sua expressão cansada quando me lança um olhar cúmplice e respira fundo, com certeza pedindo paciência para Deus.

Ela é uma santa, sério.

Quando não está lidando com a personalidade intragável de Levi no trabalho, está tendo que lidar com os desafios de ser mãe solo.

Após o tiro inicial, a partida recomeça. As coisas não ficam mais amistosas quando Levi marca outro gol para o Prizza, fazendo com que um sorriso surja no rosto de Theo. Muito pelo contrário, a tensão só aumenta. Principalmente após o término do primeiro tempo, com o placar marcando dois a dois.

Aproveito o intervalo de quinze minutos para checar o Instagram de Pedro. Curto as publicações desejando bom jogo do máximo de fãs que consigo. Ao dar uma rápida conferida no “explorar”, vejo dezenas de perfis de fofoca que continuam postando os registros de uma semana atrás quando eu e Pedro passeamos pelo shopping juntos.

Por incrível que pareça, a mídia não especula tanto a possibilidade de haver um relacionamento amoroso entre nós, o que me faz pensar que talvez se eu fosse uma mulher padrão, com certeza *choveriam* teorias de que somos um casal.

Mesmo que nunca tenham visto, registrado ou até ficado sabendo de alguma interação de Pedro com outras mulheres, a internet acredita que eu

não sou seu tipo, mesmo que não saibam qual é o tipo dele.

Mesmo que ele dedique todos os seus gols para mim.

Mesmo que eu seja a única mulher que ele segue no Instagram.

Quando me dou conta, estou irritada com a situação. O que é, no mínimo, estranho, pois em todos esses anos nunca me importei com isso.

Nunca me importei com o fato de as pessoas não considerarem a possibilidade de um relacionamento entre eu e ele, o que costuma ser recorrente para a maioria dos melhores amigos, pois ainda existe o consenso de que não tem como haver amizade sem segundas intenções entre um homem e uma mulher.

Acho que não posso mais refutar com tanto afinco essa opinião como antes, pois depois de todas essas semanas de intimidade intensa com meu melhor amigo, soaria hipócrita da minha parte, se considerarmos que o desejo por ele sempre esteve dentro de mim e só cresceu com o passar dos anos.

Afasto a irritação quando penso que a mídia não sabe de um terço sobre a vida de Pedro e que é melhor assim. Se eles soubessem que o grande atacante do Prizza se sente atraído por uma mulher não magra, a cabeça deles explodiria.

Vamos deixar em *off*, até porque, escondido é mais gostoso, certo?

Minha boceta que o diga!

Sorrio comigo mesma ao me lembrar do que houve na noite anterior, de como ele me chupou com tanto tesão, me olhando como se a sua única ambição de vida fosse me dar o maior número de orgasmos que pudesse.

Mal me aguento de ansiedade para o fim da partida.

Quero vê-lo. Quero abraçá-lo. Quero beijá-lo…

Não, não posso beijá-lo.

Mas o La Viera não colabora, pois logo no início do segundo tempo marca o terceiro gol, que acelera o coração de todos no estádio, principalmente dos torcedores vestindo verde e branco, com a expectativa de que vençam. E a nação vermelha e branca, pelo medo de que o Prizza não vire o placar.

Um medo que se esvai no momento em que Pedro Brassard emplaca um gol belíssimo de bicicleta que provoca muito alvoroço na torcida, dando a impressão de que o estádio está sofrendo um terremoto, de tantos pulos e gritos estremecendo a estrutura do local.

Em compensação, ninguém respira durante os últimos seis minutos de partida, que mostram o porquê de a disputa entre esses dois times ser sempre

tão emocionante: porque eles são páreo um para o outro.

Tão bons um quanto o outro.

Não é atoa que o segundo tempo termina com o placar marcando 3x3.

Para a alegria do Prizza e tensão por parte do La Viera, há um pênalti a ser cobrado em cima do time verde e branco devido a uma falta cometida por eles na grande área do adversário. Isso dá a vantagem que o Prizza precisava para tentar desempatar o placar.

Um arrepio percorre minha espinha quando Pedro avança até onde a bola é posicionada para bater o pênalti. Ele é o escolhido pelo técnico para tomar a responsabilidade de vencer essa partida.

Está nas mãos dele — ou melhor, nós pés — a decisão de desempatar esse placar e fazer o seu time seguir no Campeonato Brasileiro.

— Você consegue, Pepi. Você consegue — digo para mim mesma, como se ele fosse capaz de ouvir.

A verdade é que Pedro Brassard nunca precisou que ninguém dissesse do que é capaz. Ele acreditou no próprio potencial antes mesmo de contar para mim e para Cida que queria ser jogador profissional.

Na sua cabeça, nunca foi um sonho inatingível.

Ele sabia exatamente o que teria que fazer para chegar lá.

Ser compenetrado. Disciplinado. Esforçado.

E tudo isso ele é de sobra.

Além, é claro, de ter um combustível natural dentro de si.

Mais do que somente por ele, meu melhor amigo lutava por um futuro melhor para a sua família também, assim como para as pessoas que poderia ajudar através da sua fama e condição financeira.

Nunca foi sorte.

Foi dedicação e uma fé inabalável de que jogar profissionalmente era possível sim para um garoto órfão da zona oeste de São Paulo que não gostava de estudar, mas tinha um apreço enorme pelo esporte.

A cada nova conquista, Pedro Brassard consolida a sua crença de que o impossível é apenas questão de opinião.

É essa confiança que o faz marcar o quarto, e decisivo gol, vestindo a camisa do Prizza.

Em questão de segundos, o estádio volta a ser balançado pela comemoração da torcida vermelha e branca.

Nós, da área de familiares, não fazemos diferente. Vibramos de felicidade. Eu, Camila e Melinda trocando abraços, Bianca pula em cima do seu assento

e Theo bate palmas.

Pouco tempo depois a equipe do time vem até nós para nos levar ao campo. Os olhos de Pedro reluzem de felicidade quando me vê andar na sua direção pelo gramado.

Não sei o que dá em mim, mas corro o mais rápido que posso e salto sobre o seu corpo, envolvendo minhas pernas ao redor do seu quadril e os braços do seu pescoço.

Pedro me ampara sem dificuldade, apesar de expressar surpresa em seu semblante, me abraçando de volta.

Ele tirou a camisa, pois estava ensopada de suor, por isso sinto a sua pele em contato direto com a minha e também o aroma característico de suor e loção que tanto amo.

— Parabéns! — digo, ainda abraçando-o como se a minha vida dependesse disso.

Quando afasto meu rosto do seu ombro para encará-lo, encontro seus olhos marejados, o que automaticamente faz meu coração parecer que está sendo esmagado por alguns segundos.

— O que foi? — ele não consegue responder. Seus lábios estremecem e meu melhor amigo engole em seco, deixando uma lágrima escapar. — Você quer chorar? Por que você quer chorar?

Ele ainda não responde, respirando de modo ofegante devido ao esforço da partida.

Pedro Brassard não é do tipo que chora de felicidade.

Ele é do tipo que não chora por nada.

É da opinião de que chorar não vai resolver as coisas, então não perde tempo com isso.

Desço do seu colo, mas seguro seu rosto na altura do meu.

— Fala alguma coisa, Pedro, por favor — imploro diante das suas orbes inundadas de água que não quer derramar na minha frente.

Há tanta coisa por trás dessa cortina de lágrimas, sentimentos embaçados que não consigo dizer ao certo, mas parecem insegurança, medo e… paixão.

Devo estar ficando louca.

Ele apenas está exausto. É isso.

A hipótese se confirma quando engole o choro outra vez e diz:

— Eu só… preciso de um instante.

Sem me deixar dizer mais nada, Pedro deposita um beijo cálido em minha testa quando estou prestes a retrucar, contemplando meus olhos uma última

vez antes de me dar as costas e sair do campo de cabeça baixa, parecendo derrotado mesmo depois de ter vencido a partida.



PEDRO

Eu quase disse que a amo.

Quase confessei o que sinto.

Quase consegui.

Chuto o banco do vestiário, frustrado comigo mesmo.

De que adianta vencer o jogo se não posso ganhar o beijo da mulher que eu amo como prêmio após a partida?

De que adianta ser o atacante dentro de campo se sou um puta de um covarde fora dele?

Outro chute.

Por que não posso simplesmente gritar a plenos pulmões que a amo e que a espero por esses anos todos?

Qual é o meu problema, porra?!

Quando a vi correr até mim, transbordando felicidade pela minha conquista, eu quis chorar, porque ao ampará-la em meu colo, as palavras ficaram embargadas na minha garganta, aquela velha impotência me atingindo, exatamente como das outras vezes que tentei me declarar.

Quis chorar por me sentir tão amedrontado.

Nunca soube exatamente o porquê de ter tanto temor ao me ver diante dessa situação. Acho que se dá por uma série de coisas. Acho que tenho medo da rejeição, assim como de perder a essência da nossa amizade.

Se a minha vida já parece incompleta com Júlia por perto, mesmo não ocupando o lugar que eu gostaria, não quero nem imaginar um possível afastamento da parte dela por não se sentir confortável em manter nossa relação como amigos depois de descobrir que sou praticamente obcecado por ela.

Não posso culpá-la por não me enxergar como mais do que um amigo. E daí que sei tocá-la como nenhum outro? O mais básico, eu não sou capaz de fazer: me declarar.

Entro em desespero ao pensar que além de não conseguir expressar meus sentimentos em palavras, também sou péssimo buscando outras maneiras de fazê-la entender que não a amo apenas como amiga. A ideia de recriar as cenas do livro? Só me fez passar vergonha! E arrancar um orgasmo dela, claro, mas a menos que a teoria de Levi esteja certa e as mulheres se apaixonem por homens que as fazem gozar de verdade, proporcionar orgasmos para Júlia não vai me levar onde quero chegar.

Além de ser quem a faz gozar, quero ser quem ela chama de amor, quero que ela carregue o meu sobrenome e todos os meus filhos em seu ventre.

Ser sincero e despejar tudo o que guardo para mim há quinze anos parece a única solução. No entanto, como fazer isso sem afastá-la? Como dizer tudo o que tenho para dizer sem arriscar a nossa amizade?

Parece impossível.

IMPOSSÍVEL!

Ou eu arrisco ou permaneço na zona de conforto, quem sabe conseguindo estender esse acordo de amizade colorida para suprir as necessidades do meu corpo enquanto meu coração definha porque nunca terei o que realmente desejo.

Volto a chutar o banco, apoiando a cabeça no armário com o meu nome, onde a minha camisa do time está estendida. Com raiva, jogo o tecido no chão, não querendo me lembrar que o Pedro de quinze anos atrás conquistou quase tudo o que sempre sonhou, menos a mulher do seus sonhos, que sempre esteve bem ao seu alcance, mas nada mudou nesse quesito.

Eu continuo deixando-a escapar por entre as minhas mãos.

Falando nela, todo o meu corpo retesa quando ouço a sua voz dentro do vestiário.

— Pedro?

Não me viro de imediato.

Não quero que ela veja o quanto estou vulnerável.

Não quero que saiba que não sou tão diferente dos seus ex-namorados.

Sou tão covarde quanto eles.

A constatação me faz querer esmurrar esse armário por completo e acabar com meus punhos como punição.

— Pedro, fala comigo. O que aconteceu? — sua voz se aproxima, assim como o ruído do seu andar sobre o piso me avisa que está mais perto. Mas não é como se o meu corpo não fosse capaz de sentir a metros de distância o calor que emana da sua pele suculenta.

Sinto a quentura se intensificar até que um longo arrepio percorre toda a minha espinha quando Júlia toca minhas costas com as suas mãos gélidas em contato com meus poros fervendo.

— Eu fiz alguma coisa? — sussurra, sua boca tão perto de uma das minhas escápulas que estremeço, assustando-a levemente.

Júlia não se distancia, muito pelo contrário, apoia a cabeça no meio das minhas costas e envolve meu abdômen com seus braços em um aperto carinhoso que termina de me arrebatar.

— Não — arranjo forças para dizer em meio ao frenesi que se torna o meu interior com a sua proximidade repentina.

Quero prendê-la contra esse armário e atacar a sua boca enquanto me esfrego no seu corpo que já era sensual pra caralho de qualquer maneira, mas fica irresistivelmente excitante quando ela está vestindo a minha camisa do Prizza.

O simples pensamento é o suficiente para meu membro endurecer dentro do *short* de jogo.

Ótimo, como se não bastasse todos os problemas que já tenho, agora preciso lidar com uma ereção fora de hora!

Palmas para você, Pedro Brassard.

— Então o que está acontecendo? — sussurra de novo, sem fazer a menor ideia de que sou capaz de gozar na cueca se usar esse tom aveludado novamente.

— Estou emotivo, é só isso. — Engulo em seco, sentindo uma pontada bem na cabeça do meu pau no mesmo segundo em que os dedos de Júlia brincam com a trilha de pelos que há no caminho da minha pelve. — Não precisa se preocupar comigo.

Ela devia se preocupar em sair daqui enquanto pode, pois considerando a volúpia crescente em meu sexo, não sei se serei capaz de deixá-la ir sem antes implorar para que me alivie da dor de estar com as bolas azuis de tanto tesão incubado desde ontem, quando a fiz gozar na hidromassagem, e depois de bater uma no banheiro após acomodá-la na cama.

— Você nunca chora, Pedro — pontua, insistindo.

Será que ela não está percebendo que estou prestes a explodir se não gozar agora mesmo?

Júlia continua apalpando meu abdômen com a ponta dos seus dedos pecaminosos.

Continua me arrancando arrepios.

Continua me enlouquecendo.

Uma boa olhada para ela por cima dos meus ombros e constato que minha melhor amiga não faz a menor ideia do que está fazendo comigo.

Do poder que tem, literalmente, nas mãos.

Seus olhos estão fechados e ela continua com a cabeça apoiada contra a minha escápula, como se estivesse deitada sobre o travesseiro mais confortável do mundo quando sabemos que meus músculos são duros como pedra.

A rocha no meio das minhas pernas, então, nem se fala!

— Por que não me espera lá fora para irmos embora? — proponho, constatando que meu pau está duro demais para que eu saia daqui sem chamar a atenção de alguém para a barraca armada no meio das minhas pernas.

Vou precisar dar um jeito nisso aqui no vestiário mesmo.

— Por quê?

Finalmente abre os olhos, nossos olhares encontrando o do outro quando a encaro outra vez por cima do ombro.

É então que pego sua mão dominante e posiciono sobre a minha ereção lhe arrancando um suspiro, suas pupilas dilatando no mesmo instante.

— Por que não posso sair daqui com o meu amigão nesse estado.

Júlia pisca, me admirando por debaixo dos cílios grossos e mordendo os lábios rosados de *Lip Tint*. Observando melhor, percebo que também está usando *gloss.*

— Eu posso te ajudar com isso.

Arqueio as sobrancelhas, a desafiando com o olhar.

— Como?

— Assim.

Sua mão se infiltra dentro do meu *short*, rapidamente encontrando o caminho até a parte em que necessito de alívio.

Os dedos macios envolvem meu comprimento, iniciando o movimento de vai e vem progressivamente.

— Júlia… — meu tom expressa advertência e aval ao mesmo tempo, se é que seja possível.

— Shhhh — sussurra daquele jeito gostoso que me tira do eixo.

Tombo a cabeça para trás, apreciando cada segundo da quentura e pressão que a sua mão exerce em torno de mim.

Com as pernas já ficando trêmulas de prazer, apoio uma mão no armário enquanto a outra guia o pulso de Júlia para que trabalhe no ritmo satisfatório o suficiente para que em menos de um minuto eu sinta o estremecimento pré-êxtase chegando.

— Meu Deus. — Dessa vez, encosto a testa na porta do armário, apertando os olhos com força para me controlar e fazer essa punheta durar o máximo possível de tempo.

Não quero reafirmar para ela a hipótese de que sou precoce. Soube que as mulheres não engolem bem a desculpa de que “são gostosas demais” e por isso não aguentamos muito tempo.

— Está bom? — quer saber, beijando minha pele com seus lábios de seda.

— Melhor do que isso só se você me chupasse — digo, sem parar para pensar ou me dar conta de que talvez seja demais para ela.

No entanto, assim como naquele dia na sala da sua casa, Júlia não dá margem para a insegurança e se coloca à minha frente no mesmo instante para atender ao pedido.

Quando senta no banco, sua boca ficando a centímetros do meu membro e seus olhos mirando os meus, percebo que talvez isso tenha sido um erro.

Sinto que esse boquete pode facilmente resultar na minha morte de tão forte que se tornam os meus batimentos cardíacos com a visão dela engolindo a minha glande lentamente, o contato da pele sensível com o tecido da sua língua provocando um aperto nas minhas bolas que me faz prender o ar quando penso que quase gozei antes mesmo de ela começar.

Ela engole até a metade, movimentando a cabeça para frente e para trás sem me tirar de dentro da sua boca, seus olhos atentos ao meu semblante em busca de algum tipo de reprimenda, mas tudo o que encontra é deleite.

Afasto as mechas de cabelo do seu rosto, segurando os fios curtos em um pequeno rabo de cavalo atrás da sua cabeça enquanto passo a impulsionar meu quadril lentamente em direção aos seus lábios, fazendo saliva escorrer por entre eles e umedecer meu pau.

Não há uma célula do meu corpo que não esteja em funcionamento, sentindo todas as emoções no limite, grunhindo feito um animal, o som ecoando pelo vestiário.

A possibilidade de sermos pegos é apenas um potencializador da nossa excitação. Vejo esse detalhe implícito na maneira como Júlia aperta as coxas uma na outra, tão alucinada pela volúpia que a ideia desperta quanto eu.

Passo a me mover um pouco mais rápido, perseguindo o meu orgasmo ao mesmo tempo em que me preocupo em permanecer dentro dos limites de Júlia.

Ela, por outro lado, quer explorá-lo.

Pelo menos é o que indica ao puxar meu quadril para frente, fazendo com que meu membro derrape mais alguns centímetros para dentro da sua garganta.

Assisto minha melhor amiga respirar fundo e algumas lágrimas instintivas escaparem pelas suas íris extremamente azuis conforme insiste em querer me ter o máximo possível dentro da sua boca gulosa.

— Não precisa fazer isso — consigo dizer, entre um grunhido de prazer e outro.

Sua resposta é me engolir mais fundo, resistindo a ânsia de vômito que precede o ato.

Em protesto contra a sua teimosia, me retiro um pouco, ficando na ponta dos pés para impulsionar meu pau dentro da sua boca de modo profundo e prazeroso, mas sem fazê-la vomitar. Funciona, pois Júlia passa a movimentar a cabeça de encontro ao meu quadril. A garganta agora mais relaxada abriga

boa parte do meu comprimento, o que é o suficiente para me fazer sucumbir de vez.

Os jatos de esperma são liberados antes mesmo que eu tente exercer controle sobre eles. Saio um pouco mais para que ela não engasgue, entretanto, sem deixar de arremeter algumas vezes por entre os seus lábios, querendo liberar até a última gota de gozo reprimido ao som dos ruídos satisfatórios que Júlia produz enquanto bebe do meu prazer com avidez, engolindo os jatos sem dificuldade ou desconforto.

Tudo isso ao mesmo tempo em que me contempla com um olhar de submissão que me faria ser capaz de matar se esse fosse o preço para ser a razão da sua devoção para sempre.

Quando o meu estoque de gozo chega ao fim, saio de dentro da boca dela com cuidado. Júlia lambe a ponta do meu pau, suja com resquícios de esperma, a ação impedindo que a ereção se vá completamente. Eu, por outro lado, limpo os cantos dos seus lábios um pouco melados com a minha lubrificação, simplesmente encantado com a visão da mulher dos meus sonhos lambendo meus dedos para não perder nenhuma gota do meu prazer.

— Gostou? — ainda tem a coragem de perguntar, seus olhos investigando meu semblante, mas mesmo assim incapaz de enxergar o quanto estou ainda mais obcecado por essa mulher, contrariando a noção de que sim, é possível me tornar muito mais louco por ela.

— O que acha? — devolvo a pergunta enquanto guardo meu membro dentro da cueca e tiro o *short* para tomar um banho antes de ir para casa.

— Quero ouvir de você.

Me inclino o suficiente para que nossos rostos estejam na mesma altura.

— Foi o melhor que já recebi.

Quem liga se ela foi a primeira e única a me fazer um boquete?

Sei que nenhuma vai superar ela.

Porque não é só sobre o prazer e a habilidade, é sobre a pessoa.

A conexão.

A paixão.

E nada vai tirar da minha cabeça que Júlia sempre será a melhor em tudo para mim.

Minha melhor amiga me oferece um sorriso tímido e eu não resisto a vontade de segurar seu queixo e aproximar nossos lábios. Espero uma reprimenda ou até uma rejeição, mas Júlia os entreabre, permitindo que eu

passe a minha língua para dentro da sua boca úmida e a beije como se fosse a primeira vez, como naquele dia no iate.

Parece que foi há uma eternidade, no entanto, apenas se passaram algumas semanas, quase um mês. Para o tanto que a desejo um beijo nunca será o suficiente. Passo a maior parte do tempo ansiando por um deles, como um viciado que não quer se curar.

É ainda mais gostoso do que eu me lembrava.

Nossas línguas se entrosam devagar, se movimentando em uma dança que respeita o próprio ritmo criado por elas.

Posso sentir o meu gosto ainda presente nas suas mucosas, o que só potencializa o meu desejo.

Seguro seu rosto para que o beijo dure o máximo possível, explorando cada parte da sua boca com cautela e fome, até que Júlia nos afaste para recuperar o ar.

Também ofegante, encosto minha testa na sua, sentindo um pouco de dor na coluna por ficar abaixado por um tempo, mas deixando de lado, pois valeu a pena cada segundo.

Por mais que tente esconder, vejo explícito no seu semblante corado o quanto também precisava desse beijo.

O quanto também não se lembrava que era tão gostoso.

O quanto ela também precisa de mais.

No entanto, Júlia insiste em fingir indiferença ao engolir em seco e indagar:

— Você não vai tomar um banho antes de irmos?

Me levanto, não ligando para o quanto ela tenta esconder.

Júlia não me engana mais.

Pode até não ser apaixonada por mim, mas sente a química que nos rodeia e não é imune a isso.

Acho que é um bom sinal.

Eu encaro como um bom sinal, pelo menos.

Posso viver sabendo que ela não me ama da mesma maneira desenfreada que eu, o que não posso é viver sem ela.

Não posso continuar vivendo enquanto a vejo se entregar para outros homens que não a merecem, porque isso não é viver.

É uma tortura.

— Quer vir comigo?

Ela nega, sorrindo timidamente.

— Não! — dispara um soquinho indolor no meu abdômen suado, rindo. — E anda logo que os jogadores estão vindo.

Em seguida ouvimos o barulho de passos soando na entrada do vestiário, confirmando o que ela previu.

À essa altura, meus colegas de time já devem ter dado entrevistas aos repórteres e comemorado com as suas famílias, então estão retornando para fazer o mesmo que eu: tomar uma ducha.

— Te espero no estacionamento. — Se levanta, abaixando a saia de couro que está usando, o que atrai o meu olhar novamente para a camiseta que veste.

— Eu já disse que você fica encantadoramente linda com a minha camisa?

Outro sorriso tímido.

Como sempre, Júlia sai pela tangente por não saber lidar com elogios, principalmente os meus.

— Tenho que ir!

Permito que me deixe, mas não sem antes roubar um selinho dos lábios dela, que agora já não exibem mais nenhum resquício de gloss.

— Pedro! — resmunga, se afastando quando tento aprofundar o beijo.

— Tá bom! — solto-a, assistindo enquanto anda de costas para a porta, ainda sem conseguir deixar de me encarar. — Não vou demorar.

Antes de se virar para sair, sopra um beijo que finjo pegar com as mãos, provocando um sorriso nela.

Assim que Júlia deixa o vestiário, Levi e Felipe cruzam o corredor, me lançando um olhar encabulado.

— O que aconteceu aqui? — Toledo é quem pergunta, mas o semblante de Prezzoti também expressa curiosidade.

Outros jogadores vão chegando e se despindo ao nosso redor.

Dou de ombros, contendo um sorriso ao dizer:

— Nada.

— Por que saiu do campo daquele jeito derrotado? Você nem deu entrevistas, cara.

— Não foi nada.

Pego uma cueca nova dentro da mochila e passo pelos dois em direção aos chuveiros, pensando que me livrei deles. Logo meus amigos me seguem, ocupando as duas duchas que ficam ao lado da minha. E depois é a vez de Enzo chegar ao banheiro, sem entender porque Levi e Felipe estão me enchendo de perguntas.

— Encontramos a Júlia saindo do vestiário toda serelepe e o nosso garoto com a barraca meia bomba dentro da cueca — Levi explica.

— Eita! — o goleiro comemora enquanto entra de cabeça e tudo na água gelada. — Conta tudo, Brassard.

— Não rolou nada — nego, mas novamente não soo tão convincente quanto gostaria, principalmente quando meus amigos reparam que meu pau está ficando duro conforme lembro do que aconteceu há alguns minutos.

— Se rolasse, você não ia contar de qualquer maneira — Levi diz, sábio, lançando um olhar de desgosto na direção do meu pau antes de ensaboar o seu.

— Pelo menos diz se ela te consolou, vai — Felipe insiste, demonstrando o seu lado “Maria Fifi” que poucas pessoas conhecem.

Reviro os olhos, não resistindo em dizer:

— Tá, ela me consolou. É isso que queriam ouvir?

Enzo e Felipe comemoram enquanto Levi se limita a dizer:

— Finalmente se lembrou que é atacante.

Sei que é o máximo de apoio que vou receber dele, afinal, o camisa oito acredita fielmente que se apaixonar é uma opção.

Eu, por outro lado, espero ansiosamente o dia em que o verei provar do próprio veneno e pagar todos os seus pecados para conquistar o amor de uma mulher.



Após o jogo, voltamos para casa e Júlia preparou uma salada Caesar para nós dois, que comemos no sofá assistindo a alguns episódios de *One Piece* — o melhor anime que existe —, pois como venci a partida, tenho o direito de escolher a programação.

Normalmente eu a obrigo a prestar atenção no meu anime preferido mesmo que ela insista em dizer que ele não é isso tudo, entretanto, hoje relevei que não estivesse concentrada, pois fiquei deitado sobre uma almofada no colo dela enquanto minha melhor amiga escrevia seu livro com o notebook apoiado no braço do sofá.

Quando comecei a bocejar de cansaço, ela me expulsou da sala, me prometendo que depois de terminar de escrever um último capítulo, se juntaria a mim na cama. Óbvio que somente concordei com isso porque não queria atrapalhá-la durante o seu processo criativo e estou no quarto desde então.

No entanto, não consigo dormir sem abraçar o corpo dela, então resolvo retornar a ligação da minha irmã, que me ligou mais cedo durante a

quarentena e eu não pude atendê-la, pois tive que deixar o celular em casa por conta da exigência do técnico.

Ana Eliza atende a chamada de vídeo no segundo toque, seu rosto pálido com a testa coberta por uma franja de fios escuros surge na tela.

Ao equilibrar o celular, um rostinho com traços coreanos fica visível ao seu lado, me fazendo sorrir imediatamente.

— *Parabéns, campeão!* — Liz comemora com um sorriso de orelha a orelha. — *Dá parabéns para o titio, Nikki.*

As bochechas do garotinho de dez anos ocupam boa parte da tela quando aproxima o rosto, também sorridente.

— *Parabéns, tio Pepi!*

Meu coração transborda de alegria ao vê-los ao mesmo tempo em que fica apertado devido a saudade. Faz mais de seis meses que não os vejo. A última vez foi quando estive em São Paulo para disputar um dos jogos do Brasileirão.

— Obrigado — sorrio. — Como vocês estão?

— *Estamos bem.* — Minha irmã pega o celular. — *E vocês aí?*

— Estou bem. Júlia está na sala trabalhando.

— *Você devia se envergonhar de escravizar a pobrezinha.*

Rio com a indignação dela.

Ana Eliza e a sua velha mania de defender até quem não precisa de defesa. Não é à toa que seja uma excelente advogada especializada no Direito da Criança e do Adolescente.

— Eu não ia dizer, mas se quer saber, ela não está trabalhando para mim. Júlia voltou a escrever, está se dedicando integralmente aos seus livros.

Os olhos escuros da minha irmã ficam arregalados. São da mesma cor que os meus, idênticos aos do nosso falecido pai.

— *Não acredito!* — exclama, chocada. — *Ela vai lançar um livro? Já quero ler!*

— Não sei. Acho que ela não tem planos de vendê-los, a princípio está escrevendo apenas para as suas leitoras que a acompanham desde a adolescência.

Deixo de fora o fato de que sou a inspiração para essa história.

Não seria nada legal minha irmã ler todas aquelas cenas de putaria e me imaginar como o personagem principal. Prefiro não estragar a sua experiência caso venha a ler “Meu Camisa 10”.

— *Você apoiaria se ela quisesse se demitir para se tornar escritora?*

Assinto, segurando o celular acima do meu rosto enquanto estou deitado, vestindo apenas uma cueca debaixo do lençol.

— Não sou idiota, sei que ser minha assessora não está nos planos dela para o resto da sua vida. Eu ficaria muito feliz em vê-la seguindo a sua vocação.

Desde que isso não a afaste de mim. — Guardo esse pensamento em minha cabeça.

Um sorriso meigo surge no rosto da minha irmã, me deixando sem entender o motivo.

— Heitor está olhando para você por trás do celular?

Ela nega, ainda sorrindo.

— *Meu marido ainda está trabalhando no consultório.*

— Então por que está sorrindo assim?

— *Porque os anos se passaram, mas o seu amor por ela não mudou nada.*

Sorrio também.

Mesmo quando eu fiz de tudo para esconder, minha irmã sempre enxergou a paixão que sinto pela minha melhor amiga nas entrelinhas. Então simplesmente chegou o dia em que parei de negar para ela e passei a ter uma cúmplice que me ouve e não me julga por não ter coragem de assumir esse amor.

— Na verdade, parece que os meus sentimentos só aumentaram.

— *Imagino. Ela está cada dia mais bonita.*

Concordo, assentindo com a cabeça.

E gostosa.

E autoconfiante.

Ela está cada dia mais incrível.

— Júlia terminou o namoro há quase um mês — digo como quem não quer nada.

— *E você não pensa em tomar uma atitude?*

— Seria tudo ou nada. Eu colocaria anos de amizade em risco, você sabe.

— *Eu sei, mas também sei que você não suporta mais viver assim, sem tê-la como realmente deseja.*

— É melhor do que perdê-la para sempre.

— *Isso é o que você acha.*

Franzo o cenho, não entendendo aonde quer chegar.

— O que quer dizer?

— Talvez seja melhor não ter nada do que sobreviver de migalhas, assistindo a mulher que você ama colocando outro homem no lugar que acha que deveria ser seu. Isso só te corrói. Pode até achar que estar perto dela é o suficiente quando não pode ser mais do que isso, mas eu sinceramente acredito que está errado.

Engulo em seco, a sinceridade das palavras dela perfurando meu coração.

Não suporto pensar que Ana Eliza possa estar certa. A ideia me faz querer vomitar, remexe o meu estômago, me deixa sem ar.

— Você quem está errada, Liz — afirmo, encarando-a com seriedade.

Minha irmã está prestes a se justificar quando Júlia surge no quarto, se deitando ao meu lado na cama com um semblante que expressa tranquilidade, como em todos os dias em que escreve.

— Está falando com quem? — olha para mim ao puxar um pouco do lençol para cobrir o seu corpo e só então percebo que deixei o telefone virado para baixo quando a vi se aproximar.

— *Oi, Júlia* — minha irmã diz, o som abafado pelo colchão.

Ergo o aparelho novamente até o rosto de Liz ficar visível para a minha melhor amiga.

— Oi, Liz! Quanto tempo! — se percebeu algo estranho rolando entre mim e Ana Eliza, Júlia disfarça muito bem.

— É um prazer te ver de novo, sua linda. Mas infelizmente preciso ir, estou ouvindo o carro de Heitor na garagem. Preciso desligar para recepcionar o meu marido. — Minha irmã sopra um beijo para Júlia. *— Conversamos outra hora, Jujuba. Um beijo. E, Pedro… pense naquele assunto, vai te fazer bem.*

Expresso um sorriso falso que com certeza minha irmã reconhece, mas finge não se importar ao me lançar um beijo de despedida e desligar a chamada.

— Do que ela estava falando? — Júlia quer saber assim que deposito o celular na minha mesa de cabeceira.

Me viro de forma que meu peito fique de frente para ela e Júlia deita de lado para que meu peito fique colado com as suas costas.

— Nada demais, coisa de irmãos.

Júlia não parece acreditar, pois insiste:

— Tem certeza?

Passo um braço por debaixo do seu pescoço e outro por cima da sua barriga, puxando seu corpo de encontro ao meu até que sua bunda volumosa

esteja bem encaixada no meu quadril.

É a melhor maneira de dormir.

Não estou nenhum pouco pronto para abrir mão disso, muito menos da liberdade de proporcionar prazer a ela.

— Você ouviu a nossa conversa?

Nega, me olhando por cima do ombro.

Porque a menos que ela tenha ouvido, não vou me abrir sobre o que confessei para Ana Eliza.

Não me sinto pronto para isso também.

— Então não se preocupe. Vamos dormir, estou exausto.

Ela concorda, virando a cabeça para se aconchegar no travesseiro. Eu, por outro lado, me aconchego no seu pescoço, aspirando o aroma da sua loção adocicada que tanto amo.

Com as luzes apagadas e sobre a minha proteção, Júlia pega no sono tranquilamente, se esquecendo do tempo em que não conseguia pregar os olhos no breu.

Continuo acordado, sendo atormentado pelo peso das palavras de Ana Eliza que recaem sobre mim quando sou obrigado a ficar sozinho com meus próprios pensamentos.

Ela tem razão, não suporto mais viver sem ter a minha melhor amiga como realmente quero, ainda mais agora que desfrutei das minhas primeiras experiências sexuais com Júlia.

Agora percebo que não está marcada somente em meu coração, como também na minha carne, que está cada vez mais viciada no seu toque, ansiando o dia em que poderei estar dentro dela.

Júlia tem acesso ao meu âmago, marca presença até mesmo quando não está fisicamente ao meu lado.

Sei que se fosse obrigado a me afastar, procuraria nas outras mulheres o que só consigo encontrar nela.

E não seria feliz.

Assim como não saberia fazer nenhuma outra mulher feliz.

Porque eu fui programado para servir a ela.

Eu nasci para amar Júlia Passos.

Verdade ou não, é o que sinto.

Ana Eliza também tem razão ao dizer que assistir Júlia colocando outros homens no lugar que sei que é meu, me corrói.

Só não quero acreditar que ela esteja certa em afirmar que estar perto da mulher que amo, mesmo que não seja ocupando o lugar que eu gostaria, se tornará mais doloroso do que simplesmente abrir mão dela por completo.



JÚLIA

— Pronta? — Pedro surge na porta do apartamento vestindo uma bermuda, sem camisa, com uma toalha nos ombros, uma bola de futebol debaixo do braço e calçando chinelo.

Coço a cabeça, realmente sem me lembrar de termos combinado algo. Na verdade, o dia inteiro foi um grande borrão na minha mente, pois não o vi passar. Estou imersa na escrita desde a hora em que Pepi deixou o meu apartamento, ou seja, desde de manhã.

— Eu pareço pronta? — arqueio as sobrancelhas, um pouco mal-humorada por ter sido interrompida bem na hora em que estava concentrada

escrevendo uma cena erótica.

Meu melhor amigo me contempla desde os pés descalços com as unhas pintadas de lilás, ao camisetão que roubei do guarda-roupa dele e uso no dia a dia como vestido. É muito confortável, perfeito para um dia como hoje, em que pretendo esquecer do mundo, não usar sutiã e não me importar em ficar bonita aos olhos de ninguém, o que é irônico, pois pela maneira como Pedro admira minhas vestimentas, pareço ter provocado o efeito contrário nele.

— Você parece linda — diz, sincero como sempre. — Você *é* linda.

— Está dizendo isso porque estou vestindo a sua camisa.

Ele assente, enfiando as mãos nos bolsos com um sorrisinho de canto.

— Também.

O elogio me deixa sem graça, fazendo com que eu sinta a necessidade de mudar de assunto imediatamente.

— Mas o que está fazendo aqui?

— Pensei que tínhamos combinado de ver o pôr do sol no Arpoador.

Aperto os olhos, finalmente me lembrando.

— Que droga, tinha me esquecido completamente. — Abro mais a porta, acenando para que passe por ela. — Entra, vou me arrumar rapidinho.

Pedro aceita o convite de prontidão, se jogando no sofá depois de encarar a mesa e ver meu notebook posicionado ao lado de uma latinha de energético.

— Está conseguindo escrever?

— Sim. Ainda essa semana vou postar o capítulo setenta e sete.

Minha resposta o faz sorrir largamente.

— Você precisa montar um escritório para trabalhar com mais conforto.

Dou de ombros.

Talvez ele tenha razão.

Um escritório seria uma boa utilidade para dar ao quarto vazio que tenho no apartamento. Além do meu, tenho um de hóspedes para Cida, e Pedro possui mais dois para visitas na sua casa, onde hospeda Gabriel em um e sua irmã com a família no outro. Portanto, sobra um cômodo no meu.

— Não é um trabalho. É só um *hobby*.

— E se um dia puder ganhar dinheiro com a escrita?

— Não sei se as pessoas pagariam para ler algo que escrevi.

Pepi revira os olhos.

— Você e a sua síndrome do impostor. Vai se arrumar logo.

Obedeço, sumindo da sua vista com um sorrisinho bobo nos lábios. Confesso que amo a maneira como Pedro me apoia. Só tenho a agradecê-lo por esse tempo que estou tendo para pensar mais em mim, me reconectar com a minha essência e poder me dedicar a algo que eu amo depois de tantos anos.

No meu *closet*, escolho um biquíni cortininha *plus size* preto que considero muito confortável e por cima visto uma saída de praia branca de renda. De acessórios, uso apenas um óculos de sol preto da *Ray-Ban* e uma *ecobag* com meus pertencentes.

É por volta das quatro horas da tarde quando deixamos meu apartamento rumo ao carro de Pedro no estacionamento. O caminho até o Arpoador é feito por meio da Avenida Atlântica, que me proporciona uma bela vista das orlas das praias mais lindas do Rio de Janeiro. Muitas delas, cenários de filmes e novelas.

Abaixo o vidro do carona para sentir o vento na pele e aquele cheirinho salgado característico do mar. Ao meu lado, Pedro também admira a paisagem, ou o meu rosto, pois quando olho na sua direção, o vejo me contemplando como se eu fosse a oitava maravilha do mundo na sua concepção.

Seu olhar recai sobre meus lábios entreabertos por alguns instantes, seu semblante exibindo a vontade nua e crua de me beijar para depois engolir em seco e voltar sua atenção para o trânsito.

Eu tive razão no início da nossa amizade colorida em temer os beijos dele.

Os beijos de Pedro Brassard são feiticeiros, eles me bagunçam de uma maneira que nada nunca conseguiu fazer.

Eles marcam meus lábios a ferro, tanto que até agora sinto a sensação do nosso último beijo vívida em meus pensamentos.

É mais do que apenas uma experiência sensorial, é insana a maneira como Pedro me faz sentir viva quando me beija. O modo como não consigo mais me lembrar de como era viver sem saber o quão magnético é o calor do corpo de um homem, principalmente um como ele, tão delicado, mas ao mesmo tempo precisamente habilidoso.

— No que tanto está pensando? — questiona, dividindo a atenção entre eu e o parabrisa.

Resolvo ser sincera.

— Em como você faz parecer fácil me entregar de corpo e alma.

Um sorriso desponta do canto de seus lábios e meu olhar recai para as suas mãos firmes no volante, com veias proeminentes no antebraço que não se camuflam em meio às inúmeras tatuagens.

— Eu te disse, o problema não é você. Com o cara certo, tudo se encaixa perfeitamente.

Fico em silêncio, fingindo apreciar a paisagem, quando na verdade estou tentando acalmar o meu coração, que insiste em bater desenfreadamente de repente.

O que ele quer dizer com isso?

Agora já não sei mais.

Quando propôs me mostrar que o problema não era eu, naquele dia do iate, concordei porque no fundo quis que meu melhor amigo estivesse certo.

Quis descobrir que eu não havia sido danificada pelas marcas do passado.

E durante todas essas semanas me senti nas nuvens por estar conseguindo experimentar tudo o que não conseguia antes, mas agora me sinto atingida por uma nova compreensão.

Ou uma possibilidade, digamos assim.

E se, somente e se, meu melhor amigo for o homem certo para mim? O homem que eu tanto esperei e o homem de quem ele tanto fala?

O pensamento não faz as batidas do meu coração estabilizarem, muito pelo contrário.

Não quero começar a pensar que ele é esse cara, que as coisas só funcionam com ele.

Isso seria o funeral da nossa amizade, bagunçaria tudo.

Faria ruir anos de cumplicidade e relação fraternal.

Sem falar que, todos a nossa volta achariam esquisito, afinal, somos tecnicamente irmãos adotivos, apesar de termos sido criados como grandes amigos.

Mas o que eu estou falando?

Pedro não me vê dessa maneira.

Ele me ama sim, mas não dessa forma.

Ele possui um instinto protetor nato, cuida muito bem de todas as mulheres que ama. Só porque se ofereceu para me introduzir ao mundo sexual não quer dizer que sinta algo por mim.

Ele é um homem feito e muito inteligente emocionalmente, não é à toa que seja elogiado por ser extremamente disciplinado, mesmo ainda tão jovem.

Pedro está apenas cuidando de mim, como ele sempre faz.

Meu melhor amigo está me preparando para que eu não volte a sofrer como antes e saiba encontrar um homem que me trate como realmente mereço.

Sempre foi sobre isso.

Quando eu não for mais virgem, vou estar pronta para voltar a procurar o grande amor da minha vida. Um homem tão virtuoso como o meu melhor amigo, mas que não seja ele.

— Ei! — Pedro segura minha mão quando faço menção a abrir a porta do carro para sair.

É aquilo, né, sempre um *gentleman*.

— Tá legal! — ergo as mãos em rendição.

— Acho bom.

Pepi sai do seu assento, dando a volta no carro estacionado em uma vaga em frente à orla da praia para abrir a minha porta. Depois dessa formalidade, atravessamos a rua lado a lado, nossas mãos se esbarrando, até chegar à areia.

Apesar de morarmos em Copacabana, que conta com uma praia lindíssima, tanto eu quanto meu melhor amigo preferimos o Arpoador, por ser um pouco menos movimentado e ter uma vista perfeita do pôr do sol. Sem falar que as ondas são mais tranquilas, o que nos agrada.

Nas férias de Pedro, nós costumamos vir aqui todos os dias. Na sua folga não poderia ser diferente. É quase uma tradição dele tomar um banho de mar depois de todos os jogos.

Como deixamos nossos pertences no carro, antes de irmos tomar banho, Pedro enterra a chave do carro dentro da areia, que eu termino de esconder ao jogar o meu vestido por cima.

O sol ainda marca presença, mas já começa a se distanciar quando caminhamos em direção a água. Pedro corre e mergulha mais à frente enquanto eu começo a molhar os pés para só depois caminhar adiante, o mar atingindo o meu corpo progressivamente até que alcance meu busto e eu me aproxime de onde Pepi está.

Algumas pessoas nadam ao nosso redor, crianças na beira e alguns grupos de adultos espalhados pela extensão do mar. Outros pulam da enorme pedra do Arpoador, uma prática muito comum por aqui.

Eu e Pedro encaramos o céu, ficando de costas para a orla, ambos encantados com a grandeza e beleza do sol como se fosse a primeira vez que

o acompanhamos se pôr.

— Você trocaria a vida que tem hoje se isso significasse que teria os pais que sonhava em ter? — do nada, ele resolve perguntar.

— Que tipo de pergunta é essa?

Ele dá de ombros, a água abraçando suas escápulas proeminentes quando fica de joelhos no mar.

— Quando olho para o céu por muito tempo, sinto que estou diante dos meus pais, que eles podem me ver.

— Você trocaria essa vida para ter seus pais de volta? — devolvo o questionamento, achando que sei qual será a sua resposta, quando na verdade Pedro me surpreende.

— Eu não teria coragem de admitir isso na frente da minha irmã, mas me sinto bem para confessar para você. — Pedro se vira para mim, dando as costas para o sol começando a se pôr atrás dele. — Apesar de sentir muito pela morte dos meus pais, não consigo imaginar a minha vida de outra maneira. Não por causa do dinheiro e da fama, mas por sua causa. Se as coisas não tivessem acontecido exatamente como aconteceram, eu nunca teria te conhecido.

A resposta me deixa sem palavras por um instante. Meus olhos se enchem de lágrimas e minha garganta embarga.

— Talvez isso soe muito insensível, eu sei — se justifica, voltando a ficar de frente para o sol e fugindo do meu olhar. — Mas só… simplesmente não consigo imaginar uma vida em que você não faça parte dela.

Ainda sem saber o que dizer, toco o seu ombro e me aproximo dele por trás, envolvendo seu quadril com as minhas pernas e aproximando meu corpo das suas costas com os braços em volta do seu pescoço.

Minha voz não é mais do que um sussurro quando digo, ao pé do seu ouvido:

— É exatamente a mesma coisa que sinto.

É a vez dele ficar em silêncio.

Prossigo:

— Sinto que ninguém me entende tão bem e me protege tanto. Nunca me senti tão bem cuidada como desde o dia em que te conheci. Não é só por causa do abandono e maus-tratos que sofri, sinto que não estou segura quando você não está por perto, e sei que esse tipo de lealdade e proteção é única. Você é único demais para que eu pense em encontrar tudo o que me oferece em outra pessoa.

Aperto meu corpo contra o seu, afundando meu rosto na curva do seu pescoço, aspirando o aroma do mar misturado com a sua loção, uma combinação deliciosa que entrou para o meu *ranking* de favoritas.

— Você devia casar comigo, sabia?

Ergo o rosto imediatamente, o choque atingindo o meu semblante.

— O que?

Sinto o momento em que engole em seco, seu pomo de adão se movimentando sobre o meu braço.

— Se sabe que não vai encontrar um homem que te proteja e cuide como eu, devia se casar comigo.

É a minha vez de engolir em seco.

Mas o que deu nele?

Por que está dizendo uma coisa dessas como se fosse fácil assim?

Desço das suas costas, atordoada demais para encará-lo nos olhos.

— Você devia pegar aquela bola no carro para jogarmos um pouco — proponho, evitando seu rosto a todo custo, mas sendo capaz de enxergar a pontada de decepção que lhe atinge.

Nitidamente a contragosto, ele se levanta na água.

— Tem razão. Vai ser bom jogar um pouco para nos secarmos antes de ir.

O acompanho até a areia, onde espero que ele volte com a bola de futebol. Quando retorna, seu semblante está impassível, no entanto, em momento algum Pedro age de modo irritado comigo.

Ele anda mais à frente e toca a bola para mim, que repasso de modo desajeitado.

Apesar de jogarmos altinha[5] desde crianças, nunca peguei definitivamente o jeito da coisa. Entretanto, Pedro, assim como quando éramos menores, continua não se importando com isso.

— Como quer que seja a sua primeira vez? — ele faz outra pergunta aleatória que me pega de surpresa.

— Como assim?

— Onde quer que seja? O que não pode faltar?

A bola para diante do meu pé quando chuta para mim, mas demoro a repassar pois estou pensando no assunto até que chego à conclusão de que…

— Não sei.

Pedro congela prestes a chutar a bola em minha direção.

— Como assim não sabe? Achei que todas as mulheres tivessem expectativas para esse momento.

Dou de ombros, abaixando a cabeça.

— Eu nunca… me imaginei conseguindo ter uma relação sexual com um homem. Perder a virgindade é a minha única expectativa.

Meu melhor amigo nota o desconforto em minhas palavras e recolhe a bola, se aproximando de mim até envolver meu corpo com seus braços fortes.

Ele deposita um beijo em meu cabelo antes de dizer:

— Mas consegue se imaginar fazendo isso comigo?

Assinto, pois é a mais pura verdade.

A ideia de perder a virgindade ainda é assustadora, no entanto, imaginar o meu melhor amigo como o homem que irá conduzir tudo torna o cenário mais positivo.

— Sabe que não precisa se pressionar, certo? — ele quer saber, erguendo meu rosto com os dedos em meu queixo. — Se na hora achar que chegou ao seu limite, nós não vamos continuar. Não vou deixar você passar por cima das suas feridas ainda não curadas só para provar algo para outros homens.

Assinto novamente, ainda mais convicta de que se for para avançar esse obstáculo, só conseguirei se for com ele.

Pedro se senta na areia e gentilmente me puxa para que eu me acomode entre as suas pernas. Com as minhas costas apoiadas em seu peito repleto de respingos de água, encosto a cabeça em seu ombro, sentindo seu hálito de menta soprar perto do meu rosto.

— Eu quero que seja na sua cobertura — digo, o surpreendendo. — Com o céu acima de nós, como agora.

Ele inclina o rosto para me encarar e sua boca fica perigosamente perto demais da minha.

— E mais o que?

— Não precisa de mais nada. Só preciso que você esteja lá para mim.

Apesar de simples, a minha resposta o faz sorrir largo.

Como se eu tivesse dito tudo que ele queria ouvir.



PEDRO

Você sabe que seus amigos não te respeitam nenhum pouco quando marca de estarem na sua casa às sete e eles só começam a chegar às nove.

Arrombados de merda, é isso que eles são.

Levi é o pior deles.

Ele toca a campainha do meu apartamento às dez da noite, três horas depois do combinado.

— Eu vou te matar, seu desgraçado. — É assim que o atendo na porta, permitindo que esteja dentro dos limites do meu apartamento quando dou uma bicuda no meio do seu rabo com o meu *Air Force* novinho em folha.

— Que deselegância! — murmura, massageando sua bunda seca enquanto caminha pela minha sala até se juntar aos outros patetas sentados no meu sofá. — É assim que se recebe uma visita?

Me sento à mesa de centro posicionada em frente ao sofá, roubando um pedaço de salaminho da tábua de frios que eu mesmo montei para receber esses sem-vergonhas que chamo de amigos.

— Gente sem educação eu recebo assim.

— Já podemos comer? — Enzo choraminga, desde a hora em que chegou doido para degustar o queijo *Brie*.

Eu dou um desconto para ele, já que só pode sair de casa depois que Bibi pega no sono, mas continuo fingindo estar igualmente puto com os três.

— Pode, seu verme.

Estendo a tábua na direção dele para que se sirva e Felipe aproveita a cortesia, capturando algumas azeitonas.

— Por que está tão mal-humorado, hein? — o camisa oito pega alguns salaminhos. — Devia estar mais feliz agora que vive dando uma dentro da sua melhor amiga.

— Não estou dando uma dentro dela e esse é o motivo de ter convocado vocês até aqui.

— Olha só — ri de se acabar —, ele nos convocou!

Felipe ri também, mas logo as risadinhas cessam quando veem a minha cara de poucos amigos.

— Tá bom. Tá bom. — Levi ergue as mãos em rendição. — Para o que precisa de nós, campeão?

— É, manda ver — Felipe concorda, se escorando no meu sofá e apoiando os pés na mesa como se estivesse na sala de casa.

Ignoro esse pequeno detalhe.

Estou prestes a contar porque os chamei aqui quando Enzo me interrompe:

— Antes de começar, será que não tem uma cervejinha, não? É que tá quente hoje.

O fulmino com o olhar, odiando a interrupção.

— Nós moramos no Rio de Janeiro, todo dia é quente. — Ele me lança um olhar choroso, até faz um biquinho. Reviro os olhos. — Vai buscar.

— Muito receptivo, graças a Deus — o ouço murmurar quando se afasta para pegar quatro *long necks* na minha geladeira.

Espero-o distribuir as bebidas e se sentar para retomar o foco da conversa.

— Eu chamei vocês aqui para termos um papo cueca.

Fazendo uso de todo o seu autocontrole, Levi consegue segurar o gole de cerveja que estava prestes a engolir dentro da sua boca quando a vontade de rir retorna com tudo.

Ainda bem, pois foi por muito pouco que eu e meu tapete não tomamos um banho de *Heineken*.

— Tá bom, eu vou perguntar… — Enzo toma a frente, diante da expressão de perplexidade de Felipe. — O que seria "papo cueca"?

Aperto a ponte do nariz, impaciente.

— É maneira de dizer. As mulheres usam o termo "papo calcinha" quando querem trocar experiências femininas confidenciais.

— Ah! — Levi parece compreender. — É aquilo que a Melinda diz quando quer conversar a sós com a Júlia e a Camila, saquei!

Assinto.

Felipe, que apesar de ter apenas trinta e quatro anos, age como um ancião quando o assunto são gírias da geração Z, só agora entende o sentido das minhas palavras.

— Exatamente. Preciso de alguns conselhos e um pouco da experiência de vocês.

Os três se entreolham, os semblantes exibindo confusão.

— Por que você precisaria disso? Já está bem grandinho — Prezzoti pontua, sem fazer a menor ideia da verdade.

— É, você não confia no seu taco? — Levi arqueia as sobrancelhas para mim.

Fico em silêncio, odiando ter que fazer o que preciso fazer. Até que Enzo quebre o silêncio e roube as palavras da minha boca:

— A menos que ele seja… virgem.

A última palavra ecoa no ambiente, provocando uma reação de espanto nos outros dois jogadores presentes.

Pelo olhar que me lança, Enzo enxerga a verdade nas entrelinhas rapidamente.

— Puta que pariu, você é mesmo virgem! — seus olhos se arregalam.

Me levanto, passando a andar pela sala de um lado para o outro, incapaz de ficar parado sob o olhar incrédulo desses três marmanjos.

— Qual é o problema nisso? — resolvo perguntar, parando diante deles.

Levi está pétreo, piscando repetidamente, sem saber o que dizer.

Felipe balança a cabeça em negação, bebendo um gole da sua cerveja sem deixar de me observar.

Enzo é o que parece menos assustado com a revelação.

— Só é surpreendente — ele afirma.

Toledo, por outro lado, parece indignado ao dizer:

— É inaceitável, isso sim, caralho! — o loiro passa as mãos pelos cabelos, totalmente atordoado. Não posso deixar de rir de como parece histérico. — Como assim você vive há vinte e seis anos sem sexo?

Dou de ombros.

— Da mesma maneira como você vive sem ter um pingo de senso.

— Senso não me leva a nada.

— Sexo não faz sentido para mim se não for com a mulher que eu amo.

Essa resposta parece piorar ainda mais as coisas dentro da sua cabeça, pois Levi põe a mão no peito dramaticamente como se tivesse sido atingido ali, me encarando estupefato, os olhos arregalados.

— Deus, como pode ser tão gado desse jeito? — indaga para ninguém em específico. — Realmente o último romântico do mundo existe e é você.

— E não tem problema nenhum nisso — Enzo se intromete, querendo apaziguar as coisas ao lançar um olhar afiado para o nosso loirinho sarcástico.

— Nenhum problema mesmo, só que ele está prestes a tocar a mulher dos sonhos dele sendo que não sabe nada sobre foder — Felipe ironiza enquanto se delicia com mais salaminhos.

Cruzo os braços, olhando feio para ele.

— Quem disse que não sei nada sobre foder?

— Se achasse que sabe o suficiente, não estaria alugando o meu tempo numa *fucking* sexta-feira à noite para uma porra de papinho cueca. E além do mais, esse nome é escroto pra caralho. Para todos os efeitos, eu nunca estive aqui.

Enzo se vira para mim, ignorando Prezzoti, solícito como eu não esperava que fosse.

— O que precisa saber?

Apesar de me sacanearam, os outros dois permanecem atentos, esperando pela minha resposta.

Volto a caminhar pela sala, incapaz de lidar com tanta pressão.

— Não sei ao certo, mas estou nervoso pra cacete. Tenho medo de machucá-la. Júlia é muito… — paro de falar, temendo estar passando dos

limites ao revelar algo íntimo sobre ela. No entanto, Felipe saca o que quero dizer.

— Apertada?

Assinto, um pouco envergonhado.

A ideia de pedir conselhos para meus amigos parecia melhor na minha cabeça. Acontece que não levei em consideração o fato de eles serem uns tremendos babacas quando querem.

O problema é que não tenho ninguém com mais intimidade para recorrer.

— Acho que não vai caber — confesso, coçando a nuca como sempre tenho mania de fazer quando fico ansioso.

Felipe sorri.

O convencido de merda sorri!

— Não, meu garotinho, a sua ponta de lapiseira calibre 0.7 não vai arrombar a boceta de nenhuma mulher, fica tranquilo. Bocetas foram feitas para permitir a passagem de bebês, elas suportam coisas maiores que o seu pau.

— Você não está entendendo… — insisto, sem conseguir acreditar nele. Antes de prosseguir, encaro a porta como se Júlia pudesse estar atrás dela, escutando tudo. O que não é real, pois da última vez que chequei, há duas horas, ela estava escutando áudio de concentração no fone de ouvido enquanto escrevia sem parar. Minha melhor amiga está em um ritmo de escrita frenético que não tem hora para acabar, mas mesmo assim, digo baixo: — Só coube um dedo, mesmo ela estando excitada pra caralho!

— É um espaço pequeno mesmo, mas devagar tudo se encaixa, vai por mim.

— Desde quando você é um mestre das virgens? Que eu saiba, você foge de mulheres jovens como o diabo foge da cruz — Enzo indaga, encabulado com o nosso camisa seis.

Felipe apenas dá de ombros, bebendo mais cerveja.

— Eu já cruzei com algumas ao longo da vida, só isso.

— Virgens são uma cilada, isso sim — é a vez de Levi dar pitaco. — Fuja enquanto pode.

— Ela é a única que eu quero.

— É exatamente por isso que não devia perder a sua virgindade com ela. Na primeira vez é tudo esquisito pra cacete. Você não tem certeza de nada, não consegue demonstrar autoconfiança e acaba reproduzindo as coisas que vê no pornô achando que funcionam na vida real.

Enzo volta a se intrometer.

— Não desanima o garoto. Os dois se conhecem há muitos anos, tem intimidade para isso. Tenho certeza de que vai ser muito mais tranquilizante para ela se souber que também é a primeira vez dele.

— Então acha que devo contar?

— Sim.

— Não! — o loiro decreta. — Já deve ser assustador pra caralho para ela ter uma parte sua sendo rompida, vai ser pior ainda se souber que o cara que escolheu para o serviço não faz a menor ideia de como encontrar o buraco certo e escavar.

Me viro para Felipe, que já bebeu a sua cerveja e a que deveria ser minha, agora partindo para a *long neck* de Enzo, distraído demais para notar o furto.

— O que acha?

— Do quê?

— Quero a sua opinião. Conto ou não conto para Júlia que sou virgem?

— Acho que não devia sair falando isso do nada, pode quebrar o clima. Se sentir que o momento está propício, conta, *ué*. Talvez deixe ela mais relaxada, as mulheres costumam ficar muito inseguras nesse momento por vários quesitos. Inseguranças com o corpo, com a performance e por aí vai. Se disser que ela é a sua primeira, pode fazer com que Júlia se sinta menos pressionada.

Assinto em concordância.

Apesar de Júlia nunca ter demonstrado desconforto ou insegurança relacionada ao seu corpo comigo, sei que ela possui outras fragilidades que podem surgir no momento do sexo e preciso estar atento a isso.

— Tá, mas agora quero que me digam o que acham que eu devo saber sobre sexo antes da minha primeira vez. Pensem no que vocês diriam aos seus filhos se precisassem ter essa conversa com eles.

— Primeira regra: nunca jogue descalço — Enzo diz, sem precisar pensar muito. — Não vale a pena o preço. Você não vai querer fazer esse tipo de gol sem se planejar, vai por mim.

É um bom conselho, mas é algo que eu já tinha em mente.

Apesar de querer desesperadamente fazer o meu próprio time de futebol com os filhos que terei com Júlia, sei que ela não quer pular etapas. Então não pretendo engravidá-la até que se sinta pronta para isso.

— Não deixe ela sair da sua cama sem ter certeza de que ela gozou, principalmente em um momento como o rompimento do hímen. Ela precisa

ter pelo menos dois orgasmos para compensar a dor. É básico, eu sei, mas muitos homens se esquecem desse princípio ao longo da vida — Levi aconselha. — Se quiser ser tão requisitado quanto eu um dia, precisa manter um padrão de qualidade.

Não contenho a vontade de revirar os olhos.

— Não quero ser requisitado por nenhuma mulher além dela.

Como resposta, ele me oferece o dedo do meio e murmura um "escravoceta". Devolvo o gesto, em seguida encarando o capitão do Prizza com expectativa para saber o que o tempo e a experiência o fez descobrir ser essencial sobre sexo.

— Acho que por último, mas não menos importante, que você devia saber, é que mulheres gostam de ver que estamos sentindo prazer. Então não seja um babaca inexpressivo. Nem com Júlia nem com nenhuma outra. Mostre o quanto o corpo dela te deixa louco, o quanto você se sente lisonjeado por estar dentro dela. Ela merece saber o quanto é espetacular para que se sinta confiante e se solte na cama. Acredite em mim, isso faz toda a diferença.

Anoto o conselho mentalmente, me perguntando se estou demonstrando minha devoção por Júlia o suficiente na maneira como a contemplo e a toco durante as preliminares.

Não quero que ela se sinta ninguém menos do que a porra de uma deusa quando eu estiver dentro dela para valer.

Não vou aceitar que saia da minha cama sem saber que sempre será a melhor com quem já transei.

— Agora fiquei curioso — Enzo diz, mudando de assunto. — Como foi a primeira vez de vocês?

O clima fica pensativo quando os dois refletem sobre o questionamento do goleiro e parecem resgatar lembranças do passado dentro das suas próprias mentes.

O primeiro a compartilhar é Levi:

— A minha foi aos quatorze anos, com uma prima distante que tinha ido para Santa Catarina tentar a vida e ficou um tempo na nossa casa. — O loiro se recosta no sofá com os braços cruzados, encarando a lua que desponta do céu pela minha varanda. — Ela era quatro anos mais velha, uma morena rabuda de olhos verdes. Tinha experiência no sexo para dar e vender, literalmente. Não é à toa que anos depois a reencontrei *se* vendendo em uma boate de Balneário Camboriú.

— Você gozou rápido? — pergunto. — Tenho medo de não aguentar e gozar rápido demais.

Ele ri.

— *Se durei* quatro minutos, foi muito. Mas não se pressione quanto a isso, é normal não conseguir se segurar na primeira vez. É tudo muito novo e muito melhor do que usar a própria mão.

Assinto, um pouco impressionado em ouvir esse tipo de conselho vindo dele.

— E você, FP? — me viro para o mais velho do grupo, que a essa altura já está bem menos inconformado em perder a sua sexta-feira para me ajudar devido às cervejas que o deixaram alegrinho.

— Ah, foi com a filha de um grande amigo do meu pai. Tínhamos a mesma idade, uns dezesseis anos. Inclusive, aconteceu durante um jantar de família na minha casa. A sensação *do* proibido só tornou as coisas ainda melhores. Mas eu dei um jeito de estragar tudo quando, sem querer, em algum momento da transa, empurrei no buraco errado e ela deu um grito que alarmou a casa inteira — conta, rindo. — O pai dela subiu para ver o que teria acontecido, já que ela disse que ia ao banheiro, e arrombou a porta do meu quarto, me encontrando com a pica na mão e a filha dele arreganhada para mim.

Todos nós caímos na gargalhada junto com ele.

— Sério, eu estou rindo agora, mas na época meu pai ameaçou me deserdar se essa história se tornasse um escândalo na mídia.

Posso imaginar o grande Francisco Prezzoti, um dos maiores nomes da história do futebol nacional, pasmo com a sem-vergonhice do filho mais novo.

Sua carreira foi marcada por conquistas e praticamente nenhuma polêmica ligada a ele. Pelo que sei, o eterno artilheiro do Brasileirão sempre quis o mesmo para Felipe e foi quem o ensinou a ser discreto sobre a sua vida pessoal com maestria, não é à toa que o camisa seis nunca foi manchete de nenhum perfil de fofoca ou algo do tipo em quinze anos de carreira profissional.

— Agora é sua vez, Enzo — intimo o goleiro, que acreditava que iria se safar.

— Foi com a minha namorada da época, tínhamos quinze anos. Não foi nada demais. Na verdade, foi bem romântico, por assim dizer. Eu soquei fofo porque não conseguia me movimentar sem ter a sensação de que a partiria ao

meio. Mas, de maneira geral, eu diria que foi o sexo mais significativo da minha vida. Foi a primeira e a última vez que transei com uma mulher sentindo mais do que apenas tesão. — Ele me encara, reflexivo. — Me lembro de que nossos olhares não se desgrudaram por nenhum segundo. Nos beijamos bastante também, o que hoje em dia eu não tenho mais costume de fazer. Pensando bem, posso até dizer que sinto falta desse tipo de sexo. É diferente. Não tem aquela coisa selvagem, mas tem um quê a mais que torna tudo inesquecível. Você não se preocupa apenas em gozar, o mundo parece girar em câmera lenta conforme vocês se tocam e a pressa se torna sua inimiga porque cada segundo dentro da mulher que você ama conta. O orgasmo é o de menos.

Estou preso na intensidade das suas palavras, entendendo perfeitamente o que quer dizer, apesar de nunca ter feito sexo.

É a descrição do que senti em todas as vezes que tive a oportunidade de dar prazer a Júlia.

É a sensação inexplicável de explorar as camadas do sexo com a mulher que amamos.

Levi, por outro lado, desconhece essa nuance do sexo, pois resmunga:

— Que viagem é essa, porra?

— Ah, cala a boca. Um dia você vai estar com os quatro pneus arriados por uma mulher e se bobear vai até usar uma coleira com o nome dela — Enzo implica.

Toledo nega veementemente, seu semblante demonstrando o quanto sente repulsa pela simples ideia.

— Nem se a terra capotar isso vai acontecer.

Nós três nos entreolhamos, torcendo para que a lei do retorno não seja falha e torne Levi tudo aquilo que sempre criticou.

— Apesar de serem escrotos pra cacete, vocês até que me ajudaram. — Ergo a minha *long neck* que Felipe tratou de esvaziar para propor um brinde simbólico. — Um brinde a nossa amizade.

Para não me deixarem no vácuo, os três também erguem suas garrafas de cerveja vazias e brindam comigo.

É, talvez eu ame esses arrombadinhos.



Faz dois dias desde que meus amigos tentaram me ajudar a me sentir confiante para um dos momentos mais aguardados da minha vida.

E aqui eu me refiro a estar dentro de Júlia, não perder a virgindade.

Espero por isso há muito tempo.

Essa espera se tornou ainda mais dolorosa depois que passei a tocá-la intimamente, ao mesmo tempo em que um temor me invadia por estar cada vez mais próximo desse dia.

Ele chegou.

O dia em que eu e minha melhor amiga faremos o melhor sexo das nossas vidas.

Não sei por que me senti nervoso com a hipótese de falhar com ela, quando já provei para mim mesmo que ao se tratar de Júlia Passos, sou um grande especialista.

Sei que sou incapaz de decepcioná-la.

Prefiro me cortar ao desapontá-la.

É munido dessa certeza que encaro o amplo espaço da cobertura do meu apartamento com um olhar de dever cumprido e muitas expectativas para o que virá a seguir depois de passar mais de duas horas decorando tudo até ficar do jeito que deveria.

Apesar de Júlia dizer que a minha presença e o céu acima de nós basta, não me limitei a suprir apenas as suas exigências.

Eu quero surpreendê-la.

Quero superar as expectativas que ela pensa que não possui.

Foi pensando nisso que espalhei velas aromáticas por toda a extensão da cobertura, além de formar uma pequena trilha com elas que leva até a cama dossel de madeira com teto vazado que coloquei no centro do cômodo para que Júlia possa estar vendo as estrelas enquanto a faço gozar. Rosas vermelhas também foram espalhadas pelo percurso, criando uma experiência visual e aromática incrível.

Apesar de ser uma noite quente, estou vestindo bermuda preta e uma blusa polo branca, pois mesmo com vontade de me livrar dessas roupas o quanto antes, quero que Júlia faça o serviço de me despir, assim como pretendo fazer com as vestimentas dela.

Ela não faz a menor ideia de que hoje é o dia.

Júlia me pediu que eu a surpreendesse com a data e a hora que as coisas deveriam acontecer depois de me confirmar que estava pronta para dar esse passo na sua vida.

E eu decidi que não passaria de hoje.

Eu a farei minha nessa noite.

Inspiro e expiro fundo várias vezes até sentir que tenho a minha ansiedade sob controle para abrir a conversa com Júlia no *Whatsapp* e digitar uma mensagem.

Que horas você vai vir? Já são quase meia-noite.

Júlia

Só estou terminando o último sprint.

Eu falei para você não me esperar porque iria fazer maratona de escrita.

Eu sei, mas estou ansioso para te mostrar uma coisa.

Júlia

Me mostrar o que?

Meia-noite eu te conto.

Saio da conversa com o intuito de ignorar propositalmente as mensagens que manda a seguir, sabendo que minha melhor amiga é ansiosa demais para ser capaz de aguardar para obter uma resposta depois que sua curiosidade é aguçada.

Agora é só esperar.



JÚLIA

O que *vc* quer me mostrar?????

Pedro, volta aqui!!!

Não importa o quanto mande mensagens ou ligue, Pedro me ignora pelos próximos cinco minutos com maestria, tirando a minha concentração quando eu estava focada em terminar um capítulo importante para a história.

Desde que postei o capítulo setenta e seis e dei continuidade ao livro, minhas leitoras simplesmente estão em surto aguardando o final de “Meu

Camisa 10”.

De alguma maneira, elas encontraram meu perfil pessoal do *Instagram e* todos os dias lotam a minha DM com mensagens pedindo desesperadamente por mais de Giulia e Pietro.

Para me incentivar a escrever mais, propus um esquema de metas com elas. Depois que publico um capítulo, minhas leitoras precisam bater a meta estipulada de votações e comentários no livro para que eu poste o próximo assim que o objetivo for atingido.

Isso tem ajudado a história a subir no *ranking* de mais lidos na plataforma de leituras gratuitas e muitas outras pessoas estão começando a ler o livro por causa disso. Sem falar que estimula a interação das leitoras, o que por sua vez me motiva a escrever mais.

A última meta foi batida em menos de três horas do capítulo postado, por isso estou devendo de postar o próximo amanhã até o meio-dia, o que por sua vez, é o motivo da minha ansiedade em terminar de escrevê-lo para apenas me preocupar em revisá-lo antes de ir parar nas mãos das fãs de Piulia, porque do jeito que elas são, com toda certeza vão bater a meta em ainda menos tempo e eu terei que me virar para entregar o capítulo seguinte antes de completar vinte e quatro horas da publicação do último.

Acho que não vai rolar.

Não consigo voltar a me concentrar na história quando tudo o que a minha mente quer é descobrir o que Pedro está aprontando.

Muitas possibilidades rondam a minha cabeça, mas a maior delas faz as borboletas em meu estômago acordarem quando o pensamento toma forma.

E se ele estiver me chamando para… transar?

Me levanto da mesa imediatamente, dando de cara com a minha aparência no espelho.

Estou vestindo mais uma das suas blusas que em mim se tornam *camisetões*, os cabelos sujos, pois com toda a correria para entregar os capítulos dentro do prometido para as leitoras, não tive tempo de me cuidar. Ainda bem que as minhas unhas *stiletto* de acrigel estão em dia ou eu surtaria de verdade.

Decidida, marcho em direção ao banheiro, tomando um banho caprichado e lavando os cabelos. Também aproveito para depilar os pelinhos indesejados que surgiram desde a minha última sessão de laser e saio do chuveiro renovada.

Com a toalha em volta do corpo que exala o aroma do meu sabonete de baunilha, seco meus cabelos rapidamente. Por serem curtos, não dão trabalho em nada na hora de finalizá-los. Usando uma escova, faço algumas ondas com o jato do secador quente e em minutos minha dignidade é restaurada.

Mesmo com o tempo curto, corro até o meu *closet*, me sentando à frente da minha enorme penteadeira estilo camarim e faço uma *make* básica, que se Pedro já não tivesse dormido comigo, não saberia que eu não nasci sem olheiras e sem um corado nas bochechas de tão natural que é essa maquiagem. Para finalizar, passo um pouco de *lip tint* nos lábios, um detalhe que já se tornou um traço de personalidade.

O mais demorado, deixei propositalmente para o final.

Encaro as araras do meu *closet*, tentando não ter uma crise de ansiedade ao começar a pensar em qual das opções se enquadra melhor no que preciso.

Na verdade, não faço ideia do que preciso.

Não sei se devo aderir a um *look* mais sexy para impressionar, uma coisa mais casual para não chamar tanta atenção ou simplesmente ir nua.

É, talvez eu devesse ir *peladinha da Silva*.

É a melhor opção se eu não quiser enlouquecer com tantos pensamentos e possibilidades.

Certa da minha decisão, calço um par de rasteirinhas e ando até a porta com a cabeça erguida e a bunda empinada.

Sinto um frio na espinha ao sair para o corredor, totalmente exposta para quem quiser ver. Sorte que há apenas os nossos apartamentos neste andar ou eu não teria essa coragem toda.

Abro a porta dele com a minha digital na maçaneta tecnológica. Como esperado, não o encontro na sala, assim como em nenhum outro cômodo do primeiro andar, constatando a minha hipótese de que meu melhor amigo me aguarda na sua cobertura para uma noite de sexo avassaladora.

Deixo a sandália no canto da sala e subo as escadas com meus pés descalços sobre o piso gelado de porcelanato, não querendo alertar Pedro sobre a minha chegada.

Meu coração dispara imediatamente ao vê-lo de costas para mim com as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça erguida para o céu enquanto encara a lua ao longe.

Ele simplesmente fez da sua cobertura um espaço romântico decorado com velas e rosas, além de preparar uma cama dossel de madeira

posicionada no centro do ambiente, com o céu acima de nós, exatamente como pedi.

Dou alguns passos confiantes na sua direção até tocar suas costas e fazê-lo se virar para mim.

O olhar lascivo que recebo faz minhas pernas ficarem bambas.

Pedro me contempla da cabeça aos pés, sua expressão exibindo o quanto me ver nua o deixa positivamente surpreso.

— Oi — digo com as mãos unidas em frente à minha intimidade.

— Júlia…

Meu nome deixa seus lábios em um ofego carregado de desejo antes que Pedro corte a distância entre nós e tome a minha boca em um assalto inesperado. Fico na ponta dos pés para alcançá-lo, envolvendo seu pescoço com os meus braços conforme ele segura meu rosto entre as mãos.

O beijo inicia de modo lento, nossas línguas matando a saudade sem pressa.

É aqui que percebo o quanto senti falta disso e o quanto preciso desesperadamente de mais.

Em um pulo, enrosco minhas pernas em volta do seu quadril. Pedro me ampara facilmente, aproveitando a oportunidade para apalpar minha bunda.

— Safado — sussurro rente aos seus lábios.

— Gostosa.

Sorrio, nossas testas encostadas uma na outra.

Meu melhor amigo me carrega até o colchão *King Size* estendido sobre uma estrutura de *pallets* de madeira, onde me joga. Meu corpo mal cai sobre a cama e Pedro já se livrou dos sapatos e está vindo para ficar por cima de mim.

Seu corpo grande e musculoso se agiganta sobre o meu de forma que seu rosto paira a centímetros de distância de mim, seu hálito soprando meu nariz, sua respiração apressada e o seu coração batendo sobre a palma da minha mão quando toco seu peito.

— Está nervoso?

Sua resposta inicial é engolir em seco.

— É a primeira vez que faço isso.

Pisco algumas vezes, não tendo certeza se realmente ouvi certo.

— Como assim?

— Você será a minha primeira assim como eu serei o seu primeiro.

A constatação de que não só não ouvi errado como também não entendi errado me faz prender a respiração, minha cabeça girando para processar a informação.

— Mas por quê? Você tem vinte e seis anos… — sinto a necessidade de perguntar.

— Você tem vinte e quatro e também nunca fez.

O encaro, ainda perplexa.

Como ele pode pensar que a nossa situação é parecida?

Ele é simplesmente um jogador promissor muito cobiçado. Existem poucas mulheres no mundo que não iriam querer tê-lo entre as pernas delas.

Como pode se manter puro diante de tanta tentação?

Engulo em seco, tentando voltar a respirar tranquilamente.

— O meu caso é diferente, vontade nunca faltou.

— Vontade também nunca me faltou, o que faltava era você.

Esqueça o que eu disse sobre voltar a respirar.

Não posso soltar o ar, não quando o possível significado dessas palavras me atinge.

Não quando todo o meu corpo é paralisado pelo medo de que ele esteja querendo dizer o que eu acho que quer.

— Me beija — imploro em um sussurro carregado de receio.

Apesar de haver expectativa sobre o que penso a respeito da sua confissão transbordando no seu olhar, ele atende a minha necessidade, flexionando os braços estendidos ao lado da minha cabeça até seus lábios estarem grudados nos meus.

Enquanto experimento a maciez da sua língua se movendo contra a minha, me impeço de pensar no que as suas palavras verdadeiramente significam, mesmo no fundo, tendo ciência.

Não quero ter que abrir mão dessa intimidade para proteger a nossa amizade.

Não me sinto pronta ainda, mas sei que uma hora precisarei estar.

Só não vai ser agora.

Delicadamente, afasto o rosto de Pedro para estar olhando nos seus olhos quando suplico:

— Me fode, por favor.

Suas íris reluzem luxúria com o meu pedido e suas mãos se apressam em abrir as minhas pernas para esfregar sua ereção em mim, fazendo meus olhos

se arregalarem com a protuberância que parece duas vezes maior do que o normal.

Nunca vou me acostumar com todos esses centímetros que meu melhor amigo ostenta no meio das pernas.

É quase uma terceira perna, caramba!

— Acha que não estou desesperado para isso? — não respondo. Perco a minha capacidade de fala quando roça seus lábios na curva do meu pescoço, eriçando os pelinhos da nuca. — Não faz ideia do quanto estou ansioso para me enterrar todo dentro de você, mas preciso te preparar para isso.

— Eu estou mais do que pronta. Olha só. — Levo sua mão até a minha intimidade, esfregando seus dedos na minha lubrificação.

Pedro respira pesadamente, seu pomo de adão chamando a minha atenção quando engole a saliva.

— Isso aqui não é nada perto do que quero despertar em você antes de te penetrar, baixinha.

— Pedro… — Estou prestes a contrariá-lo quando põe o dedo indicador sobre os meus lábios.

— Caladinha. Quero as suas pernas bem abertas e a sua boca fechada, a não ser que seja para gemer o meu nome, aí pode falar à vontade.

Assinto, demonstrando uma submissão que o deixa muito excitado.

Por mais que o queira desesperadamente dentro de mim, preciso concordar que não devemos pular etapas, ainda mais quando tenho um homem tão dedicado como ele querendo me dar prazer.

Estou pronta para aceitar tudo o que Pedro Brassard tem a me oferecer.

Permaneço calada enquanto assisto sua boca descer até o meu colo, onde Pedro espreme meus seios e abocanha os dois ao mesmo tempo, daquele jeito gostoso que me leva à loucura.

Meu clitóris palpita à medida que ele suga minha aréola sem desviar os olhos dos meus.

Há uma quantidade de energia enorme sendo acumulada no meio das minhas pernas, fazendo com que eu me esfregue na coxa de Pedro na tentativa de me saciar.

Mas quem disse que estou perto de me sentir satisfeita?

Conforme desce mais seus lábios pelo meu corpo em uma trilha de beijos sem deixar de espremer meus mamilos entre os seus dedos, a excitação se torna crescente em níveis desumanos dentro de mim.

Passo a gemer desordenadamente, meus olhos vidrados na imagem do rosto dele pairando entre as minhas coxas quando chega ao seu destino final.

Posso sentir minhas veias pulsando mais forte devido ao frenesi que toma conta de mim ao sentir o nariz de Pedro roçar minha virilha, aspirando o meu cheiro ao mesmo tempo em que me provoca arrepios.

— Tão cheirosa… — elogia, fechando os olhos para apreciar melhor o aroma.

Sua barba passa a deslizar sobre a minha pele à medida que roça seu rosto em mim, seu nariz fazendo o caminho até as minhas dobras lubrificadas. Pedro faz com que eu me contorça sobre o colchão ao esfregá-lo sobre o meu clitóris dolorido.

— Oh! — seguro sua cabeça para que não saia do lugar.

Provando que pode melhorar, Pedro movimenta o nariz de uma forma extremamente satisfatória e ainda introduz sua língua afoita dentro da minha fenda necessitada.

Em busca de mais, cavalgo em direção ao seu rosto, ansiando pela chegada do êxtase que parece cada vez mais perto conforme me movo.

A língua dele investiga meu interior, provocando uma formigação que me induz a ondular sobre o colchão. Pedro substitui seu nariz por seus dedos astutos, que se ocupam em esfregar meu clitóris e não me deixam perder o orgasmo de vista.

Sua língua também me abandona, pois o camisa dez tem outros planos para usar a boca.

Ele se deita ao meu lado, sem interromper o trabalho da sua mão no meio das minhas coxas, e encosta seus lábios no lóbulo da minha orelha para dizer:

— Continue gritando o meu nome para a cidade inteira ouvir quem te fode do jeito que você gosta.

— Pedro… — ofego, respirando com dificuldade e sentindo gotas de suor escorrendo pelo vale entre os meus seios.

— Vamos, diga o nome do seu homem para todo mundo ouvir.

— Oh, Pedro…

Seus dedos aceleram os movimentos, fazendo minhas pernas tremerem e meu clitóris vibrar, o orgasmo se aproximando.

— Diga: quem está te fazendo gozar?

— Pedro…

Aperto os olhos, incapaz de fazer qualquer outra coisa que não seja obedecê-lo.

— Quem é o seu homem?

— É você, Pedro!

Posso senti-lo sorrindo contra o meu ouvido, o coração dele martelando seu peito, que por sua vez está pressionando meu braço, possibilitando que eu também sinta as batidas frenéticas.

— Quem sabe te tocar como ninguém?

— Você. É você, Pedro…

Os próximos segundos parecem acontecer em câmera lenta.

Sou atingida por uma onda energética que domina meus sentidos e contorce meu corpo de prazer à medida que o deleite varre minhas células e provoca um tipo de satisfação alucinante.

Toda vez é única.

É espetacular.

É espetacular a maneira como sou transportada para o céu pelos dedos dele e trazida de volta em poucos segundos quando meu clitóris sensível já não suporta mais as carícias e Pedro afasta seus dedos mágicos de mim.

— Como posso ser a sua primeira se você parece conhecer o corpo de uma mulher como ninguém? — pergunto, assim que recupero as energias.

Pedro sorri, seu rosto acima do meu e sua mão, que cheira a minha lubrificação, acariciando meu rosto.

— Eu estudei muito para te impressionar, não se engane.

Me impressionar? Ele quis *me* impressionar?

É a minha vez de sorrir.

Bobinho.

Pedro não faz a menor ideia de que mesmo sem se esforçar, conseguiu superar todos os homens que já passaram pela minha vida.

O que mais pode querer?

— Ah é? — assente, ainda sorrindo feito alguém que acabou de ganhar na loteria. — Me mostre o que mais aprendeu para me impressionar.

No mesmo instante, ele desliza seu dedo anelar e médio para dentro de mim sem dificuldade. Abro mais as pernas para aproveitar melhor o que tem para me mostrar.

Sou surpreendida quando flexiona os dedos e encontra uma parte extremamente sensível na parede superior da minha vagina, imediatamente me arrancando um gemido.

— Você já conhece esse truque — sussurra enquanto reviro os olhos, me deleitando com os movimentos. — Já gozou gostoso assim. Ou se esqueceu?

Nego.

— Não… não me esqueci.

— Imaginei que não. Mas você conhecia o seu ponto G?

Nego novamente.

— Só ouvia falar…

É torturante ser obrigada a me concentrar em algo que não seja nessa massagem deliciosa, mas de alguma maneira sinto o êxtase se aproximar mesmo que eu não esteja totalmente entregue, devido somente a potência dessas carícias, que são capazes de controlar meu corpo inteiro com alguns toques certeiros.

— Eu nunca vou te deixar esquecer que ele existe.

— Oh, sim…

Minha ruína é decretada quando passa a massagear meu clitóris recém-recuperado com o polegar. Sou atingida outra vez por um orgasmo fulminante, que acelera as batidas do meu corpo e o faz estremecer de uma forma que penso que irei morrer.

Quase penso que meu corpo não irá resistir.

No entanto, no momento em que o deleite se esvai como uma onda do mar que faz o seu caminho de volta, exercendo força na tentativa de levar algo consigo, me lembro que apesar de potente, o ápice do prazer não pode me levar à morte, como imaginei na primeira vez que aconteceu.

O máximo que pode ocorrer é me deixar entorpecida o suficiente para desejar sentir o mesmo de novo logo no segundo seguinte.

Dessa vez não é diferente.

Levo alguns instantes para me recuperar, minha respiração muito ofegante, suor se acumulando em meu corpo e o olhar orgulhoso de Pedro pairando acima de mim.

— O próximo será comigo dentro de você.

Sorrio.

— E o que está esperando?

Ele estende o braço sobre o meu rosto para alcançar algo debaixo do travesseiro onde minha cabeça descansa. Se trata de uma camisinha, que para poder vesti-la, desce da cama e tira o *short*, prendendo meus olhos à cena.

Percebendo que está protagonizando um *show* em minha mente, Pepi desliza a cueca vagarosamente pelas pernas, suas orbes atentas ao meu rosto quando expulsa o tecido pelos pés.

Seu membro endurecido e com veias proeminentes agora pode se manter erguido livremente, como uma espada empunhada que me faz salivar.

Ele veste a camisinha sem dificuldade, prestando atenção para não deixar criar bolhas de ar dentro dela. Quando confere que está tudo nos conformes, sobe no colchão, mas ao invés de se acomodar no meio das minhas pernas, caminha até que seu pau esteja pairando sobre a minha boca e seus joelhos apoiados ao lado dos meus ombros.

— Oh — ofego ao sentir a glande ser introduzida por meus lábios entreabertos, entretanto, não demoro para recebê-la, acariciando a cabeça do seu membro envolta pelo látex com a boca.

Pedro bombeia algumas vezes por entre os meus lábios, apertando os olhos de prazer enquanto observo seu corpo gigante se movimentando sobre mim, seus músculos flexionados e um pouco de suor escorrendo pelo seu abdômen esculpido.

Quando sente que está beirando o limite, ele se retira, seu pau deslizando pelas minhas mucosas até a saída. Não resisto em lhe dar uma última lambida pela extensão, fazendo com que Pedro respire pesadamente e tenha que lutar contra a vontade de se enterrar na minha garganta para cumprir a sua missão de tirar a minha virgindade.

Meu coração martela em meu peito pela expectativa conforme Pepi se aloja entre as minhas coxas, deslizando seu membro majestoso sobre as minhas dobras para cima e para baixo.

— Tudo bem? — ele quer saber, me lançando um olhar preocupado.

Assinto, me perdendo nos limites do prazer novamente.

— Estou mais do que pronta.

— Não sei se estou pronto — confessa, seu semblante sendo tomado pela vulnerabilidade que é incapaz de esconder.

— Por que não estaria?

— Depois que não for mais virgem, isso acaba, certo? Esse jogo de intimidade que criamos.

Assinto, um nó se formando na minha garganta.

— Foi o que combinamos.

— Não sei se estou pronto para abrir mão disso.

Droga.

Respirar tranquilamente se torna difícil outra vez.

Por causa dessas simples palavras, meu interior se torna uma bagunça de batimentos cardíacos desenfreados, respiração pesada e medo se apossando das minhas células.

Por que ele está fazendo isso comigo?

Por que está agindo como se não fôssemos amigos há quinze anos?

— Pedro… — ele engole meu sussurro ao aproximar sua boca da minha e me beijar com intensidade.

Suas mãos não deixam de trabalhar para me dar o que preciso. Pedro passa a estimular meu clitóris com seu polegar e introduzir lentamente sua glande pela minha fenda escorregadia.

Não demoro para sentir a ardência ao que se referem todas as pessoas que já tiveram seu hímen rompido, mas ela é amenizada pelo prazer que o estímulo em meu núcleo traz.

— Júlia, eu… — meu melhor amigo afasta nossos lábios na tentativa de dizer algo, entretanto, as palavras morrem antes que complete a frase.

Posso enxergar o receio cintilando nas suas íris extremamente escuras enquanto ele se coloca pouco a pouco dentro de mim, me arrancando gemidos de dor misturados com prazer.

Ser penetrada sob o seu escrutínio é uma experiência intensa e muito satisfatória por poder contemplar seu semblante se retorcer pelo deleite que o atinge à medida que sente as paredes da minha boceta recebê-lo.

Quando percebo, metade do seu sexo está dentro de mim, mas sinto sua glande tocar o colo do meu útero e constato que esse é o limite. Entretanto, não torna menos exultante para Pedro, que passa a se movimentar com um pouco mais de rapidez, me empalando de modo firme sem me machucar.

O colchão balança no mesmo ritmo que nossos corpos, gotas de suor escorrendo do peito dele e caindo sobre a minha pele quente de desejo.

Mal posso acreditar que não sou mais virgem e que mesmo que Pedro tenha deixado de estimular meu clitóris, estou sentindo prazer com a penetração. Ou melhor, estou fazendo sexo.

Estou transando com um homem.

Estou livre.

Pedro enxerga a felicidade em meu semblante e sorri, compartilhando da minha empolgação.

Não só estou orgulhosa de mim mesma, como prestes a gozar. Sinto os espasmos rondando minhas células a cada movimento do quadril dele de

encontro a minha boceta. A sensação se intensifica quando a boca de Pedro alcança meu pescoço, chupando a região de modo que me faz apertar os olhos.

— Pedro, eu vou…

Não consigo terminar a frase, os tremores incontroláveis me atingem, sacudindo meu interior, estremecendo as minhas pernas de maneira violenta.

Ao abrir os olhos, encontro o rosto de Pedro acima do meu, sua pele brilhando de suor, mordiscando os lábios e me contemplando como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Sua corrente faz cócegas em meu queixo conforme aumenta a intensidade das estocadas, potencializando o meu orgasmo.

Arranho suas costas, minhas unhas deixando um rastro que não parece indolor e sim prazeroso, pois as pupilas dele dilatam e ele solta um gemido entrecortado.

— Porra… sua boceta está me estrangulando.

— Desculpa — sussurro, perdida demais no meu próprio deleite para me sentir culpada.

— Não. É gostoso pra caralho — murmura rente aos meus lábios, flexionando os joelhos no colchão para me empalar ainda mais fundo, sua glande esmurrando o meu útero, mas mesmo assim não me permitindo sentir dor. — Eu que vou precisar me desculpar.

Os segundos preciosos de puro clímax se vão, deixando meu corpo mole e com a sensação de que toda a minha energia foi esvaída. Meus braços caem para os lados no colchão, minhas unhas deixando de marcar a pele das costas dele.

— Por quê?

— Porque não vou durar nem mais um segundo.

Sorrio da maneira como meu melhor amigo soa adorável enquanto se contém.

Apesar de não sentir o líquido escorrendo pelo meu interior devido a camisinha, sinto o membro ficando mais robusto conforme arremete dentro de mim mais algumas vezes, soltando gemidos deliciosos para os meus ouvidos, que amam ouvir suas manifestações de deleite, sabendo que sou a razão do seu descontrole.

Eu só não esperava ouvir o que escapa por entre os seus lábios avermelhados quando me empala uma última vez:

— Eu te amo.

Penso em fingir que não escutei, afinal, não foi nada mais do que um sussurro, mas Pedro me impede ao repetir outra vez, agora com seu membro estático em meu interior e seus olhos capturando os meus:

— Eu te amo, baixinha.

Acho que a minha expressão de espanto diz tudo, pois imediatamente Pepi se retira de dentro de mim, me dando as costas para tirar a camisinha.

Não pode ser.

Pedro não pode ter se apaixonado por mim em um mês.

Não deveria significar nada.

Não deveria afetar a nossa amizade.

Esse foi o combinado.

Era para ser apenas cinco minutos, mas se tornou essa bagunça de sentimentos e sensações.

Quero um homem tão atencioso, protetor e habilidoso quanto Pedro, no entanto, que não seja ele.

Não posso suportar perdê-lo se as coisas não derem certo.

Não vou suportar saber que ele é como os outros, caso me decepcione.

É para ele que eu volto quando descubro que todos os homens do mundo são horríveis, menos ele.

Menos o único em quem confio eternamente.

Menos o homem incrivelmente inatingível que tenho como meu melhor amigo.

Perder isso seria como perder um órgão vital que me impediria de viver.

Engulo em seco, me sentando com as pernas junto ao meu tronco, esperando-o se virar.

Pedro continua de costas enquanto veste a cueca, me evitando.

— Eu também te amo — quando termino de dizer, sinto a minha garganta doer como se eu tivesse engolido cacos de vidro, pois sei que não era esse tipo de “eu te amo” que ele esperava ouvir.

Pensei que as minhas palavras pudessem amenizar a situação, mas o ar parece ficar ainda mais acumulado de tensão quando finalmente se vira para me encarar, os olhos marejados como naquele dia depois do jogo.

O mesmo olhar derrotado.

O mesmo semblante cabisbaixo.

É, chegou a hora de pôr um fim nisso.



PEDRO

Em quinze anos de amizade, nós nunca dissemos “eu te amo” um para o outro.

Eu guardei essas palavrinhas sagradas por todos esses anos porque elas sempre tiveram um significado a mais para mim quando se tratava de Júlia.

Quando finalmente consegui dizê-las, ou melhor, elas simplesmente escaparam da minha boca de uma forma tão natural que me surpreendeu, não soaram como deveriam.

Ou Júlia não interpretou o que eu *realmente* queria dizer, pois retribuiu o gesto, me encarando com um semblante inexpressivo depois de passado o

choque inicial.

Ela ficou surpresa porque foi a primeira vez que ouviu isso de mim. Ao contrário do que imaginei, guardar essas palavras para um momento especial não fez o efeito que eu gostaria.

Com a garganta embargada, engulo minha saliva, piscando para afastar as lágrimas de insatisfação que insistem em querer ser despejadas.

Não agora.

Não antes de eu dizer tudo o que preciso.

Não antes de ter certeza de que ela entendeu exatamente como me sinto.

— Não é como está pensando. Eu te amo como…

— Pedro — me interrompe. — Não faça isso. Não me coloque nessa situação.

Uma adaga parece ter sido cravada em meu peito pela maneira como meu coração é atingido pelo que me diz.

Ela entendeu o que eu quis dizer.

Ela sabe o que sinto.

Ela só não…

Me ama da mesma maneira.

A constatação faz minhas pernas fraquejarem e meu coração ficar apertado. Respirar se torna difícil como nunca, de uma forma ruim.

É ruim descobrir que a única mulher que eu quero não considera a possibilidade de ser minha.

— Sinto muito — sua voz está embargada quando fala, os olhos ficando marejados como os meus. — Mas eu preciso manter a razão na frente dos sentimentos por nós dois. Essas semanas que passamos juntos foram intensas o suficiente para você pensar que se apaixonou. Eu também estou confusa, mas devemos afastar esses sentimentos, pelo bem da nossa amizade.

— Não foram essas semanas.

Ela me encara, perplexa.

— O que?

Lanço um olhar firme na sua direção, uma lágrima teimosa que conseguiu escapar e escorrendo pelo meu rosto sem o meu controle.

— Eu não me apaixonei por você durante essas semanas, eu te amo há quinze anos. — Inspiro fundo, me impedindo de chorar como um derrotado na frente dela, apesar de me sentir exatamente assim. — Há quinze anos vivo esperando pelo momento certo para me declarar. Parecia uma ótima oportunidade quando você me pediu para ajudá-la com as suas questões,

pensei que finalmente enxergaria que o que tanto procura em outros homens, só irá encontrar em mim. Mas acho que foi um grande erro da minha parte, certo?

Espero, com todo o resquício de fé dentro de mim, que ela diga que estou errado, que essas últimas semanas foram as melhores da sua vida assim como foram da minha, mas toda e qualquer expectativa que eu nutria é despedaçada como vidro estilhaçando no chão depois de ser arremessado quando Júlia responde:

— Sim — ela anui, se levantando da cama com o lençol em volta do seu corpo. — Isso tudo foi um grande erro e eu te peço desculpas por ter te pedido que me ajudasse. Se eu soubesse que isso mudaria tudo entre nós, nunca teria feito essa escolha.

Apesar de Júlia achar que está melhorando as coisas, elas só pioram na minha mente, que entra em pane com as últimas coisas que disse.

Nunca, em toda a minha vida, pensei que seria machucado dessa maneira por alguém que eu amo tanto.

— Essa é a questão. As coisas mudaram na forma como *você* me enxerga, mas eu sempre te vi assim, como a única que possui tudo aquilo que preciso em uma mulher.

Ela dá um passo adiante, a cabeça erguida para conseguir me encarar, já que sou muitos centímetros mais alto.

— Como poderia saber se nunca esteve com nenhuma outra? Eu posso encontrar suas qualidades em um homem, Pedro. E é isso que vou fazer para proteger a coisa mais importante da minha vida: a nossa amizade. E eu sugiro que faça o mesmo.

Júlia me dá as costas, sem fazer a menor ideia de que cravou milhares de flechas em meu peito. Está prestes a descer as escadas enrolada no lençol quando a faço congelar no lugar.

— Nunca pensei que diria isso, mas acho que minha irmã está certa.

Seus olhos me investigam quando me encara por cima do ombro.

— O que quer dizer?

— Não posso suportar viver assim por mais tempo. Não quero mais ser um coadjuvante na sua vida. Não quero te assistir se casando com outro. Não quero ser o padrinho dos seus filhos. Se não posso ser o seu homem, não sei se quero ser o seu melhor amigo. Acho que é melhor darmos um tempo na nossa amizade.

Minhas palavras transformam o semblante dela em uma careta de choro que termina de esmagar meu coração.

Mesmo sentindo com cada célula do meu corpo a sua dor como minha, me mantenho firme na decisão.

— O que está dizendo? Vai me abandonar? — agora as lágrimas escorrem, manchando sua pele maquiada.

— Preciso esquecer que te amo para voltar a ser seu amigo — as palavras cortam minha garganta quando deixam meus lábios.

Deus sabe o quanto me dói ter que dizer isso, e mais ainda, ter que realmente *fazer* isso.

É horrível ter que esquecer alguém que você quer amar desesperadamente.

Mas acho que é necessário, às vezes.

Não tenho certeza.

Ela foi a primeira que ocupou o meu coração.

Não sei se um dia ele será de outra.

Nesse momento, nem posso me imaginar desocupando-o para entregá-lo a outra mulher sem sentir que será o dia mais triste da minha vida.

Ela engole as lágrimas, fungando um pouco quando pergunta:

— De quanto tempo precisa?

Dou de ombros, cruzando os braços na tentativa de pressionar meu peito, pois parece que a qualquer momento meu coração vai explodir, tamanha dor sendo acumulada dentro dele.

— Não faço a menor ideia.

Os lábios de Júlia estão trêmulos, bem como seus dedos, que seguram a barra do lençol a todo custo.

— Você vai me ignorar? Não quero ficar sem falar com você.

— Nós podemos nos falar, mas sem entrosamento. — Me preparo psicologicamente para dizer o que vem a seguir, sabendo o potencial destrutivo que essas palavras terão em mim e nela: — Preciso fazer um *detox* de você.

É como assistir uma torre desmoronar, porque é isso que Júlia faz: desmorona por dentro.

Por fora, ela apenas assente e se vira, descendo as escadas sem dizer mais nada.

É melhor assim.

Ou talvez eu esteja me convencendo disso para me sentir melhor, porque a verdade é que me odeio por ter que machucá-la dessa maneira, afinal, eu

ainda sou o homem que cortaria o próprio coração ao meio para não precisar ferir o dela.

Ainda sou o homem que a ama desesperadamente ao ponto de colocar a sua felicidade na frente da minha dor.

Mas preciso deixar de ser.

Se eu quiser ser o melhor amigo que Júlia quer ao seu lado, preciso me tornar indiferente a ela.

Preciso me curar, para que a sua felicidade com outro homem não provoque rachaduras em meu peito.

Não mais.

Desnorteado, desço as escadas respirando com dificuldade.

Tudo o que quero é esquecer do dia de hoje.

Apagar a minha memória dos minutos anteriores.

Aliviar meu coração com outra coisa que não seja a morte.

Encontro meu celular na mesa de centro e rapidamente entro no grupo do *Whatsapp* que tenho com os meus amigos, digitando uma mensagem.

TROPA DO ARRANCA DIU

Alguém para beber comigo? Estou pensando em ir para a Lapa.

Levi
E por que beberíamos num domingo se amanhã teremos treino?

Porque eu quero beber, porra!
@Felipe e @Enzo, cadê *vcs*?

Levi
Ei, o que aconteceu, cara?

Eles devem estar dormindo a essa hora, já passou da meia-noite.

Normalmente eu sou o único que fica acordado até essa hora, se esqueceu?

Confiro o horário no canto superior da tela.

Meia-noite e vinte.

Perdi completamente a noção do tempo.

Preciso sair de casa, espairecer um pouco.
Vou perder a cabeça se estiver sozinho.

Levi
Ei, ei, ei. Nada disso.

Vem para a minha casa agora.

Vamos beber uma, mas longe dos perigos noturnos.

Estou a caminho.

Gasto menos de cinco minutos para sair de casa, apenas o tempo de voltar até a cobertura, vestir minhas roupas, pegar a carteira e a chave do carro.

Embico na portaria do condomínio de luxo onde Levi possui uma casa na Barra da Tijuca antes que complete meia-noite e quarenta, devido à ausência de trânsito na zona sul durante a madrugada.

O camisa oito me espera estacionar o carro em frente a sua mansão com duas *Heinekens* na mão, me oferecendo uma delas quando me aproximo.

— Vamos entrar, *Flash.* — Acena para que eu o acompanhe até o interior da propriedade.

A sala ampla é decorada em tons de branco e marrom, misturando a textura do mármore branco no piso e da madeira nas paredes e móveis.

Me sento no sofá Salva de modelo Anaconda que custa mais do que um carro popular sem esperar um convite, sendo seguido pelo anfitrião, que estende as pernas na mesa de centro enquanto bebe alguns goles de cerveja.

— O que houve para estar tão agoniado assim?

Bebo um pouco, na esperança de aliviar o nó que parece envolver a minha garganta.

— Eu me declarei.

Pelo meu olhar ele descobre que as coisas desandaram.

— Eita porra, ela te rejeitou.

— Ela não me rejeitou! — digo, mais alto e com mais afinco do que deveria.

Levi arqueia as sobrancelhas.

— Ah, não?

Nego, bebendo outro gole.

— Ela só… quis preservar a nossa amizade.

A risada dele me dá *nos nervos*.

A quem estou querendo enganar?

Fui rejeitado.

Não vou admitir em voz alta, mas não posso mentir para mim mesmo.

— Tá bom. E como está se sentindo com tudo isso?

— Destruído. Derrotado. Fracassado… Desola…

— Eu já entendi — me interrompe. — Está mal pra caralho. Mas o que ela disse?

— Disse que nos envolvermos fisicamente foi um grande erro.

O rosto de Levi se contorce em uma careta.

— Merda. Então ela não sente nada mesmo por você?

— Ela se sente atraída por mim, mas pensa que não devemos ceder a esse sentimento e arriscar a nossa amizade.

— E o que *você* disse?

— Que não posso mais viver assistindo ela colocar outro homem para ocupar o lugar que eu quero.

— O que vocês resolveram a partir disso?

Viro mais alguns goles de cerveja, odiando me lembrar do que eu mesmo fiz.

— Pedi um tempo.

Novamente, o rosto dele se contorce em uma careta.

— Um tempo?

— Preciso esquecer, ou pelo menos me desapegar da ideia de que a quero como muito mais do que amiga.

Levi arregala os olhos, totalmente chocado.

— Você vai desistir dela?

Assinto, a contragosto.

Quanto mais tento tornar natural a ideia de esquecê-la, mais me sinto destruído por dentro.

Não sei quem eu sou sem Júlia em meu coração.

Por mais que me convença de que o melhor a fazer é expulsá-la dele, algo dentro de mim implora para que esse sentimento não se vá.

Para que ela não se vá.

Mas com certeza é aquela velha esperança boba de que um dia ela irá perceber que o homem certo sempre esteve mais perto do que imaginava.

Uma esperança que pensei ter ruído, que deveria ter morrido hoje, porque se depois de todos esses anos Júlia não se apaixonou por quem eu sou,

mesmo sabendo exatamente o quanto fui bom para ela, isso não acontecerá nunca.

Dói, no entanto, preciso me curar se eu quiser estar ao lado dela como o amigo protetor que sempre fui.

Por mais que pareça egoísta a decisão de dar um tempo na nossa amizade, é para que eu não a abandone para sempre ou desfaleça de angústia ao vê-la se casar com outro.

É para o nosso bem.

— Eu sou obrigado a desistir dela — respondo.

Levi nega, se levanta e vai na direção do mini bar que mantém na sala em busca de conhaque.

— Não, desistir parece menos doloroso agora, mas não é a sua melhor opção.

Franzo o cenho, encarando o loiro de um metro e setenta caminhando até mim para me entregar uma dose de *Camus.*

— Quem é você e o que fez com o Levi? — minha indignação o faz rir. — É sério. Por que não está me apoiando em desistir de conquistar Júlia? Nunca foi a favor da gente.

Ele balança a cabeça, negando enquanto engole um pouco do líquido amargo.

— Nunca fui a favor de que você se limitasse a uma mulher só tão cedo, mas se é a única que quer, não devia desistir dela. Nós não desistimos de conquistar o hexa na *Copa do Mundo* e a cada ano estamos mais perto.

— Perto, mas nunca com a taça nas mãos.

Engulo a dose de conhaque inteira em um gole só, minha garganta em chamas quando a bebida desce queimando meus tubos digestivos.

— Mas o sonho continua vivo. E enquanto pudermos sonhar, podemos realizar.

— *Walt Disney,* sério? — rio da sua cara.

— A questão aqui é que você não deveria desistir assim, na primeira tentativa.

— Não quero me humilhar mais.

— Não vai se humilhar, vai fazer o que chamo de “contato zero”.

Reviro os olhos diante da sua empolgação que contraria todas as expectativas que eu tinha.

Esperava chegar aqui e ser convencido de que esquecê-la era o melhor para a nossa amizade, não ser induzido a alimentar minhas esperanças,

principalmente pelo homem que sempre contrariou meus motivos para ser apaixonado pela minha melhor amiga por tanto tempo.

— O que seria isso?

Ele se endireita no sofá, ficando de frente para mim.

— Você vai fugir dos olhos dela por pelo menos um mês, evitando o máximo de interação possível.

— Como posso fazer isso se ela é minha vizinha?

— Maldita hora em que resolveu colocá-la para morar no mesmo prédio que você! — ele bufa. — Enfim, é para evitá-la como conseguir. Seja pessoalmente ou pelas redes sociais. Você precisa sumir do radar dela para que ela sinta a sua falta.

— Sentir a minha falta não significa que ela vai estar apaixonada por mim. Nós nos conhecemos há quinze anos, só passamos tempo separados quando vim para o Rio de Janeiro. E foi isso que a fez se esquecer da paixão adolescente que sentiu por mim.

— Tem razão, ela não vai se apaixonar por você, mas vai refletir sobre o que realmente sente ao seu respeito. É na ausência que descobrimos o espaço que alguém ocupa de verdade nas nossas vidas.

Penso na possibilidade, chegando à conclusão de que sou incapaz de ignorá-la.

— Não posso fingir que ela não existe por vários motivos. Um: seria cruel e a machucaria ainda mais, e eu vou me odiar se deixar marcas permanentes no coração dela por causa dessa situação. Dois: ela pediu que não deixássemos de nos falar. Três: não posso cortá-la definitivamente dos meus pensamentos. Seria ainda mais autodestrutivo do que vê-la engatando um novo namoro depois de tudo o que fizemos.

Recebo um revirar de olhos de um Levi entediado com a minha justificativa.

— Tá legal. Então só seja frio. Aja como se não fosse a porra de um *Golden Retrivier* implorando para usar uma coleira com o nome dela, pelo menos por algumas semanas, e veja no que dá.

— Não sei se sou capaz.

— Vai ter que ser.

— E se ela simplesmente não perceber que me ama? — o sentimento de insegurança é nítido nas minhas palavras.

Para o camisa oito, por outro lado, tudo parece simples, como se meu coração não estivesse em jogo.

— Então significa que ela tem tendências masoquistas, gosta de sofrer por homens que não valem o seu tempo. Acredite, tem muitas dessas no mundo, mulheres que não valorizam homens com boas intenções porque não possuem amor-próprio. São atraídas pelos caras errados, pelo sofrimento, porque, por algum motivo, não se sentem seduzidas pelos “bonzinhos”, não sabem apreciar a experiência de ser bem tratadas. Não que não queiram, mas é algo além do querer, geralmente está ligado a algum vício emocional.

A convicção empregada no seu tom de voz me deixa encabulado.

— E desde quando sabe tanto sobre esse tipo de coisa?

— Porque esse é o perfil das mulheres que se rastejam por mim. Eu atraio elas como um imã.

Recosto a cabeça no sofá, a sala começando a girar um pouco devido ao álcool iniciando seu efeito em meu sangue.

— E por que usaria essa técnica do contato zero se nunca precisa chamar a atenção das mulheres?

Ele sorri, como se lembrasse de boas memórias.

— Eu não uso com ninguém, *ela* usa em mim.

— Me explica isso direito.

— É uma longa história. — Continua sorrindo.

— Eu tenho tempo.

De repente, minha visão é atingida por um clarão quando as luzes da sala são acesas todas de uma vez. É quase uma iluminação tão potente quanto a dos estádios de futebol em que jogamos.

— Ei, Melinda! — Levi resmunga.

Ao esfregar os olhos para que se acostumem com a claridade, posso ver a sombra da mulher de estatura pequena e com uma bela silhueta marcada pelo laço de um robe de seda preto que envolve seu corpo.

— Acordei assustada com o falatório, não sabia que estavam aqui.

Levi se levanta do sofá, um pouco zonzo, e caminha na direção das escadas.

— É, o Pepi veio me visitar. Será que pode mostrar o quarto de hóspedes para ele? Estou exausto.

O loiro não espera que a governanta responda, sobe para o segundo andar da propriedade sem olhar para trás, nos deixando a sós.

Depois de respirar fundo e contar até dez baixinho para lidar com a irritação que Levi lhe causou, Melinda reabre os olhos e me oferece um sorriso gentil.

— Por aqui, Pedro.



JÚLIA

Cinco dias se passaram.

Cinco lentos e torturantes dias em que a única coisa que me fez querer acordar foi a necessidade de escrever.

Depois de ouvir e dizer coisas dolorosas para o meu melhor amigo, a única coisa capaz de me oferecer conforto é a escrita.

E as minhas leitoras, que parecem ser capazes de sentir a melancolia *a mais* empregada em minhas palavras nos últimos capítulos do livro que eu escrevi pensando nele.

Eu também terminei o livro pensando nele.

Faz algumas horas que coloquei o ponto final na história, mas ainda continuo pensando nele.

Sinto a falta de Pedro como alguém que teve um membro amputado sente falta de um pedaço de si.

Ele faz parte de mim.

Sua ausência me dilacera sempre que recordo de que se não estamos juntos, é porque eu estraguei tudo.

Porque essa é a verdade.

Eu estraguei a nossa amizade por causa daquela proposta ridícula.

Eu o fiz pensar que se afastar de mim é a melhor opção.

“Eu não me apaixonei por você durante essas semanas, eu te amo há quinze anos. Há quinze anos vivo esperando pelo momento certo para me declarar. Parecia uma ótima oportunidade quando você me pediu para ajudá-la com as suas questões, pensei que finalmente enxergaria que o que tanto procura em outros homens, só irá encontrar em mim.”

Sua confissão retorna com força em meus pensamentos.

Ele não fez isso só por mim, fez isso em nome do que pensa que sente por mim também.

Porque definitivamente Pedro não pode ter sido apaixonado por mim durante todos esses anos.

Ele não pode ter guardado a sua virgindade e o seu coração para mim por tanto tempo.

Isso seria loucura.

Procuro não pensar nisso, mas a cada dia esse pensamento insistente retorna.

Suas palavras retornam.

Seu olhar decepcionado me assombra.

Eu fiz o que era certo, preservei a nossa amizade.

Um laço como o nosso não nasce em árvore.

Relacionamentos são imprevisíveis, no entanto, uma amizade como a nossa é para a vida inteira.

Não podemos deixar a atração sexual nos confundir. Temos química, mas não podemos colocá-la na frente do nosso laço fraternal.

Precisamos restabelecê-lo.

É pensando nisso que tomo coragem e atravesso o corredor, tocando a campainha do seu apartamento.

Sou atendida dentro de alguns segundos por um Pedro vestindo apenas uma bermuda e descalço.

Preciso usar todo o meu autocontrole para não correr os olhos pelo seu tronco nu, o tanquinho parecendo ainda mais definido e os braços torneados repletos de tatuagens que sempre me atraíram.

Quando percebo, já o fiz, mas logo retorno ao foco, me lembrando do intuito de estar aqui.

— Oi — digo, fazendo o primeiro contato depois do ocorrido no final de semana passado.

Desde aquele dia na sua cobertura, ele tem me evitado a todo custo. Como estou de férias, não tenho um motivo plausível para estar por perto mesmo com toda essa situação.

Maldita hora em que concordei com essa pausa forçada!

— Oi.

Seu rosto parece impassível, seus olhos parecem ter perdido o brilho que sempre esteve contido ali.

Merda, o que foi que eu fiz?

— Eu terminei de escrever “Meu camisa 10” — conto, meio sem jeito.

Ele apenas assente, segurando a porta como quem está esperando o momento certo para fechá-la.

— Você pode ler, se quiser — insisto, mesmo sabendo que mereço o seu desprezo.

Ele foge do meu escrutínio, mirando um ponto acima da minha cabeça para não ter que me olhar.

— Não sei se vou conseguir. Essa semana vai ser intensa.

Assinto, concordando.

A partir de amanhã, Pedro jogará pelos próximos três finais de semana consecutivos, continuando os jogos pelo Campeonato Brasileiro e iniciando os da Copa do Brasil.

— É verdade, tinha me esquecido do jogo. Eu posso ir?

Minha pergunta finalmente atrai a sua atenção para o meu rosto, mas dura apenas por breves segundos, pois ao perceber, logo desvia suas orbes.

— O que?

— Posso ir te ver jogar? Agora que não trabalho mais para você, não tenho como estar na área vip se não for convidada.

— Quem disse que não trabalha mais para mim?

Cruzo os braços sobre o peito na tentativa de disfarçar o nervosismo que deixa minhas mãos trêmulas.

— Não pretende me demitir quando eu voltar de férias?

— O trabalho é seu, se ainda quiser.

Ele fala como se a escolha fosse apenas minha.

Como se fosse indiferente à minha decisão.

Como se a minha presença não fosse importante.

Isso me dilacera.

— Ah, fala sério. O meu trabalho é totalmente dispensável, você nem mesmo contratou outra pessoa porque a agência e o seu empresário conseguiram me cobrir. Eu fazia o que eles não gostam de fazer, mas faz parte da ossada deles cuidar da sua agenda e te ajudar a ser presente nas redes sociais. Você só me contratou porque me queria por perto. Agora que não quer mais, não faz sentido eu voltar para o cargo.

Observo o movimento do seu pomo de adão quando Pedro engole, ainda evitando me encarar. Ao finalmente me contemplar nos olhos, ele se desvencilha da máscara de indiferença e demonstra remorso ao dizer:

— Eu ainda te quero por perto. Só preciso…

— Fazer um *detox* de mim — o interrompo, tirando as palavras da sua boca.

A simples lembrança de quando disse isso provoca a sensação de que recebi um soco no estômago.

Meus olhos imediatamente ficam marejados.

— Júlia… — faz menção a dizer algo, mas eu balanço a cabeça, pedindo que não diga.

Engulo o choro, respirando fundo para conter as emoções e manter a razão à frente, no entanto, tudo desanda no instante em que os dedos de Pedro se aproximam do meu rosto e limpam uma lágrima teimosa que me escapou.

Sou aprisionada pelo seu olhar triste e eletrocutada pela intensidade do toque, me lembrando do porquê foi uma péssima ideia colorir a nossa amizade.

Porque foi assim que demos margem para a atração que sempre nos rodeou, permitimos que a química que sempre existiu entre nós se apoderasse dos nossos sentimentos e confundisse tudo.

Eu não queria ter descoberto que o homem que me toca do jeito que eu sempre quis, é o meu melhor amigo.

Eu só queria descobrir se o problema estava em mim!

Me afasto da sua mão, buscando retomar o foco.

— Eu gostaria de assistir ao jogo mesmo assim. Se não me quiser na área vip, não tem problema, eu posso conseguir um ingresso na arquibancada e…

— De maneira alguma — me corta, demonstrando o quanto a ideia o perturba. — Sabe como o final das partidas pode ser perigoso, baixinha. Podem ter brigas de torcidas e coisas piores.

Confesso que me derreto um pouco ao ouvi-lo me chamar pelo apelido carinhoso de infância depois de vários dias.

Ele ainda é o meu Pedro, afinal.

Ainda é o homem extremamente cavalheiro e protetor que eu admiro.

— Você vai estar na área vip e não se fala mais nisso.

Contenho a vontade de sorrir, apenas assentindo.

— Era só isso que eu queria dizer. Então… durma bem. E faça um bom jogo amanhã.

Ao me virar, ando mais devagar do que deveria, na esperança de ouvi-lo me pedindo para ficar. No entanto, ao chegar à minha porta e ser obrigada a entrar, o que ouço é apenas um suspiro antes da porta dele ser fechada.



“Que livro mais perfeito. Giulia e Pietro sempre ficarão guardados no meu coração.”

“Valeu muito a pena esperar! Eles são incríveis!”

“Obrigada, Jujuba, por não ter desistido deles. Amei o final.”

“Eles são meu tudo!!!!! Obrigada por trazê-los ao mundo, Jujuba!”

“Eles se foram, mas agora eu preciso deles na minha estante! Tem planos de lançar Meu Camisa 10 em físico, Jujuba?”

Passo boa parte do meu dia lendo os diversos comentários publicados pelas leitoras sobre os últimos capítulos do livro na minha página.

Receber tanto carinho é o que tem aquecido meu coração em meio a falta que meu melhor amigo faz em minha vida. Desde ontem, não tenho mais

notícias dele, pois saiu cedo para entrar no período de concentração pré-jogo.

Espero ansiosamente o tempo passar para vê-lo nem que seja de longe no campo. Afinal, não tenho expectativas de descer para cumprimentá-lo após o jogo. Preciso respeitar o seu tempo, mesmo que isso me machuque.

Por volta das quatro horas, me apronto para vê-lo jogar. Diferente de todas as outras vezes, não visto a camisa com o seu número e nome, opto por uma calça jeans *Wide Leg* de lavagem clara e uma blusa de seda verde militar transversal com costa nua.

Apesar de triste, me nego a sair de casa feia. Portanto, faço uma maquiagem básica e penteio os cabelos para trás, fixando os fios nessa posição por um gel capilar, dando a impressão de que "acabei de sair do banho". Para terminar de compor o *look,* coloco um par de brincos dourados para combinar com a minha *Hermès Birkin*.

Como de costume, sou levada até o estádio pelo motorista particular do time e encaminhada até a área vip também por membros da equipe do Prizza Futebol Clube.

Percebo que fui a primeira a chegar do meu grupo de amigas que costumam me fazer companhia durante os jogos. Me sento na fileira de sempre, sacando o celular para mandar uma mensagem para as meninas.

Não percebo alguém se aproximar de imediato, mas sinto o aroma amadeirado preencher minhas narinas quando um par de sapatos de couro italianos surge no meu campo de visão e ergo o rosto para encontrar Fernando Prezzoti de pé ao meu lado.

— Posso me sentar aqui? — indica o assento à minha esquerda.

Assinto, surpresa demais para formular uma resposta.

Abandono a ideia de abrir o *Whatsapp* quando noto que seus olhos não querem deixar os meus.

— Tudo bem? — indaga no tom rouco característico do homem maduro que é.

— Sim e você?

Ele sorri.

— Melhor agora.

Sorrio de volta, confusa com o motivo de repentinamente ser o alvo da sua atenção. Se bem que Fernando sempre demonstrou notar a minha presença, me lançando sorrisos contidos e olhares misteriosos.

Não é como se ele desse em cima de mim na caradura. Talvez esteja interessado, mas não seja descarado.

— Ansioso para o jogo? — pergunto, sem saber ao certo como estender o assunto.

— São tantos anos assistindo de perto meu irmão jogar, que já me acostumei. Estou mais ansioso para te conhecer melhor.

Não consigo evitar a surpresa que toma o meu semblante.

— Me conhecer melhor?

Fernando assente, desabotoando o paletó cinza para ficar mais confortável. O movimento atrai meu olhar para o corpo muito bem conservado que esse quarentão possui.

Ombros largos.

Peitoral firme.

Barriga chapada.

Coxas grossas.

E as pernas torneadas que sei que tem escondidas debaixo dessa calça preta de linho, pois já o vi exibindo-as em fotos vestindo apenas bermuda no *Instagram.*

Não me considero “Maria Cupim”, uma mulher que é fã de homens mais velhos, entretanto, é impossível não se sentir atraída por um cara como Fernando.

Bonito, maduro, educado e chique.

Essa é a palavra. Ele é um homem refinado.

— A menos que me diga que está comprometida. — Recebo outro sorriso impecável.

É então que a imagem de um Pedro desapontado surge em meus pensamentos.

“As coisas mudaram na forma como você me enxerga, mas eu sempre te vi assim, como a única que possui tudo aquilo que preciso em uma mulher.”

Essas palavras cavam um buraco cada vez mais fundo em meu peito toda vez que me recordo delas.

Por que tem que ser tão difícil assim?

Por que não posso simplesmente esquecer o que disse e torcer para que faça o mesmo sobre os sentimentos que pensa ter por mim?

— Está? — a voz de Fernando me tira parcialmente do devaneio.

Pisco algumas vezes, visualizando seu rosto próximo ao meu e uma expectativa espreitando no seu olhar.

“Eu posso encontrar suas qualidades em um homem, Pedro. E é isso que vou fazer para proteger a coisa mais importante da minha vida: a nossa amizade. E eu sugiro que faça o mesmo.”

Minhas próprias palavras vêm à tona, cobrando o que eu mesma disse para ele que faria e o que convenci a mim mesma de que era o melhor a ser feito.

— Não. Eu não estou comprometida — respondo, por fim, arrancando um sorriso de canto satisfeito de Fernando.

— Ótimo. O que acha de jantarmos juntos depois daqui?

Afasto todo e qualquer pensamento negativo que me espreita, gostando da ideia.

Preciso espairecer.

Flertar com um homem que não seja o meu melhor amigo pode me fazer bem.

— Acho ótimo.

Sorrio de volta.



O jogo termina com o Prizza ganhando de lavada por quatro a um do adversário mineiro. Dois desses pontos foram marcados por Pedro, que terminou de rasgar meu coração ao não dedicar os gols para mim.

Apesar de tudo o que houve entre nós, não esperava que simplesmente abaixasse a cabeça ao passar pela parte da arquibancada onde sabia que eu estava, sem comemorar. Entretanto, foi exatamente o que fez.

Foi como se estivesse punindo nós dois, pois todos no campo sentiram o quanto ele parecia triste e vazio.

— Vamos? — Me levanto prontamente assim que a partida é oficialmente encerrada.

Fernando se ergue ao meu lado.

— Deixa só eu me despedir dos patrocinadores e do meu irmão.

— Ah, claro. Eu te espero aqui.

— Não vai se despedir do Pedro?

Nego, desejando que ele não seja capaz de ver a decepção estampada em meu rosto. Se percebe, não diz nada, pois Fernando pede licença e se distancia, me deixando a sós com uma Melinda encabulada.

Ela semicerra os olhos para mim.

— O que aconteceu entre vocês? E por que o irmão do Felipe não saiu do seu lado a partida inteira?

— A gente teve uma pequena discussão. E estamos um pouco afastados, mas é temporário. — *Ou pelo menos eu prefiro acreditar que seja.* — E Fernando me convidou para jantar. Eu decidi aceitar.

— Bem que estranhei quando Pedro apareceu de madrugada na casa do Levi e os dois beberam juntos.

— Ele dormiu lá?

Mel assente, sem saber que sua confirmação é crucial para me fazer respirar melhor.

Quando ouvi a porta do apartamento dele sendo fechada depois da nossa discussão e o vi sair pelo olho mágico, pensei no pior.

Pensei que ele poderia estar indo seguir o meu conselho.

Indo procurar as minhas qualidades em uma mulher.

Eu não deveria me importar, entretanto, a possibilidade só terminou de me afundar em um choro intenso com a cabeça enfiada na almofada do meu sofá, esperando ele voltar.

No entanto, ele não voltou.

Eu dormi, exausta de tanta lamúria, e quando acordei, decidi que não poderia dar margem a esse ciúmes.

É o que estou tentando fazer desde então, mas não posso negar o quanto é satisfatório descobrir que ele apenas foi beber com um amigo.

— Os dois ficaram conversando até altas horas.

— Ouviu o que disseram? — não contenho a minha curiosidade.

— Não, quando cheguei eles pararam de falar e Levi foi dormir.

— Acha que podem ter conversado sobre mim?

— Não sei se Levi seria quem Pedro procuraria para desabafar. Meu karma é um péssimo ouvinte.

Rio, concordando plenamente.

Não posso imaginar Pedro pedindo ajuda justamente para o cara menos ajuizado do seu grupo de amigos.

— Bom, preciso ir. Theo está assistindo ao jogo da arquibancada com o pai e eu tenho que me despedir de Levi antes de ir embora.

Trocamos abraços de despedida e fico sozinha quando Melinda se vai, pois Camila não pôde comparecer ao jogo devido à febre que Bibi apresentou essa manhã, precisando ficar em casa de repouso.

Me aproximo da janela de vidro, assistindo aos jogadores comemorarem a vitória com as famílias no campo. Procuro Pedro em meio a eles e o encontro abraçando Levi, que diz algumas coisas ao meu melhor amigo e beija sua testa, posteriormente batendo no seu peito como se o encorajasse.

Assim que o loiro se vai, Pedro ergue o rosto na minha direção, nossos olhares se encontram mesmo havendo muitos metros de distância entre nós.

Levo a mão ao vidro, como se pudesse tocá-lo.

Ele simplesmente permanece parado de pé, os braços estendidos ao lado do corpo.

De longe, vejo como está suado e parece exausto.

Um tipo de exaustão que vai além do físico.

Ele parece desgastado, assim como eu.

Reconheço a destruição que o assola.

Sinto vontade de atravessar o vidro e correr na sua direção, passando por cima do que for e de quem for para consolá-lo.

Até me lembrar que eu sou o motivo da sua tristeza.

“Não posso suportar viver assim por mais tempo. Não quero mais ser um coadjuvante na sua vida. Não quero te assistir se casando com outro. Não

quero ser o padrinho dos seus filhos. Se não posso ser o seu homem, não sei se quero ser o seu melhor amigo.”

— Podemos ir?

A voz de Fernando surge atrás de mim.

Por alguns instantes, me sinto presa aos olhos castanhos que me contemplam lá de baixo. Demoro a desapegar da ideia de confortá-lo, mas quando desisto, finalmente passo a respirar melhor, abrindo mão da culpa.

Me viro para Fernando, decidida de que estou certa em abandoná-lo, já que ele mesmo quis assim.

— Podemos.



Sou levada pelo empresário em seu *Porsche* para jantar e passo por um constrangimento ao parar diante da porta do carona enquanto o vejo dar a volta e fazer menção a entrar no carro.

— Não vai entrar? — pergunta para mim, me encarando por cima do teto do automóvel.

Pisco algumas vezes, saindo do transe.

— Ah, claro.

Abro eu mesma a porta, incrédula com a minha própria atitude e me recriminando mentalmente.

O que estava esperando?

É uma pergunta retórica.

Sei exatamente o que eu esperava.

Eu esperava ser impedida de simplesmente tocar a maçaneta, mas preciso voltar a realidade e me lembrar que nem todos os homens são como Pedro.

Também preciso parar de comparar qualquer outro com ele a partir de agora.

E além disso, tenho que parar de pensar nele.

— Não gosta de usar cinto de segurança?

Só percebo que estou divagando quando Fernando me faz uma pergunta, me trazendo de volta ao momento presente.

Me dou conta de que, diferente dele, não coloquei o cinto.

— Ah, eu quase me esqueci. — Puxo o tecido até que ele atravesse meu tronco e o conecto a trava de segurança, me sentindo envergonhada. — Obrigada por me lembrar.

Ele sorri gentilmente, me desculpando por estar tão alheia.

— Posso sugerir o restaurante ou tem uma preferência?

Nego, lhe devolvendo um sorriso.

— Me leve aonde acha que eu gostaria de ir.

Minha resposta o agrada.

— Sim, senhora.

As coisas ficam mais confortáveis quando passamos a conversar durante o trajeto até o restaurante, impedindo a minha mente de desviar a atenção para outra coisa.

Ou alguém, mais precisamente falando.

Fernando me conta que assim como o irmão, também tentou carreira no futebol, mas percebeu que gostava mais do ramo empresarial e foi então que decidiu cursar administração. Depois de trabalhar para grandes empresas, se sentiu pronto para substituir o antigo empresário do irmão e administrar os bens de Felipe, assim como os que lhes foram deixados por seu pai, que faleceu há cinco anos.

Quando pergunta sobre como me tornei assessora de Pedro, sou sucinta ao responder que somos amigos de infância e que a vaga surgiu num momento em que eu precisava. Ao contrário do que imaginei, Fernando desconhecia a

minha ligação com o atacante. Pelo que deu a entender, pensa que temos uma relação quase totalmente profissional e eu prefiro que continue assim.

Ao chegarmos no restaurante cinco estrelas de comida japonesa em Ipanema, cometo outra gafe ao me sentir levemente decepcionada por Fernando não puxar a cadeira para que eu me sente, deixando que o garçom faça isso.

É só uma expectativa idiota.

Só porque ele não puxa a cadeira ou abre as portas por mim não quer dizer que não seja um homem incrível.

Fernando tem atitude, não foge das responsabilidades, toma a frente das decisões, mas sem ser narcisista. Percebo isso quando assim como fez com a escolha do restaurante, me pergunta se tenho em mente um prato de minha preferência ou se aceito provar a sugestão dele. Opto pela segunda opção, confiando no seu bom gosto.

Isso é muito atraente.

Um homem que sabe exatamente como conduzir um encontro, mesmo que não seja do tipo cavalheiro à moda antiga.

O empresário continua se mostrando muito promissor em minha análise silenciosa conforme nos conhecemos melhor. Pela maneira como me olha, de modo respeitoso e sem segundas intenções, mas ainda assim demonstrando gostar do que vê, me diz que apesar de eu não saber exatamente quais são as suas intenções com esse encontro, posso presumir que ele não tem pressa para me levar para a sua cama.

E isso é um excelente sinal.

O jantar discorre sem mais percalços da minha parte, apenas uma conversa leve e ótimas risadas. Depois de degustarmos o típico prato da culinária japonesa *Tonkatsu*, aproveitamos a companhia um do outro enquanto bebemos um pouco mais de *Saquê*, trocando pequenos sorrisos.

É diferente de todos os meus outros encontros. Não me pressiono a contar para ele sobre as minhas fragilidades. Me permito apenas conhecê-lo melhor, nadar na direção da maré.

Conversamos sobre muitos assuntos, desde futebol até viagens. Galanteador, ele se oferece para ser meu guia e promete me levar para ter muitas outras experiências gastronômicas e culturais pela cidade, demonstrando seu interesse em me ver novamente.

Em momento algum a conversa toma um rumo desconfortável para mim ou esbarra em temas que não quero lembrar, como a minha relação com

Pedro, por exemplo. Fernando não parece interessado nesse assunto, o que me deixa particularmente mais à vontade ao seu lado.

Sinto como se estivesse em uma bolha, protegida de tudo o que tem poder de me afligir, provando que o homem à minha frente é uma excelente companhia e talvez, possa ser um forte candidato a ocupar meu coração se continuar marcando tantos pontos comigo desse jeito.

Ao final do jantar, deixamos o restaurante após eu negar a sobremesa e dizer que está tarde. Fernando prova que é sim um cavalheiro ao se recusar a dividir a conta comigo. Além de que, gentilmente se oferece para me deixar em casa.

Agora estamos no seu carro, indo em direção a Copacabana ao som de *Djavan* depois de eu ter aceitado a sua cortesia.

Mal posso acreditar que tive um encontro perfeito com um homem desconhecido. Nas minhas outras experiências, antes de vê-los pessoalmente, eu sempre passava um tempo conversando com os pretendentes *online*, até me sentir confortável e minimamente confiante para encontrá-los. Mesmo assim, quando acontecia, passava o *date* inteiro com o número do meu melhor amigo na discagem rápida.

É a primeira vez que me encontro com um homem sem pensar em contar com a ajuda de Pedro caso não me sinta mais segura.

Fernando me passa um tipo de confiança diferente da que tenho com meu melhor amigo. A sua boa índole emana nas suas atitudes, bem como as suas intenções são sempre calculadamente respeitosas mesmo que ele não faça ideia do que já passei.

— Quero te ver de novo — ele diz, assim que estaciona o carro na calçada do meu condomínio.

Mordo um sorriso, gostando de ouvir isso.

— Eu adoraria te encontrar outra vez.

— Pode me passar o seu número? — estende o celular já desbloqueado e aberto na discagem para mim.

— Claro.

Com o número discado, o assisto salvar o contato com um coração ao lado do meu nome quando lhe entrego o aparelho.

Só percebo que cheguei perto demais para olhar quando encontro o rosto de Fernando a centímetros do meu, suas íris cor de safira me admirando com um desejo contido. Sutilmente, ele segura minha nuca, trazendo meu rosto para ainda mais perto até selar seus lábios robustos nos meus.

Fecho os olhos, acreditando que estou livre das amarras que me perseguiram a minha vida inteira, mas não demora para eu descobrir que estou presa em outro martírio.

A culpa rapidamente me atinge quando a imagem de Pedro invade meus pensamentos sem pedir permissão.

É como ser transportada para dias atrás, quando eu ainda podia desfrutar dos seus beijos.

Posso sentir o seu cheiro amadeirado inundando minhas narinas, bem como o sabor refrescante de menta da sua boca.

Posso até sentir suas mãos em meus cabelos, os segurando em um rabo de cavalo firme enquanto sua língua se diverte instigando a minha em toques precisos.

Sinto também sua barba arranhando os arredores da minha boca conforme nossas cabeças se movimentam para lados opostos em sincronia.

Sinto que estou em casa.

Sinto que não preciso ter medo.

Sinto que, assim como ele me prometeu, com o homem certo, tudo se encaixa.

— Júlia — o ofego que deixa seus lábios me paralisa.

Não é aquele sussurro carregado de desejo, extremamente sexy que eu gostava de ouvir até algumas semanas atrás.

Ao abrir os olhos e encontrar um Fernando ofegante, entendo o porquê.

Porque não é ele.

Porque não é Pedro quem está me beijando.

E isso não parece certo.



PEDRO

Existe uma linha tênue entre o certo e o errado.

Não é certo da minha parte usar a minha digital para entrar no apartamento de Júlia para lhe esperar, mas também não foi certo da parte dela ir para um encontro.

Não depois do que aconteceu entre nós.

Não agora.

E nem nunca mais, de preferência.

Estou deixando que os sentimentos vençam a razão, mas que se foda. Eu não estou pronto para vê-la com outro.

Não ainda.

Não sei se estarei algum dia.

Mas, porra, tinha que ser agora?

Logo quando ainda me sinto tão destruído por dentro pelo que a sua rejeição me causou.

Será que ela não pode me esperar esquecê-la, pelo menos?

Precisa tanto estar logo com outro homem para provar a si mesma que eu não sou o cara certo?

Ela não faz ideia de como me senti ao vê-la deixar o estádio com Fernando Prezzoti. Tentei me enganar, pensando que talvez Júlia pudesse apenas estar aceitando uma carona para casa, uma que eu pretendia oferecer. No entanto, ao perguntar a Felipe, como quem não quer nada, o porquê do irmão estar indo embora mais cedo quando se despediu dele, descobri que Fernando tinha um jantar depois dali.

Um jantar com a minha mulher.

Desde então, estou aqui, plantado no sofá dela, na companhia do meu suco de uva favorito que roubei da geladeira dela e do livro que ela escreveu pensando em mim.

Minha melhor amiga finalmente deu o final feliz que Giulia e Pietro mereciam. Sei disso porque antes de começar os capítulos, leio os comentários que as leitoras deixaram só para ter certeza de que não vou me deparar com uma tragédia ou algo assim.

Não suportaria saber que a tristeza que lhe causei afetou o seu processo criativo e a fez escrever coisas amargas.

Pelo visto, foi o contrário.

Júlia publicou dez capítulos nos últimos cinco dias em que ficamos afastados, capítulos que renderam muitos elogios das leitoras.

Gosto de saber que pelo menos conseguiu focar na escrita mesmo depois do que lhe causei, porque sei que assim como suas palavras me machucaram, as minhas também a feriram.

Gosto também do final que ela escolheu para o casal. Pietro e Giulia não só terminam a história juntos como ele realiza o sonho de jogar no Real Madrid e ainda pôde se mudar para outro país com a mulher que ama.

No epílogo vemos que Giulia terminou a faculdade em Madrid e dez anos depois comanda uma das maiores agências de publicidade da Espanha, que cuida da carreira de Pietro e de muitos outros jogadores de futebol do país.

E, por último, gosto mais ainda do que leio nas notas de autora que ela deixou ao final do livro.

“Tudo começou com um crush no meu melhor amigo e uma vontade de compartilhar as histórias que surgiam na minha cabeça.

A vocês, minhas leitoras, só tenho a agradecer por embarcarem nessa comigo e se apaixonarem tanto quanto eu por esse casal excêntrico.

Eu precisava desse tempo longe para viver outras experiências, mas a vida me trouxe de volta para o meu lar, a escrita.

Obrigada por terem esperado.

Obrigada por não terem desistido.

Obrigada por ainda estarem aqui.

Obrigada pela força.

Espero que esse final acalente e conforte o coração de vocês depois de tantos anos de espera.

Ao meu muso inspirador.

Você é incrível.

Mesmo que me odeie agora, saiba que você é o melhor homem que conheço.

Obrigada por existir.”

Mesmo que eu te odeie?

Ela pensa que eu a odeio?

Bloqueio a tela do celular, jogando o aparelho do outro lado do sofá.

Não consigo pensar em nada que poderia me fazer odiar Júlia Passos, nem mesmo a rejeição.

Sinto muitas coisas por ela.

Amor, instinto de proteção, admiração…, mas sei que nunca seria capaz de nutrir algo como o ódio quando se trata dela.

Nesse momento, eu odeio Fernando por existir e por convidá-la para sair.

Eu me odeio também, por não ter corrido até ela e pedido desculpas, implorado para que esquecesse o que disse sobre nos afastarmos. Se tivesse feito, nada disso estaria acontecendo.

Sinto falta dela de uma forma inexplicável.

É ainda pior do que imaginei.

Tem sido ainda mais doloroso ter que ignorá-la. E totalmente em vão tentar esquecê-la, pois só o que fiz foi me afundar em lembranças.

De todas as vezes que adormeci com ela.

De todas as vezes que beijei ela.

De todas as vezes que dei prazer a ela.

E, principalmente, de todas as vezes que fui o motivo do sorriso dela.

Porque sempre foi sobre isso.

Sobre ser o cara que possui tudo o que ela precisa.

Meus pensamentos evaporam imediatamente quando ouço o ruído da tranca digital sendo aberta. Me levanto no mesmo segundo, dando de cara com Júlia ao erguer o rosto e encontrá-la a alguns metros de distância com uma expressão de espanto na sua face lindamente maquiada.

— Meu Deus! Você quase me matou de susto! — resmunga, pondo a mão no peito, o que, por sua vez, me leva a lembrar que ela não está vestindo a camisa do time.

É como levar um soco no estômago.

— Desculpa — digo, enfiando as mãos nos bolsos.

Não me esforço para esconder a decepção que sinto.

— Você é a última pessoa que eu esperava encontrar aqui.

Sua voz está um pouco trêmula e algo me diz que não é por conta do susto.

Quando encaro seu semblante, na tentativa de descobrir o porquê, ela foge do meu escrutínio, tirando os sapatos com a cabeça abaixada, mas não rápido o suficiente para que eu não note que suas bochechas estão vermelhas.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não! — é rápida em dizer, quase se desequilibrando ao tirar o outro pé da sandália.

Rápida demais para alguém que finge não estar escondendo nada.

Dou alguns passos na sua direção, fazendo com que minha melhor amiga se escore na porta para manter distância.

— Júlia… — Me aproximo mais, fazendo com que o rosto dela fique a centímetros do meu peito. Encurralo minha melhor amiga ao apoiar as mãos na parede, ao lado da cabeça dela. — Ele te deixou desconfortável?

Ela trata de negar, balançando a cabeça freneticamente.

— Não é isso.

Mas é alguma coisa.

E eu quero descobrir.

— É o que, então?

Júlia escapa de mim pelo vão debaixo da minha axila e anda até o outro lado da sala, ajeitando os cabelos e respirando de modo ofegante.

— Já disse que não é nada. Pode ir para o seu apartamento, eu estou bem e em casa.

Engulo minha insatisfação, cruzando os braços sobre o peito.

— Não vou até que me diga o que ele fez.

Minha atitude faz com que ela me lance um olhar irritado.

— Para você dar um jeito nele, como fez com todos os meus namorados que conheceu? — parece magoada ao dizer.

Dou um passo à frente, lhe encarando de modo firme.

— Se for preciso, sim.

— Não é preciso — ela ralha, daquele jeitinho que a faz parecer uma *Pinscher* raivosinha.

Isso me derrete um pouco, mas não perco a postura.

— Uma hora vai ser e nós dois sabemos disso.

Ela nega, convicta demais para defender o empresário quando diz:

— Ele é diferente.

— Você disse isso sobre os outros também, e no final acabou se decepcionando.

— Isso é um problema meu, Pedro. — Respirando fundo, Júlia tenta não soar grosseira ao dizer: — Acho que você deveria ficar de fora da minha vida amorosa a partir de agora.

Assim que deixam os lábios dela, as palavras não parecem palavras. Parecem um soco que atinge diretamente o meu peito.

Engulo o meu orgulho, assentindo em compreensão.

— Tem razão. — Me sentindo completamente humilhado, lhe dou as costas. Estou prestes a abrir a porta quando tenho o impulso de me humilhar uma última vez. Ou pelo menos eu prometo a mim que será a última, mesmo sabendo que não posso fazer uma promessa dessas, pois quando se trata de Júlia, meu ego não existe. — Você não sentiu nada diferente por mim? Ainda consegue me ver exatamente da mesma maneira de sempre depois de tudo o que fizemos?

Seus olhos azuis expressam uma mistura de pena e vulnerabilidade ao me encarar.

— É claro que senti! Tanto que até… — De repente, cai em si e desiste de fazer a confissão.

— Até o quê?

Ela balança a cabeça, tentando negar para mim, quando na verdade parece tentar negar algo a si mesma.

— Não importa. Eu senti tesão pelo meu melhor amigo, pelo homem que mais admiro, mas isso não significa nada, porque eu também te amo, mas não dessa maneira.

— Você escreveu um livro explícito pensando em mim que reflete os sentimentos nada fraternais que sempre guardou para si. Como pode não significar nada? Como pode ter se esquecido de todos aqueles sentimentos que colocou em palavras? — rebato, voltando a me aproximar.

— Eu não me esqueci, só… — a frase morre no ar, a contradizendo completamente, a verdade escapando sem o seu consentimento.

Quando me dou conta, estamos novamente cara a cara, nossos narizes se encostando conforme inclino a cabeça para que possa estar olhando nos meus olhos ao mentir.

Porque algo dentro de mim acredita que ela está mentindo.

Pode ser apenas o meu lado apaixonado querendo me iludir? Claro que pode.

Mas algo parece se iluminar em minha mente e finalmente ligo os pontos.

— Você pensou em mim, não foi?

As duas bolas de gude extremamente azuladas no lugar dos seus olhos dilatam e as pálpebras se arregalam.

Te peguei, baixinha.

— Você pensou em mim enquanto estava com ele, não é?

Comemoro internamente quando a vejo engolir em seco ao ser desmascarada.

— De onde tirou isso? — tenta negar e se esquiva de mim, no entanto, eu a seguro no lugar pelo braço, sem ser bruto, mas firme o suficiente para deixá-la sensível ao toque.

Posso até não ter certeza se ela me ama, entretanto, sei o poder que tenho sobre o seu corpo, e uso ele ao meu favor quando tomo seu rosto entre as minhas mãos, a impedindo de fugir do meu escrutínio.

Júlia é um livro aberto para mim se eu a observar bem.

— Você mesma se entrega. Pode até tentar me confundir, mas sei quando está mentindo.

Ela sustenta meu olhar, mostrando seu lado petulante que poucas vezes deixa transparecer.

— Se prefere acreditar nisso, que seja. Só me deixe sozinha. — Parece nervosa demais com a minha aproximação para quem diz que o que houve entre nós não significou nada.

Sorrio, enxergando a mentira estampada em seu rosto quente em contato com a palma das minhas mãos.

Descarada.

Mentindo na caradura!

Quando foi que ela se tornou essa cínica?

Não importa.

Ela pode se iludir o quanto quiser, o importante é que não me engana mais.

Solto o rosto macio dela após matar uma parcela da saudade que sinto do seu corpo. A quebra do contato a deixa momentaneamente desorientada, também aparentando sentir saudade do meu toque.

— Eu vou te deixar sozinha porque sei que estou mais presente do que nunca nos seus pensamentos.

O sorriso convencido que ainda exibo termina de irritá-la.

— Para o seu apartamento, agora! — acena para a porta, as bochechas coradas e não é de *blush*.

Ergo as mãos em rendição, andando até a entrada, mas não perco a oportunidade de provocá-la mais um pouco.

Sinto como se estivesse vendo um fio de luz depois de semanas andando num túnel que parecia sem saída.

Sinto que as minhas esperanças foram renovadas.

E dessa vez, pareço estar realmente próximo de conquistar a mulher dos meus sonhos.

— Vou te deixar pensar que outro pode te fazer mais realizada do que eu, porque você precisa disso para perceber uma coisa muito importante, baixinha.

Ela cruza os braços sobre os seios que eu tanto amo afundar o meu rosto e a minha boca escondidos pela blusa de seda que usa.

— Perceber o que?

— Para perceber que o homem certo está do outro lado do corredor. E ele vai estar te esperando atrás da porta, sempre sonhando com o dia em que você irá tocar a campainha. Então não demore, amor. Está perdendo um tempo em que poderíamos estar sendo felizes juntos.

E assim, deixo o apartamento dela, ainda com um sorriso vitorioso no rosto.



Essa vai ser a primeira noite em cinco dias que não adormeço depois de cansar a minha mente com pensamentos autodepreciativos, me perguntando porque Júlia não poderia se apaixonar por mim.

Quando coloco a cabeça no travesseiro depois de um banho frio, sorrio para o teto, me lembrando do choque no rosto dela ao ouvir as últimas coisas que eu disse antes de deixá-la sozinha.

Espero que reflita sobre isso e desista de lutar contra um sentimento inofensivo como o nosso amor. Não é um tipo de paixão arriscada como pensa ser.

Sei que na cabeça de Júlia, estaríamos colocando em jogo anos de cumplicidade, no entanto, o que ela não sabe — ou não quer enxergar — é que quando eu a tiver, nunca vou arriscar perdê-la.

Sei que nunca deixaria o nosso amor morrer.

Simplesmente sei que vou dar o meu melhor para continuar sendo o seu melhor amigo, mas nunca deixar de ser o homem certo para ela.

Pode parecer insano, entretanto, quando se é apaixonado por uma mulher há tanto tempo assim, tudo o que queremos é uma oportunidade para agarrarmos com toda a nossa força.

Eu só preciso disso.

De uma oportunidade.

Minha reflexão interna é interrompida pelo barulho do meu celular vibrando na mesa de cabeceira. Não consigo conter a expectativa de encontrar uma mensagem de Júlia e sou frustrado ao descobrir que se trata apenas do meu grupo de amigos.

TROPA DO ARRANCA DIU

Levi

Alguém viu o nosso camisa 10?

Ele desapareceu depois do jogo.

Enzo

Eu não.

Voltei para casa voando para ficar com a minha peixinha que está doente.

Felipe

Não duvido nada de que a essa hora esteja seguindo o meu irmão até em casa para forjar a morte dele.

Só fiquei sabendo agora que Fernando levou Júlia para jantar.

Se soubesse antes teria mandado meu irmão ficar fora do caminho do nosso Flash possessivo.

Ao contrário do que as más línguas dizem, eu estou quieto na minha.

Felipe

Jura que não sabotou os pneus do carro dele enquanto jantava com a sua garota?

Te juro.

Felipe
Olha lá, hein!

Eu só tenho esse irmão!

Levi
Por que caralhos não fui avisado sobre isso?

Enzo
Eu durmo por uma hora e o Pedro deixa o adversário marcar gol.

Eu vou ganhar a partida, é isso que importa.

Levi
De onde surgiu toda essa autoconfiança de repente?

Enzo
Também quero saber.

Felipe
Me diz que eu não vou encontrar o corpo do meu irmão em uma vala qualquer?

Estou ligando e ele não atende, porra!

HAHAHAHA
Se acontecer, não foi obra minha, mas eu bem que vou gostar de saber que *esse* coroa não vai estar mais no meu caminho.

Levi
Mas que porra tá acontecendo contigo, Pedro?

Por que parece de bom humor?

Não me diz que você quebrou a quarentena de contato zero…

Enzo
É claro que ele quebrou.

Ele é o cara que fica com o telefone na mão por horas quando a melhor amiga está em um encontro, esperando que ela ligue pedindo para ele buscá-la.

Só fiquei esperando ela chegar para me certificar de que estava bem.

Ainda sou o melhor amigo dela.

Levi
Vc é um escravoceta, isso sim!

Felipe
Ufa, Fernando respondeu!

Aparentemente ele está são e salvo em casa.
Ou então o Pepi está se passando por ele no celular…

Se bem que eu acho que o Pedro não me diria que eles se beijaram…

É o que? Teve beijo?
Ele beijou ela?

Enzo
Eita, misamores.

Fernandinho mostrou para que veio!

@Felipe responde caralho!

Levi
Tomara que ele tenha vasculhado a boca dela para *vc* deixar de ser otário.

Falei, tô leve.

Felipe
Ele comentou que gostou dela e que o beijo encaixou.

Parece que os dois combinaram de se ver de novo.

Devo avisar a ele que corre risco de morte?

COM TODA CERTEZA!

Esqueça o que eu disse sobre ir dormir sem ter pensamentos autodepreciativos.

Isso é tudo o que eu faço, rolando de um lado para o outro no colchão, tentando não imaginar Júlia beijando outro quando fecho os olhos, até o sono me vencer pelo cansaço.



JÚLIA

— Acha que eu posso estar tentando me enganar? — meu tom deixa explícita a dúvida que me assombra quando pergunto para a minha terapeuta.

Depois de faltar às sessões do último mês por não me sentir pronta para confrontar a verdade, tomei coragem para comparecer à teleconsulta hoje.

Marly me oferece um sorriso gentil do outro lado da tela.

— É possível, minha querida. Mas só você pode responder isso.

— Você acha?

— Não só acho, como tenho certeza de que está se enganando, mas precisa chegar a essa conclusão sozinha.

Respiro fundo, me lembrando das palavras que Pedro me disse há um mês.

“— Vou te deixar pensar que outro pode te fazer mais realizada do que eu, porque você precisa disso para perceber uma coisa muito importante, baixinha.

— Perceber o que?

— Para perceber que o homem certo está do outro lado do corredor. E ele vai estar te esperando atrás da porta, sempre sonhando com o dia em que você irá tocar a campainha. Então não demore, amor. Está perdendo tempo de ser feliz.”

Amor.

Ainda sinto a palavra ecoando em meus pensamentos como se estivesse ouvindo-a deixar os lábios dele ontem.

Sua convicção me abalou, não posso negar.

O fato de Pedro enxergar tão nitidamente um sentimento em mim do qual eu ainda tenho dúvida, abalou as minhas certezas, bagunçou o meu interior de forma que mesmo que ele tenha cumprido a sua promessa de se afastar, estivesse vívido em meu coração como nunca.

— Acha mesmo que ele é o homem certo para mim, Marly?

— Novamente, só você pode me dizer isso, querida. O que o seu coração diz? Ele vibra pelo outro rapaz ou insiste em bater mais forte pelo seu melhor amigo?

Reflito internamente, pensando em Fernando e o que vivemos juntos no último mês.

Desde que saímos para jantar depois do jogo, não deixamos de nos ver mais. Saímos todos os finais de semana, para restaurantes, peças de teatros, cinema e passeios turísticos pela cidade.

Apesar de ainda não termos tido nenhum tipo de contato íntimo além de beijos cálidos, sinto que confio nele o suficiente para querer dar o próximo passo. Já não tenho mais tanto medo da ideia de me entregar a ele, mas sim de outra coisa.

Tenho medo de vê-lo de novo.

Tenho medo de enxergar Pedro no lugar de Fernando e sentir prazer com isso, como aconteceu da primeira vez que o beijei.

Não tem acontecido mais porque me forço a pensar em coisas aleatórias, no entanto, não posso negar que há um instinto primitivo que me leva a imaginar o meu melhor amigo se eu não me conter.

— É, talvez eu esteja me enganando — confesso, por fim.

— *E o que pretende fazer a respeito?*

Sei que se eu atravessar o corredor nesse momento, vou encontrá-lo disposto a me perdoar por ter demorado tanto, mas ainda tenho medo.

Ainda morro de medo de nos decepcionarmos, assim como aconteceu nos meus outros relacionamentos.

Ainda sinto receio de não sermos o que o outro espera, e não sabermos mais voltar a ser o que éramos antes.

— Acho que… nada.

Marly ri, balançando a cabeça em advertência.

— *Vejo que vamos precisar de muitas outras sessões para trabalharmos essa questão. Mas me diga, como andam as coisas com o Fernando? Vocês já avançaram o sinal ou continuam respeitando o seu tempo?*

A mudança de assunto me deixa ainda mais apreensiva quando me recordo do encontro que teremos hoje.

— Ainda não tivemos nenhum tipo de intimidade, mas ele me chamou para jantar na casa dele e sei o que isso significa.

— *Você não é obrigada a nada e sabe disso. Não ultrapasse os seus limites para ter uma falsa noção de evolução, Júlia.*

Assinto, fingindo concordar.

No entanto, a verdade é que desejo desesperadamente descobrir se posso sentir as mesmas coisas que Pedro me despertou com outro homem.

E espero descobrir essa noite.



Fernando
Está pronta, princesa?

Sim, vou te aguardar na portaria.

Confiro uma última vez o meu visual no espelho da sala, fazendo um exercício de respiração para controlar o nervosismo.

Escolhi um vestido confortável de seda branco e um salto fino dourado. Os cabelos estão soltos, levemente ondulados pela escova que fiz ao secá-lo. Na maquiagem, optei por algo mais básico, apenas corretivo, *blush*, rímel e *gloss* nos lábios. De acessórios, brincos de pérolas, minha pulseira *Pandora* e uma *clutch* do mesmo tom do vestido.

Antes de sair, confiro se Pedro não está no corredor pelo olho mágico. Com a confirmação, saio pisando devagar para não fazer tanto ruído e alertá-lo, pois sei que ele chegou do treino de musculação agora há pouco.

Fernando não me deixa esperando por muito tempo na portaria, logo seu *Porsche* surge na rua, se aproximando da calçada, e eu solto o ar que prendia devido a apreensão com a possibilidade de cruzar com Pedro.

Ele tem se mantido longe dos meus olhos, apenas me cumprimentando quando nos esbarramos no corredor. Entretanto, sei que meu melhor amigo se mantém atento ao horário que chego em casa, pois de vez em quando recebo uma mensagem sua me perguntando se preciso de ajuda. Imagino o quanto fica frustrado com a minha resposta de que estou bem e que não é para se preocupar.

— Te fiz esperar? — Fernando indaga assim que me acomodo no banco do carona.

Nego, me inclinando para alcançar seus lábios.

Nos cumprimentamos com um selinho casto, que rapidamente interrompo e ele entende a deixa, se concentrando em dirigir.

Tento manter a tranquilidade no caminho até o apartamento dele, localizado no Leblon, mas sou invadida pela ansiedade quando chegamos ao imóvel. Fernando abre a porta e me deixa passar na sua frente, se mostrando cavalheiro.

O ambiente é amplo e arejado, um duplex com uma arquitetura parecida com o meu, entretanto, decorado com muito mais elegância. O mármore preto está presente no piso e nas paredes, dando um toque sombrio que contrasta bem com o branco dos móveis.

— O que acha?

Me viro para Fernando, que me encara com expectativa no olhar.

— É lindo, você tem muito bom gosto.

Ele sorri, charmoso, depois estende a mão para mim.

— Vem, vou te mostrar a cozinha.

Também sorrindo, entrelaço nossos dedos, deixando que me guie até o outro cômodo que segue a mesma estética de decoração da sala. Gentilmente, Fernando puxa um banco de frente para a ilha para que eu me sente.

— Beba um pouco enquanto eu termino o nosso jantar. — Ele me serve uma taça com *vinho rosé* de primeira linha.

Agradeço com um meneio de cabeça e me permito relaxar, assistindo um homem bonito e maduro cozinhar para mim pelos próximos minutos.

— Com quem aprendeu a cozinhar tão bem assim? — pergunto, observando-o finalizar nossos pratos de Filé Mignon com macarrão ao

molho branco com uma apresentação digna de um chefe de cozinha.

— O básico aprendi com a cozinheira que trabalhou a vida inteira na casa da minha família e o resto busquei aprender me inspirando nos meus pratos preferidos.

Eu não sabia que era tão atraente um homem que sabe cozinhar até conhecer um que sabe.

Assim como meus ex-namorados, Pedro não sabe nem mesmo fritar um ovo sem deixá-lo cru ou então queimá-lo.

Finalmente posso encontrar algo em Fernando que desempata o placar entre ele e meu melhor amigo.

Não que eu fique comparando os dois o tempo todo.

Talvez um pouco.

É instintivo.

Em minha defesa, me acostumei a usar Pedro como parâmetro muito antes de me sentir confusa sobre meus sentimentos por ele.

Mas voltando ao que interessa…

Descubro que o sabor da comida está ainda melhor do que a aparência quando nos sentamos na sala de jantar para apreciar a refeição, além de descobrir também que ele sabe decorar uma mesa como ninguém. Até velas aromáticas Fernando colocou, após descobrir, em uma das nossas conversas, que são as minhas preferidas. Isso intensifica o clima de sedução no ar, pois passo a enxergar o quanto ele é cuidadoso não só nas atitudes, como também nos mínimos detalhes.

Exatamente como alguém que eu conheço.

Um alguém que não pode ser mencionado.

— O jantar foi maravilhoso, obrigada — agradeço ao final da refeição.

Noto que Fernando está feliz por ter conseguido me agradar.

— O melhor ainda está por vir. Espere um instante.

Com nossos pratos vazios em mãos, ele some cozinha adentro e quando volta, está acompanhado de dois pratos rasos com uma sobremesa que parece deliciosa.

— *Tiramisù?*

Ele assente, satisfeito.

— Como sabia que era a minha sobremesa preferida?

— Eu não sabia, mas é uma grata surpresa. — Fernando ri, colocando o prato à minha frente, e eu compartilho uma risada.

Quando se senta na cadeira ao meu lado, cada um de nós leva a sua colher aos lábios juntos, experimentando a explosão de sabores ao mesmo tempo.

— Maravilhoso! — exclamo, engolindo a sobremesa divina. — Você é maravilhoso, Fernando.

Minhas palavras o fazem me olhar com carinho, suas orbes azuis cintilando de paixão. Isso se comprova quando envolve minha mão com a sua por cima da mesa e diz:

— Você que é maravilhosa, Júlia.

Um silêncio sepulcral sucede o acontecimento. Ouço apenas as batidas descompassadas do meu coração, que fica apertado quando me dou conta de que talvez esteja sendo injusta.

Talvez eu esteja apenas usando Fernando para…

Afasto a ideia, não querendo estragar a noite para nenhum de nós dois.

Esboçando um sorriso, aperto sua mão em agradecimento, realmente lisonjeada pelo elogio, mas sem saber exatamente como reagir a ele, então desvio do assunto.

— Você contou para o seu irmão que estamos saindo?

Ele assente.

— Sim, desde o nosso primeiro encontro, para falar a verdade — parece envergonhado ao confessar. — Você contou para o Pedro?

— Sim, claro. Ele está feliz por nós.

A mentira escapa tão facilmente que nem tenho tempo de contê-la.

A verdade é que meu melhor amigo só não está na cola de Fernando nesse momento porque sabe que isso pode piorar a situação entre nós, e porque pela primeira vez, pedi que ficasse de fora dos meus relacionamentos.

Acho que feri seu orgulho.

O que importa é que tem funcionado.

Pelo que andei sondando, meu ficante não recebeu visitas indesejadas ou indiretas de Pedro.

— Que bom. Por mim, ele não tem com o que se preocupar. Acho que estou me saindo bem, não?

— Claro que sim. Você ganhou muitos pontos hoje com esse jantar.

— E de quantos mais eu preciso para conquistar seu coração?

A expectativa exagerada em seu olhar enquanto espera a resposta me paralisa por alguns instantes.

Não sei o que dizer.

Não só porque não esperava, mas também porque não tenho essa resposta.

Não tenho como afirmar que meu coração pode ser dele.

Não quando ele bate mais rápido somente em pensar em outra pessoa.

Merda, o que eu estou fazendo com Pedro?

— Fernando, eu…

Sou impedida de tentar me explicar quando ele se aproxima, pressionando seus lábios sobre os meus e sua língua rapidamente se infiltrando entre eles antes que eu possa processar o que está acontecendo.

É como ser transportada por uma máquina do tempo voadora, que me leva de volta ao pior dia da minha vida em segundos.

Apesar de saber que Fernando não é um abusador, reajo por instinto e mordo a sua língua assim que me sinto ameaçada. Imediatamente o empresário afasta sua boca da minha com uma expressão de dor em seu rosto.

Empurro seus ombros, o afastando ainda mais, pela primeira vez me sentindo desconfortável com o toque dele.

Não que estivesse me oprimindo de propósito, estava perdido demais no próprio desejo para notar que a recíproca não é verdadeira.

Uma gafe que o homem certo nunca cometeria.

Algo que Pedro nunca faria.

Ele sempre esteve mais preocupado com o meu consentimento, mesmo que meu melhor amigo estivesse beirando o limite do seu prazer, do que com os próprios desejos.

— Me desculpa, Júlia — diz assim que se recupera do susto. — Eu não quis te…

— Eu sei. — Me levanto da mesa, respirando fundo para não chorar. — Está tudo bem.

Fernando se levanta, mas não me toca. Faz questão de manter uma distância segura, demonstrando total arrependimento.

— Não parece tudo bem. Não quero que pense que eu pretendia te obrigar a alguma coisa.

Nego com a garganta embargada, emotiva com as memórias que tento bloquear da minha cabeça. O mais difícil ainda é conter a sensação de violação que me invade junto com a nostalgia.

— Água, por favor — é o que consigo dizer em meio a uma crise de ansiedade que me impede de respirar.

Observando que estou prestes a desmaiar se não respirar nos próximos segundos, Fernando puxa a cadeira para frente e me acomoda de volta nela.

— Respira, por favor. Se acalma. Eu vou fazer uma água com açúcar para você.

Assim que fico sozinha, me debulho em lágrimas, caindo no choro violentamente. Isso deixa Fernando ainda mais assustado ao retornar e me entregar o copo, que levo aos meus lábios com as mãos trêmulas.

— O que eu posso fazer para te ajudar? — ele fica agachado à minha frente, no entanto, sem me tocar. — Do que você precisa?

Parece tão arrependido, o que me faz sentir muito culpada.

Eu deveria ter lhe contado sobre as minhas fragilidades.

Depois de um gole da água açucarada, respiro fundo e não hesito em dizer a única coisa que eu necessito neste momento.

— Liga para o Pedro, por favor. Eu preciso dele.



PEDRO

Um mês se passou, mas nada mudou.

Eu ainda sou um escravoceta.

Ainda sou o cara que prefere cortar meu coração ao meio do que ferir o dela.

Ainda espero que ela toque a campainha.

E ela?

Ela ainda continua se enganando.

Ela ainda sai com aquele babaca.

Hoje é mais uma dessas noites em que fico plantado no sofá depois de ouvir a sua porta bater sabendo que Júlia está indo ao encontro de outro homem.

Confiro o aplicativo de mensagens pela décima vez desde que ela saiu e nada. Nenhuma mensagem pedindo ajuda ou algo do tipo, como em todos os dias no último mês.

Ela não precisa de mim quando está com ele.

Bloqueio a tela, virando o telefone para não cair na tentação de ficar olhando as notificações na esperança de uma delas ser de Júlia, no entanto, o tiro sai pela culatra quando recebo uma ligação e pego o aparelho de volta às pressas, sem conter a expectativa.

Mas é só o Levi me ligando.

— O que é? — atendo, não poupando-o do meu mau humor.

— *Deixa eu adivinhar, você está sentado no sofá esperando a sua amada, magicamente, perceber que te ama?* — sua voz exala deboche do outro lado da linha.

— Ah, vai se foder!

— *Eu e os caras estamos em um barzinho em Ipanema e sabe quem mais está aqui? Começa com J e termina com P.*

Meu coração dispara no mesmo segundo e eu me arrependo imediatamente de ter negado o convite deles para sair.

— Estou a caminho.

Posso ouvir o início de uma risada vinda de Toledo antes que eu desligue a chamada.



Assim que chego ao tal barzinho depois de Levi compartilhar a localização comigo no *Whatsapp*, a primeira coisa que procuro é um par de olhos azuis únicos e cabelos castanhos cortados no estilo Chanel em meio às mesas, mas tudo o que encontro é uma cabeleira loira cortada no estilo moicano e um sorriso sagaz quando Toledo vem até mim.

— E aí, campeão. — Ele faz menção a me abraçar, no entanto, eu o empurro.

— Hoje eu não estou para gracinhas. Cadê ela?

Ele franze o cenho, se fazendo de idiota.

— Ela quem?

— A Júlia. Em que mesa ela está?

— Ah… — finge finalmente entender e é aqui que *eu* entendo que saí de casa para me estressar. — Ela não está aqui.

Inspiro uma boa lufada de ar enquanto aperto a ponte do nariz em busca de conter o instinto de socar a cara do lateral direito.

— Então por que disse que ela estava aqui?

— Para você poder estar aqui. — Ele me lança um sorriso de quem não tem medo do perigo.

— Francamente, Levi! Você olha para o limite e ri!

O sorriso permanece estampando seu rosto, pois para ele, isso é um tremendo elogio.

— Olha quem fala, o cara que passa por cima de qualquer coisa para ter a mulher de outro homem. Sabe muito bem que se ela estivesse aqui, estaria acompanhada de Fernando. Não sei se esqueceu, mas os dois estão praticamente namorando.

— Como eu poderia me esquecer?

— Ela pode até não estar aqui, mas sabe quem está? Olívia Goulart.

Cruzo os braços.

— E quem é Olívia Goulart?

O sorriso volta a ocupar seu rosto quase que de orelha a orelha.

— Uma influenciadora *plus size*. E adivinha? Ela também tem olhos azuis.

Quando percebo, Toledo está me arrastando para o interior do bar até a mesa onde nossos outros companheiros de time estão sentados, cada um ao lado de uma mulher diferente.

— Que porra você está querendo?

— Só quero que converse um pouco com ela, para espairecer a cabeça. Ela é uma ótima ouvinte e está ansiosa para te conhecer — murmura baixo quando nos aproximamos do pessoal. Cínico, Levi se vira para a influenciadora. — Oli, o Pepi chegou. Pepi, essa é a Oli.

Felipe e Enzo olham para mim, ambos prendendo uma risada ao ver a minha cara de animação, ou não.

— Oi — é só o que digo.

Olívia acena para o lugar vago ao seu lado.

— Por que não se senta aqui, Pedro?

Encaro Levi com um olhar mortal.

Só quero que ele me livre dessa situação para que eu possa ir para casa e retomar meu martírio diário. No entanto, tudo o que o desgraçado faz é sorrir e concordar com a influenciadora.

— É, Pedro. Por que não se senta ao lado dela?

Trinco o maxilar, contendo a minha irritação e me sentando na porra do banco para não criar um mal-estar.

Penso que as coisas não podem piorar, mas sou surpreendido quando magicamente todos os “casais” da mesa resolvem que a música que está tocando é boa demais para que eles fiquem sentados. E em segundos, só resta eu, Olívia e o meu desconforto, presentes.

— Levi me disse que você está passando por um término doloroso e não queria sair de casa.

Levemente surpreso, me viro para ela, a encontrando com um canudo entre os lábios para degustar a sua caipirinha.

— É. — Desvio o olhar depois de conferir que realmente se trata de uma bela mulher.

Plus Size, cabelos pretos na altura dos seios e olhos azuis, assim como Júlia.

Mas não é ela.

E a recordação me faz ficar ainda mais irritado.

Levi realmente acha que é fácil assim? Encontrar uma mulher que tenha características semelhantes e pronto?

Não é.

Posso até enganar meus olhos para fingir que é ela, no entanto, como engano o meu coração?

Ele só responde a ela.

Ele só aceita se abrir para ela.

Solto uma longa respiração, exausto pra cacete de esperar, às vezes me perguntando se não será uma espera em vão. Continua sendo torturante ficar longe dela e até penso que poderia ser menos doloroso se eu estivesse por perto, nem que fosse para sofrer sabendo os detalhes do relacionamento dela com Fernando.

Eu estou sofrendo de qualquer maneira, pelo menos não ficaria no escuro em relação aos seus sentimentos.

Pelo menos saberia se ele a trata bem, a respeita e tem boas intenções com ela.

— Ele disse que essa mulher não te merece.

Me volto para Olívia ao ouvi-la.

— Ele não sabe de nada.

— Mas é o que parece. Que mulher seria louca de dar um pé na bunda de um cara como você? Bonito, talentoso, rico e tão gente boa.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Você não sabe se eu sou gente boa. Nesse momento, estou me esforçando bastante para não ser rude com você, porque tudo o que eu queria era simplesmente ir embora.

Ela não encara minhas palavras como uma ofensa à sua companhia, pois sorri.

— Que tipo de homem com a sua beleza e reputação prefere ficar em casa chorando pela ex do que sair para pegar outras hoje em dia? Não se fazem mais homens como você. Mas é como dizem, né? A carne só cai no prato do vegano. Eu daria tudo para ter um cara como você na minha cola.

Não contenho uma risada sincera diante do seu discurso, tornando o clima mais ameno entre nós. Até baixo a guarda, descruzando os braços e me permitindo conversar de verdade com ela.

— Ela pode até pensar que não me merece, mas isso não é verdade.

Olívia apoia os cotovelos na mesa, interessada no que eu tenho para dizer.

— Por que não?

— Porque Júlia é simplesmente incrível. Ela colocou meus sonhos na frente dos dela, nunca me deixou desanimar e acreditou em mim antes de qualquer empresário ou time. Além do mais, ela é muito dedicada e criativa, sabe? Gosta de ler…

De repente, não estou mais no bar. Minha mente me transporta para uma das várias lembranças de quando espiava Júlia lendo no sofá do seu apartamento, concentrada demais para notar a minha presença.

Eu gostava de observá-la tão entretida, pois além de poder apreciar melhor os traços perfeitos do seu rosto, sabia que isso a fazia bem.

Ler sempre foi um refúgio para a minha melhor amiga.

Quando estava na companhia de um livro, ela se sentia no topo do mundo, inatingível para o tormento que a persegue durante todos esses anos.

— Ler é bom mesmo. Eu adoro os de romance contemporâneo. Que tipo de livros ela gosta?

— Ela gosta de pornô de fada, sabe como é — digo, rindo de nostalgia ao recordar de todas as vezes que Júlia me recriminou por usar esse termo, que segundo ela, é pejorativo para se referir às fantasias românticas.

Arranco uma risada sincera de Olívia.

— Então ela é danadinha. Quem diria!

— Ela também escreve — revelo, orgulhoso da minha garota. — Livros incríveis, se quer saber.

Se a gente namorasse, eu seria o tipo de cara que em qualquer oportunidade diria “sabia que a minha mulher é escritora”?

— Ah é, você lê os livros dela?

Assinto, deixando Olívia de boca aberta.

— Cada linha — friso.

— Meu Deus, você não existe, cara!

Isso me arranca uma risada.

— Ela também costuma dizer isso. Costumava, na verdade. Ultimamente tem se mantido distante.

— Por que vocês terminaram?

— Nós só tínhamos um acordo. Eu a ajudaria com uma coisa e depois disso ela seria livre para fazer o que quisesse. Isso não deveria afetar a nossa amizade, mas a verdade é que eu sempre fui apaixonado por ela e vi nesse acordo uma oportunidade de convencê-la de que somos bons juntos.

— E ela não acha isso? Não acha que vocês são melhores como um casal?

Nego, decepção estampando meu rosto.

— Ela ainda insiste que devemos nos manter na zona da amizade. Então eu chutei o balde e disse que não sabia se queria voltar a ser apenas o seu melhor amigo.

Minhas palavras arrancam um suspiro de surpresa dela, que me observa com atenção, ouvindo cada detalhe com interesse.

— E aí?

Dou de ombros.

— E eu ainda disse que precisava fazer um *detox* dela. — Olívia arregala os olhos, levando a mão ao peito de espanto diante do que eu fiz.

E não é para menos.

Me arrependo dessas palavras todos os dias.

— Não, você não fez isso!

— Sim, eu fiz.

— Ela deve estar se sentindo destruída por descobrir que deixou o melhor amigo na *friendzone* por tanto tempo e ainda perdeu a sua amizade.

— Não tanto, ela parece estar se recuperando muito bem nos braços de outro.

— Ela está com outro?

Assinto, odiando me lembrar disso.

— Nesse exato momento.

— Meu Deus! — Olívia alcança minha mão por cima da mesa, acariciando-a. — Estou com dó de você.

Recuo diante do toque, recolhendo minha mão para debaixo da mesa.

Oli entende o recado e balança a cabeça em uma negativa.

— Fiel até o último suspiro.

Concordo, assentindo.

— Exatamente.

Ela ri, dando de ombros.

— Mas eu ainda daria para você mesmo assim.

Rio junto, admirando seu jeito excêntrico.

— É, eu percebi.

— E me casaria com você — acrescenta, piscando um dos seus lindos olhos azuis para mim. — E seria a mãe dos seus filhos também, sem problemas. Seria capaz de parir quantos você quisesse.

Minha risada cessa quando levo a brincadeira a sério, me sentindo triste.

Meu sorriso murcha no mesmo segundo e meus ombros caem, aquele velho sentimento de derrota que me perseguia por todos esses dias retornando com força total.

— Mas você não seria o amor da minha vida.

Olívia concorda, totalmente ciente de como me sinto.

— Mas eu poderia ser o amor *para* a sua vida. Já pensou nisso? Nem sempre a pessoa que a gente mais amou na vida pode se encaixar nela. Alguns amores foram feitos para serem eternos nos nossos corações, não para permanecer em nossas vidas.

Suas palavras parecem adagas sendo lançadas na direção do meu peito, cortando lentamente meu tecido cardíaco, provocando uma dor que me faz pensar que o órgão não será capaz de suportar se eu continuar considerando essa ideia.

Se eu deixar de acreditar que um dia ela voltará para mim.

Sei que essa é a única coisa que o mantém batendo.

— Eu não gosto de pensar que terei que seguir em frente sem ela.

— É isso ou morrer sozinho. E, fala sério, seus genes são muito bons para deixarmos isso acontecer.

— Mesmo que eu quisesse, não poderia fazer isso com alguém. Não poderia me casar e formar uma família com uma mulher que nunca significaria o que Júlia significa para mim. É uma vida infeliz amar alguém que nunca vai te olhar da mesma maneira. Não desejo isso para ninguém.

Olívia apenas ri, como se eu tivesse dito algo insignificante para ela.

— Tem razão, mas mesmo assim eu quero.

Franzo o cenho.

— Quer o que?

— Ser quem aluga o seu coração, mesmo sabendo que ele já tem dona.

Sorrio, levando na brincadeira.

— Você deveria ter mais amor-próprio, mulher.

Ela está prestes a dizer mais uma coisa quando meu telefone vibra em meu bolso.

Aceno, pedindo que me dê um segundo para atender. No entanto, minha intuição me diz que vou precisar de muito mais do que isso ao me deparar com o número de Júlia na tela.

— Alô? Baixinha?

Espero ouvir sua voz, entretanto, sou surpreendido quando um tom másculo reverbera em meu ouvido:

— Pedro? Aqui é o Fernando. Preciso que venha até o meu apartamento. Agora.

Não paro para pensar no que isso pode significar, apenas sei que Júlia precisa de mim.

Precisa da minha ajuda.

Me levanto imediatamente, me despedindo de Olívia, que fica triste por não conseguir o número do meu celular, e corro até o outro lado da rua do bar, onde estacionei o meu carro.

Também corro quando entro nele, acelerando o máximo que posso pela Avenida Atlântica para fazer o caminho até o apartamento de Fernando, que graças a Deus fica localizado no Leblon, a alguns quilômetros do barzinho.

Minha entrada é rapidamente permitida pela equipe do condomínio, previamente autorizada para me receber pelo irmão de Felipe.

Não estou raciocinando bem quando estaciono o carro na garagem para visitantes.

Estou agindo de forma mecânica quando procuro o elevador e subo até o nono andar.

Sinto medo ao ficar de frente para a porta do 905.

Medo do que vou encontrar.

Medo do que pode ter acontecido com ela.

Medo de sair daqui ainda mais quebrado do que ao entrar.

No entanto, o medo não sobressai o meu instinto de proteção, que usa o restinho da minha coragem para tocar a campainha, prontamente atendida por um Fernando transtornado.

Seu olhar reflete vulnerabilidade e receio quando me encara, acenando para que eu entre.

— Ela está na sala de jantar. É por aqui.

Posso sentir meu coração murchar à medida que caminho atrás dele, que lidera o percurso até sair da minha frente quando chegamos ao destino.

A bomba que tenho em meu peito se aperta ao me deparar com a imagem de Júlia sentada com a cabeça apoiada entre as mãos, se acabando de chorar.

Minha primeira reação é voar para cima de Fernando, apertando a lapela da sua camisa com as minhas mãos enquanto o pressiono contra a parede em um rompante de raiva.

— O que fez com ela?

O empresário tenta se soltar, mas firmo o aperto em seu pescoço, ameaçando asfixiá-lo se não me der a resposta que eu quero.

— Eu só… — Ele engasga com a própria saliva, me deixando ainda mais irritado.

— Ele não tem culpa. Pode soltá-lo.

Pela primeira vez em dias, ouço a voz melodiosa da minha melhor amiga, que agora está embargada pela intensa vontade de chorar que ainda a assola.

Solto a camisa de Fernando, me dirigindo até a mulher da minha vida.

Ele cai sentado, respirando de modo ofegante para se recuperar do susto.

— Ei, baixinha. — Me ajoelho aos seus pés, englobando seus pulsos entre os meus dedos para impedir que esconda a careta de choro que faz enquanto derrama mais algumas lágrimas. — O que houve?

Ela inspira fundo, soluçando um pouco e com os lábios trêmulos.

— Eu me assustei, foi só isso.

— Ele te assustou?

Nega, se forçando a respirar calmamente.

— Ele não tem culpa. São os gatilhos. Os malditos gatilhos que me perseguem desde aquela noite.

Minha melhor amiga volta a chorar.

Eu a puxo para mim em um abraço de conforto, apreciando o aroma doce dos seus cabelos quando ela afunda o rosto em meu ombro e envolve meu pescoço com os seus braços.

— Está tudo bem. Eu estou aqui agora. — Massageio suas costas, fazendo a única coisa que posso fazer quando isso acontece: confortá-la.

Infelizmente, eu não estava lá para protegê-la quando aquele homem nojento entrou no seu quarto à noite e tentou arruiná-la.

Deus sabe o quanto eu queria ter estado lá, o quanto carrego comigo uma sensação de impotência por ver a mulher que amo ser atormentada dessa maneira e não haver nada mais que eu possa fazer.

Eu a vingaria se o desgraçado não tivesse morrido na prisão, mesmo que precisasse arruinar a minha carreira para isso.

Do que adianta o dinheiro e o prestígio se não posso pôr um fim no tormento que sobrecarrega o coração da mulher que eu amo?

— Pode me levar para casa? — ela se afasta para olhar em meu rosto.

Sua maquiagem está borrada pelas lágrimas, os lábios inchados e uma tristeza explícita no seu olhar.

— Claro.

Me levanto, estendendo a mão para ajudá-la a fazer o mesmo. Estamos prestes a deixar a sala de jantar de Fernando de mãos dadas quando Júlia decide que precisa fazer algo antes.

Ela se vira para o homem que agora está de pé, contemplando-a com pesar reluzindo das suas orbes.

— Eu sou órfã. Minha guarda foi tirada da minha genitora quando eu tinha oito anos. — Sou surpreendido quando a ouço começar a dizer e então entendo que Júlia se sente na obrigação de contar, iniciando pelo ponto de partida para contextualizá-lo. — Isso aconteceu porque ela foi acusada de ser cúmplice do meu padrasto…

Uma pausa é feita para que ela retome o ar que prendeu para conter o choro iminente.

— Ele tentou abusar de mim. Em uma noite… — conta, em um fio de voz, imediatamente seus olhos se enchendo de lágrimas que caem em disparada à medida que continua cavando suas piores lembranças — entrou no meu quarto, se esgueirando no escuro e puxou o meu lençol, partindo para cima de mim. Eu senti tanto medo, foi tão inesperado…, mas reagi. Muitas pessoas ficam paralisadas diante dessa situação, mas eu senti um instinto enorme de autodefesa e mordi a língua dele quando tentou me beijar à força. Também o chutei, o arranhei e gritei. Eu lutei contra isso com todas as minhas forças. Lutei tanto que fui brutalmente espancada por ele e desmaiei.

Outra pausa é feita para que Júlia prossiga munida de mais coragem, pois é a primeira vez que revela isso para alguém que não seja eu e Cida.

— Só acordei cinco dias depois de ficar em coma e descobri que a minha mãe mentiu para a equipe do hospital no intuito de encobrir meu padrasto, mas a equipe que me atendeu desconfiou e acionou o conselho tutelar. Desde aquele dia, não sou mais a mesma. Na verdade, nem consigo me lembrar de quem eu sou sem me sentir arruinada. Sem sentir que sou defeituosa por não ter conseguido passar por cima disso. Então peço desculpas, Fernando. Você não merecia isso. Eu deveria ter te contado, sei que seria mais cuidadoso se soubesse.

O empresário engole em seco, me surpreendendo com a sensibilidade que cruza o seu olhar diante da revelação.

— Eu sinto muito mesmo, princesa. Não se culpe, estou vendo o quanto é doloroso para você tocar nesse assunto.

Contenho meus ciúmes ao ouvi-lo chamá-la por um apelido carinhoso, afinal, quem está de mãos dadas com ela, sou eu. Até me permito confessar que ele parece mesmo ser um bom homem.

Mas não é eu, então não é tão maravilhoso assim.

— Obrigada. Sério, por tudo.

— Está terminando comigo? — percebo que a possibilidade o deixa desolado.

E daí?

Essa possibilidade me deixa muito satisfeito.

E a minha felicidade e de Júlia é tudo o que importa.

Ela pigarreia, se recompondo ao respirar pausadamente, a vontade de chorar se dissipando um pouco. Seus ombros estão mais leves e sua voz está menos carregada de angústia quando diz:

— Eu não deveria ter começado isso, sinto muito. Não é justo te envolver dessa maneira quando claramente ainda não estou pronta para dar esse passo.

— Eu posso esperar, se for preciso.

Júlia nega gentilmente.

— Não espere.

— Por que eu não esperaria por uma mulher como você?

Tá, eu deveria estar irritado ao ouvir isso, mas não consigo.

Simplesmente não consigo mais odiá-lo.

Não quando percebo que ele reconhece o valor da mulher que tinha nas mãos.

Não quando ele compartilha do mesmo altruísmo que eu quando o assunto é Júlia Passos.

Não quando ele é o cara por quem ela sempre procurou.

— Porque meu coração nunca esteve disponível, Fernando. E peço desculpas por ter ignorado isso.

Está ouvindo?

É a minha bomba cardíaca eclodindo assim que as palavras deixam os lábios dela.

Fernando me encara imediatamente, entendendo tudo.

Sua reação é assentir e enfiar as mãos nos bolsos.

— Entendo.

Não, cara.

Você não entende.

Esse é simplesmente um dos dias mais felizes da minha vida, apesar de não gostar do que Júlia precisou passar para se dar conta disso.

— Vamos? — sou retirado do transe pela voz de Júlia.

Balanço a cabeça para dispersar meus pensamentos e assinto para ela, que sem mais palavras, passa na minha frente para fazer o caminho até a porta.

— Sinto muito — digo para Fernando, antes de lhe dar as costas e finalmente poder esboçar um sorriso de vitória em meu rosto.

Tá legal, talvez eu não sinta tanto assim pela perda dele, não quando isso me torna o ganhador.

Não quando o prêmio é a mulher que vale mais do que ouro para mim.



JÚLIA

Posso sentir a ansiedade emanando pelos poros do meu melhor amigo durante todo o trajeto até o nosso condomínio. O sentimento continua explícito conforme ele me acompanha para dentro do meu apartamento e me segue até o meu quarto.

— Quer companhia para dormir? — indaga, sua expressão tão pidona quanto um cachorrinho manhoso tentando convencer seu dono a deixá-lo dormir na cama junto com ele.

Contenho um sorriso, apenas assentindo em concordância.

Pedro se senta na cama, após tirar os tênis, e faz menção a se deitar quando eu o impeço ao indagar:

— Vai dormir de camiseta polo e calça jeans?

Ele assente.

Eu balanço a cabeça em uma reprimenda.

Sei o que está fazendo.

Ele está respeitando o meu espaço e a memória melancólica que revivi essa noite.

— Não precisa fazer isso. Eu estou melhor, juro. Não vou surtar se você quiser se livrar dessas roupas. Sei o quanto gosta de dormir mais à vontade, pode ficar de cueca.

Meu melhor amigo me lança um olhar carregado de insegurança.

— Tem certeza?

Assinto, confiante.

É então que Pedro se apressa em tirar a camisa, prendendo a minha atenção de modo magnético para o movimento dos seus músculos trabalhando para expulsar o tecido pela cabeça.

Solto um suspiro ao poder contemplar o tanquinho sarado, repleto de "gominhos" no abdômen liso em contraste com os braços tatuados.

Senti falta dele.

E do corpo dele também.

Senti tanta falta desse corpo quente esculpido por Deus enroscado no meu.

Meus olhos continuam se perdendo em meio aos músculos e pele bronzeada à medida que Pedro abre o zíper da calça e desce o tecido por suas pernas definidas, ficando apenas de cueca branca, que expõe perfeitamente o contorno do mastro que meu melhor amigo possui ali.

Caindo em si, desvio o olhar.

Não é hora e nem momento para isso.

— Vou tomar um banho — digo para ele, assim que ergue a cabeça após se livrar da maioria das vestimentas.

Se percebeu o meu escrutínio minucioso do seu corpo, Pedro ignora, pois assente, concordando depois de literalmente se jogar na minha cama.

— Vou te esperar aqui, baixinha. Não demora.

Baixinha.

Houve um tempo em que odiei esse apelido, no entanto, agora percebo que senti muita falta de ouvi-lo me chamar assim, com tanto carinho, sem mais aquela mágoa provocada pela minha rejeição.

Falando em rejeição, passo a maior parte do tempo no chuveiro pensando sobre o que fazer a seguir, qual passo devo dar agora, e decido que não é o momento certo para termos a conversa que Pedro tanto anseia ter.

Falar tão abertamente sobre o meu passado sugou a minha mente de uma maneira inexplicável. Preciso de um tempo para reorganizar minhas ideias e colocar a caixa cheia de entulhos que chamo de cabeça no lugar.

Depois de tudo o que aconteceu, Pedro merece ouvir todas as coisas que tenho para dizer e que me contive durante esses meses. Entretanto, não posso fazer isso de qualquer maneira.

Me enrolo na toalha depois do banho e sinto o olhar atento do meu melhor amigo me seguir até o *closet*, de onde saio vestida com o conjunto da minha tradicional camisola e continuo atraindo seus olhos curiosos.

— Eu atrapalhei a sua noite? — pergunto, me deitando ao seu lado no colchão.

Ele puxa meu corpo para perto do seu, passando um braço por debaixo do meu pescoço. Tomo a liberdade de apoiar a cabeça em seu peito e passar uma das minhas pernas por cima da sua, me aconchegando.

Sinto que estou em casa, de uma maneira literal que reforça o quanto Pedro estava certo sobre meus sentimentos por ele não serem mais fraternais.

— Claro que não. Você nunca atrapalha.

A resposta acaricia meu ego, mas a culpa por ter lhe pedido para me buscar me atinge.

Eu não tinha o direito de pedir isso a ele depois de tudo o que fiz.

Mas ele foi mesmo assim.

Porque esse é Pedro Brassard.

Porque é o que o homem certo para mim faria.

O homem certo para mim passa por cima de qualquer coisa para me proteger.

— O que estava fazendo?

Ele parece pensar bem antes de finalmente dizer:

— Eu meio que estava em um encontro.

Levanto a cabeça bruscamente.

— Em um encontro?

Assente, gostando de vislumbrar o ciúme implícito na minha curiosidade.

— Levi armou para mim, mas mesmo assim não deixou de ser um encontro.

— Não sabia que estava saindo com alguém… — deixo a frase morrer no ar, imediatamente me afastando. No entanto, Pedro não permite a quebra do contato, pois me faz refém do seu aperto ao me trazer de volta pela mão que aproxima meu quadril do meio das suas pernas.

Me mantenho com as costas viradas para ele, evitando lhe encarar, não querendo dar mais munição para se sentir vitorioso. Pedro apoia o queixo em meu ombro, rindo em um tom baixo.

— Isso é ciúme, baixinha?

— Não! — praticamente rosno.

— Pois deveria ter. Ela praticamente se ofereceu para ser a mãe dos meus filhos se você não quiser.

— Você falou sobre mim? — me viro para contemplar a sua cara de pau.

Ele assente, parecendo muito satisfeito com o que essa palhaçada me desperta.

Porque isso é uma grande palhaçada!

Onde já se viu uma mulher se oferecer para casar com o homem da outra?

— Olívia disse que se você não quiser, ela quer — emenda com um sorrisinho convencido que me faz sentir vontade de esganá-lo.

— Olívia, é? — sibilo, a essa altura, muito irritada.

— Não posso negar que Levi escolheu bem.

O fulmino com o olhar.

— Ah, é?

— Sim. Ela também é uma mulher *plus size*, tem lindos cabelos pretos, bronzeada… E você não vai acreditar…

— O que?

— Tem quase o mesmo tom de azul dos olhos que o seu.

Tá legal, já chega!

Tento escapar para longe dele, mas os braços de Pedro se apertam ainda mais em volta do meu corpo a tempo de me impedir.

— Seu cretino, me solta!

Ele ri, achando graça de uma coisa nada engraçada.

— Vem aqui, deixa de ser *ciumentinha*.

Meu corpo paralisa quando sinto o nariz dele vasculhar meu pescoço até acariciar a parte de trás da minha orelha e sua boca roçar o pé do meu ouvido.

— Me solta — finjo ainda querer distância, quando na verdade tudo o que eu quero é fundir nossos corpos para nunca mais precisar sentir saudades

dele.

— Não se preocupe. Ela tem um defeito muito grave, eu nunca me casaria com ela.

Não deveria, no entanto, isso atiça a minha curiosidade, fazendo com que me esqueça da raiva por ouvi-lo considerar se casar com outra mulher que não seja eu.

— Que defeito? Pelo que disse, ela deve ser lindíssima.

Ele sorri contra a minha orelha, convicção empregada nas suas palavras ao dizer em alto e bom som:

— Ela não é você. — Sorrio em resposta, felicidade transbordando em mim. — E se não for com você, eu não caso nunca.

Apesar de estar eufórica por dentro, demonstro meu lado autoritária ao lhe dar uma cotovelada indolor na costela.

— Acho bom mesmo!

Isso desperta uma risada gostosa nele, que entende o recado.

Eu o amo, mas ainda não estou pronta para confessar com todas as letras.

— Não ouse ir para o estádio amanhã sem usar a minha camisa para me ver jogar.

— Por quê?

— Porque estudos apontam que o meu desempenho no jogo cai em 50% quando você faz isso comigo.

Solto uma gargalhada sincera.

— Estudos apontam, é? — brinco.

— Sim, estudos minuciosos feitos pelo meu coração.

— Tá legal, prometo não fazer mais isso.

Ele aperta seu corpo de encontro ao meu em resposta, demonstrando o quanto está satisfeito.

— Vou providenciar uma passagem para você ir me ver jogar em São Paulo. Não sabia se você iria para o jogo, mas agora vou te esperar ansiosamente no estádio. A melhor parte é te ver torcendo por mim.

— Foi para isso que virou jogador de futebol? — brinco.

— Você sabe que sim — entra na brincadeira. — Sempre quis te ver vestida com a minha camisa do time e poder te dedicar todos os meus gols.

Como ele pode dizer essas coisas capazes de sacudir meu mundo tão facilmente?

— Eu também sempre sonhei com o dia em que te veria jogar e poderia dizer a todo mundo que meu melhor amigo é um jogador incrível.

— Eu sei, o livro que escreveu para mim que o diga. Inclusive, percebi várias semelhanças com a minha trajetória e a de Pietro no futebol.

— Claro, tudo o que sei sobre futebol gira em torno de você — a frase parece uma confissão, então trato logo de mudar de assunto. — Aliás, você leu o final do livro?

— Claro que eu li. Sou seu maior fã.

Rio, adorando como as palavras soam gratificantes para o meu coração bobo.

— Eu também sou sua maior fã, Pedro.

— Foi a minha primeira e sempre será a fã que tem todo o meu coração.

Sou agraciada por um beijo que ele deposita em meu cabelo e assim adormeço, tendo uma noite de sono tranquila nos braços do único homem certo para mim.



Quando acordei na manhã seguinte, estava sozinha na cama. Pedro já havia pegado o voo para São Paulo com o time e me deixou diversas

mensagens carinhosas no *Whatsapp* e uma mesa de café da manhã pronta para mim.

Algumas horas depois, fui levada ao aeroporto por um motorista particular da confiança do meu melhor amigo e também embarquei para a nossa cidade natal.

Estamos hospedados no mesmo hotel, mas devido ao esquema rígido de concentração que o treinador exige, ainda não nos vimos.

Me ocupo em distrair minha mente da ansiedade checando as minhas redes sociais e o e-mail.

Sou surpreendida ao me deparar com um e-mail da editora Trivial em minha caixa de entrada. Não me recordo de ter me inscrito na *newsletter* deles, no entanto, ao abrir a mensagem, vejo que não se trata disso.

“Prezada, autora Jujuba Passos, sou o Christopher, agente literário da Editora Trivial. Seu trabalho com as histórias autorais que publica sem fins lucrativos chamou a nossa atenção e é com muito prazer que lhe convidamos para uma reunião em nossa sede no Rio de Janeiro com o intuito de discutirmos a possível publicação do livro físico de “Meu Camisa 10" pela nossa editora.

Responda esse e-mail o quanto antes caso se interesse e acione seu agente literário sobre a proposta. É de extrema importância que ele ou ela esteja presente nas negociações.

Atenciosamente, Christopher.”

Não posso acreditar.

Leio o e-mail várias e várias vezes para a ideia se consolidar em minha cabeça, mas ainda parece surreal.

Simplesmente uma das maiores editoras do Brasil se interessou pelo meu trabalho e quer trazer o meu livro para o catálogo deles.

É inacreditável, mesmo depois de eu checar que o e-mail é realmente patenteado e registrado pela editora.

Fico alguns minutos andando de um lado para o outro no quarto, a ansiedade não cabendo em mim.

Então ele me vem à mente.

Sou corroída pela vontade de compartilhar com Pedro essa informação, pois parece que só assim ela se tornará real.

Penso em mandar uma mensagem, entretanto, me lembro que o treinador confisca os celulares dos jogadores para que se preocupem apenas em treinar e descansar para a partida no final da tarde.

Ao checar a hora e descobrir que são apenas duas e meia da tarde, imagino que ele já tenha treinado e almoçado, provavelmente está sendo obrigado a se manter em quarentena no quarto para descansar.

É a minha chance.

Subo cinco andares pelo elevador, chegando ao nono andar, que foi todo reservado para os jogadores do Prizza. Graças a mensagem clandestina que Pedro me enviou assim que chegou ao hotel, sei o número do seu quarto.

Não costumo interromper a sua quarentena, então ele só me passa essa informação para que eu use em caso de emergências. Por isso, quando toco a campainha e ele me encontra no corredor, seus olhos se arregalam.

— O que aconteceu? — pergunta imediatamente.

Não respondo, me preocupo em empurrá-lo para dentro do quarto e fechar a porta atrás de mim antes que alguém me veja. Com isso, nossos corpos ficam próximos demais, compartilhando calor, ambos envolvidos pela eletricidade que o contato provoca. Nossos olhares também estão conectados, seu rosto pairando a centímetros do meu.

Fujo da tentação, dando a volta pelo meu melhor amigo e me distanciando até estar do outro lado do cômodo.

— Preciso te dizer uma coisa.

Esperança reluz nos seus olhos pretos, me deixando culpada por fazê-lo pensar que estou prestes a dizer o que tanto quer ouvir.

Pigarreio, chamando a sua atenção para os meus lábios, atração explícita em seu semblante.

Será que ele não pode fingir que não me quer por um segundo?

Tornaria as coisas mais fáceis para mim.

— Diga.

— Uma editora entrou em contato comigo, eles querem me fazer uma proposta para publicar o livro físico de “Meu Camisa 10”!

Apesar de não ser o que ele esperava ouvir, Pedro sorri, imediatamente ficando animado com a notícia.

— É sério? Isso é muito bom! E você vai aceitar?

— Ainda não sei. Nem consigo acreditar que isso realmente está acontecendo.

Contente, meu melhor amigo caminha na minha direção, se aproximando com um sorriso lindo no rosto.

Solto uma longa respiração quando suas mãos me seguram pelos ombros e Pedro me puxa para um abraço, depositando um beijo casto no topo da minha cabeça.

— Por que não? Seu livro é ótimo. Você é incrível. Por que algo assim não poderia acontecer com você, baixinha?

Afundo meu rosto em seu peito, envolvendo seu abdômen com meus braços e escondendo um sorriso.

— Não sei. Só… não esperava, sabe? É uma conquista que de tão grande, eu nunca nem almejei.

Ele ri, me apertando mais contra seu peito.

— Se chegou até você é porque você merece.

— Tem razão — concordo, matando a saudade do seu cheirinho amadeirado que eu tanto amo.

— Você vai precisar de um empresário para te ajudar a analisar a proposta.

Assinto, inclinando a cabeça para lhe encarar com o queixo apoiado em seu peito. Desse ângulo, posso admirar sua barba que foi perfeitamente aparada para o jogo de hoje.

— É um agente literário que chamam. Ainda não faço ideia de como vou conseguir um.

Solto um suspiro, apreciando cada segundo da sensação boa que me preenche depois de várias semanas sendo assolada pela angústia de perder o meu melhor amigo.

— Depois de amanhã, podemos ir atrás disso.

— Você não precisa me ajudar, sei o quanto está cansado da rotina exaustiva de jogos.

Sinto um friozinho na barriga quando meu rosto é tomado entre as suas mãos, seus dedos acariciando minha pele e se infiltrando no meu cabelo.

— Eu quero te apoiar nessa fase e sempre estarei presente quando puder. A menos que diga que não quer isso.

Nego a possibilidade.

— É claro que vou adorar te ter por perto.

Ele sorri, fazendo com que meu coração passe a bater mais rápido.

— Ótimo, porque eu iria de qualquer maneira.

— Sei que sim.

Durante os próximos segundos, ficamos abraçados em meio a um silêncio confortável, até que ele o quebre ao sentir a necessidade de dizer:

— Senti tanto a sua falta.

— Eu senti mais ainda.

— Então por que demorou tanto? — sua voz é quase um sussurro, como se ele tivesse dado vazão a um pensamento que cruzou a sua cabeça e saiu sem o seu consentimento.

Por que eu quis continuar me enganando até o último segundo.

Diferente dele, não dou permissão para as palavras saírem. Tomo isso como um sinal para ir embora, pois ainda não é o momento certo.

Me desvencilho dele, o decepcionando mais uma vez.

— Melhor eu ir. Você precisa descansar.

— Espera. — Um aperto em meu braço me faz virar de volta e nossos peitos se chocarem. — Preciso de uma coisa.

— O que?

— Preciso de um beijo seu para garantir a vitória do meu time.

Uma risada alta me escapa.

— Desde quando a vitória do seu time está nas minhas mãos?

— Desde sempre. Eu sempre estive nas suas mãos, então é você quem me dá forças para vencer.

Me diz se eu posso negar isso a ele?

Não estou em posição, mas mesmo se estivesse, não teria coragem.

Ele está merecendo.

Sem mais perguntas, fico na ponta dos pés para alcançar seus lábios, e com as mãos na sua nuca, puxo seu rosto de encontro ao meu.

Pedro não perde tempo em me tirar do chão, me permitindo envolver seu quadril com as minhas pernas para não ficar desconfortável devido a diferença de altura.

Nossas línguas engatam em uma dança afoita devido a saudade que ambas estavam uma da outra enquanto minhas mãos se enroscam nos cabelos aparados no estilo militar dele e as suas tratam de apalpar minha bunda com firmeza.

Um calor me invade, remexendo meu interior e aquecendo a minha boceta necessitada, ao ponto que passo a me esfregar sobre o abdômen dele, arrancando gemidos de prazer de Pedro que são engolidos pela minha boca faminta.

Sinto sua ereção pressionar minha virilha e tomo isso como um alerta para interrompermos o beijo antes que as coisas esquentem ainda mais.

— Vitória garantida — afirmo, descendo do seu colo.

— Ei, não pode me deixar assim, é maldade! — reclama, se negando a me deixar ir embora sem resolver o pepino generoso dentro das suas calças.

Sorrio maliciosamente, fugindo do seu aperto.

— Você precisa descansar para o jogo.

— Eu preciso gozar! Dentro de você, de preferência — diz, de modo descarado, me fazendo sorrir mais.

Me afasto, caminhando de costas para a porta.

Assisto quando Pedro leva uma mão até o membro endurecido marcando a calça de moletom que usa. Isso me faz salivar e eu umedeço os lábios, doida para cair de boca nele o mais rápido possível.

No entanto, se a vitória do Prizza está em minhas mãos, não posso fraquejar.

— Vença o jogo e você nunca mais vai precisar gozar em outro lugar que não seja dentro de mim.

Não fico para ver a sua reação.

Lhe dou as costas, deixando o quarto com a certeza de que fiz mais do que a minha parte e sabendo que despertei uma determinação a mais em Pedro para vencer esse jogo.

Agora sim a vitória está garantida.



PEDRO

Eu nunca quis tanto vencer um jogo. Juro!

Estamos no segundo tempo e o placar é favorável para o Prizza, marcando dois a um, graças aos pontos que eu e Felipe fizemos.

No entanto, se eu quiser garantir a vitória e os meus orgasmos para o resto da vida, preciso fazer mais do que isso.

No segundo tempo, seguimos a estratégia proposta pelo nosso treinador de reforçar a defesa e apenas eu e Levi partimos para o ataque, visto que a ordem é concentrar o máximo de jogadores na linha de defesa na intenção de

preservar o placar, pois a estratégia do adversário paulista será atacar com tudo para tentar virar o jogo.

Essa partida é particularmente especial para mim, não só pelo desafio que Júlia me impôs, mas porque a minha família está me assistindo diretamente do estádio, e não apenas pela televisão, como de costume. Por isso, a dedicatória do primeiro gol que marquei foi diferente. Dessa vez, em homenagem ao meu sobrinho Nikki, que desde que nasceu assiste os meus jogos e torce por mim.

A disputa se mostra acirrada à medida que o segundo tempo se desenrola. Muitas vezes os jogadores do Manjuba, um dos principais times da série A de São Paulo, interceptam as minhas jogadas, conseguindo avançar o campo em posse da bola e chegando perto de golear meu time.

Mas é tudo o que eles fazem: chegar perto.

Levi, por outro lado, marca um belo gol pela lateral direita durante a cobrança de uma bola fora da área, tocando-a para mim, que rapidamente repasso para ele a tempo do seu pé esquerdo chutar no canto interno da trave, balançando a rede e fazendo os torcedores o aplaudirem de pé.

A torcida vibra imediatamente em resposta, um arrepio percorrendo meu corpo suado devido à adrenalina.

É inexplicavelmente satisfatório sentir essa energia da torcida.

Torna tudo ainda mais intenso.

Motiva. Impressiona. Arrepia.

Quando me imaginava ocupando uma vaga como titular de um grande time nacional, não esperava gostar tanto da presença dos torcedores, por medo da pressão, mas descobri que eles são essenciais para os jogos. Tanto para comemorar conosco, quanto para nos dar apoio quando pisamos na bola, não literalmente.

Faltam cinco minutos para o final da partida quando o juiz autoriza a cobrança de uma falta em cima de Toledo.

Tensão preenche o ar do enorme estádio que pertence ao adversário paulistano.

À essa altura, todos nós jogadores, sem exceção, estamos ofegantes, suados e sedentos, não só de água, como também de vitória.

O que eles não sabem é que hoje eu tenho motivos particulares para vencer esse jogo com sangue nos olhos.

Levi é direcionado pelo juiz até o local da marcação da falta e se prepara para a jogada, inspirando um pouco de ar para recuperar o foco e o fôlego.

Me mantenho fora da linha de defesa deles, no entanto, ainda dentro do raio de distância que permite que Levi toque para mim e eu tente emplacar mais um gol mesmo estando marcado por dois jogadores experientes.

Seu olhar antes de passar a bola para mim com um toque preciso e avançar o campo do adversário diz tudo: a bola só precisa chegar aos meus pés para que o gol aconteça, independente de quem estiver na minha cola.

Isso se comprova quando o esperado acontece e eu mostro o porquê sou um dos jogadores mais caros do elenco do Prizza.

Na época em que ainda jogava na categoria de base do time, fui apelidado de *Flash* por conseguir fazer vários dribles sucessivos sem perder o foco e muito menos o domínio da bola, me consolidando na opinião dos especialistas que me treinaram como sem dúvidas alguma um atacante nato, muito promissor quando me tornasse titular.

Em questão de segundos, encontro uma brecha entre as pernas de um zagueiro e a área desprotegida do gol, não hesitando em chutar nessa direção.

O resultado?

Mais uma jogada bem sucedida para a conta.

Diferente da última disputa em que precisei abrir mão da minha tradicional dedicatória de gols para manter a minha indiferença de fachada para a minha melhor amiga, corro o mais rápido que posso na direção da esquerda do meio campo, onde está localizada a área vip do Prizza.

Mesmo a muitos metros de distância, consigo vê-la pelo vidro de proteção, pulando de felicidade devido ao gol que acabei de marcar.

Ela congela no lugar quando me assiste fazer a letra “J" com os dedos erguidos na altura do meu peito.

Sabendo que meu rosto está sendo exibido com *zoom* no telão, sussurro um “eu te amo" sorrindo, mal podendo esperar para beijá-la.

Júlia me responde fazendo o símbolo de um coração com os dedos, atraindo a atenção das câmeras que substituem a minha imagem pela dela corada de vergonha.

A comemoração é interrompida quando o árbitro apita informando que ainda faltam mais cinco minutos de acréscimos para o fim da partida.

Assim, foco apenas em manter o placar, evitando avançar demais e dando suporte à defesa para consolidar a nossa vitória, visto que é improvável que o time paulistano vire o jogo estando quatro a um para nós.

Sou puro cansaço e felicidade quando o árbitro apita novamente, após o fim do tempo, dando como finalizada a partida e o Prizza como vencedor.

Formigas parecem ter ser se alastrado pelos assentos do lado vermelho e branco do estádio, pois os torcedores pulam das suas cadeiras abruptamente, uma enxurrada de gritos a plenos pulmões, ruídos provocados pelas diversas vuvuzelas e abraços de comemoração entre eles.

No campo, não fazemos diferente.

Todos nós que vestimos o manto vermelho e branco corremos em direção a linha central, nos encontrando para uma comemoração fervorosa.

— É isso, caralhooooo! — Levi grita na roda que se forma quando nos abraçamos em grupo, eufórico.

— É isso, timeeee! — vibro junto, extasiado pela felicidade que me cerca de todos os lados.

Gouvêa não demora a nos alcançar e se infiltra na rodinha.

— Meus garotos, porraaaa! — ele balança os braços de modo fervoroso.

Ainda no ritmo de comemoração, erguemos contra a sua vontade o corpo franzino do nosso técnico, que apesar de carrasco, presa pela nossa evolução acima de tudo.

Em dado momento, após muitos abraços, parabenizações, algumas lágrimas e cumprimentarmos os jogadores do time adversário pela excelente partida, nós nos dispersamos, cada um indo para um lado em busca das suas famílias para continuar a festejar.

É então que rapidamente avisto um corpinho infantil correndo em minha direção, os cabelos pretos extremamente lisos voando com o vento.

O pequeno Nikki de dez anos se joga contra mim, eufórico.

— Você ganhou! — comemora, me abraçando quando o pego no colo.

Sorrio, a gratidão me invadindo por poder vivenciar o amor inexplicável de ser tio de um *serumaninho* tão incrível.

— Nós ganhamos, toca aqui. — Estendo a mão, que ele toca em um *high five*.

Há alguns metros de nós, avisto minha irmã caminhar até mim acompanhada do seu marido.

— Eu sempre me esqueço o quanto é emocionante te ver jogar de perto. — Ela envolve eu e Nikki em um abraço duplo, depositando um beijo em minha bochecha. — Parabéns, irmão. Você é incrível, nunca vou me cansar de dizer isso.

Ao se distanciar de mim, Ana Eliza deixa que meu cunhado me parabenize.

Nos cumprimentamos com um aperto de mão que Heitor logo transforma em um abraço.

Apesar de ter sido contra o relacionamento deles pela maneira como tudo começou, hoje me considero grato pelo caminho dele ter se cruzado com o da minha irmã. Foi mais reconfortante me mudar de São Paulo sabendo que as duas mulheres da minha vida que eu deixaria nessa cidade estariam bem cuidadas por um homem com uma índole tão boa quanto a minha.

No final das contas, o coreano se tornou um aliado.

— Parabéns, moleque. Está ficando bom nisso — elogia, sempre empregando uma pontinha de sarcasmo, pois se tornou a nossa maneira preferida de nos comunicar.

Sem falar que o coroa torce para o Manjuba, o que significa que hoje a provocação descarada é permitida.

— Obrigado, japa. Com certeza eu trabalho duro há dez anos para conquistar um elogio seu — rebato, errando propositalmente a sua nacionalidade para irritá-lo. — É uma pena que os seus amarelinhos não tenham vencido. Imagino que você tenha apostado muito dinheiro neles.

O coreano me lança um sorriso enviesado, mordido pela derrota de lavada.

— Estranho seria se eu tivesse apostado em você.

— Tá legal, fofinhos, está na hora de irmos — de repente, Liz interrompe a nossa troca de farpas, algo atrás de Heitor chamando a sua atenção. — Te vejo na casa da Cida mais tarde para o jantar de comemoração, te amo.

Após depositar um beijo em minha bochecha e tomar meu sobrinho de mim, ela se vai, levando o seu encosto, *ops*, marido, consigo.

É então que entendo tudo.

Júlia caminha até mim a passos lentos pelo gramado depois de cruzar com a minha irmã e se despedir dela.

A razão do meu colapso veste a minha camisa, como prometido, e calça *jeans* branca. Uma parte dos seus cabelos estão presos atrás da cabeça, o restante dos fios castanhos-claros caindo lisos em uma pequena cascata na altura do pescoço. Como de costume, sua maquiagem é leve, apenas para realçar as perfeições do seu rosto, e os lábios suculentos estão encharcados de *gloss*, do jeitinho que eu me amarro.

— Você não brinca em serviço, *né*?

— Eu não perderia por nada, ainda mais para conquistar o que você me prometeu.

Júlia parece nervosa ao parar a alguns centímetros de mim, apoiando suas mãos em meus ombros suados por cima da camisa.

Ansiedade me domina conforme enxergo uma pontada de dúvida transparecendo no olhar dela, que rapidamente a afasta, inspirando fundo antes de dizer:

— Eu encontrei um homem tão incrível quanto você — suas palavras fazem meu coração palpitar imediatamente, medo me invadindo pelo que pretende dizer a seguir. — Ele era tão carinhoso, gentil e bonito…, mas não era você. E isso se tornou impossível de ignorar.

Ótimo, agora posso voltar a respirar.

Não só respiro como sinto um tipo de satisfação bem-vinda, uma pela qual eu ansiava a minha vida inteira.

Uma satisfação que apenas a sorte de ser o homem da vida de Júlia poderia me proporcionar.

— Ah, é? — cruzo os braços sobre o peito, me fazendo de difícil.

Ela prossegue, a cabeça erguida e o olhar cravado no meu.

— Eu preferi me enganar porque tive medo. Não podia suportar ser decepcionada por você. Não por você, o homem mais próximo da perfeição que conheço. O único homem em quem confio. O único homem que eu amo.

— Ah, Júlia. — Diminuo a distância entre nós, enfiando as mãos por entre as laterais do seu cabelo, sentindo os fios macios entre os meus dedos e a sua pele quente na palma da minha mão.

Nossos narizes se tocam, nossas respirações ofegantes e a paixão mútua sendo transmitida pela nossa troca de olhares.

Faço menção a beijá-la, mas Júlia segura meu queixo, pois ainda não é tudo.

Ela precisa fazer eu me apaixonar ainda mais.

— Mas o que eu estava pensando? Você é o cara que preferia arrancar o seu coração do que machucar o meu. Me desculpe se demorei para me lembrar disso.

Sorrio contra a sua boca, a felicidade não cabendo em meu peito.

— O que quer dizer, Júlia?

Sei exatamente o que quer dizer, mas não custa nada ouvir com todas as letras.

É o meu grande sonho, fazer o quê?!

O sonho do hexa nem se compara a assistir a mulher da minha vida se declarar para mim.

— Você me estragou para qualquer outro homem, Pedro.

— Essa sempre foi a intenção, meu amor.

Seus olhos reluzem de paixão ao ouvir a maneira como me referi a ela.

— Eu te amo.

Solto um longo suspiro, finalmente meu coração podendo desempenhar suas funções vitais: bombear sangue e amar Júlia Passos sem sofrer.

— Eu te amo tanto, baixinha.

Nesse momento, esqueço completamente onde estamos e o que está à nossa volta. Me preocupo apenas em erguê-la do chão, trazendo sua boca até a minha em um beijo repleto de amor e sedução.

Júlia envolve minha nuca com seus dedos, me arrancando arrepios ao mesmo tempo em que me enlouquece com a sua língua afoita vasculhando cada centímetro da minha.

Finalmente me sinto vitorioso.

Finalmente tenho o dinheiro, o prestígio e o amor da única mulher que eu quero.

Finalmente estou realizado.

Realizado é pouco para descrever.

Me sinto completo.

Estou perdido demais no meu pequeno transe interno para entender quando Júlia se desvencilha de mim, escondendo seu rosto em meu peito rapidamente. Ao olhar em volta, descubro que estamos cercados pelos meus colegas de time e temos a câmera do celular de Levi apontada para nós.

— O que é? Não era pra gravar? Isso aqui precisa ficar marcado na história, *Flash*! — Toledo debocha, fazendo algumas imagens da expressão de poucos amigos que esboço para ele.

— É melhor correr se não quiser perder as pernas — aviso.

— Eu vou indo só porque tenho coisa melhor para fazer. — Ao avistar o semblante envergonhado de Júlia, que agora o encara, ele sorri maliciosamente. — Felicidades ao casal.

Então ele se vai, correndo para fora do campo, na certa para encontrar a única pessoa que assiste a todos os seus jogos: Melinda.

Depois é a vez de Felipe e Enzo se aproximarem, o primeiro me abraça e o outro segue para cumprimentar Júlia com um abraço apertado.

— Nem acredito que finalmente estão juntos! — o goleiro comemora.

Eu e Júlia nos entreolhamos.
A pergunta fica implícita nos seus olhos da cor do mar.
— Vocês estão juntos, não é? — Prezzoti indaga, ficando em dúvida.
Sorrindo, trago Júlia para perto de mim novamente pela cintura.
— Para sempre. Agora vamos ficar juntos para sempre.



Mal estou me aguentando de ansiedade quando encosto o corpo de Júlia na porta do meu quarto do hotel e tento abri-la usando apenas uma mão, sem deixar de beijar minha mulher para passar o cartão na trava de segurança.

Tive que dar inúmeras entrevistas após a partida antes de finalmente poder receber a recompensa que mereço. Júlia não imagina o quanto estou sedento para me enterrar dentro dela.

A porta é aberta e avanço para dentro do cômodo, fechando-a com um empurrão do meu pé. O beijo frenético só é interrompido quando despejo o corpo dela sobre a cama, onde subo para ficar por cima.

— Preciso tomar um banho. Estou tão suado.

Em resposta, Júlia me empurra para ficarmos de pé, sua boca assaltando a minha enquanto fazemos o caminho até o banheiro da suíte ao mesmo tempo em que nos despimos, mostrando que assim como eu, não quer perder mais nenhum segundo em que poderíamos estar transando gostoso.

Estamos nus quando eu a pego de volta em meu colo e adentro ao box, escorando suas costas no azulejo de porcelana para abrir o chuveiro. A água cai bem acima de nós, sobre os nossos lábios que rapidamente voltam a se enroscar.

É refrescante o contato da água gelada sobre a minha pele suada e excitante a fricção da boceta de Júlia sobre o meu abdômen. Sem vergonha alguma, ela se esfrega em mim como uma cachorrinha no cio, suas mãos massageando meu couro cabeludo e pressionando meu rosto de encontro ao seu.

Estou tão duro que meu pau se torna um intruso, erguido na altura do meu umbigo e sendo deliciosamente espremido entre as coxas generosas dela. Passo a me esfregar sobre a sua pele assim como faz comigo, ficando ainda mais excitado ao ouvir as palavras desconexas que clama em gemidos engolidos pela minha boca.

Só eu sei o quanto esperei para estar dentro dela novamente, o quanto me masturbei pensando que talvez nunca mais fosse tocá-la de novo.

Não posso mais esperar.

— Preciso me enterrar em você — sussuro, o ar me faltando devido a sessão de beijos intensos.

Ela revira os olhos quando desço meus lábios por seu pescoço, se esfregando em mim com mais agilidade, tão necessitada quanto eu.

— Não diga essas coisas.

Levanto o rosto, encarando sua feição suada, a maquiagem indo para o ralo devido a água que escorre por sua pele, mas ainda assim, a mulher mais linda do mundo.

Ainda assim, mais bonita do que nos meus sonhos.

— Por que não, baixinha?

— Porque me deixa *muito* excitada.

Com um sorriso de pura satisfação no rosto, amparo o corpo dela com um braço enquanto o outro se ocupa em posicionar minha glande na direção da sua fenda. Assim, envolvo sua bunda com as minhas mãos, apertando a carne entre os dedos, e passo a erguer meu quadril, adentrando a sua boceta gulosa devagar.

Porra, como senti falta disso!

Ainda é tão apertada quanto da primeira vez.

Ainda é quente como o inferno.

E molhada como as *Cataratas do Iguaçu*.

Tão molhada que escorrego metade do meu comprimento para dentro dela em poucas bombeadas.

— Ah, é? Então você admite que gosta de um papinho sujo? — indago, meu hálito soprando em seu pescoço enquanto faço o caminho até o pé do seu ouvido com a boca.

— Não deixei isso claro no livro?

— Está admitindo que tudo o que está lá são os seus desejos mais sinceros?

Ela geme ao sentir a mordida que deposito em um ponto atrás da sua orelha, o som excitante ecoando pelo banheiro amplo e retorcendo meu pau dentro dela.

— Eu nunca neguei isso. Aquilo é praticamente um manual de como me deixar obcecada pelo seu pau.

Sorrio.

— Mas convenhamos que eu não preciso dele. — Empurro mais alguns centímetros pelo interior dela, fazendo com que revire os olhos de prazer. — Você já estava obcecada pelo meu pau muito antes de eu descobrir sobre o livro.

— Tem razão.

As palavras soam como música para os meus ouvidos.

— Fala de novo.

Mesmo perdida no próprio deleite, ela se concentra, abrindo os olhos para terminar de me deixar rendido:

— Você tem razão, eu sou obcecada pelo seu pau há muito, *muito* tempo.

Preciso exercer uma força enorme em minhas bolas para impedir que elas liberem o gozo antes da hora.

— Porra!

Beirando ao limite, espremo o corpo dela sobre o azulejo, seus mamilos intumescidos tocando minhas clavículas à medida que arremeto sem piedade contra a sua boceta escorregadia, encontrando o ângulo perfeito para encaixar mais alguns centímetros sem machucá-la.

Apesar de ensandecido pelo prazer de sentir nossas carnes entrosadas e se chocando com tanto vigor devido aos meus movimentos, me mantenho de

olhos abertos para ficar atento às respostas do corpo dela. Pela maneira como aperta as pálpebras, arranha as minhas costas e meu nome reverbera pela sua garganta, vejo que está mais do que confortável.

Como se não bastasse ter mais da metade do meu comprimento dentro de si, ela passa a rebolar de encontro ao meu quadril, querendo me abrigar por completo.

— Você vai se machucar assim — chamo a sua atenção, segurando seu queixo para que não me ignore.

Quando abre os olhos, mira as duas bolas de gude em mim, apertando a minha nuca e acelerando o movimento das reboladas de forma que eu precise firmar melhor os pés no chão escorregadio do box para não cairmos.

— Se for assim, então eu quero me machucar — sussurra, tão sexy que engulo em seco ao sentir que posso babar de tanto desejo por ela. — Me machuca desse jeito delicioso, eu gosto.

Ah, Deus.

Sei que é errado te envolver num momento como esse, mas será que pode me dar forças para eu aguentar só mais um pouquinho e fazê-la feliz?

Júlia esbanja disposição conforme avança em meu rosto e me rouba um beijo, ainda rebolando sem parar.

Diferente de mim, que preciso usar todo o meu autocontrole para me manter de pé, até chegar à conclusão de que não vou aguentar assim.

— Júlia… — chamo. — Preciso me sentar.

Ela respira fundo, sorrindo.

— Quer dizer, você precisa que eu sente em você?

Assinto, ansiando por isso.

Nenhum pouco amedrontada, Júlia desce do meu colo, aliviando a pressão em meu pau, e me guia para fora do box após desligar o chuveiro. Tudo o que vejo é a sua bunda se movendo a minha frente, tão deliciosa que chega a doer as minhas bolas.

Suas mãos pequenas me orientam a me sentar na beirada da banheira que fica ao lado do box e não demora nem um segundo para que ela esteja em cima de mim, posicionando sua fenda bem acima da minha glande.

— Porra — o palavrão me escapa conforme Júlia escorrega os joelhos ao lado do meu corpo e sua boceta vai deslizando sobre o meu pau, a carne extremamente lubrificada me recebendo devagar.

Ela mantém os olhos abertos, suas pupilas muito dilatadas de prazer e cintilando de orgulho de si mesma por estar lidando tão bem em ter o

controle à medida em que observa meu comprimento sendo engolido pela sua boceta gostosa.

— Você gosta assim? — questiona, um pouco incerta sobre a minha opinião conforme continua se movimentando progressivamente.

Ela está brincando comigo?

Só pode!

Aperto suas nádegas do jeito possessivo que sei que gosta e me certifico de capturar o seu olhar quando digo:

— Não imagina o quanto.

Segurando minha nuca de forma que meu rosto paire abaixo do seu, ela ronrona:

— Então me diz.

Imediatamente, acato o seu pedido como uma ordem.

— Não teve um dia desde que estive dentro de você pela primeira vez, em que não gozei imaginando como seria ter você por cima de mim. E de lado. E de quatro. E de cabeça para baixo também.

Isso a faz sorrir.

Um sorriso fodidamente sexy que me provoca um alerta.

Estarei prestes a gozar se ela continuar sentando tão gostoso assim.

Foi um erro pensar que tê-la por cima de mim tornaria as coisas mais fáceis. Só a torna ainda mais irresistível.

Para a minha sorte, ou não, sinto que as paredes da boceta dela se estreitam ao meu redor e suas pernas fraquejam. O rosto dela se contorce em uma careta de prazer, mas Júlia não cessa o movimento intenso dos seus quadris sobre mim.

— Pedro! — ela segura meus ombros, se apoiando para continuar me cavalgando sem dó.

Estico os braços na superfície da banheira, impulsionando meu quadril em direção a ela, em busca de mais. Isso a faz arregalar os olhos ao sentir meu membro no fundo da sua cavidade, em seguida descendo seus dedos até o clitóris sensível entre as suas dobras. Júlia passa a massageá-lo, gemendo cada vez mais alto, o deleite se intensificando.

Nós compartilhamos um olhar de pura satisfação quando nossos orgasmos nos atingem ao mesmo tempo, ela me apertando entre a sua carne macia e eu esporrando pelo seu interior, ambos sendo dominados por tremores e a sensação de alívio extremo conforme os segundos de êxtase nos consomem.

Somos apenas dois corpos esvaídos de energia depois que o ápice nos abandona.

Suados. Cansados. Apaixonados.

Ainda abrigando meu pau em seu interior, Júlia cola nossos troncos ao envolver meu pescoço entre as suas mãos, trazendo meu rosto até o seu, e me roubando o ar com um beijo delicioso.

Seguro sua cintura, aprofundando o entrelaçar das nossas línguas.

De repente, ela se levanta do meu colo de modo abrupto, ficando de pé a minha frente, meu gozo escorrendo pelas suas pernas.

Parece se dar conta de algo terrível.

— Meu Deus, eu não estou tomando pílula! Posso ter engravidado nesse momento! — conclui, entrando em pânico.

E eu?

Eu apenas sorrio, gostando muito da ideia.

— Eu não teria tanta sorte assim.

Seus olhos arregalados me dizem que acabei de soar como um lunático inconsequente, quando eu sou apenas um pobre homem apaixonado.

Tá legal, pobre não.

Mas apaixonado, sim.

— Estou falando de um ser humano sendo gerado sem planejamento algum!

— Eu também. — Mantenho o sorriso no rosto.

Minha felicidade continua assustando-a.

— Você é louco.

Puxo seu braço sutilmente, trazendo Júlia de volta para o lugar dela: no meu colo.

— Por você. Eu sou louco por você.



JÚLIA

Passado o surto inicial por pensar que talvez eu tenha engravidado, coloquei a cabeça no lugar depois de um banho de verdade sem toda aquela pegação e paramos em uma farmácia para comprar uma pílula do dia seguinte no caminho até a casa de Cida.

A propriedade fica localizada no bairro da Barra Funda, na zona oeste da cidade. Durante dez anos, a casinha azul-marinho de muros altos e portão de ferro foi o nosso abrigo, a única porta acolhedora que se abriu para nós quando tragédias assolaram as nossas vidas.

Ao chegarmos no nosso antigo lar, Pedro estaciona o carro blindado que alugou por hoje na calçada e somos recebidos pela nossa “mãe adotiva”. Cida nos aguarda no portão para uma sessão de abraços apertados.

— Você fez um ótimo jogo, querido — diz, ao cumprimentar Pedro com um olhar orgulhoso. — Me desculpa por não ter ido te ver. Você sabe que não gosto muito da multidão…

Pedro assente, compreensivo, já que há alguns anos Cida passou a desenvolver sintomas de ansiedade severa e desde então faz uso de medicamentos. É por isso que só a vemos quando estamos em São Paulo. Ela não consegue se imaginar viajando de avião e muito menos se sente confortável em meio à multidão e barulhos do estádio.

— Não se preocupe, sei que esteve torcendo por mim.

— Que bom. — Ela se vira em minha direção, me admirando como se eu fosse uma refinada obra de arte. — Julinha, olha só para você, a cada dia mais linda! Vem aqui!

Obedeço, envolvendo o corpo franzino da mulher mais generosa que conheço em meus braços.

— Senti sua falta, Cida.

— Eu também, querida. Vocês fazem falta por aqui.

Apesar de não sentir saudade do tempo em que vivia aprisionada pelo passado, contemplo o interior da propriedade com uma pontinha de nostalgia.

Caminhamos ao lado de Cida pelo quintal modesto, onde alguns brinquedos de um parquinho improvisado ainda jazem, desde a época em que eu e Pedro ainda morávamos aqui.

Falando nele, meu melhor amigo observa tudo com cuidado, parecendo assim como eu apreciar o sentimento nostálgico que nos embala, pois cada canto deste terreno possui uma história.

Ao chegarmos na sala, Cida passa a nos tratar como se fôssemos uma visita ilustre.

— Não reparem a bagunça de sempre. — Acena para o sofá. — Sentem, vou tirar a lasanha do forno para jantarmos.

É então que Gabriel surge do corredor que leva aos quartos, se limitando a nos cumprimentar com um menear de cabeça, pois devido à Síndrome de Asperger[6], possui dificuldade de lidar com o contato físico.

Mesmo assim, não deixa de demonstrar carinho pelo homem que considera como um irmão mais velho.

— Pedro, quer ver o PC gamer que montei? — ele pergunta, animado com a ideia.

Pedro olha para mim, encostando propositalmente sua mão em minha coxa.

— Você vem?

Nego.

— Vão vocês. Quero dar uma olhada em outra coisa.

Não demora para que meu melhor amigo parta junto com Gabriel e eu me levante para me mover na direção oposta, caminhando até uma porta de madeira fechada que ainda possui uma plaquinha que eu mesma preguei, muitos anos atrás.

“Silêncio, estou lendo.”

Penso que irei encontrar um cômodo totalmente diferente do que era, mas sou surpreendida ao me deparar com o mesmo cenário, os mesmos móveis, a mesma roupa de cama da *Tinker Bell* e a mesma sensação de que estou adentrando o meu refúgio.

Sempre acho que Cida irá se desfazer deste quarto e o transformar em outro cômodo, entretanto, sempre sou surpreendida ao encontrar tudo exatamente como deixei.

A minha estante de livros ainda está intacta, nenhuma poeira pela estrutura de madeira que ocupa boa parte da parede que fica ao lado da minha antiga cama, sinal de que Cida tem mantido tudo nos conformes, mesmo sabendo que não tenho pretensão nenhuma de voltar. Sei que é o jeitinho dela de não se sentir totalmente desligada de nós. Aposto que os pertences e móveis do quarto que Pedro dividia com Gabriel também estão imaculados.

Sorrio ao passar os dedos pela minha série preferida de livros da *Cassandra Clare*: *Instrumentos Mortais*. Depois de ler *Crepúsculo,* fiquei simplesmente obcecada por histórias de romances sobrenaturais e mundos fantásticos, indo atrás de outras autoras do gênero. Durante parte da minha adolescência, esses universos foram o meu principal refúgio.

Quando as coisas passaram a ficar mais suportáveis, a dor do trauma foi se tornando anestésica, aceitei que tinha sido melhor assim, que eu precisava de um lar seguro e confortável como a casa de Cida, não viver em meio aos rompantes agressivos da minha progenitora e seu marido.

Faz muito tempo que não penso neles, pois em busca de me curar dos traumas que aquela noite me causou, apaguei boa parte das lembranças de como era a minha vida antes disso. No entanto, me recordo do ódio que Flávia parecia sentir por mim. Sempre me negligenciando, me deixando horas com fome até resolver levantar do sofá para me dar comida. Se pensar bem, consigo me lembrar do cheiro de cigarro impregnado pelo pequeno sobrado em que morávamos, pois era tudo o que o meu pai lhe deixou.

Leandro morreu em um acidente de trabalho durante uma obra que executava como pedreiro quando eu tinha dois anos. A construtora responsável pagou uma indenização a família e foi esse dinheiro que nos sustentou durante alguns anos, visto que Flávia não trabalhava e não tinha pretensão alguma de buscar um emprego. Quando a quantia chegou ao fim, passamos algumas dificuldades até ela conhecer Gilberto, o homem que pensou ser a sua salvação e foi a minha ruína.

Um bêbado sem escrúpulos, que se infiltrou nas nossas vidas disposto a piorá-la.

Eu realmente pensei que as coisas seriam melhores, afinal, ele era um militar de patente alta, ótimo salário.

Depois que nos tirou do sobrado e nos levou para morar em Pinheiros no seu apartamento, eu passei a estudar em uma escola particular financiada por ele e sair para passear aos finais de semana. Minha mãe parecia me odiar menos, já que não se sentia mais tão fracassada, pois frequentava ótimos salões de beleza, possuía um carro para sair a hora que quisesse e um cartão de crédito para usar. No entanto, o hábito de beber nunca passou para ambos.

Os dois bebiam quase todos os dias.

Me recordo de várias vezes ir dormir ao som dos barulhos de vidros sendo quebrados quando discutiam bêbados ou dos gemidos altos da minha mãe soando no quarto ao lado após uma sessão de bebedeira.

Na noite que se espreitou em meu quarto, Gilberto cheirava à bebida e cigarro. Isso quase me fez considerar não contar a verdade à assistente social que me visitou no leito do hospital depois do ocorrido, pois, segundo a minha mãe, devido ao álcool, ele não sabia o que estava fazendo. Não queria me machucar de propósito.

Quase considerei.

Mas o medo falou mais alto.

Eu não queria mais estar ali, não queria mais me sentir insegura na minha própria casa.

Não queria mais chorar perguntando para Deus porque ele havia levado o meu pai, porque eu só tinha uma mulher egoísta e alcóolatra para cuidar de mim.

Foi então que depois de ir contra o que a minha mãe pediu e não mentir sobre o que realmente aconteceu naquela noite, a assistente social me disse que eu não precisaria mais passar por isso.

Eu ganharia um novo lar.

Após Flávia ser afastada de mim no hospital e indiciada como cúmplice por tentativa de estupro de vulnerável, eu voltei a sentir medo.

A realidade me atingiu.

E se o meu novo lar não fosse tão acolhedor assim?

Apesar de achar que dificilmente encontraria pais mais cruéis que a minha mãe, que quis defender um abusador por dinheiro, me considerava uma criança sem sorte, então duvidei de que poderia ser mais feliz em outro lugar.

Por esse motivo, quando fui trazida para esta casa e entregue à Cida, ergui um escudo para me proteger, impedir que as pessoas me vissem como alguém frágil, uma vítima em potencial, porque me convenci de que fui o alvo de Gilberto por conta disso, mas na verdade ele era apenas um covarde, eu não tinha culpa alguma.

Aos oito anos, não havia escutado coisas boas sobre lares adotivos, afinal, a minha própria mãe ameaçava me entregar ao conselho tutelar se não me comportasse. O que eu não imaginava era que seria completamente surpreendida pela recepção que tive no meu primeiro dia aqui.

Fui recebida com uma mesa de almoço farta e os braços estendidos de Cida para mim, que sabia exatamente o que eu havia passado e esperava conseguir me confortar. Me lembro de ignorar seu gesto e passar por ela como se não a tivesse visto, a cabeça baixa e o medo ainda me consumindo.

Ainda me recordo daquele dia como se fosse ontem. As lembranças me atingindo em cheio…

Na sala, três meninos me esperavam de pé, os braços estendidos ao lado do corpo e olhares tristes direcionados a mim. Pareciam uma escada, posicionados do maior para o menor.

Eles sabiam o que havia acontecido comigo?

Me perguntei, odiando pensar que eles me enxergassem com pena.

Com um semblante fechado, parei diante deles, os encarando sem simpatia alguma em meu olhar.

Cida surgiu atrás de mim, buscando amenizar as coisas.

— Esses são Pedro, Lucas e Gabriel — disse, acenando na direção de cada um.

Pelo tamanho deles, pude perceber que eram tão jovens quanto eu, o que me fez imaginar o motivo de terem ido parar ali.

— Seja bem-vinda, Júlia.

É claro que o primeiro a tomar a atitude de me cumprimentar foi Pedro, mesmo diante da minha resistência. Apesar de não sorrir ou forçar um contato físico, parecia amigável.

Ele claramente ocupava o posto de irmão mais velho ali com satisfação, o peito estufado, parecendo tão responsável mesmo tendo apenas dez anos.

Os outros me cumprimentaram de modo breve, nenhum deles muito animados para me recepcionar.

— Onde fica a minha cama? — foi a única coisa que eu disse, dispensando toda aquela recepção calorosa.

— É por aqui, querida.

Compreensiva, Cida me guiou até o pequeno quarto com as paredes pintadas de rosa, onde uma cama de solteiro, uma escrivaninha e um pequeno guarda-roupa jaziam.

— Eu vou dormir sozinha? — esperava dividir o quarto com outras pessoas, como diziam ser os orfanatos, mas fui surpreendida quando Cida assentiu.

Isso me provocou uma onda de medo.

Sabia que a maioria das crianças gostariam de ter um quarto só para si, no entanto, a ideia de dormir sozinha não me agradava em nada.

Me lembrava daquele dia.

— Não tem nenhuma outra menina que possa dormir comigo?

Ela negou, compadecida.

— Você não quer dormir sozinha?

Recuei diante do olhar de pena dela, sabendo exatamente o que estava pensando. Estava imaginando o quanto eu ainda me sentia frágil devido ao ocorrido.

Mesmo que estivesse certa, ergui o meu escudo, escondendo minhas fraquezas para que ninguém pudesse usá-las contra mim:

— Quero, só estava perguntando.

Sem dizer mais nada, me deitei de bruços sobre a cama, afundando a cabeça no travesseiro que havia nela.

Cida continuou parada, na certa me observando com pesar.

— Você não quer comer?

— Não, quero ficar sozinha — avisei, minha voz abafada pelo travesseiro.

Ela suspirou.

— Fique à vontade para ir até a cozinha se alimentar caso sinta fome.

No instante seguinte, ouvi o som da porta sendo fechada e pude finalmente desabar em um choro persistente.

Chorei por horas a fio, assistindo ao anoitecer pela janela do cômodo, com tanto medo de como seria a minha vida a partir dali.

Meu coração palpitou dentro do peito e me levantei bruscamente ao ouvir o barulho da porta sendo aberta na calada da noite.

Minhas pernas vacilaram e eu me encolhi no chão ao lado da cama, abraçando o meu próprio corpo e fechando os olhos com força, pois não conseguia ver quem era devido ao escuro.

Só voltei a respirar ao poder observar o menino parado no batente da porta com um prato de comida em uma mão e um copo na outra depois de acender a luz.

— Eu te assustei? — perguntou, sua voz rouca ecoando pela casa silenciosa.

Todos já tinham ido dormir, mas ele estava preocupado comigo.

Assenti, ainda encolhida no chão, os lábios tremendo e o choro preso na garganta.

— Me desculpa.

Meio sem jeito, ele se aproximou e se sentou ao meu lado, depositando a refeição no chão à minha frente.

— Cida disse que nós devíamos respeitar o seu espaço, mas eu não te vi procurar comida, e acho que você devia comer.

Não pude deixar de me sentir grata pela cortesia do menino e ouvi meu estômago roncar na mesma hora quando encarei o prato generoso de strogonoff de frango que havia preparado para mim.

— Obrigada — me vi na obrigação de agradecer.

O sorriso que Pedro me deu foi memorável.

Senti algo se remexer dentro de mim.

Naquele momento, não entendi que meu coração se sentia bem perto dele e que o medo parecia algo ínfimo na sua presença.

Ao contrário do que imaginei, ele não me deixou sozinha. Assistiu enquanto eu me alimentava, me olhando de modo respeitoso e sem aquela

pena implícita nas suas orbes.

Quando terminei, Pedro recolheu os utensílios sujos e se levantou, saindo sem dizer mais nada, mas sem fechar a porta ou apagar a luz.

Encarei o corredor escuro do lado de fora, ainda sentada no chão, desejando saber para onde ele havia ido.

Quis que ele voltasse e me fizesse companhia. Só me dei conta disso ao soltar um suspiro de alívio quando o vi retornar trazendo um colchão e travesseiro.

Ele não disse nada.

Não me perguntou nada.

Mas ele sabia.

Simplesmente sabia que me faria bem ter companhia.

Pedro estendeu o colchão e abriu o guarda-roupa que eu nem havia tocado, retirando dali o lençol que usou para forrar sua cama improvisada.

— Você não vai deitar? — finalmente disse algo, ao sentar no colchão e me encarar, ainda encolhida no canto da parede.

Assenti, desconcertada, me deitando na cama com os braços cruzados sobre o peito e encarando o teto.

Meu coração deu aquele sobressalto novamente quando suas mãos desfizeram o cruzar das minhas, estendendo meus braços ao lado do meu corpo.

— Não dorme assim. As pessoas são colocadas desse jeito dentro de um caixão, dizem que isso chama a morte.

O encarei, vislumbrando uma tristeza no seu olhar.

— Eu não ligo. Não sei se quero viver mais.

As orbes absurdamente escuras me contemplaram com lágrimas inundando-as.

O que eu disse de errado?

— Não diga isso.

Minha garganta ficou embargada enquanto eu lhe confessava:

— É verdade. Dizem que a infância é a melhor parte das nossas vidas, mas a minha está sendo horrível. Não sei se quero viver para continuar sofrendo até virar adulta.

Eu soube que as minhas palavras cortaram seu coração.

Eu vi o compadecimento em seu olhar.

Eu enxerguei uma dor tão forte quanto a minha naquele menino.

E isso me revelou a conexão que tínhamos.

Me mostrou que eu não era a única pessoa quebrada no mundo.

— E as pessoas que te amam? Não pensa em como elas vão ficar tristes sem você?

Isso me deixou ainda mais deprimida, pensar que não havia mais ninguém que se importasse comigo, afinal, tinha sido por esse motivo que havia parado aqui.

Nenhum dos meus familiares por parte de pai ou mãe quiseram ficar com a minha guarda.

— Ninguém mais se importa comigo. Nem a minha mãe me amou. Posso ir embora desse mundo agora mesmo que ninguém vai se importar.

Ele negou, se recusando a acreditar nas minhas palavras, os olhos ainda cheios de lágrimas que não permitia derramar.

— Então nós vamos nos tornar tão amigos que você não vai ter coragem de pensar em morrer para não me fazer sofrer, pode ser?

Pisquei para conter as minhas lágrimas.

— Por que você faria isso só para eu não morrer? Por que se importa?

— Porque eu já perdi pessoas demais, não quero ir a um enterro de novo.

Dito isso, Pedro se deitou, virando para o lado oposto ao meu para fugir do meu escrutínio.

Fiz o mesmo, lhe dando as costas.

No entanto, suas palavras me perseguiram, ecoando em minha cabeça, apertando meu peito à medida que eu refletia sobre o que poderia ter acontecido com ele.

— Você já viu uma pessoa morta dentro de um caixão? — a pergunta saiu em um fio de voz.

Ele não parecia tão mais velho, como poderia ter ido a um enterro nesta idade?

Pedro poderia ter me ignorado, mas respondeu, mesmo que isso doesse:

— Duas pessoas. Os meus pais.

De alguma maneira que eu não sei explicar, aquilo me deu forças.

Meio sem jeito, estendi minha mão e encontrei a sua, entrelaçando nossos dedos na tentativa de confortá-lo silenciosamente.

Foi então que eu descobri algo pelo qual poderia valer a pena dar uma chance para a vida.

Eu quis viver, mesmo que fosse apenas para impedi-lo de sentir a dor da morte outra vez…

— Júlia? Por que está chorando? — sou trazida de volta ao momento presente pela voz amadurecida do garotinho em quem eu pensava.

Engulo em seco, secando as lágrimas com os dedos ao encontrá-lo parado ao meu lado, o rosto franzido de preocupação.

— Não foi nada. Só estava lembrando de uma coisa.

Uma de suas mãos vai parar nas minhas costas, me massageando, e a outra segura meu rosto gentilmente. Como sempre, o toque bem-vindo quando se trata dele.

— Tem certeza? Do que estava lembrando?

— De quando eu cheguei aqui e desejei morrer, mas você me impediu de enxergar a vida como acabada para mim.

Ele abre um pequeno sorriso levemente triste.

— E ainda bem que você me ouviu, *né*? Olha só para a gente, nós conseguimos. Você não se sente feliz?

Assinto, mesmo que algumas lágrimas ainda estejam gotejando dos meus olhos.

— É claro que sim. Só fico emotiva quando me lembro disso.

Ele corre os dedos pelo meu rosto, secando a região abaixo dos meus olhos.

— Eu estava te procurando para conversarmos sobre o que aconteceu hoje.

— O que foi?

Pedro confere se não há ninguém nos espiando no corredor antes de dizer:

— Precisamos decidir o que vamos dizer quando o assunto do nosso beijo vier à tona.

— Acha que vão tocar nesse assunto?

— Cida não, mas Ana Eliza? Com toda certeza. Quero falar antes que nos coloquem contra a parede.

Mordo o lábio, pensativa.

— E o que devemos dizer?

— Por mim, podemos dizer que estamos juntos.

— Como namorados? — Há um certo espanto em minha voz.

Ele assente, totalmente satisfeito com a ideia.

— Não é isso que seremos a partir de agora?

Cruzo os braços sobre o peito, faço um biquinho de insatisfação.

— Mas eu esperava um pedido antes!

— Você vai ter um pedido, mas antes precisamos nos assumir para a nossa família — afirma, descruzando os meus braços e me puxando para seu peito.

— Acha que eles vão nos apoiar?

O receio me envolve quando penso que talvez a nossa “mãe adotiva” não seja a favor deste relacionamento. Apesar de não termos sido criados exatamente como irmãos, é o que as pessoas pensam que somos ao contarmos que nos conhecemos em um lar adotivo. Não posso negar que isso me constrange um pouco.

— Se está preocupada com Cida, não devia. Ela sabe que eu sempre quis isso desde o dia em que invadi seu quarto com o meu colchão e nunca mais saí.

Nós dois soltamos uma risada, o alívio me atingindo.



Com a chegada de Ana Eliza e sua família, sentamos à mesa da sala de Cida, nos servindo da lasanha magnífica que somente ela sabe fazer.

— A inauguração do Instituto vai ser quando, Pepi? — é Liz quem pergunta, empolgada para prestigiar essa conquista do irmão.

— No próximo mês. Vocês vão receber o convite, não se preocupe. Quero todos juntos comigo nesse dia.

Sentada à ponta da mesa, vejo Cida secar os olhos com um guardanapo, emotiva. Ao perceber que notei, ela se justifica:

— É que às vezes eu nem acredito que vocês cresceram e que conseguiram passar por cima das dificuldades. Eu rezei tanto por isso que Deus me recompensou com uma realidade ainda melhor do que eu sonhava.

Isso coloca um sorriso no rosto de todos presentes à mesa, inclusive Nikki, que ergue seu copo de guaraná e diz:

— Um brinde ao tio Pepi!

Eu rio, olhando para Pedro, que encara o sobrinho com carinho.

— Um brinde ao tio Pepi. — Liz ergue a sua taça de vinho e todos nós fazemos o mesmo, brindando em homenagem ao meu agora namorado.

Estou prestes a levar a minha taça aos lábios quando Pedro me impede.

— Esperem. — Ele me contempla com um sorriso, depois se vira para a família. — Tem outra coisa a que devemos brindar hoje.

— O que seria? — Heitor pergunta, realmente alheio ao que o cunhado quer dizer.

Diferente dele, Ana Eliza aguarda o pronunciamento com ansiedade e Cida sorri antes mesmo de ouvir o que sai dos lábios de Pedro.

— Eu e Júlia estamos oficialmente juntos.

— Por que oficialmente? Vocês sempre estiveram juntos?

A confusão é nítida no rosto de Heitor, provocando uma onda de risadas em todos nós.

É Cida quem esclarece, nos contemplando com orgulho.

— Ah, é uma longa história… — Ela suspira de modo brincalhão, então ergue a sua taça. — Um brinde ao amor de vocês.

Em seguida, o ambiente é preenchido pelo ruído do tintilar das taças.

Eu e Pedro trocamos um olhar confidente, comemorando por termos o apoio das pessoas que amamos.



PEDRO

Contrariando todas as minhas expectativas, Júlia não está grávida.

Um mês se passou e o Beta HCG que ela fez recentemente deu negativo.

Só porque eu já estava animado com a ideia de ter um bebezinho vibrando por mim na arquibancada!

Mas, por outro lado, talvez tenha sido melhor assim, considerando que a cabeça de Júlia já anda atolada o suficiente de coisas com o lançamento do seu livro pela editora Trivial, porque sim, ele não só será publicado como já está em pré-venda no site.

Não foi difícil encontrar uma agência literária que quisesse representar a minha namorada, uma promissora autora nacional prestes a assinar o seu primeiro contrato. Após as negociações, a parceria foi fechada e em breve Júlia irá promover sessões de autógrafos por livrarias de todo o Brasil.

Hoje, no entanto, irei monopolizar a sua presença ilustre só para mim.

Mal vejo a hora de entrar no salão onde ocorrerá a festa de arrecadação de fundos para o Instituto Brassard de mãos dadas com a minha mulher.

A mulher da minha vida.

Falando nela, sou golpeado por sua beleza impactante quando a encontro no *closet*, terminando de se arrumar para o evento.

De costas para mim, Júlia finaliza a maquiagem no espelho, este que me possibilita vislumbrar seus peitos fartos expostos pelo decote generoso do vestido de gala tomara que caia que usa. Ele possui uma abertura no vale entre os seios dela, valorizando a grande gostosa que ela é.

— Eu já te disse que você é muito deliciosa, hoje? — paro atrás dela, sua cabeça ficando na altura dos meus ombros devido ao salto alto que está usando.

Ainda assim, continua sendo a minha baixinha linda.

Júlia dá uma pausa na aplicação minuciosa do seu batom vermelho para sorrir para mim.

Me diz se eu não sou o homem mais sortudo do mundo por ser a razão desse sorriso?

— Acho que te ouvi dizer no café da manhã quando me imprensou sobre a bancada da cozinha e me fodeu. E também durante o banho que tomamos juntos depois que você voltou do treino… — ela lista os acontecimentos, se virando para mim após deixar o batom de lado, envolvendo meu pescoço com os seus braços macios. — Mas é sempre bom ouvir.

É a minha vez de sorrir, trazendo o restante do seu corpo para junto do meu com um aperto na sua cintura.

— Você é deliciosa, mulher.

Segurando seu queixo, aproximo nossas bocas e borro o seu batom por completo ao lhe tomar um beijo sagaz que arranca gemidos dela. Estes que fazem meu pau acordar dentro da calça do *smoking* que estou usando.

— Qual a chance de darmos uma rapidinha antes do evento? — interrompo o beijo para perguntar, querendo desesperadamente estar dentro dela o mais rápido possível.

Ela ri, se desvencilhando de mim para ajeitar a minha gravata borboleta.

— Nenhuma. Estamos um pouco atrasados.

— Cinco minutinhos, amor? — faço a minha melhor expressão de cachorrinho pidão, mas não funciona.

Júlia me lança um olhar tendencioso.

— Nunca é só cinco minutos quando se trata de você. Sabe bem disso.

É, eu sei.

Transformei uma promessa de cinco minutos em um amor que vai durar a vida inteira.

— Ah, não! — resmungo, encostando meu quadril na sua bunda generosa escondida pelo vestido quando me dá as costas para ficar em frente ao espelho e terminar de passar o batom. — Eu estou tão duro, amor. Não posso ser fotografado com a barraca armada desse jeito.

— Seja um bom menino e desarme a barraca, hoje é um dia especial. O anfitrião não pode deixar os convidados esperando.

— Poxa! — a contragosto, afasto meu membro endurecido da sua bunda, mas continuo apalpando essa belezura com as mãos até Júlia chamar a minha atenção.

— Pedro!

— Tá legal! — ergo as mãos em rendição.

Poderia ser pior, certo?

Pelo menos eu sei que hoje vou chegar em casa e poderei foder a mulher que eu amo sem preocupações a noite toda, porque ela sempre está bem ao meu alcance.

Ela sempre está na minha cama, na minha sala, na minha cozinha, no meu banheiro… em todos os lugares da minha vida, como deve ser.

Não preciso mais sofrer me perguntando quando a terei de novo.

Isso faz com que eu aceite melhor a ideia de precisar adiar a nossa transa.

— Estou pronta — Júlia diz, após finalizar a aplicação do batom e checar a maquiagem que ela mesma fez no espelho uma última vez. — Vamos?

Nego.

— Temos que tirar uma foto primeiro — digo, sacando o celular do bolso. — Nós ainda não temos nenhuma foto como casal.

Um sorriso espreita os lábios pintados de vermelho carmim dela.

É uma cor linda, realça o azul dos seus olhos e a deixa ainda mais fodidamente irresistível, provando que será uma noite de muitos desafios para o meu pau sedento, que não abre mão da ideia de arrastá-la para algum lugar escuro do salão de festas para que eu goze dentro da sua boceta.

Aí sim a noite será especial por completo.

— Tem razão.

Entrego o celular para que ela o posicione na direção do espelho, mirando na nossa imagem refletida nele. Envolvo sua cintura com as mãos e inclino minha cabeça para que nossas bochechas se encostem.

É uma bela foto.

Uma que, sem dúvida alguma, merece ser postada.

— O que está fazendo? — Júlia procura saber ao me ver abrir o aplicativo do *Instagram* e selecionar a imagem que acabamos de tirar.

— Vou postar. Por quê?

— Tipo, no seu perfil profissional? — parece em dúvida sobre o que quero dizer.

Também confuso, rebato a pergunta com outra:

— Em que outro perfil eu postaria? Só tenho o profissional, *ué*.

— Você vai me assumir para dez milhões de pessoas que te seguem? — continua incrédula.

— Sim? Por que não faria isso?

De alguma maneira, minhas palavras soam inacreditáveis para ela, que dá de ombros.

— Você ainda nem me pediu em namoro!

Rio, *de* nervoso — que fique claro , pois só eu sei toda a expectativa que Júlia possui em cima desse pedido e tenho tido dificuldade de pensar em algo que a surpreenda como eu quero. Por esse motivo, venho adiando o momento.

— O pedido vai vir quando você menos esperar, quero que seja do jeito que você merece, amor.

Parecendo menos contrariada, ela ri da situação.

— Isso vai quebrar a internet, sabe disso, não sabe? Descobrirem que você não é gay.

— Eles que lidem com isso. Esse *Golden* aqui sempre teve dona. E agora eles sabem que ela é gostosa pra caralho.

Minhas palavras a fazem sorrir, mais um daqueles sorrisos que acertam diretamente meu coração, o reivindicando como dela.

É a melhor sensação do mundo.

— *Golden*, é? — ela me segura pela lapela do *smoking*, se aproximando de mim maliciosamente.

— *Seu Golden* — friso, satisfeito por finalmente poder confessar em voz alta.

Pelo olhar excitado que me lança, sei que vem coisa boa por aí. Isso se comprova quando ordena, na sua voz fodidamente melodiosa:

— Se livra desse *smoking*.

Ah, a vida é uma maravilha!



Apesar da rapidinha não tão rápida que demos no *closet* do apartamento de Júlia e de ela precisar retocar praticamente toda a maquiagem depois do sexo, chegamos ao evento com pouco tempo de atraso.

Graças a Edgar e Ricardo, a festa de arrecadação de fundos para o meu Instituto mais se parece a porra de um *Grammy*, entretanto, aceito relevar, pois nada mais importa do que o prestígio que será passar pelo tapete vermelho de mãos dadas com a minha mulher.

Ao descermos do carro, somos recepcionados por uma fileira de câmeras apontadas para nós de diversos veículos de imprensa.

— Pronta? — indago para Júlia, que respira fundo ao meu lado, me lançando um olhar confiante.

— Com você eu sempre estou pronta para qualquer coisa.

Óbvio que sorrio feito um bobo com as suas palavras e fico feliz de que esse momento tenha sido registrado, pois vou querer guardá-lo em um porta-retrato com toda certeza.

De mãos dadas, caminhamos pelo extenso tapete vermelho até a entrada do salão de luxo, onde a nossa passagem é imediatamente permitida e até champanhe nos é oferecido. Ambos negamos a cortesia.

Júlia solta um longo suspiro ao estarmos no interior do salão, onde atraímos olhares surpresos e alguns sorrisos.

Antes de podermos raciocinar sobre qualquer coisa, Ricardo surge na nossa frente, vestindo um belo *smoking* azul-marinho e com os cabelos castanhos-claros penteados para trás, irritantemente charmoso.

— Sejam bem-vindos, casal.

O CEO sorri, cumprimentando Júlia com um beijo no dorso da sua mão e se limitando a apertar a minha.

— Como vai, Ricardo? E se lembra que eu tinha pedido algo mais minimalista e intimista?

O desgraçado ri, exalando aquele ar de homem convencido que é o seu perfume característico.

— Tem ideia de que multimilionários do Brasil inteiro estão presentes aqui hoje? Nem se eu quisesse poderia oferecer algo simples. Mas, não se preocupe. Todos sabem que você é humilde. Precisa se lembrar que o intuito disso aqui é por um bem maior. — Assinto, a contragosto. — Agora você precisa vir comigo cumprimentar os convidados mais gentis, se é que me entende.

Ele faz um sinal que remete a dinheiro, me provocando um revirar de olhos.

— É mesmo necessário?

— Se o Instituto fosse meu, não. Porque eu não precisaria que alguém corresse atrás de nada para mim. Mas, é aquilo, *né*? *Para agradar ao padre, tem que beijar os pés do santo*. Se quiser ajudar mais pessoas, precisa ampliar os seus horizontes, *Flash*.

Encaro Júlia, pedindo silenciosamente que me deixe socar a cara de Ricardo.

Ela nega, me tranquilizando.

— Ele tem razão. Pense em quantas pessoas poderá ajudar se tivermos mais patrocinadores envolvidos. Use a sua influência para isso, meu amor. É por uma boa causa.

Pedindo assim, com tanto jeitinho, como posso negar?

Seguro seu rosto entre as minhas mãos, pouco me fodendo para quem está à nossa volta, e tomo seus lábios em um beijo cálido.

— Não suma de vista. Assim que puder, te encontro.

Ela assente e eu a assisto se distanciar até chegar à mesa onde meus colegas de time a recepcionam calorosamente.

Então me viro para Rick, tentando conter a minha impaciência.

— Tá legal. Para quem eu preciso bancar o simpático?



Eu nunca tive que forçar tantos sorrisos e fingir interesse em assuntos nada interessantes quanto hoje.

Eu juro!

Estou exausto quando finalmente consigo escapar do grupinho de empresários cariocas ao qual estive preso pela última hora com a desculpa de

que preciso cumprimentar a minha família, o que não é uma mentira.

Assim que vi Ana Eliza acompanhada de Heitor e Cida cruzarem o pátio do salão, suspirei de alívio, pois é com essas pessoas que eu quero estar nessa noite.

É com a minha família e amigos que quero compartilhar essa conquista.

— Vocês demoraram — digo para minha irmã, ao abraçá-la.

— Nikki demorou para dormir, ele estava desolado por não poder vir.

— Nem me fale, estou morrendo de saudades dele.

Apesar de estar em São Paulo para este evento, não consegui vê-lo, pois cheguei hoje pela manhã especialmente para essa comemoração e vou embora na manhã seguinte para voltar à rotina de treinos na segunda-feira.

— Parabéns, *Flash.* Você vai ajudar muitas pessoas com essa iniciativa — Heitor me elogia enquanto trocamos um abraço.

— Obrigado.

Então é a vez de Cida me envolver em um abraço apertado e cheio de orgulho.

— Você conseguiu, querido. Você conseguiu! — vibra, segurando meu rosto entre as mãos.

Preciso apertar os olhos para conter as lágrimas de emoção que invadem meu canal lacrimal e ameaçam serem despejadas.

Só eu e a minha família sabemos o quanto esse passo é uma enorme conquista para mim.

Não só para esse Pedro, como para o garotinho sonhador, que carregava em seu coração um propósito de vida que ia além do prestígio. Um garotinho que sonhava com a fama e o dinheiro para conseguir mudar o mundo.

Hoje, mais velho e maduro, vejo que não posso mudar tudo e provavelmente morrerei tentando, mas posso começar pelo que está ao meu alcance. E isso significa muito, também terá um impacto no mundo.

Em dado momento da noite, as solenidades são iniciadas e antes do leilão, sou instruído por Edgar a fazer um discurso para inspirar os convidados a abrirem as carteiras e fazerem generosas doações.

Sob o olhar orgulhoso da minha família e amigos, e a atenção total das outras figuras importantes presentes, subo ao palco, abotoando meu *smoking* com nervosismo.

Engulo em seco ao estar diante do púlpito com o microfone erguido na direção da minha boca.

Sinceramente? Não pensei em nada inspirador no caminho para cá. Então simplesmente dou vazão ao significado que esse momento tem para o meu coração.

— Boa noite a todos. Como sabem, estamos aqui para arrecadar fundos para o Instituto Brassard, uma iniciativa minha de promover uma organização beneficente que ajudará pessoas em situação de vulnerabilidade através de atividades esportivas, educativas e sociais. A expectativa é de que o Instituto atenda por volta de noventa mil crianças e adolescentes do estado de São Paulo. Com a ajuda de vocês, será possível ampliar esses números e a ajuda oferecida. Por isso, peço que contribuam. Como um menino órfão que perdeu seus pais cedo demais e encontrou no futebol um refúgio e a força para persistir, sei o quanto o esporte, a educação e a arte podem mudar o rumo da vida de muitos jovens. Fazer parte disso é um enorme orgulho para mim e será uma honra poder contar com a ajuda de todos presentes.

Uma salva de aplausos sucede o meu discurso e eu sorrio para as inúmeras pessoas acomodadas em mesas espalhadas por todo o salão.

Um olhar em específico capta minha atenção em meio à multidão.

É claro que tinha que ser ela.

Júlia me contempla com lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ela e a minha família me aplaudem de pé, incentivando os outros convidados a fazerem o mesmo.

Desço do palco, caminhando imediatamente na sua direção para abraçá-la.

Esse se torna o ponto alto da noite, pois a melhor parte de realizar sonhos é poder compartilhá-los com quem nos ama e torce por nós.



— Está pronto? — Enzo pergunta, me encarando com expectativa cintilando por seus olhos verdes.

Assinto, inspirando uma boa lufada de ar.

— É claro que ele está pronto, esperou por isso a vida inteira — Levi surge entre nós, se metendo na conversa.

Então é a vez de Felipe se juntar à pequena plateia, apertando meus ombros em um sinal de encorajamento.

— A pergunta certa é: como se sente?

Ele tem razão, não se trata se estou confiante ou não.

É claro que me sinto pronto para pedir a mulher que eu amo em namoro. Espero por essa chance há muitos, muitos anos mesmo. Mas, ao mesmo tempo, há uma pontada de nervosismo me assolando. Ele faz minhas mãos tremerem enquanto seguro a pequena caixinha de veludo com o par de alianças que escolhi esperando agradá-la.

— Estou ansioso, acho que essa é a palavra. Eufórico por finalmente poder fazer isso, mas nervoso também com a ideia de não atender as

expectativas dela.

Enzo ri, segurando meu rosto para que eu o encare quando diz:

— Está de brincadeira comigo? Você sempre faz muito mais do que ela espera e todos sabemos disso.

— É verdade. Você é incapaz de decepcionar Júlia. Tenho certeza de que vai impressioná-la com o que preparou para ela — Felipe emenda, tentando me acalmar.

Então eu olho para Levi e encontro o máximo de encorajamento que terei da sua parte para tomar a decisão de namorar.

— Vai nessa. A garota é sua. É só fazer o que sabe de melhor: vencer o medo.



JÚLIA

Eu odeio o trânsito do Rio de Janeiro!

Não são nem duas da tarde e estou demorando simplesmente uma hora para ir de Copacabana até a Gávea.

Meu coração está batendo desenfreado de preocupação dentro do peito e esse congestionamento só está piorando tudo!

Aumento a potência do ar-condicionado do meu *Mini Cooper* e me forço a respirar com calma. Quando percebo que não está funcionando, pego o celular que deixei no banco do carona e vejo pela décima vez a minha

conversa com Pedro no *Whatsapp*, constatando que ele não respondeu as minhas últimas mensagens.

Pedro
Pode me encontrar no estádio?
Preciso de você.
Agora. Por favor.

Ligação de voz perdida
Toque para retornar

Claro que posso, estou saindo da editora agora depois de resolver algumas coisas.

Estou a caminho.

O que aconteceu?

Ligação de voz
Não atendida

Ligação de voz
Não atendida

Ligação de voz
Não atendida

Depois disso, Pedro não atendeu nenhuma das minhas ligações, me deixando completamente aflita em imaginar qual seria o significado por trás das suas palavras.

O que pode ter acontecido de ruim?

Não consigo pensar em como esse pedido para me ver desesperadamente no estádio pode ser um bom presságio. A essa hora, o treino já terminou e Pedro estaria se preparando para voltar para casa, onde me encontraria preparando o nosso almoço, como em todos os dias desde que passamos a ter um relacionamento amoroso.

Ele não deveria estar no estádio do time, e sim no Centro de Treinamento, o que só me deixa ainda mais em alerta, a mente girando para tentar entender

o motivo.

Minha entrada é liberada imediatamente quando chego ao Estádio do Prizza Futebol Clube e estaciono de qualquer jeito em uma vaga no estacionamento praticamente vazio, a não ser pelo *Discovery Sport* preto brilhando na vaga ao lado que reconheço como o carro do meu namorado.

Aflita, ando a passos rápidos em direção ao campo ao mesmo tempo em que digito uma mensagem para Pedro.

Cheguei. Onde você está?

Dessa vez, ele responde prontamente.

Pedro
No campo, te esperando.

Solto o ar que prendia de preocupação e ando ainda mais rápido. Na verdade, eu corro pela entrada do estádio e continuo correndo ao chegar às arquibancadas. Estou descendo as escadas freneticamente em direção ao campo quando paro de modo abrupto, sem acreditar no que vejo.

Levo as mãos à boca, segurando um suspiro impressionado que me escapa ao me dar conta do que está diante de mim.

Simplesmente o campo está preenchido por milhares de rosas brancas enfileiradas de modo que formem a frase “namora comigo?”.

No centro do gramado, em meio às pétalas, está o homem da minha vida, ajoelhado e segurando uma caixinha que, de onde estou, não posso ter certeza do que tem dentro.

Ainda em choque, desço as centenas de degraus que faltam para que eu invada o campo. Ao pisar no gramado, não contenho a vontade de correr para os braços dele o mais rápido que consigo.

Com um sorriso de orelha a orelha, Pedro se levanta para me amparar quando pulo em seu colo, selando nossos lábios em um beijo repleto de paixão.

Em dado momento, ouço o pequeno ruído de algo sobrevoando acima de nós e ergo o rosto a tempo de ver o drone nos rodeando.

— Eu quero registrar esse momento de todos os ângulos possíveis — Pedro explica, sorridente.

Segurando seu pescoço, encosto minha testa na sua, finalmente podendo respirar bem.

— Você quase me matou de nervosismo, homem!

Minhas palavras lhe provocam uma risada.

— Foi por uma boa causa.

Sorrio também, sentindo uma felicidade que não cabe em mim, e concordo:

— Tem razão.

— Mas você ainda não me respondeu… — Empenhado em manter seus planos, ele me coloca no chão, voltando a se ajoelhar para mim. — Aceita namorar comigo, baixinha?

Eu sou burra.

Droga, eu sou tão burra!

Como posso ter renegado o amor de um homem assim?

Como posso ter me enganado por tanto tempo?

Diante do seu olhar apaixonado, as pupilas dilatadas me encarando com expectativa enquanto sua mão estende uma caixinha de veludo com um lindo par de alianças feitas de ouro branco dentro, relembro que o homem certo sempre esteve bem ao meu alcance e eu o negligenciei.

Eu o rejeitei.

Mas sou incapaz de fazer isso outra vez.

Finalmente aceito que sou incapaz de ser feliz com outro homem se não Pedro Brassard.

Aceito o seu amor.

Aceito que ele é o único homem certo para mim.

— É claro que eu aceito!

No mesmo segundo, meu corpo é erguido do chão por seus braços fortes e volto a envolver seu quadril com minhas pernas.

Quando retomamos o beijo, é como se nada nunca tivesse nos impedido de nos amarmos.

É como se nós nunca tivéssemos nos separado.

É como se tudo finalmente tivesse se encaixado.

E é a melhor sensação do mundo.



Sinto as mãos grandes apalparem minhas coxas e sorrio.

Mesmo de olhos fechados e ainda envolvida pelo sono, sei de quem são, por isso não me preocupo ao sentir seus dedos se encaixarem no cós do meu *short* de pijama e descerem o tecido, fazendo com que o ar gélido da manhã beije a pele nua da minha boceta.

— Ah, como eu amo o fato de você dormir sem calcinha todos os dias — ouço Pedro sussurrar, sentindo o hálito quente soprar no meu monte pubiano.

Sabendo exatamente quais são as suas intenções, abro mais as pernas, em seguida sentindo o roçar delicioso da sua barba em contato com a minha virilha.

Como se não bastasse ser o amor da minha vida, ele sabe exatamente a melhor maneira de me acordar todas as manhãs.

Escorregando suas digitais por entre as minhas dobras, Pedro se dá conta do quanto estou ansiando por isso.

— Tão molhada — seu nariz se apoia em meu monte conforme inclina a cabeça para alcançar meu clitóris com a língua.

Solto um longo suspiro que se transforma em um gemido quando as mãos ágeis dele encontram meus seios doloridos dentro da blusa do pijama e espremem meus mamilos.

Sou pura satisfação conforme suga meu brotinho sensível por entre os seus lábios suculentos, escorregando uma das mãos para entre as minhas pernas com dois dedos dentro de mim.

Ao abrir os olhos, encontro suas opalas fixas em observar a expressão de puro prazer que domina meu rosto.

Elas me dizem o que sua boca ocupada em me levar ao ápice não pode dizer no momento.

Elas me dizem o quanto sou gostosa e o quanto gosta de me ter assim, entre os seus lábios e com as suas mãos trabalhando em mim por toda a parte.

Meus dedos acariciam seu cabelo aparado rente à raiz conforme impulsiono meu quadril na direção do seu rosto, tão perto de gozar que sinto minhas pernas começarem a tremer à medida que o orgasmo se aproxima.

Sabendo disso, ele aumenta a frequência das investidas contra o meu interior e me suga com mais intensidade, não me dando outra alternativa a não ser me desmanchar sobre o seu toque.

Meu corpo vacila sobre o colchão, minhas costas arqueando violentamente quando o êxtase me encontra, sacudindo minhas entranhas e esvaindo minhas forças de um jeito delicioso.

Como de costume, me torno nada menos do que uma massa sôfrega sobre a cama, minha respiração ofegante ecoando pelo quarto de Pedro. Ele sobe até estar por cima de mim, seus braços estendidos ao lado da minha cabeça e um sorriso espreitando seu rosto.

— Bom dia, amor.

É a minha vez de sorrir.

Desde que tenho Pedro como meu homem de verdade, tudo o que tenho feito é sorrir.

— Bom dia, meu amor.

Tomo seu rosto entre as minhas mãos, trazendo a sua boca até a minha para um beijo com gosto da mistura dos nossos hálitos matinais.

— Ansiosa para hoje? — ele parece estar mais do que eu ao interromper o beijo para perguntar.

Assinto.

O melhor do nosso relacionamento é o fato de que torcemos e vivenciamos as conquistas um do outro como se fossem as nossas.

Porque, de fato, são.

Ver alguém que você ama conquistando um sonho é se sentir realizado também.

— Nem imagina o quanto. Mas estou com um pouco de medo também.

— Por que teria medo?

— E se ninguém for à sessão de autógrafos?

Ele afasta uma mecha do meu cabelo curto para trás da minha orelha, me contemplando com carinho.

— Isso não vai acontecer. Além do mais, você não criou um grupo com as suas leitoras e elas confirmaram que vão ao evento hoje?

Confirmo, balançando a cabeça.

— Mas, mesmo assim…

— Mesmo assim, nada. Vai dar tudo certo, você vai ver. Será uma noite incrível de autógrafos. — Pedro se levanta, me levando em seu colo para o banheiro. — Agora você precisa usar o dia para se preparar e ficar ainda mais linda para receber as suas leitoras safadas.

Rindo, envolvo seu pescoço com os braços, pronta para um segundo *round* no chuveiro.



Sou feita de puro nervosismo ao descer do carro de Pedro no estacionamento do *shopping.*

— Fica tranquila. — Ele beija o topo da minha cabeça e entrelaça nossas mãos para que andemos juntos.

Nunca, em todos esses anos que frequento este lugar, imaginaria que um dia estaria na minha livraria preferida para distribuir autógrafos do meu próprio livro.

E sabe o que é mais inacreditável?

Chegar ao segundo andar da loja e encontrar cadeiras lotadas de pessoas esperando para acompanharem a entrevista que darei para uma emissora com o intuito de promover o lançamento do meu livro.

— Viu? Eu te disse — meu namorado sussurra em meu ouvido ao encarar o montante de pessoas junto comigo.

Simplesmente paraliso diante dos olhares impressionados e sorrisos de algumas leitoras assim que me avistam. Sei que são minhas leitoras pois já

estão segurando exemplares de “Meu Camisa 10” em suas mãos. E isso torna as coisas ainda mais inacreditáveis.

Meu livro.

Elas vieram aqui para comprar o meu livro!

— Não acredito — inspiro fundo, tentando me acalmar.

Sinto uma mistura de euforia e receio, ainda sem conseguir assimilar.

— Pois acredite. Sua história tem mais de dez milhões de leituras no site, você cativou muitas pessoas com o seu talento, meu amor.

Encaro Pedro, me encorajando ao meu lado de mãos dadas comigo.

— Eu te amo.

Ele sorri.

— Eu te amo ainda mais. — Suas mãos acolhem meu rosto entre elas e meu namorado deposita um beijo cálido em minha testa. — Agora vai lá, elas estão te esperando.

Assentindo, me despeço dele para cumprimentar a entrevistadora, que me aguarda sentada em uma das poltronas organizadas para a entrevista e se levanta assim que me vê.

— Jujuba — nos cumprimentamos com um abraço singelo. — Me chamo Ana.

A repórter parece ter por volta dos quarenta anos, possui belos cabelos castanhos na altura dos ombros e veste um conjunto de terninho bege formal, diferente de mim, que optei por um vestido marrom justo de caimento até os joelhos que realça as minhas curvas de mulher não padrão e faz eu me sentir muito gostosa.

— É um prazer, Ana. Pode me chamar de Júlia. — Me viro para a generosa plateia nos encarando e digo: — Boa noite a todos.

Recebo como resposta um coro de vozes femininas animadas, o que só intensifica a sensação de frieza no estômago, mas de uma maneira boa.

Ao longe, escorado em uma das prateleiras de livros, vejo Pedro me contemplar com um sorriso no rosto.

Sorrio de volta, me sentando em uma das poltronas.

— Podemos começar a entrevista?

Assinto, me concentrando na entrevistadora.

— Podemos.

Em posse de um bloquinho de notas, ela instrui o rapaz atrás da câmera a iniciar a gravação.

— Olá internautas da *Funny News*, hoje estamos aqui para entrevistar uma autora conhecida por seu romance contemporâneo divertido e quente que acaba de ser publicado pela editora Trivial e já pode ser adquirido nas livrarias de todo o Brasil. — Nesse momento, a câmera vira para mim e Ana diz: — É um prazer tê-la aqui, Júlia. Primeiramente, como se sente diante da publicação do seu livro no formato físico?

Respiro fundo, tentando não me deixar levar pelo nervosismo de ter uma câmera apontada para o meu rosto e sorrio:

— Acho que extasiada é uma palavra que me define nesse momento. Ainda não caiu a ficha de que tenho meu livro literalmente em mãos e que as minhas leitoras também podem tê-lo nas suas estantes.

— E como tudo isso começou? Quando teve a ideia de começar a escrever "Meu Camisa 10"? Nos conte um pouco sobre o seu processo criativo até a publicação da primeira versão do livro no site de leituras gratuitas.

Não contenho o instinto de olhar para o homem quase tão grande quanto a estante de livros em que se escora e apenas deixo as palavras fluírem por entre os meus lábios.

— Eu era adolescente e tinha um *crush* em um certo menino apaixonado por futebol. Minha imaginação sempre foi fértil, sempre gostei de imaginar outros universos e cenários na minha cabeça para fugir um pouco da realidade. Foi aí que surgiu "Meu Camisa 10". Eu uni minha paixão proibida por aquele garoto com os enredos que rondavam a minha mente e senti que precisava dar vida àquela história da mesma maneira como eu precisava de ar para respirar. E foi escrevendo esse livro que descobri que escrever é quem eu sou, faz parte de mim.

— E durante o hiato de quase dez anos que teve na escrita deste livro, pode nos contar o que aconteceu? Por que precisou pausar o processo e por que resolveu retomá-lo depois de tantos anos?

— Eu precisei começar a pagar boletos, foi por isso — minha resposta provoca uma onda de risadas que me levam a rir também. — Falando sério agora, eu recebi uma proposta de emprego em que precisei me doar bastante e acabei deixando a escrita de lado por conta de algumas questões pessoais que não vem ao caso. Mas o retorno aconteceu de modo natural e acredito que no tempo certo. Sem querer, contei sobre o livro para uma pessoa e ele me lembrou o quanto eu era mais feliz quando escrevia. Então reli os capítulos e sugeri para as minhas leitoras a ideia de finalizar a história. A notícia foi muito bem recebida. Assim me senti encorajada e me reconectei

completamente com o livro, finalmente pude dar o final que Pietro e Giulia mereciam.

— Essa proposta de emprego ao qual se refere foi o trabalho que teve até recentemente como assessora do jogador Pedro Brassard?

De repente, todos os olhares do ambiente são atraídos para o meu namorado há alguns metros de onde a entrevista acontece.

Pedro acena, meio intimidado, e então os olhares se voltam para mim, que não tenho outra alternativa senão ser transparente.

— Sim, eu trabalhei como assessora dele por seis anos — me limito a dizer.

Mas é claro que a curiosidade das pessoas presentes não termina por aí, afinal, a postagem que meu namorado fez há algumas semanas em seu *Instagram* de uma foto nossa causou um rebuliço na internet. A imagem foi parar em diversos perfis de fofoca e meu nome passou a ser repercutido na mídia.

Não demorou para que a internet descobrisse que eu sou a autora de “Meu Camisa 10”, gerando burburinhos de que Pedro poderia ter sido a minha inspiração, pois o nosso relacionamento de longa data é de conhecimento público.

Temi que isso repercutisse negativamente sobre a minha carreira e afetasse o contrato que fechei com a editora Trivial, mas em uma das reuniões com a equipe, fui notificada de que essa história toda está gerando bons frutos para a campanha de lançamento do livro, visto que as unidades vendidas na pré-venda aumentarem drasticamente depois da notícia e a tendência é de que esse “*hype*” amplie os resultados das vendas durante o lançamento oficial também.

Apesar do questionamento ficar implícito no ar, a entrevistadora não pergunta mais sobre o meu relacionamento com Pedro, mantendo o foco da entrevista em mim, o que, por sua vez, me deixa imensamente grata.

— E quanto ao seu rumo profissional, pretende continuar trabalhando como assessora do jogador ou se dedicar exclusivamente à escrita?

Mesmo de longe, sinto a curiosidade por parte do meu namorado e dirijo meu olhar para ele, encontrando o aval que eu sabia que receberia para tomar essa decisão.

— Não, eu encerrei o meu trabalho como assessora e pretendo me dedicar exclusivamente à escrita pelos próximos anos, graças ao contrato que fechei com a Trivial para me tornar uma autora exclusiva da editora.

A notícia que fui instruída a guardar especialmente para esse momento é muito bem recebida, inclusive pelo meu namorado, que sorri largamente para mim, também sendo positivamente surpreendido ao saber.

Mais algumas perguntas sobre futuros lançamentos são feitas e então a entrevista é finalizada, me deixando com uma sensação de felicidade indescritível.

Ainda é inacreditável que acabei de dar a minha primeira entrevista!

— Muito obrigada, Júlia. Adorei entrevistar você — Ana diz, quando apertamos as mãos para nos despedirmos.

— O prazer foi todo meu, Ana. — Ao olhar em volta, percebo que a multidão se dispersou e não há mais quase ninguém no andar de cima. — Mas… cadê todo mundo?

Sorrindo, Ana acena para que eu me aproxime do parapeito. Ao encarar o primeiro andar daqui de cima, vejo uma fila enorme se formar diante de uma mesa posicionada ao lado do *banner* de divulgação do livro.

Todos desceram correndo para aguardar pela sessão de autógrafos, incluindo o meu namorado.

— Não deixe seus fãs esperando, Júlia.

— Vou lá.

Eufórica, desço as escadas, não contendo um sorriso largo ao ver quem me espera como o primeiro da fila para receber o meu autógrafo.

— Oi, amor. Pode fazer uma dedicatória para mim? — Ele aponta a folha de rosto do exemplar do livro que tem em mãos.

— Ei, você furou a minha vez! — ouço a voz de Enzo atrás dele.

Pedro encara o amigo sobre o ombro com sua expressão mal-humorada.

— Dá licença que eu sou o muso inspirador dela!

Rindo, noto outras duas presenças ilustres atrás deles.

— Não acredito que obrigou seus amigos a virem! — digo, ao observar Felipe e Levi respectivamente na fila.

— Eu não obriguei! — Pedro se defende.

— Até parece que a gente perderia a oportunidade de te prestigiar — o goleiro afirma, erguendo o seu exemplar.

Olho para Felipe, que dá de ombros, reprimindo um sorriso envergonhado.

— Eu vou levar para a minha mãe.

Levi, por outro lado, não esconde os verdadeiros motivos de estar aqui quando o encaro:

— Eu vim pela putaria mesmo. Mal posso esperar para ler o que você acha da *performance* do nosso *Flash*. E, só para constar, fui eu que ensinei ele, tá?

Reviro os olhos.

— Cala a boca, Levi.

Mesmo fingindo estar irritada, por dentro me sinto imensamente grata em vê-los aqui. Mostra que meu namorado tem bons amigos, apesar de alguns serem uns baitas babacas quando querem.

Extremamente orgulhosa, me sento à cadeira destinada para mim e pego a caneta de ouro que comprei especialmente para essa ocasião, inspirando uma boa lufada de ar antes de dar o meu primeiro autógrafo.

— O que quer que eu escreva? — pergunto para Pedro, que sorri largamente.

— Escreva o que acha que deve escrever para mim.

O que eu devo escrever para ele?

Eu escrevi um livro de quinhentas páginas pensando nele, mas ainda assim, o que sinto por Pedro Brassard continua não cabendo em palavras.

Ainda assim, sinto que há muito o que ser dito.

Abro o livro na folha de rosto, mais do que pronta para dar o primeiro autógrafo da minha vida para a pessoa mais especial dela.

O homem que coloca qualquer mocinho literário no chinelo.

“Para o meu muso inspirador.
Eu te li em milhares de livros e nem acredito na minha própria sorte em ter te encontrado.
Eu te amo infinitamente.
Obrigada por me permitir viver a minha fanfic na vida real. ”

FIM

---

[1] Time criado para dar vida aos personagens.

[2] parte traseira do barco.

[3] máquina de musculação.

[4] esteróides anabolizantes.

[5] Jogo que consiste em jogar a bola e não deixá-la cair.

[6] A síndrome de Asperger é um estado do espectro autista, geralmente com maior adaptação funcional.Pessoas com essa condição podem ser desajeitadas em interações sociais e ter interesse em saber tudo sobre tópicos específicos. Um treinamento comunicacional e terapia comportamental podem ajudar pessoas com a síndrome a aprender a conviver melhor.

Table of Contents

Sumário
Playlist
Notas da autora
Grupo do Whatsapp
1 | A amizade é tudo
2 | Ursinhos alcoólicos
3 | Cinco minutinhos
4 | O escolhido
5 | Uma boa garota
6 | Amigos coloridos
7 | Em breve, minha
8 | Destruidor de calcinhas
9 | O Metflix
10 | Fanfiqueira
11 | Fics & Fatos
12 | Te fazer de óculos
13 | Um gol, um “J”
14 | O consolo
15 | Casa comigo
16 | Meia-noite
17 | É hoje
18 | Três palavrinhas
19 | O cara certo
20 | Adeus, ego!
21 | Eu preciso dele
22 | O vencedor
23 | Garantindo a vitória
24 | Louco por você
25 | Oficialmente juntos
26 | Conquistando tudo
27 | A fanfic é real
[1]
[2]
[3]

[4]
[5]
[6]